

# Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades

Organização:

Manuel Célio Conceição

Maria Teresa Zanola

---



# Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades

Organização:

Manuel Célio Conceição

Maria Teresa Zanola

---



**Título:** Terminologia e mediação linguística: métodos, práticas e atividades

**Organização:** Manuel Célio Conceição (*Universidade do Algarve*)

e Maria Teresa Zanola (*Università Cattolica del Sacro Cuore, Milano*)

**Comissão Científica:**

Claudio Grimaldi, *Università degli Studi di Napoli Parthenope*

Corina Lascu Cilianu, *Academia de Studii Economice din București*

Estela Lalanne de Servente, *Colegio de Traductores Públicos*

*de la Ciudad de Buenos Aires*

Joaquín García Palacios, *Universidad de Salamanca*

Manuel Célio Conceição, *Universidade do Algarve*

Manuel Núñez Singala, *Universidade de Santiago de Compostela*

Maria da Graça Krieger, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*

Maria Teresa Zanola, *Università Cattolica del Sacro Cuore, Milano*

Marta de Blas, *Universitat Politècnica de Catalunya*

Pierrette Crouzet-Daurat, *Délégation générale à la langue française  
et aux langues de France (DGLFLF)*

Xavier Darras, *Office québécois de la langue française*

**Edição:** Universidade do Algarve Editora

1ª Edição

**Preparação Editorial:** Sofia Lopes

**Local de Edição:** Faro

**Data de Edição:** 2020

**Design Gráfico e Paginação:** João Correia

*In memoriam*  
Teresa Lino (1947-2019)







# Índice

<b>Prefácio</b> .....	13
<i>Manuel Célio da Conceição e Maria Teresa Zanola</i>	
<b>Mediação terminológica no seio da REALITER</b> .....	17
<i>Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino</i>	
<b>Les mots, le cerveau et la mémoire. Vers une didactique multilingue en passant par la neuroscience</b> .....	25
<i>Piet Van de Craen</i>	
<b>La force des locutions faibles en domaine de spécialité</b> .....	41
<i>Paolo Frassi</i>	
<b>Discursos de especialidade e recursos terminológicos: mediação e dinamismo</b> .....	59
<i>Maria de Fátima Noronha e Manuel Célio Conceição</i>	
<b>Terminologie et médiation linguistique dans les filières de langues à l'Université. Bilan et enjeux</b> .....	75
<i>Rosa Maria Fréjaville, Raphaèle Dumont e Andreia Silva-Mallet</i>	
<b>Terminología y traducción: dificultades y recursos para profesionales de la comunicación universitaria multilingüe</b> .....	89
<i>Kaoutar El Amri</i>	
<b>Compétence stratégique et corpus : quelques pistes pour la formation en traduction</b> .....	105
<i>Christina Dechamps</i>	
<b>L'acostament de la terminologia al gran públic mitjançant productes multimèdia de difusió</b> .....	119
<i>Jordi Bover</i>	

<b>A mediação da metáfora em textos jornalísticos de economia</b> . . . . .	137
<i>Ieda Maria Alves</i>	
<b>Adequació de recursos terminològics per a usuaris avançats: el cas de les comunitats de pacients de la sanitat</b> . . . . .	153
<i>Mercè Lorente, Rosa Estopà e Laia Vidal-Sabanés</i>	
<b>Terminologie des textiles techniques en français et en italien</b> . . . . .	169
<i>Klara Dankova</i>	
<b>La terminologie de l'édition de textes : tradition et innovation lexicale au service de la communication professionnelle</b> . . . . .	185
<i>Silvia Domenica Zollo</i>	
<b>Le « discours météorologique » entre science et médiation : aspects linguistiques et terminologiques</b> . . . . .	199
<i>Alessandra Della Penna</i>	
<b>Mèdiación lingüística y fenómenos terminológicos en sitios de casas-museo</b> . . . . .	217
<i>Valentina Russo</i>	
<b>La guerre syrienne dans les médias arabes et occidentaux. Étude sur la terminologie en usage dans des contextes idéologiques et normés</b> . . . . .	233
<i>Andrée Affeich</i>	
<b>Terminologie et médiation des savoirs professionnels : la boulangerie artisanale à Bucarest et à Paris</b> . . . . .	247
<i>Anca-Marina Velicu</i>	

<b>Aspects genrés de la médiation linguistique : la terminologie LGBT sur la diversité sexuelle et de genre en milieu de travail au Québec . . . . .</b>	<b>265</b>
<i>Michele Bevilacqua</i>	
<b>Il lessico dell'arrampicata sportiva: metodologia per la progettazione ed elaborazione di un lessico plurilingue . . . . .</b>	<b>287</b>
<i>Silvia Calvi</i>	
<b>A importância da “mediação terminológica” num contexto sensorial: uma análise do discurso de especialistas e não-especialistas sobre o <i>Crémant de Bourgogne</i> . . . . .</b>	<b>303</b>
<i>Mariela Mancebo</i>	



# Prefácio

A comunicação dos saberes, das práticas e de perspectivas sobre o mundo no atual contexto de muitas mobilidades, de intensa circulação de informação e do respetivo consumo nem sempre adequado, impõe necessidades e atividades de mediação linguística e comunicativa em que importa salientar o papel da terminologia. Também o aparente acesso livre ao conhecimento e as necessárias estratégias socioeconómicas e culturais de empresas, instituições, países e organizações supranacionais justificam que se reflita acerca da terminologia como condição central em toda a mediação linguística e comunicativa.

Genericamente, entende-se por mediação o processo complexo de construção e/ou desconstrução que, pela verbalização, transforma conceitos em unidades linguísticas/discursivas ou que, pela adaptação de verbalização existente, torna essas unidades acessíveis a públicos diferenciados e contextualmente regulados (na mesma língua ou em línguas diferentes).

Não se pretendendo qualquer limitação teórica ou epistemológica, o conceito de mediação deve ser entendido na sua mais ampla multidimensionalidade (de Aristóteles a Vygotsky e Gagnepain, entre outros). Os textos que se seguem relacionam de forma sustentada a terminologia mono e/ou multilingue (investigação, produção e uso) e as atividades de mediação diferenciadas, em função dos contextos em que ocorre. Pretendem discutir as funções da terminologia na mediação linguística e comunicativa dos saberes, dos conhecimentos e das práticas profissionais.

A mediação provoca processos de fixação e de circulação do saber que se atestam na comunicação técnica e/ou científica e desempenhos profissionais no âmbito, por exemplo, da tradução, da interpretação, da mediação

cultural, da revisão e edição textuais, do ensino e da formação, da localização, da legendagem, da comunicação entre utilizadores (especialização e/ou vulgarização). O resultado de muitos destes processos e atividades é a promoção da inclusão que se opera pela criação de condições de equidade entre utilizadores, por via do rigor e da correção terminológica. Justificasse, assim, uma publicação que ocorre na sequência a uma jornada científica da REALITER, rede multilingue e pluricontinental. A Rede Panlatina de Terminologia, REALITER, enquanto espaço de reflexão sobre os usos das línguas neolatinas nos domínios técnicos e científicos e nas áreas e esferas de atividade das culturas nelas se expressam, começou por assumir como primeira função a produção de vocabulários multilingues (e já produziu mais de três dezenas). Esta rede assume também funções de investigação teórico-metodológica colaborativa sobre problemáticas emergentes na área das terminologias da latinidade.

La necessità di dare accesso alle conoscenze tecniche e scientifiche, di descriverle con precisione e chiarezza ha portato nei secoli a realizzare lessici, glossari e vocabolari specialistici, sai come legende e spiegazioni di studi e trattati, sia in forma di opere autonome. Questa esigenza di rigore riesce a essere soddisfatta oggi, con tutte le possibilità che la rete ci offre? Ampia è l'offerta di cui disponiamo, ma non sempre adeguate le modalità della sua consultazione e pertinenti i criteri che vengono applicati in un'operazione di mediazione della conoscenza.

L'intervento della scelta competente operata dal terminologo e/o dal traduttore costituisce il valore aggiunto per ogni esito testuale di qualità. La ricerca terminologica deve sempre garantire standard qualitativi elevati, e offrire completezza nella sua documentazione. Compiendo analisi e raccolta di dati in modo accurato e ben documentato, è possibile creare questo ponte fra concetti e termini, fra saperi e linguaggi. La ricerca documentaria in terminologia, fondata su consolidata esperienza teorica, consente sempre più la produzione di lavori sapientemente descritti e schedati con criteri metodologici validi ed efficaci. Non ci resta che seguire questa illustre tradizione, consci della sua rilevanza culturale e professionale.

Non bisogna inoltre dimenticare che la precisione terminologica è un bene in sé, con valore sociale, economico e giuridico. La terminologia costi-

tuisce il riferimento dei contenuti di un dominio, così come la proprietà esclusiva del saper fare di un'attività aziendale e commerciale: un singolo termine identifica un prodotto tecnico, scientifico, ed è importante che la sua corretta definizione sia divulgata insieme al termine stesso.

La terminologia apre alla complessità del reale, è di per sé un ponte fra le conoscenze e ci fa entrare in relazione con mondi e saperi che sono arte, cultura, tecnica e scienza della vita contemporanea. Questo importante ruolo di mediazione diventa un *atout* professionale, grazie al quale si possono ancor meglio gestire interazioni con colleghi, clienti e collaboratori, utilizzando il linguaggio più appropriato.

La digitalizzazione del lavoro e i suoi sviluppi organizzativi impongono l'utilizzo di strumenti di comunicazione in cui emerge la centralità del linguaggio, la sua suasività, la sua espressività, la sua coerenza. Dagli approcci teorici agli esiti applicativi, la terminologia si presenta come una risorsa di mediazione insostituibile per il mondo della formazione linguistico-traduttologica e per l'agire professionale contemporaneo. Attraverso i propri lavori e i momenti di approfondimento delle Giornate Scientifiche, la Rete Panlatina di Terminologia REALITER mette in atto questi principi e prosegue da più di venticinque anni il proprio impegno plurilingue per la comunicazione specialistica nelle lingue romanze.

Manuel Célio Conceição e Maria Teresa Zanola





# Mediação terminológica no seio da REALITER\*

Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino<sup>†</sup>

*Professora jubilada da Universidade Nova de Lisboa*

---

\* Os editores agradecem a Catarina Lino pela preparação deste texto, a partir de uma gravação da última conferência da professora Teresa Lino. Agradecem ainda a ajuda de Fátima Ferreira.



Pretende-se que o presente artigo, à semelhança de outros trabalhos que têm sido desenvolvidos ao longo do tempo na REALITER, seja uma contribuição para o cumprimento do objetivo geral da Rede Panlatina de Terminologia que consiste em favorecer um desenvolvimento harmonioso das línguas latinas.

Nas últimas décadas, o processo de globalização tem assumido proporções avassaladoras, tendo-se verificado uma circulação cada vez mais intensa de pessoas, conhecimentos, mercadorias, serviços e capitais. Com esta livre circulação, assistiu-se a uma transformação das culturas das sociedades contemporâneas, nas quais se foram integrando outros povos e os seus respetivos modos de comunicar, de pensar, de sentir e de se comportar, o que veio possibilitar uma melhor compreensão do outro.

Na verdade, o aumento do número de migrantes nos vários estados resultou numa pluralidade linguística vista por muitos como um entrave à comunicação. Assim, a mediação – objeto de estudo frequente na área da Linguística e, por sua vez, bastante discutida no seio da REALITER – assume um papel fulcral na fixação terminológica das línguas.

A fase de neologia do termo *mediação* é caracterizada por um fenómeno de multiplicidade de significações que exprimem a inovação, quer se trate de língua corrente ou de língua de especialidade (Humbley, 2016: 137). Assim, a tarefa de formular uma única definição que dê conta de todas as características deste conceito revela-se complexa e até mesmo inexequível, devido ao facto de a mediação estar não só presente em diferentes ramos do conhecimento, mas também em constante evolução.

Alguns autores têm procurado definir a mediação como uma disciplina que está em fase de constituição e cuja teoria necessita de um SMIC – *Seuil*

*Minimum d'Intelligibilité Conceptuelle* (Limiar Mínimo de Inteligibilidade Concetual) – que deverá precisar e delimitar o seu quadro concetual (Guillaume-Hofnung, 2014: 8-9). Neste sentido, De Gioia e Marcon (2014: 13) delimitaram, a partir de dois *corpora* bilingues comparáveis, o quadro concetual sobre a mediação na terminologia e na tradução, o que foi possível graças às novas práticas profissionais que foram surgindo na vida social, acompanhadas de novos aspetos terminológicos e discursivos. Assim, as metodologias de terminografia e de lexicografia de especialidade permitiram a De Gioia e Marcon (2014: 200) definir o processo de mediação como:

Activité de création, stabilisation ou réparation d'une relation quelconque par le recours au dialogue et à la communication reposant sur la volonté des personnes qui choisissent d'y faire recours et se déroulant à la présence d'une autre personne dite médiateur.

Por sua vez, Cuq (2006: 168), numa abordagem intercultural das línguas, apresenta a seguinte definição:

Le terme médiation désigne généralement une relation entre les personnes sous le guidage de tiers spécialistes (les médiateurs). Plus largement, on peut dire que la médiation est présente d'emblée dans le langage dès lors qu'on admet que les mots ne sont pas des choses, même si ces mots veulent désigner, représenter ces choses. La médiation peut donc influencer la relation de l'homme à la réalité du monde et, en ce sens, elle est centrale dans l'analyse des représentations sociales et dans l'approche interculturelle.

Em “Médiation linguistique et culturelle” o Conselho da Europa (2016) apresenta uma aceção do termo em análise tendo em consideração as barreiras linguísticas que não raras vezes são sentidas pelos falantes de diferentes línguas ou, noutros contextos, pelos especialistas e não-especialistas de um determinado domínio do conhecimento.

Au sens large du terme, « la médiation » renvoie au fait d'intervenir dans un conflit opposant deux parties afin d'aider

ces dernières à conclure un accord (...). Dans le domaine de l'utilisation des langues, la « médiation » remplit une fonction similaire et tout aussi importante, à savoir permettre aux personnes concernées de communiquer efficacement avec des locuteurs de langue différentes de la leur, de comprendre certains termes ou concepts ou de faire face à certaines situations ou idées nouvelles pour elles.

Sobre este assunto, o Conselho da Europa (2001: 36) acrescenta, no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, que as atividades de mediação de idiomas permitem o acesso, por parte de terceiros, a uma reformulação acessível de um texto já existente, porém incompreensível para falantes de línguas distintas ou até para especialistas de domínios diferentes. Posto isto, pode-se considerar que a importância da mediação terminológica se verifica no nosso quotidiano, quando se utiliza a linguagem corrente, mas também na comunicação científica, uma vez que permite o esclarecimento e a fixação de conceitos.

O linguista J. L. Rousseau (2007: 7) define o conceito de mediação e chama a atenção para o mesmo na prática terminográfica e na própria metodologia da terminologia.

On pourrait définir la *médiation linguistique* comme toute activité de communication nécessitant la transmission ou l'adaptation d'un message parlé ou écrit, de manière à le rendre intelligible à un public cible dans une situation linguistique donnée.

Analisando as definições do termo *mediação*, compreende-se que o mesmo assume uma posição central, pois implica situações e processos de contacto linguístico e cultural, o que facilita o fluxo de informações, a integração social e as relações interpessoais, nas quais podem participar investigadores, especialistas ou migrantes (Contente e Lino, 2016: 2). O conceito de mediação está, portanto, em constante evolução e vai-se atualizando na língua corrente e nos diferentes níveis de língua de especialidade, em grande parte pela interdisciplinaridade e pela dinâmica da produção científica internacional.

Efetivamente, os termos circulam nos vários discursos de especialidade, mas, para que tal possa ocorrer, pressupõe-se que os locutores de uma comunidade científica e os mediadores tenham chegado a um consenso no que concerne às suas definições. Todavia, este processo revela-se moroso e complexo, dado que à mediação terminológica, componente essencial na teoria e na metodologia terminológica, estão associadas várias problemáticas: a arbitragem, a intervenção, o consenso, a interculturalidade e o estatuto do conceito/termo no âmbito das instituições nacionais ou internacionais.

Neste sentido, é o terminólogo que tem, frequentemente, a função de mediador terminológico nas instituições de normalização terminológica nacionais e/ou internacionais (ISO) e nas redes internacionais de terminologia como a REALITER. A mediação estabelece-se pois, de acordo com o que referem Contente e Lino (2016: 5) no artigo « Médiation linguistique et interculturelle dans la communication médicale », entre « (...) le terminologue et le spécialiste du domaine ; les spécialistes d'une communauté scientifique nationale et la communauté internationale ; les locuteurs et les spécialistes d'un domaine scientifique ».

Conclui-se assim que, para desempenhar o seu papel da melhor forma, o mediador deve ser capaz de dominar os princípios teóricos da mediação, bem como as interações linguísticas que a caracterizam, a fim de clarificar a informação que está implícita numa mensagem aos falantes de línguas distintas ou aos especialistas de diferentes domínios do conhecimento. No caso da REALITER, compete aos terminólogos a árdua tarefa de harmonização e fixação terminológica das línguas românicas, respeitando os usos em *corpora* e as variantes das diferentes normas das línguas, como são exemplo o Português de Portugal e o Português do Brasil.

## Referências bibliográficas

- CONSEIL DE L'EUROPE. 2016. « Médiation linguistique et culturelle », <https://rm.coe.int/0900001680591b92,21/06/2020>.
- CONSELHO DA EUROPA. 2001. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*, Porto, Edições ASA.
- CONTENTE, Madalena ; LINO, Teresa. 2016. « Médiation linguistique et interculturelle dans la communication médicale » in DE GIOIA, Michele ;

- GOURVÈS-HAYWARD Alison ; SABLÉ Cathy (eds.). *Acteurs et formes de médiation pour le dialogue interculturel : GLAT Padova 2016 Actes du Colloque International*, Padova: Università degli Studi di Padova (17-19 mai), pp. 161-168.
- CUQ. Jean-Pierre (Dir.). 2006. *Dictionnaire de Didactique du Français – Langue étrangère et seconde*, Paris, ASDIFLE, CLE International.
- DE GIOIA, Michele; MARCON, Mario. 2014. *Mots de Médiation. Un lexique bilingue français-italien/ Parole di mediazione. Un lessico bilingue francese-italiano*, Padoue, Padova University Press.
- GUILLAUME-HOFNUNG, Michèle. 2014. « Préface », in DE GIOIA, Michele; MARCON, Mario, *Mots de Médiation. Un lexique bilingue français-italien/ Parole di mediazione. Un lessico bilingue francese-italiano*, Padoue, Padova University Press.
- HUMBLEY, John. 2016. « La néologie de la médiation » in DE GIOIA, Michele ; GOURVÈS-HAYWARD Alison ; SABLÉ Cathy (eds.). *Acteurs et formes de médiation pour le dialogue interculturel: GLAT Padova 2016 Actes du Colloque International*, Padova: Università degli Studi di Padova (17-19 mai), pp. 135-144.
- ROUSSEAU, Jean-Louis. 2007. « La médiation linguistique: vers l'adaptation des principes méthodologiques et des pratiques terminographiques », Colloque REALITER, Bertinoro.





Les mots, le cerveau  
et la mémoire.  
Vers une didactique  
multilingue en passant  
par la neuroscience

Piet van de Craen

*Vrije Universiteit Brussel*

---



## Introduction

Mais où donc se trouvent les mots dans le cerveau ? Qu'est-ce que c'est l'apprentissage et quel est le rôle de la mémoire ? Comme souvent, sur les questions simples les réponses ne sont pas si simples d'autant plus que quand il s'agit du cerveau il faut se méfier des explications simples voir simplistes tant il est flexible et plastique. En plus, le cerveau des multilingues réagit parfois différemment des monolingues ce qui rend le sujet plus complexe encore. Essayons donc d'abord de voir clair et en premier lieu essayer de répondre à la question : où se trouvent donc les mots. Deuxièmement, de considérer le fonctionnement de la mémoire en cherchant ensuite d'expliquer ce que c'est l'apprentissage surtout dans le cadre du bi- et/ou multilinguisme en examinant les caractéristiques d'un enseignement durable et efficace comme le veut l'Union Européenne.

### 1. Les mots et le cerveau

#### 1.1. La localisation

Chacun sait que le cerveau a longtemps été une énigme et encore aujourd'hui on ne sait pas tout. Mais on a parcouru un long chemin depuis que Franz Jozef Gall (1758-1828), un neuroanatomiste allemand, qui en étant à la recherche des localisations des fonctions cérébrales, concluait que la géographie du crâne nous donnerait des indices. De sa part le médecin et anthropologue français, Paul Broca (1824-1880), découvre lors d'un post-mortem d'un patient aphasique qui ne pouvait dire que *tantan* avait une lésion du lobe frontal gauche. Il en déduit que cette zone devrait être impliquée dans la production de la parole, l'aire de Broca comme on l'appelle de nos jours. Peu après, le médecin allemand Carl Wernicke (1848-1905) découvre quand une zone, à côté de celle de Broca, est atteinte le

PIET VAN DE CRAEN

patient parle bel et bien, même beaucoup, mais en fait il ne comprend rien de son propre discours. Tout cela pointe clairement à une localisation plus ou moins précise de la parole.

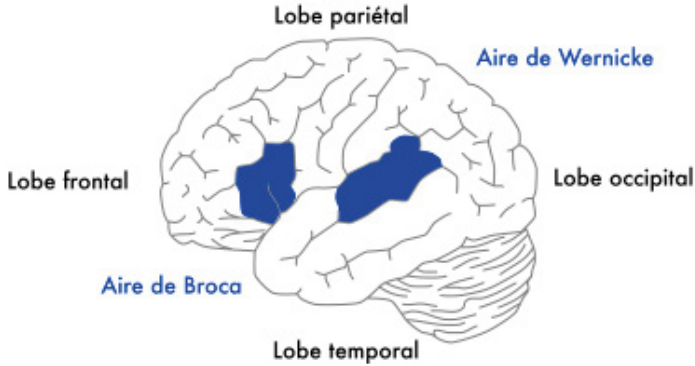


Figure 1 - Les aires de Broca et de Wernicke<sup>1</sup> ainsi que les lobes cérébraux

Un autre cas qui laisse les chercheurs aussi perplexes aujourd’hui qu’à l’époque où les événements se sont passés est l’accident du contremaître Phineas Gage américain, qui suite d’une explosion lorsqu’il travaillait à la construction du chemin de fer en 1848, s’est trouvé avec une barre métallique dans le crâne (figure 2).

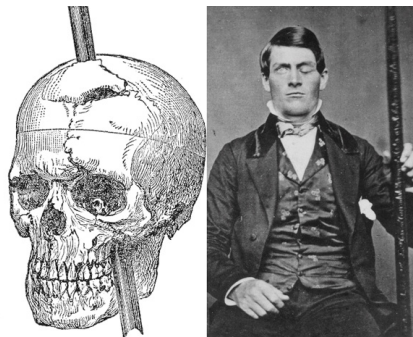


Figure 2 - L’américain Phineas Gage avec la barre métallique en main après l’opération<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Par exemple: <https://www.frcneurodon.org/comprendre-le-cerveau/a-la-decouverte-du-cerveau/le-langage/> - Consulté le 10 février 2020.

<sup>2</sup> Why Brain Scientists Are Still Obsessed With The Curious Case Of Phineas Gage <https://forum.fac-medicine.com/threads/why-brain-scientists-are-still-obsessed-with-the-curious-case-of-phineas-gage.29677/> - Consulté le 10 février 2020.

Bien sûr, ceux qui étaient témoins de l'accident le croyait mort, mais imaginez leur surprise quand Phineas se levait comme si rien n'était. Ce n'est que quelque temps après l'accident qu'on apercevait des changements inquiétants dans le comportement de la victime au niveau de sa personnalité. Avant l'accident il était un garçon aimable et gentil mais après il devient

nerveux, irrespectueux, et jure souvent et de la façon la plus grossière, ce qui n'était pas dans ses habitudes auparavant ; il est à peine poli avec ses égaux ; il supporte impatiemment la contrariété et n'écoute pas les conseils des autres [...] à certains moments, il est d'une obstination excessive, bien qu'il soit capricieux et indécis ; il fait des plans d'avenir qu'il abandonne aussitôt pour en adopter d'autres qui lui semblent plus praticables (propos du Dr. Harlow médecin traitant de Phineas Gage) (cité par Changeux 1983 : 213).

A première vue tout ce qui précède mène à la consécration de la théorie de la localisation cérébrale. Mais pas mal de phénomènes restent difficile à comprendre. Parmi eux le fait que quand un accident arrive à un hémisphère et doit être enlevé, l'autre hémisphère prend aussitôt la relève sans que le développement de l'individu en souffre. Borgstein & Grootendorst (2002), par exemple, décrivent le cas d'un enfant de trois ans qui, après l'opération, devient bilingue sans problèmes. Donc, bien que la théorie de la localisation semble indéniable elle n'est pas un fait absolu. En plus, la façon dont les systèmes de localisation interagissent entre eux n'est toujours pas bien comprise (Bishop 2013, Cai *et al.* 2013). Finalement, la flexibilité et la plasticité du cerveau contredisent également la théorie de la localisation dans le sens absolu.

## 1.2. Les connexions neuronales

Le cerveau se développe à partir de la naissance entre autres par le biais de la création des milliers et des milliers de connexions neuronales. Le schéma de Carter (figure 3) visualise ce processus.

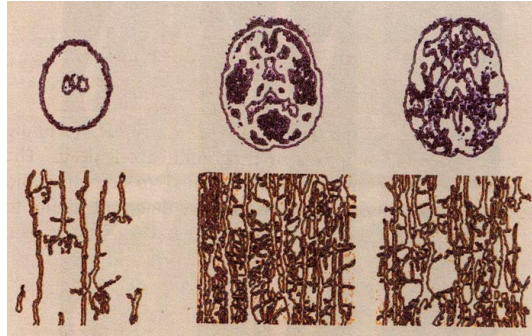


Figure 3 - Le développement des connexions cérébraux : à gauche d'un nouveau-né, au milieu d'un garçon ou fille de 6 ans et à droite, d'un adulte de 25 ans (Carter 1998 : 18)

Ces connexions sont le résultat d'un développement physique et mental normal générant des activités quotidiennes. Chaque activité résulte en une augmentation des connexions, et une activité spécifique, comme apprendre et jouer d'un instrument de musique ou apprendre une langue par exemple, conduit à des substrats neuronaux. La figure 3 démontre aussi qu'entre 0 et 6 ans l'enfant fait une masse de connexions liée à ses activités. A 25 ans le cerveau a en quelque sorte fait le ménage et a supprimé des connexions qui ne sont plus utilisées.

Comment comprendre la mécanique derrière ces connexions ? Le neurologue canadien Donald Hebb a avancé une explication aussi simple que plausible (Hebb 1949). Son expression *neurons that fire together wire together*. Ou en français *se coactiver, c'est se connecter* (traduction de Dehaene 2018 : 135). Par cette activité les connexions ainsi créées se renforcent et par le biais de la répétition se renforcent encore. Par contre, d'autres connexions peuvent s'affaiblir avec le temps. Dehaene fait un commentaire éclairant.

On comprend pourquoi ce phénomène stabilise l'activité nerveuse : il renforce les circuits qui ont bien fonctionné par le passé, pour que la même activité ait plus de chances de se reproduire. Grâce à la plasticité synaptique, de vastes tapisseries neuronales, chacune composées de millions de neurones, se succèdent dans un ordre toujours plus précis et reproductible. La souris qui parcourt chaque couloir de son labyrinthe dans l'ordre exact, la violoniste qui fait jaillir de ses doigts une

fontaine de notes, ou l'enfant qui récite une poésie réveille une partition neuronale dont chaque note, chaque transition est enregistrée dans quelques centaines de millions de synapses (Dehaene 2018 : 136)

Il en résulte que dans chaque cerveau des connexions fortes et faibles existent. La figure 4 en donne une illustration claire.

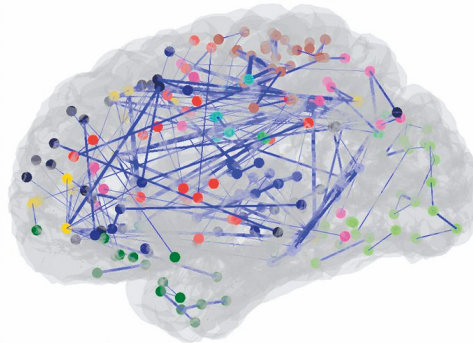


Figure 4 - Connexions fortes et faibles dans un cerveau. En occurrence, le cerveau du champion du monde d'échecs à l'aveugle, Timur Gareyev (Sample 2016)

Il n'est pas difficile de s'imaginer que (1) chaque cerveau humain est différent, que (2) la nature de l'apprentissage (jeune ou plus âgé, par exemple) joue un rôle important et que (3) la façon d'apprendre (implicite ou explicite par exemple) sont des facteurs qui influencent profondément la création et la nature des connexions. Autre chose, si apprendre c'est créer des connexions, celles-ci ne sont pas stables ce qui explique qu'on oublie. A ce moment-là nous ne sommes plus capables de former la connexion, à la récupérer. Ainsi les mots sont là mais seulement à condition que l'individu décide de former la/les connexion(s) pour accéder au(x) mot(s) voulu(s). Reproduire une connexion est donc une activité active qui nécessite de l'énergie.

### 1.3. La localisation revisitée

En 1994 Calvin & Ojemann dans leur ouvrage *Conversations with Neil's Brain* démontre que les mots sont générés dans le cerveau par des voies différentes. Considérons la figure 5.

PIET VAN DE CRAEN

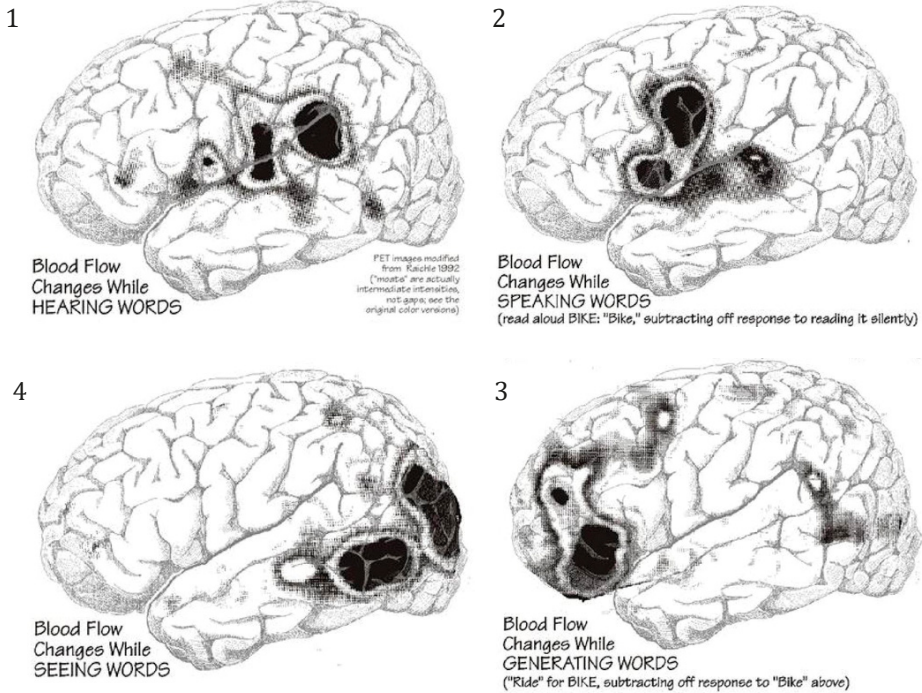


Figure 5 - La façon dont les mots sont traités dans le cerveau : 1. Le flux sanguin en entendant des mots, 2. Le flux sanguin en parlant, 3. Le flux sanguin en cherchant des mots et 4. En voyant des mots (cf. Calvin & Ojemann 1994 : 52-53)

Selon l'activité la localisation par rapport aux mots change considérablement. En écoutant c'est l'air de Wernicke qui intervient, en parlant, l'air de Broca mais en regardant et en cherchant des mots ce sont, respectivement, le lobe occipital (partie latérale inférieure) et le lobe frontal qui sont activés. En plus, même si c'est vrai que l'hémisphère gauche s'occupe dans la plupart des êtres humains du langage cela ne signifie pas que les mots se trouvent toujours au même endroit dans cet hémisphère. C'est-à-dire la formation d'une connexion représentant, par exemple, le mot *banane* se fait bel et bien dans l'hémisphère gauche mais comme démontre la figure 6 dans différents endroits de cet hémisphère. Autrement dit l'endroit où la connexion se fait n'est pas fixe.



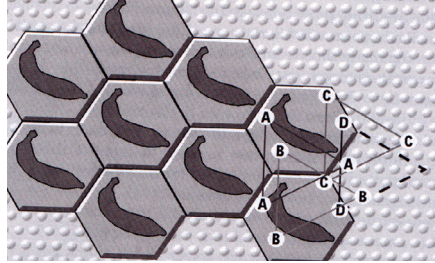


Figure 6 - La banane de Calvin. La connexion A B C D forme le mot *banane*. Mais il y a différents endroits dans l'hémisphère gauche où la connexion se peut former (cf. Calvin 1996 : 48)

### 1.4. La mémoire

Les connexions neuronales font partie des connaissances d'un individu. Comme cela il connaît des milliers de mots, dans une ou plusieurs langues, mais aussi comment jouer aux échecs, les règles de la pétanque, son histoire de famille et de sa vie. Tout cela fait partie de son expérience et constitue la mémoire unique de telle ou telle personne. Il s'ensuit qu'il n'y a pas une seule sorte de mémoire mais plusieurs. Une distinction largement répandue et scientifiquement reconnue est la suivante (cf. la figure 7).

---

#### 1. la mémoire à long terme, dite mémoire chimique

##### 1.1. la mémoire déclarative

1.1.1. la mémoire épisodique : *raconter le récit d'un voyage*

1.1.2. la mémoire sémantique : *la connaissance du monde, comment préparer une tarte tatin mais aussi les langues...*

##### 1.2. la mémoire non-déclarative

1.2.1. la mémoire procédurale : *faire de la bicyclette, conduire une voiture,...*

1.2.2. la mémoire non-associative : *habitudes diverses*

#### 2. la mémoire à court terme, dite mémoire électrique

2.1. la mémoire immédiate (*phonological loop*) en anglais, par exemple retenir en mémoire pour quelques secondes un numéro de téléphone avant de le noter

2.2. la mémoire visuo-spatiale : *l'information visuelle*1.

---

Figure 7 - Un schéma simplifié de différentes sortes de mémoires (d'après Gazzaniga *et al.* 2002)

Comme j'ai déjà mentionné accéder à la mémoire est une activité active qui nécessite une certaine énergie et volonté. Des fois cela peut échouer à cause de la fatigue, le stress, l'alcool, ou autre chose qui empêche d'avoir accès, c'est-à-dire de faire les connexions qu'il faut. Mais ceci mène à une autre réflexion. Si à chaque fois une personne doit faire un effort pour recréer les bonnes connexions, ceci implique qu'il n'y rien dans le cerveau. Tout ce qui est dedans doit à chaque moment être recréer par la personne qui commande le cerveau. Il en suit que si une personne possède des connexions fortes qu'elle a plus d'avantages que celle qui n'a que des connexions faibles. Au niveau de l'apprentissage il en suit qu'apprendre par cœur est moins efficace qu'apprendre par d'autres approches plus durables, comme l'association, la répétition, la variation, la coopération. Une des approches les plus performantes est la méthode des loci ou le palais de la mémoire d'après l'expression anglaise *memory palace*.

Cette approche fait appel à notre capacité d'association qui est quasi illimitée. Il s'agit d'associer des éléments aléatoires à un lieu bien connu, comme sa propre maison par exemple. Si on associe des mots à des endroits qui se trouvent dans ce lieu, la mémoire est capable d'augmenter considérablement ses prestations. L'ex-champion du monde de mémoire, Alex Mullen, explique clairement comment cela fonctionne<sup>3</sup> dans une courte vidéo.

## 2. L'apprentissage, le cerveau et la mémoire

De nos jours, en éducation, on prête beaucoup plus d'attention aux aspects neuroscientifiques de l'apprentissage qu'avant (voir par exemple Arboix-Calas 2018). Bien sûr, certains rêvent – en vain d'ailleurs – de trouver une approche phare qui éclipse tous les autres pour améliorer la didactique. Mais pourquoi ne pas simplement tester les aspects classiques d'apprentissage sous un angle neuroscientifique ? C'est exactement ce que Stanislas Dehaene a fait dans son livre *Apprendre !* (Dehaene 2018).

Dehaene distingue quatre piliers de l'apprentissage à savoir (1) l'attention, (2) l'engagement actif, (3) l'erreur comme moteur d'apprentissage et (4) la consolidation. Rien vraiment nouveau si ce n'est que la reconnaissance de ces aspects dans une pratique qui – Dehaene n'en parle pas – les deux

<sup>3</sup> Voir <https://www.youtube.com/watch?v=IQErBhnh8ws> ; consulté le 4 septembre 2017.

dernières décennies, a contribué beaucoup à l'amélioration de l'apprentissage dans les écoles européennes et ailleurs, j'ai nommé *l'enseignement d'une matière par intégration d'une langue étrangère (EMILE)*<sup>4</sup> où une partie du curriculum, entre 20 et 50%, est enseignée dans une langue cible (cf. Van de Craen 2014).

Une des caractéristiques de cette approche c'est que, à partir de la première classe de l'école élémentaire, par exemple, on enseigne la matière dans une langue cible sans se préoccuper des aspects formels de cette langue. C'est une façon implicite d'apprentissage qui en fait reprend complètement les quatre piliers d'apprentissage de Dehaene. Examinons la figure 8.

Aspect	La réalisation par l'approche EMILE
<b>L'attention</b>	Activée par les activités entreprises et l'utilisation de deux langues
<b>L'engagement actif</b>	Par les principes d'EMILE même et le recours à l'apprentissage implicite
<b>L'erreur</b>	L'acceptation et l'exploitation de l'erreur dans le processus d'apprentissage font partie de la philosophie d'EMILE
<b>La consolidation</b>	Par le biais de la répétition et la variation sur le même thème dans les deux langues

Figure 8 - Les quatre piliers et leur réalisation dans un contexte EMILE

Enseigner dans une langue cible avec, bien sûr, les outils didactiques qu'il faut, entame deux aspects quasi automatiques, c'est-à-dire, l'attention et l'engagement actif. Ensuite, l'acceptation et l'exploitation didactique de l'erreur mènent à l'observation surprenante que l'apprenant perd tout sorte de peur pour parler ce que, malheureusement, fait universellement partie de l'apprentissage dans un contexte classique. La consolidation est assurée par l'attention portée à la répétition, ou plutôt, des variations sur le même thème dans les deux langues ce qui considérablement augmente le succès du processus d'apprentissage.

<sup>4</sup> Content and Language Integrated Learning (CLIL) en anglais

Il est clair que cette approche répond à merveille aux fonctionnements cérébraux discutés dans cette contribution. Si les connexions fortes se forment à cause des répétitions régulières et que la mémoire préfère les associations, il n'est point surprenant que les résultats de l'approche EMILE surpassent ceux de l'enseignement traditionnel. Mais il y a autre chose encore, souvent perdu de vue dans les recherches sur EMILE, c'est-à-dire l'aspect implicite de l'apprentissage. Les aspects formels de la langue cible sont complètement ignorés au début de l'introduction de l'approche, favorisant l'oral et l'interaction verbale. Ce n'est qu'après, dans les deux dernières années de l'école élémentaire, que le vocabulaire et la grammaire sont étudiés plus systématiquement.

Il existe une large littérature sur l'apprentissage explicite mais beaucoup moins sur l'apprentissage implicite (cf. Reber 1993 et Rebuschat 2015). Néanmoins, on commence à se réaliser à quel point l'apprentissage implicite est intéressant aussi bien dans la pratique quotidienne que pour le développement de nouvelles théories d'apprentissage (cf. Kalra 2015). La figure 9 illustre les différences sur neuf aspects différents entre l'apprentissage implicite (et donc l'apprentissage EMILE) et l'apprentissage explicite.

<b>Caractéristiques par rapport à</b>	<b>L'apprentissage implicite</b>	<b>L'apprentissage explicite</b>
<i>l'effort</i>	facile	difficile
<i>l'apprentissage</i>	sans le savoir	en toute lucidité
<i>la durabilité</i>	fautes acceptées	fautes pas acceptées
<i>la connaissance</i>	difficile à articuler	facile à articuler
<i>la cognition</i>	émotionnelle	sans émotion
<i>la vitesse</i>	vite	lente
<i>le contrôle</i>	inconsciente	consciente
<i>les solutions</i>	heuristiques	algorithmiques
<i>la représentation</i>	holistique	analytique

Figure 9 - Caractéristiques de l'apprentissage implicite et explicite (d'après Sun *et al.* 2007)

Les avantages, surtout pour les jeunes, sont claires : l'apprentissage exige moins d'effort, sans le savoir, avec un impact émotionnel considérable, vite et inconscient ; en plus, l'apprentissage se passe d'une façon holiste. Mais le plus important est que la didactique est directement impliquée. Il faut se réaliser que les connaissances acquises implicitement nécessitent être renforcées en guise de consolidation. Lyster parle du contrebalancement dans ce cas (cf. Lyster 2007). Au niveau de l'apprentissage des règles grammaticales, par exemple, Yang & Pi décrivent exactement la situation : « tandis que les apprenants en apprentissage implicite montrent vite une certaine compétence, ils échouent quand il s'agit de comprendre les règles sous-jacentes ; en revanche, les apprenants en apprentissage explicite comprennent les règles mais ils échouent quand ils doivent les appliquer. Seulement quand les deux façons d'apprentissage apparaissent ensemble l'apprenant puisse appliquer les règles dans des nouvelles situation » (Yang & Pi 2012, traduction PVdC). Mais c'est exactement ce qui se passe dans un environnement EMILE. Après une période d'apprentissage implicite on se tourne vers l'explicite ce qui donne des résultats infiniment meilleurs que dans l'enseignement classique.

### **En guise de conclusion**

L'interaction entre fonctionnement du cerveau et la didactique a récemment attiré beaucoup d'attention. A partir des questions simples comme où se trouvent les mots dans le cerveau et comment fonctionne la mémoire, on peut dessiner un plan pour un apprentissage efficace et durable. L'apprentissage en général et des langues en particulier sont gérés par des mécanismes assez simples mais ils sont influencés par la stimulation du cerveau à base des activités régulières et relativement systématiques où la variation a sa place. Ceci a des implications pour la didactique. Dans l'enseignement des langues, par exemple on n'a point besoin de listes de vocabulaire mais plutôt dans engagement actif de l'apprenant où il puisse utiliser la langue dans un contexte significatif. L'approche EMILE démontre à quel point ceci peut améliorer l'enseignement en général. C'est peut-être la plus grande réussite du mariage entre didactique et neuroscience de ces dernières années.

## Références bibliographiques

- ARBOIX-CALAS, F. 2018 ' Neurosciences cognitives et sciences de l'éducation : vers un changement de paradigme ?' *Éducation et socialisation*, 49 <http://journals.openedition.org/edso/4320> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/edso.4320>, consulté le 10 février 2020.
- BISHOP, D. 2013. 'Cerebral asymmetry and language development: cause, correlate or consequence?' *Science* 340(6138) DOI: 10.1126/science.1230531
- BORGSTEIN, J. & C. GROOTENDORST. 2002. 'Half a brain'. *The Lancet* 359 (9305),473; DOI:[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)07676-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)07676-6)
- CAI, Q., L. VAN DER HAEGEN & M. BRYLSBAER. 2013. 'Complementary hemispheric specialization for language production and visuospatial attention'. *PNAS* 110(4), 322-330; <https://doi.org/10.1073/pnas.1212956110>
- CALVIN, W. 1996. *The Cerebral Code*. Cambridge, Mass. : MIT.
- CALVIN, W. & G. OJEMANN. 1994. *Conversations with Neil's Brain. The Neural Nature of Thought and Language*. Boston: Addison & Wesley.
- CARTER, R. 1998. *Mapping the Brain*. London: Weidenfeld & Nicolson. Paperback Edition, 2000.
- CHANGEUX J.P. 1983. *L'Homme neuronal*. Paris: Fayard.
- DEHAENE, S. 2018. *Apprendre! Les talents du cerveau, le défi des machines*. Paris: Jacob
- GAZZANIGA, M., R. IVRY & G. MANGUM. 2002. *Cognitive Neuroscience. The Biology of the Mind*. New York: Norton.
- HEBB, D. 1949. *The Organization of Behavior*. New York: Wiley.
- KALRA, P. 2015. *Implicit Learning: Development, Individual Differences, and Educational Implications*. Doctoral dissertation, Harvard Graduate School of Education.
- LYSTER, R. 2007. *Learning and Teaching Languages Through Content. A Counter-balanced Approach*. Amsterdam: John Benjamins.
- REBER, A. 1993. *Implicit Learning and Tacit Knowledge: An Essay on the Cognitive Unconscious*. Oxford: Oxford University Press.
- REBUSCHAT, P. Ed. 2015. *Implicit and Explicit Learning of Languages*. Amsterdam: Benjamins.
- SAMPLE, I. 2016. 'Inside the brain of the man who would be 'blindfold king' of chess' *The Guardian* 3 novembre, <https://www.theguardian.com/science/2016/nov/03/inside-the-brain-of-the-man-who-would-be-blindfold-king-of-chess-timur-gareyev>

- SUN, R., R. MATTHEWS & S. LANE. 2007. 'Implicit and explicit processes in the development of cognitive skills: a theoretical interpretation with some practical implications for science education'. In: E. Vargios (ed.) *Educational Psychology Research Focus*. New York: Nova Science Publishers, 1-26;
- VAN DE CRAEN, P. 2014. 'Le défi du multilinguisme dans l'enseignement: enjeux, solutions et résultats.' Dans: H.A Bijleveld, F. Estienne & F. Vander Linden (éds) *Multilinguisme et orthophonie. Réflexions et pratiques à l'heure de l'Europe*. Issy-les-Moulineaux: Elsevier Masson, 41-57;
- YANG, J. & P. LI. 2012. 'Brain networks in implicit and explicit learning'. *PLoS One* 7(8), voir; doi: 10.1371/journal.pone.0042993





# La force des locutions faibles en domaine de spécialité

Paolo Frassi

*Università degli Studi di Verona*

---



## Introduction

Le travail de médiation linguistique demande, entre autres, un accord au niveau *méta-*, concernant le type d'entités lexicales (ou terminologiques) par lesquelles se manifeste le matériau linguistique à transmettre ou à transférer en discours. Cet accord est de mise pour cette partie de la médiation linguistique qui s'occupe de l'enseignement de ce type de compétence ; il n'est pas négligeable, pour autant, pour l'autre partie de la médiation linguistique, sa sphère appliquée, qui se manifeste souvent et surtout par l'activité de traduction. Cet enjeu concerne aussi bien la compétence de médiation linguistique portant sur la langue générale que celle qui s'occupe des langues de spécialité.

Notre réflexion se concentre sur des notions métaterminologiques concernant la dénomination de *realia* à travers des unités multilexémiques dans les domaines spécialisés : plus dans le détail, nous nous attachons à repérer des types divers de locutions faibles. Leur typisation n'est pas anodine et servira pour l'uniformisation des classements d'entités lexicales de type *locution faible* dans le cadre de la terminologie et dans l'objectif d'une harmonisation métaterminologique, fortement souhaitable dans la pratique de la médiation linguistique.

Les études portant sur la terminologie ont toujours distingué, au niveau formel, deux types de termes – les termes simples et les termes complexes (Cabré 1992 ; L'Homme 2004) – sans jamais vraiment s'occuper des caractéristiques, des propriétés et, à partir de là, d'un classement systématique de ces unités terminologiques. De notre point de vue, il est possible de typiser, dans les langues de spécialité, les termes complexes (voir, à ce propos, Frassi, Calvi & Humbley à paraître). Un cas particulier de termes complexes serait ainsi représenté par des unités multilexémiques de type *locution*,

dans la définition qui en est fournie par Gross (1996) et Mel'čuk (2011 ; 2013) : en langue de spécialité, certains termes complexes partagent les propriétés qui ont été isolées pour la locution dans le cadre de la langue générale. Ainsi, les termes complexes de type *locution* pourraient suivre la typisation proposée par Mel'čuk (2013) à propos de la langue générale entre locutions fortes, locutions semi-compositionnelles et locutions faibles. De notre point de vue, les locutions faibles, qui sont particulièrement récurrentes en langue de spécialité, se prêtent à un classement ultérieur : leur transparence sémantique, qui permet une interprétation aisée par une opération élémentaire comme la paraphrase linguistique (ex. : *commerce électronique* : 'commerce qui a lieu par internet'), nous permettra d'en classer les divers types à partir de leur sémantisme.

### **Pour ce faire nous allons procéder en plusieurs étapes.**

Dans un premier temps nous rappelons les enjeux de la médiation linguistique, surtout dans le cadre des langues de spécialité, pour passer à la présentation des documents qui constituent notre *corpus* – créé dans le cadre du projet d'envergure du Département des Langues et Littératures Étrangères de l'Université de Vérone. Nous présentons, ensuite, l'extraction d'unités terminologiques complexes à partir du logiciel *Termostat*.

L'analyse des données linguistiques que nous fournit l'extraction automatique nous permettra de repérer les termes complexes de type *locution* les plus fréquents et d'identifier les locutions faibles, afin d'en proposer un classement à partir de la notion de *catégorie* sémantique – un sémantisme très général représentant chaque locution faible.

## **1. Médiation, terminologie et langues de spécialité**

La médiation linguistique correspond, pour le *Cadre européen commun de référence pour les langues* (dorénavant CECR), à une sorte de compétence transversale, qui transcende les limites linguistiques – et, donc, chacune des langues dont un locuteur européen peut être le dépositaire (voir à ce propos Aden 2012 ; De Gioia 2016 ; Weissmann 2012 ; Jacques et Tutin 2018).

Cette compétence peut être à l'œuvre dans des domaines professionnels et concerner les langues de spécialité. Bien que le CECR vise davantage la langue générale que la langue de spécialité, celle-ci n'est pas trop sous-estimée à l'intérieur de ce document. En particulier, lorsqu'il présente la perspective actionnelle, le document mentionne de manière implicite la langue de spécialité à propos de trois aspects :

- Les activités langagières, qui « impliquent l'exercice de la compétence à communiquer langagièrement, dans un domaine déterminé, pour traiter (recevoir et/ou produire) un ou des textes en vue de réaliser une tâche » (CECR : 15) ;
- Le texte, défini comme « toute séquence discursive (orale et/ou écrite) inscrite dans un domaine particulier » (CECR : 15) ;
- Les domaines, qui renvoient à « de grands secteurs de la vie sociale où se réalisent les interventions des acteurs sociaux. Au niveau plus général, on s'en tient à des catégorisations majeures intéressant l'enseignement/apprentissage des langues : domaine éducationnel, domaine professionnel, domaine public, domaine personnel » (CECR : 15).

Dans tous ces cas, ce qui nous renvoie à la langue de spécialité c'est la notion de « domaine » ou, plus spécifiquement, de « domaine professionnel ».

Que ce soit dans la langue générale ou dans la langue de spécialité, le dispositif de la médiation linguistique nécessite un processus pédagogique (dont il est question de manière pointue dans la suite du CECR). Si le CECR détaille les échelons et les niveaux d'apprentissage (sans oublier de prendre en compte les langues de spécialité), il ne propose pas une progression concernant les notions métalinguistiques (métagrammaticales et métalexicales) qui vont avec.

Nous croyons qu'une telle progression est indispensable dans la pratique d'enseignement/apprentissage de la langue générale et, par ricochet, des langues de spécialité. Et ce non seulement pour garantir l'atteinte des objectifs pédagogiques qu'on se propose, mais également pour favoriser le partage des mêmes notions générales, que ce soit pour la grammaire ou pour le lexique. Cela va permettre d'identifier plus facilement les phénomènes grammaticaux ou lexicaux de la part des apprenants aussi bien

pendant l'activité d'apprentissage que, par la suite, durant l'exercice et la mise en pratique de la compétence de médiation linguistique.

L'une des entités lexicales qui pose un certain nombre de problèmes correspond au phénomène des expressions idiomatiques. Leur typisation s'avère, de notre point de vue, particulièrement importante dans le cadre de la médiation linguistique. Dans l'une des activités que la médiation linguistique privilégie – à savoir la traduction – il y a, en effet, de fortes chances qu'un type d'expression idiomatique soit traduit par le même type d'expression idiomatique d'une langue à l'autre. Par exemple, si on considère la collocation française *pleurer comme une Madeleine*, on aura l'équivalent italien *piangere come una fontana* ; encore, la collocation française *il pleut des cordes* correspond à l'anglais *it rains cats and dogs*. Pour ce qui est des locutions, *casser sa pipe* correspond à l'anglais *kick the bucket* ou *fruits de mer* à l'italien *frutti di mare*. La même chose est valable pour les langues de spécialité : une *agence de voyage* est, en anglais, une *travel agency* ; le *commerce électronique* est, en anglais, le *e-commerce (electronic commerce)*.

Que ce soit par l'activité d'interprétariat ou par l'activité de traduction à partir d'un texte écrit, le repérage des expressions idiomatiques est fondamental pour ne pas encourir dans des erreurs d'interprétation ou de reformulation. Cela concerne aussi bien les expressions idiomatiques plus opaques que les expressions idiomatiques plus transparentes. En particulier, pour ces dernières, une plus grande attention est demandée dans l'activité de décodage car leur transparence sémantique ne permet pas toujours leur identification ; néanmoins, une compétence de ce type – à savoir la compétence de savoir identifier et traiter les locutions – est capitale pour le travail de reformulation du texte et se reverse complètement sur l'activité d'encodage. Par exemple, il faudra savoir accorder à *agence de voyage* le statut de locution pour pouvoir traduire cette locution de manière adéquate dans la langue cible. En anglais, l'équivalent sera de la traduction mot-à-mot – *travel agency* – mais en italien il est nécessaire de savoir qu'une agence qui s'occupe d'organiser des voyages n'est pas une *\*agenzia di viaggi* mais une *agenzia viaggi*.

Voilà pourquoi une réflexion d'ordre métalexical – d'ordre métaterminologique dans notre cas – développant une conscience sur cet aspect

spécifique, est indispensable à propos des entités lexicales qu'un texte spécialisé peut présenter.

## 2. Termes simples et termes complexes

Les entités lexicales de type *locution* ont souvent été étudiées dans le cadre de la langue générale (voir à ce propos Gross 1996 ; Tollis 2001 ; Anscombre et Mejri 2011 ; Mel'čuk 2011 et 2013 ; González Rey 2015 ; Polguère 2015 ; Klein & Lamiroy 2016). Bien que des études récentes aient essayé de mettre au clair les propriétés phraséologiques de la langue de spécialité (L'Homme 2000 ; Vittoz 2005 ; Rosembaum 2016 ; Abreu 2018 ; Frassi, Calvi & Humbley à paraître), la terminologie a toujours préféré présenter les unités terminologiques à partir de la distinction entre termes simples et termes complexes ; cette distinction n'a pas toujours fait l'unanimité quant aux critères de classement de ces deux types de termes. Par exemple, pour Cabré (1992), les termes simples correspondent à des unités lexicales monomorphémiques, alors que les termes complexes incluent un grand nombre de cas de figures – depuis les dérivés morphologiques et les composés jusqu'aux syntagmes très fréquents en terminologie ; L'Homme (2004), en revanche, considère que la distinction entre termes simples et termes complexes repose sur un critère graphique, et ce, pour des raisons liées à l'extraction automatique. Ainsi, les termes complexes incluent de entités lexicales composées par plusieurs mots graphiques, alors que les termes simples correspondent à des entités lexicales correspondant à un seul mot graphique.

Quel que soit le critère de classement des termes – les deux, en effet, sont parfaitement motivés et également valables – de notre point de vue ce qui est intéressant c'est le repérage d'une entité linguistique multilexémique – le terme complexe – correspondant à plusieurs mots graphiques. Par exemple, dans le cadre du marketing (voir Frassi, Calvi & Humbley à paraître), il existe des entités terminologiques comme *point de vente* qui sont des unités multilexémiques correspondant, dans les classements respectifs de Cabré (1992) et L'Homme (2004) à un terme complexe. Cette unité multilexémique partage les mêmes propriétés que les entités lexicales de type *locution* telles qu'elles ont été observées dans la langue générale. Ainsi, *point de vente* est soumise aux blocages syntaxiques typiques des locutions identifiées par Gross (1996) ; ou encore, pour reprendre

les critères de classement de Mel'čuk (2013), *point de vente* est figée sur l'axe syntagmatique – il est difficile d'insérer d'autres entités linguistiques dans la locution, ex. : *\*nous avons prévu un point supplémentaire de vente vs. nous avons prévu un point de vente supplémentaire*. En outre, il y a un blocage opérant également sur l'axe paradigmatique : il n'est pas possible de remplacer l'un des deux éléments de la locution par un autre élément suffisamment synonymique pour avoir une locution acceptable ; par exemple, on ne pourrait jamais dire, en français, *\*endroit de vente*, *\*point de marché* ou *\*point de cession*.

Ces mêmes propriétés s'appliquent dans les autres langues (par exemple, en italien *punto vendita* n'accepte pas d'insertion de matériau linguistique – *\*abbiamo aperto un punto nuovo vendita vs. abbiamo aperto un nuovo punto vendita* ; les éléments qui composent la locution ne peuvent être remplacés par des éléments suffisamment synonymiques – *\*luogo vendita*, *\*luogo cessione*).

Ainsi, il existe vraisemblablement des entités lexicales qui sont des unités multilexémiques en langue générale comme en langue de spécialité. Ces unités multilexémiques ont le même statut dans les deux types de langues : elles sont perçues comme des blocs uniques de la part des locuteurs ; preuve en est le fait que, dans l'activité de traduction, une unité multilexémique dans une langue peut correspondre au même type d'unité multilexémique dans une autre langue. La conscience de ce type d'entité lexicale en terminologie est, de notre point de vue, un aspect indéniable. Il est toutefois nécessaire de mettre au point un classement des types d'unités multilexémiques en langue de spécialité ; celles-ci suivraient, comme nous l'avons déjà démontré (Frassi, Calvi & Humbley à paraître), les mêmes typologies que les phrasèmes dans la langue générale et seraient soumises aux mêmes restrictions syntactico-sémantiques. Néanmoins, les exigences de la langue de spécialité, qui se caractérise par un nombre extrêmement important de locutions faibles, comportent une typisation différente par rapport à la langue générale. C'est ce que nous allons essayer de découvrir par l'analyse des données issues d'un échantillon de textes provenant d'un *corpus* concernant le commerce international constitué au Département des Langues de l'Université de Vérone.



### 3. Le projet

En 2018 le Département des Langues et Littératures étrangères de l'Université de Vérone a obtenu un financement pour un projet d'envergure consacré aux humanités numériques (*Les humanités numériques appliquées aux langues et littératures étrangères*). Dans le cadre de ce projet, une équipe de recherche en linguistique française, dont nous faisons partie, s'occupe de constituer un *corpus* concernant le domaine du commerce international et d'extraire des données terminologiques dans l'objectif final de réaliser une base de données terminologiques représentant les différents types de termes sous forme de réseau terminologique.

Les textes constituant le *corpus* sont choisis sur la base de plusieurs critères thématiques, qui devraient permettre une représentation exhaustive du domaine. Le premier critère concerne la prise en compte du secteur de la macroéconomie et de l'économie internationale ; celui-ci est représenté par des textes qui déclinent ce même secteur du point de vue de la politique commerciale et des relations internationales ; ou, encore, de ses manifestations dans plusieurs pays ou régions ; ou, finalement, du point de vue des relations sociales. Le deuxième critère porte sur le secteur dans lequel s'inscrit le texte : il a fallu sélectionner un ensemble de textes qui soient représentatifs du secteur des produits et, pareillement, un autre ensemble suffisamment représentatif du secteur des services. Pour ce qui est du type d'entreprise, nous nous sommes bornés à cinq aspects majeurs, surtout dans l'objectif plus général du projet, qui prévoit la didactisation des données linguistiques à des étudiants de la filière des Langues pour le Commerce International : il s'agit donc du management, du marketing, de la logistique, du commerce électronique et du droit.

En plus des critères thématiques, nous avons adopté un critère chronologique et un critère concernant la typologie des textes.

Quant au critère chronologique, les textes relèvent de trois périodes-clés du commerce international : l'industrialisation (1850-1914) ; le boom économique (1945-1970) ; l'ère du commerce électronique et de l'économie numérique (1990-2018). Une approche diachronique à la terminologie nous permettra d'observer l'évolution des termes concernant ce domaine.

Les textes retenus sont de quatre types différents : textes institutionnels (ex. : rapports officiels) ; textes scientifiques ou académiques (ex. : thèses, actes de congrès) ; textes relevant de la presse spécialisée ; textes relevant de la documentation d'entreprise.

À l'heure actuelle, le *corpus* se compose de 445 textes (environ 10 000 000 de tokens).

#### 4. La méthodologie d'extraction et l'échantillon pris en compte

Afin de mener une étude pilote qui nous permette de présenter une ébauche des types de locutions faibles caractérisant le domaine de spécialité du commerce international, nous avons œuvré à partir des textes concernant deux sous-domaines :

- commerce électronique : 22 textes, dont 6 textes institutionnels, 7 textes académiques et 9 textes relevant de la presse spécialisée pour un total de 609 761 *word tokens* ;
- politique commerciale et relations internationales : 35 textes, dont 14 textes institutionnels, 5 textes académiques et 16 textes relevant de la presse spécialisée, pour un total de 628 399 *word tokens*.

L'extraction a été menée à partir du logiciel *Termostat* mis au point par Patrick Drouin à l'Université de Montréal. L'extraction purement quantitative nous a permis de repérer des segments multilexémiques qui se répètent fréquemment : elle nous a donné 596 unités multilexémiques pour le commerce électronique et 643 unités multilexémiques pour la politique commerciale et les relations internationales.

Nous avons passé en revue les unités multilexémiques qui nous ont été fournies par l'extracteur pour éliminer le bruit (ex. : *aide fournie, entreprises canadiennes, législateur français*). À l'issue de ce filtrage manuel, nous sommes parvenus aux unités multilexémiques suivantes :

- Commerce électronique : 238 unités multilexémiques, dont 154 locutions faibles, 73 locutions semi-compositionnelles et 11 locutions fortes ;

- Politique commerciale et relations internationales : 262 unités multilexémiques, dont 190 locutions faibles, 55 locutions semi-compositionnelles et 17 locutions fortes.

## 5. Types de locutions faibles

Les locutions faibles sont, par défaut, des locutions dont le sens est facilement accessible du fait de la transparence sémantique de leurs composantes. Ainsi, par exemple, le *commerce électronique* est un type de commerce qui exploite, pour sa réalisation, le moyen électronique ; ou, encore, un *canal de distribution* est un canal qui concerne la distribution des produits.

Les locutions faibles se caractérisent par la facilité de paraphrasage ; nous croyons que les paraphrases de ce type de locutions véhiculent des sémantismes particulièrement récurrents : chaque domaine de spécialité se sert de locutions faibles pour exprimer des sens dont il a la nécessité. Notre objectif est de typiser les locutions faibles à partir des sémantismes les plus récurrents, que nous allons identifier par la notion de *catégorie sémantique* : celle-ci renvoie à des sens très génériques, ayant une valeur fonctionnelle, que nous allons mesurer par la paraphrase du second élément de la locution, compte tenu du contexte dans lequel la locution apparaît. Rappelons que, puisque la locution est une unité multilexémique, elle inclut au moins deux éléments que nous allons appeler (suivant le modèle proposé par Mel'čuk 2013) A et B. Ainsi, par exemple, dans *point de vente*, l'élément A sera représenté par *point* et l'élément B par *vente*. La paraphrase de l'élément B sera 'qui a, pour fonction, la vente'. La catégorie sémantique représentée par cette locution, que nous allons déduire à partir de la paraphrase de l'élément B, sera *Fonction*.

Le typage des locutions faibles recouvre pour nous une importance non négligeable dans le cadre de l'objectif final du projet, à savoir la réalisation d'une base de données terminologiques concernant le commerce international. En effet, nous tenons à ce que cette base de données représente toutes les entités terminologiques (termes simples, termes complexes – locutions ou collocations) sous forme de réseau terminologique. La discrétisation de chaque type d'entité terminologique va nous servir pour en rendre la représentation aussi intuitive que possible.

Nous tenons à souligner que les dix sémantismes – *Concerner, Locatif, Manifestation, Moyen, Objectif/Fonction, Origine, Phases/Échelons, Reposer sur, S’occuper, Temps* – que nous présentons par ordre alphabétique, ne sont nullement exhaustifs en terminologie : ils ont été recensés uniquement à partir de notre étude pilote qui ne concerne que deux sous-domaines (voir §4).

### 5.1 Concerner

La paraphrase ‘qui concerne’ présente, sans aucun doute, le plus haut degré de généricité (ex. : *acte de commerce* = ‘qui concerne le commerce’).

Ce sémantisme est particulièrement récurrent dans les deux sous-domaines pris en compte : 56 occurrences dans le domaine du commerce électronique et 55 dans le domaine de la politique commerciale et des relations internationales.

### 5.2 Locatif

Nombreuses sont les locutions faibles véhiculant un sens locatif ; les paraphrases renvoyant à cette catégorie sémantique sont variées : par exemple, dans la locution *bloc régional* l’élément B se paraphrase par ‘qui se trouve dans une région’, dans *entreprise multinationale* l’élément B se paraphrase par ‘qui exerce son activité dans plusieurs lieux (nations)’, dans *marché extérieur* par ‘qui a lieu dans des pays étrangers’ etc.

Cela n’est pas étrange lorsqu’on adopte un critère reposant sur la notion de *catégorie sémantique* : comme nous l’avons déjà souligné (§ 5) une catégorie sémantique véhicule une idée très générique ; cet aspect peut comporter une paraphrase non univoque vis-à-vis de l’idée que la catégorie sémantique exprime.

Les locutions véhiculant la catégorie sémantique *Locatif* sont de loin plus nombreuses dans le domaine de la politique commerciale et des relations internationales (49 occurrences) que dans le domaine du commerce électronique (8 occurrences).

### 5.3 Manifestation

Le sémantisme *Manifestation* ('qui se manifeste par/sous forme de...' ; ex. : *argent électronique* = 'qui se manifeste sous forme électronique') n'est pas très récurrent dans les deux domaines – 8 locutions dans le domaine du commerce électronique et 3 seulement dans le domaine de la Politique commerciale et des relations internationales. Il serait nécessaire d'explorer d'autres domaines (sans doute plus techniques) pour avoir davantage de locutions faibles véhiculant ce sémantisme.

### 5.4 Moyen

Les locutions faibles dont l'élément B rentre dans la catégorie sémantique *Moyen* se paraphrasent assez régulièrement par 'qui se fait/a lieu par' (ex. : *vente directe* = 'qui a lieu sans intermédiaires' ; ou encore, *commerce électronique* = 'qui se fait par internet'). Elles sont beaucoup plus nombreuses dans le domaine du Commerce électronique (34) que dans celui de la politique commerciale et des relations internationales (4).

### 5.5 Objectif/fonction

Des locutions faibles dont l'élément B pourrait se confondre avec *Concerner* véhiculent le sens 'qui a un objectif/qui a une fonction' (ex. : *communication commerciale* = 'qui a comme objectif un produit du commerce'). Ce sémantisme est davantage représenté dans le domaine de la politique commerciale et des relations internationales (30 occurrences) alors qu'il l'est beaucoup moins dans le domaine du commerce électronique (5 occurrences seulement).

### 5.6 Origine

Cette catégorie sémantique, qui correspond *grosso modo* à la paraphrase 'qui a son origine dans' (ex. : *marque de fabrique* = 'qui a son origine dans une fabrique'), se retrouve statistiquement dans un nombre bien moins important de locutions : 3 pour chacun des deux domaines. Il serait nécessaire de tester sa productivité dans d'autres domaines.

## 5.7 Phases/échelons

Dans certains cas, l'élément B de la locution faible renvoie à une idée de phase ou d'échelon (ex. : *niveau initial, intermédiaire, final*, etc.). L'élément B de la locution se paraphrase à travers une expression qui met en évidence le rapport avec d'autres valeurs, dans une gradation possible qui peut être axée soit sur des phases (différentes phases allant du début à la fin, ex. *produit primaire, bien intermédiaire*) soit sur l'importance (+/- important, ex. un *pays émergent* est moins développé qu'un *pays développé* ; *société affiliée* joue un rôle secondaire par rapport à une *société principale*), soit sur des oppositions binaires, comme réel vs. virtuel (*client final, client potentiel*), admis/accepté vs. non admis/non accepté (*relations extrajudiciaires, relations extracontractuelles*), etc.

Les locutions faibles représentant ce type d'indice sémantique se trouvent dans les deux sous-domaines : 10 occurrences dans le de domaine du commerce international et 19 occurrences dans celui de la politique commerciale et des relations internationales.

## 5.8 Reposer sur

Les deux indices sémantiques *Origine* et *Reposer sur* (ex. : *publicité comparative* = 'qui repose sur une comparaison') pourraient apparaître comme très proches ; par ailleurs, pour certaines locutions faibles comme par exemple *pression concurrentielle*, que nous avons associée à l'indice sémantique *Origine*, on pourrait proposer la paraphrase 'qui repose sur' (*pression concurrentielle* = 'qui repose sur la concurrence'). Il est néanmoins nécessaire de préciser que toutes les locutions appartenant à la catégorie sémantique *Origine* ne sont pas paraphrasables par 'qui repose sur' : par exemple, *carte bancaire* ou *effet frontière* ne peuvent se paraphraser que par 'qui a son origine dans'. En outre, si dans certains cas les deux paraphrases pourraient paraître interchangeables, il existe une nuance de signifié entre les deux justifiant le choix de l'une d'entre elles – la plus proche de et la plus fidèle à la locution en question – pour l'élément B. À bien y penser, en effet, 'pression qui repose sur la concurrence' représente beaucoup moins le sens de *concurrentiel* que 'qui a son origine dans la concurrence'.

Nous avons recensé 9 locutions relevant de cette catégorie sémantique pour le domaine du commerce électronique et 15 pour le domaine de la politique commerciale et des relations internationales.

### 5.9 *S'occuper*

Comme c'est le cas pour le sémantisme *Objectif/fonction*, le sémantisme *S'occuper* peut se confondre avec la catégorie sémantique *Concerner*. Il est toutefois nécessaire de distinguer les cas qui ne peuvent se paraphraser que par 'qui concerne', des cas qui ont un sémantisme plus spécifique. Par exemple, la locution établissement commercial pourrait, à première vue, être paraphrasée par 'qui concerne le commerce' ; une lecture plus attentive de cette locution nous permet toutefois de la paraphraser par 'qui s'occupe de commerce' : cette dernière paraphrase est sans aucun doute plus fidèle au sémantisme de la locution que la première.

Nous avons recensé 16 locutions de ce type pour le domaine du commerce électronique et 11 pour le domaine de la politique commerciale et des relations internationales.

### 5.10 *Temps*

Nous consacrons un dernier paragraphe à une catégorie sémantique concernant une seule locution, recensée dans le *corpus* Politique commerciale et relations internationales : il s'agit de la catégorie sémantique « temps », que l'on peut associer à la locution *service après-vente* et qui véhicule une idée correspondant à la paraphrase 'qui a lieu à un moment *x*'. Reste à vérifier la valeur généralisable de cette catégorie sémantique par l'identification de locutions faibles de ce type à travers une étude portant sur un plus vaste *corpus* étendu à d'autres domaines.

## Conclusions

Notre réflexion, qui a concerné un aspect métalexical – ou mieux, métaterminologique – s'est concentrée sur les locutions faibles et, plus particulièrement, sur le repérage de catégories sémantiques pouvant les typer. Cette réflexion est exploitable non seulement dans le domaine de la terminologie, mais également dans le domaine de la médiation linguistique.

En terminologie, en effet, l'identification de types divers d'entités lexicales s'avère utile dans la phase de représentation des données, surtout si celles-ci sont représentées par une base de données informatisée et que l'on se propose l'objectif de rendre les données facilement accessibles pour l'utilisateur (dans ce cas quant à leur signifié) : chaque type de locution – dans notre cas chaque type de locution faible – recevra une représentation différente suivant la catégorie sémantique qui la représente.

En terminologie comme en médiation linguistique, la typisation des locutions faibles (et, plus généralement, celle de tous les types de locutions), recouvre un intérêt théorique et pratique. L'intérêt théorique consiste dans le repérage de ces types d'entités lexicales et dans leur classement, ainsi que dans la proposition d'un ensemble de propriétés syntactico-sémantiques qui permettent de les distinguer des syntagmes libres ; les propriétés des locutions faibles ainsi que leur typisation devraient faire l'objet d'une formation *ad hoc* qui va être utile dans l'activité pratique liée aussi bien à la terminologie qu'à la médiation linguistique. Quant à cette dernière, une bonne compétence métaterminologique, à développer via un parcours didactique spécifiquement consacré au lexique, va permettre d'éviter des erreurs en phase de décodage et d'encodage d'entités terminologiques de type *locution*.

Les types de locutions que nous avons présentées ne constituent, sans doute, qu'une partie du typage possible concernant les locutions faibles et, plus généralement, tous les types de locutions. Elles représentent, néanmoins, une première tentative dans cette direction et, sans doute, le noyau dur des sémantismes les plus récurrents concernant ce type spécifique d'entités lexicales. En outre, ces résultats mettent en évidence le fait que certaines catégories sémantiques caractérisent, plus que d'autres, certains domaines de spécialité : ainsi, par exemple, la catégorie sémantique *Locatif* est plus récurrente dans le domaine de la politique commerciale et des relations internationales ; la catégorie sémantique *Moyen*, en revanche, est plus récurrente dans le domaine du commerce international.

Nous croyons que l'étude que nous avons proposée est sans doute applicable aux autres types de locutions (locutions semi-compositionnelles et locutions fortes) toujours dans l'objectif d'abord terminologique, puis lié à la médiation linguistique, de perfectionner les notions métalexicales :



leur acquisition est ainsi indispensable pour les activités liées aux reformulations de textes d'une langue source à une langue cible ou, encore, de traduction ou d'interprétation.

## Références bibliographiques

- ABREU, Sabrina Pereira de. 2018. « Considerações sobre a natureza colocacional e locucional de sintagmas terminológicos ». *ReDILLeT*, n° 1(2) (En ligne : <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ReDILLeT/article/view/22266>).
- ADEN, Joëlle. 2012. « La médiation linguistique au fondement du sens partagé : vers un paradigme de l'énonciation en didactique des langues ». *Ela. Études de linguistique appliquée*, n° 167, pp. 267-284.
- ANSCOMBRE, Jean-Claude ; MEJRI, Salah (éds.). 2011. *Le figement linguistique : la parole entravée*. Paris : Champion.
- CABRÉ, Maria Teresa. 1992. *La terminologia. La teoria, els mètodes, les aplicacions*. Barcelona : Empúries.
- CONSEIL DE L'EUROPE. 2001. *Cadre européen commun de référence pour les langues*. Paris : Didier.
- DE GIOIA, Michele. 2016. « Médiation et droits linguistiques : une mise en relation ». *Ela. Études de linguistique appliquée*, n° 181, pp. 11-22.
- FRASSI, Paolo ; CALVI, Silvia ; HUMBLEY, John. À paraître. *Fouilles de textes et repérage d'unités phraséologiques*. Dans *TOTH 2019, Terminologie & Ontologie : Théories et Applications*. Chambéry : Éditions de l'Université Savoie Mont Blanc.
- GONZÁLEZ REY, Isabel. 2015. *La phraséologie du français*. Toulouse : Presses universitaires du Midi.
- GROSS, Gaston. 1996. *Les expressions figées en français : noms composés et autres locutions*. Paris : Ophrys.
- JACQUES, Marie-Paule ; TUTIN, Agnès (éds.). 2018. *Lexique transversal et formules discursives des sciences humaines*. Londres : ISTE Éditions.
- KLEIN, Jean René ; LAMIROY, Béatrice. 2016. « Le figement : unité et diversité. Collocations, expressions figées, phrases situationnelles, proverbes ». *L'Information Grammaticale*, n° 148, pp. 15-20.
- L'HOMME, Marie-Claude. 2000. « Understanding Specialized Lexical Combinations ». *Terminology*, n° 6(1), pp. 89-109.
- L'HOMME, Marie-Claude. 2004. *La terminologie : principes et techniques*. Montréal : Les Presses de l'Université de Montréal.

PAOLO FRASSI

- MEL'ČUK, Igor. 2011. Phrasème dans le dictionnaire. Dans J.-C. Anscombre et S. Mejri. *Le figement linguistique : la parole entravée*. Paris : Honoré Champion, pp. 41-61.
- MEL'ČUK, Igor. 2013. « Tout ce que nous voulions savoir sur les phrasèmes mais... » *Cahiers de Lexicologie*, n° 102, pp. 129-149.
- POLGUÈRE, Alain. 2015. « Non compositionnalité : ce sont toujours les locutions faibles qui trinquent ». *Verbum*, n° 37(2), pp. 257-280.
- ROSEMBAUM, Franková, Lucia. 2016. « Phrasèmes spécialisés dans les textes économiques ». *Cahiers de lexicologie*, n° 108(1), pp. 43-57.
- TOLLIS, Francis (éd.). 2001. *La locution et la périphrase du lexique à la grammaire*. Paris : L'Harmattan.
- Termostatweb* (<http://termostat.ling.umontreal.ca/>)
- VITTOZ, Marie-Berthe. 2005. *Les locutions en discours. Vers un inventaire de formes idiomatiques dans la langue des affaires Français-Italien*. Alessandria : Edizione dell'Orso.
- WEISSMANN, Dirk. 2012. « La médiation linguistique à l'université : propositions pour un changement d'approche ». *Ela. Études de linguistique appliquée*, n° 167, pp. 313-324.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2018. *Che cos'è la terminologia*. Roma : Carocci.

# Discursos de especialidade e recursos terminológicos: mediação e dinamismo

Maria de Fátima Noronha  
Manuel Célio Conceição  
*CIAC / Universidade do Algarve*

---



## 1. Mediação e dinamismo dos discursos de especialidade

A mediação pode ser definida como um processo complexo de construção e/ou desconstrução que, pela verbalização, transforma conceitos em unidades linguísticas/discursivas ou que, pela adaptação de verbalização existente, torna essas unidades acessíveis a públicos diferenciados e contextualmente regulados (na mesma língua ou em línguas diferentes).

As grandes quantidades de informação a que atualmente estamos expostos provocam mudanças incessantes na realidade social e nas percepções individuais. À medida que os saberes se desenvolvem em novas áreas, surge a necessidade não só de conhecer e compreender melhor todos os aspetos da experiência humana, mas também de organizar a informação, estruturá-la e comunicar o conhecimento adquirido e acumulado. A linguagem humana e as línguas em que nos manifestamos são indissociáveis deste propósito, surgindo como um fator impulsionador das mudanças verificadas a nível social, cultural, técnico e científico e como um dos aspetos da vida humana mais influenciados por fatores externos. A interligação entre linguagem, cognição, cultura e sociedade refletem-se nas palavras de Sapir (1929):

It is quite an illusion to imagine that one adjusts to reality essentially without the use of language and that language is merely an incidental means of solving specific problems of communication or reflection. (pág. 208)

Conceição (2018) afirma que, «*uma língua natural não é um mero código de comunicação e que o conhecimento da estrutura e o seu uso de forma mais ou menos automática não garante domínio do ato comunicativo nem a possibilidade de gestão estratégica do mesmo*» (p. 28). O autor refere-se ao conceito de língua nas suas funções «*de concetualização, de tematização*

*e de topicalização que lhe permitem também assumir-se como mediadora» (idem).*

O conceito de mediação, avançado por Vygotsky (1986), pressupõe a existência de um “elo” constituído pelos recursos cognitivos, linguísticos, sociais, culturais, etc., aos quais recorreremos para processar, estruturar e reorganizar a informação. O conceito atual de mediação alargou-se a vários ramos do conhecimento e domínios científicos, podendo desempenhar várias funções em diversas atividades humanas. Considerando a comunicação verbal, a mediação linguística, segundo Rousseau (2007: 1) pode ser definida como (...) *toute activité de communication nécessitant la transformation ou l’adaptation d’un message parlé ou écrit, de manière à le rendre intelligible à un public cible dans une situation linguistique donnée.*

Dado a comunicação implicar também um processo linguístico de verbalização, a terminologia assume-se como uma atividade de mediação (Conceição, 2005: 23), facilitando os processos de partilha e transferência do conhecimento especializado e colocando este conhecimento ao dispor de vários profissionais, como tradutores, intérpretes, formadores e dos próprios especialistas das diferentes áreas de conhecimento.

Se uma unidade terminológica procura assim transmitir significado, o processo de transferência está indissociavelmente ligado à sua verbalização. Segundo algumas abordagens da terminologia, as unidades terminológicas são unidades de conhecimento porque refletem a organização conceptual de um determinado domínio por parte de um especialista, podendo ser comunicadas (Cabré, 1993). Temmerman (2000: 62), por sua vez, corrobora o papel da linguagem e da língua na construção desse conhecimento e na forma como entendemos a realidade, ao afirmar que a língua é uma forma de expressão da nossa perceção e da conceção do mundo, não sendo possível separar o entendimento que temos sobre a linguagem do entendimento que temos do mundo. Assim, o estudo do potencial cognitivo e da forma como as línguas naturais se desenvolvem, nomeadamente através dos termos, unidades lexicais de domínios especializados que são o objeto de estudo da terminologia, constitui uma das formas de compreender não apenas como se estrutura o conhecimento humano, mas também a sua dinâmica, porque *é pela língua e na língua que construímos e disseminamos saberes* (Conceição, 2018).

As unidades terminológicas encontram-se em contextos e discursos especializados de uma determinada comunidade de falantes. Nos discursos, os termos são verbalizados, comunicados e, também, graças a vários fatores de ordens intra e extralinguísticas, alterados. E, enquanto representações linguísticas de conceitos, os termos são uma das etapas no processo de formação de um conceito e o reflexo da forma como o conhecimento está estruturado (Fernández-Silva, Freixa, & Cabré, 2014). A variação terminológica reflete então o constante e contínuo dinamismo dos diversos domínios especializados e mudanças nas necessidades e nas atividades humanas.

O trabalho terminográfico, por seu turno, tem como finalidade prática cumprir a função de mediação comunicativa ao disponibilizar os resultados da sua atividade sob a forma de produtos terminológicos, recursos linguísticos precisos e fiáveis que possam ser utilizados por vários profissionais (especialistas, formadores, tradutores e outros profissionais das indústrias da língua) ou pelo público em geral. É assim, essencial que consiga compreender, capturar e representar o dinamismo inerente aos discursos de especialidade para que o produto final apresente a qualidade que os profissionais requerem. Porém, capturar o dinamismo dos discursos de especialidade, em todas as suas dimensões, não é uma tarefa simples, uma vez que a evolução do conhecimento e dos conceitos é constante. As mudanças ocorrem, de facto, a um ritmo diário, durante os processos de verbalização. Manifestam-se, como já referimos, como alterações internas ao plano linguístico (variação terminológica e lexical, neologismos) ou externas (por decisões a nível das políticas de língua e de comunicação).

Devemos então, no decorrer do trabalho terminográfico, ter sempre presente que o objeto da terminologia, a unidade terminológica, é multidimensional, devendo ser abordado pela sua vertente cognitiva, linguística e comunicativa (Cabré, 2003). Por conseguinte, os fenómenos de dinamismo terminológico e de variação devem também ser estudados a nível conceptual, linguístico e socio-comunicativo, como refere Tercedor-Sánchez (2011):

Multidimensionality is thus a key aspect in terminology since it highlights a particular dimension of a concept. It underlies terminological variation and can be regarded as a dynamic and situated phenomenon. (pág. 184)

A multidimensionalidade dos termos aumenta a complexidade do estudo da dinâmica terminológica, que deve ter em conta os diferentes fatores intra e extralinguísticos que podem influir na variação terminológica.

Em particular, a perspetiva diacrónica de curto prazo tem sido objeto de pouca atenção, dado que muitas correntes da terminologia têm optado por uma linha normalizadora, procurando eliminar a variação nas suas diferentes manifestações (Picton, 2014). Porém, este é um aspeto relevante uma vez que muitos domínios especializados, nomeadamente da área tecnológica, evoluem de forma muito acelerada. Só a deteção atempada dos fenómenos de variação, neste caso, a nível diacrónico de curto prazo, pode contribuir para uma comunicação mais eficaz. Assim, esta abordagem é relevante para compreender a evolução sofrida pelos termos do domínio e para produzir recursos linguísticos precisos e atualizados como os que são continuamente procurados pelos tradutores das áreas técnicas.

Outras formas de variação (diatrática e diafásica) levantam também questões sobre a utilização do termo fora dos limites dos domínios especializados com a perda de controlo sobre o termo no processo de vulgarização (Delavigne, 2017), mas também com as clivagens existentes entre diferentes comunidades e tipologias de especialistas (Picton & Dury, 2017). Numa perspetiva da análise do discurso, Tercedor-Sánchez & López-Rodríguez (2012) consideram o registo como a origem deste tipo de variação:

(...) terminological variation due to register mainly encompasses variation reflecting the social relation between the participants (formal register) as well as the knowledge shared by participants (technicality or degree of specialization). For example, a doctor can use the expression chemo in an informal situation with a colleague, low-dose chemotherapy in a research journal, and medication to communicate with his/her patient. (pág. 255)

O dinamismo terminológico, manifestando-se no discurso, obriga, assim, a uma análise linguística dos fenómenos associados. A abordagem linguística tem constituído a forma mais viável do terminólogo conseguir aceder ao conceito porque, nem sempre, por questões práticas, o pode fazer através do especialista e, mais ainda, não possui o conhecimento estrutu-



rado como o especialista possui. Mais a jusante, o tradutor, por exemplo, como consumidor do produto do trabalho terminológico e, na sua atividade, também, de mediador comunicativo, tem de acompanhar a dinâmica natural dos discursos de especialidade e transferir com precisão o conhecimento para a língua de chegada. Para tal depende de recursos terminológicos que têm de ser constante e continuamente atualizados e adequados à tipologia discursiva e às especificidades comunicativas adequadas.

## 2. Adequação dos recursos terminológicos

A tradução tem um papel fundamental na mediação comunicativa e na transferência de conhecimentos especializados em contextos multilingues. A falha na utilização de um recurso terminológico adequado por parte de um tradutor pode implicar uma quebra da qualidade da tradução e uma falha na comunicação. E as falhas podem tornar-se recorrentes perante as exigências do meio profissional da tradução, que surgem não só em termos de qualidade, mas também de prazos cada vez mais apertados, com a competição da inteligência artificial cada vez mais evidente, como constatam Noronha & Conceição (2017):

Num mundo profissional extremamente competitivo como o da tradução, em que os diferentes atores (clientes, agências de tradução e tradutores autónomos) trabalham em contrarrelógio para cumprir prazos de entrega, a gestão da terminologia acaba reduzida a um mero processo de determinação de equivalentes e construções de glossários muito específicos. Este facto cria um conflito no tradutor entre aquilo que lhe é exigido em termos de produtividade e, simultaneamente, em termos de qualidade (pág. 57).

Assim, ao tradutor é exigido não só que cumpra os aspetos contratuais de um trabalho, mas, acima de tudo, que conheça suficientemente bem o domínio de trabalho, a sua terminologia, mas igualmente as particularidades retóricas, ou seja a forma como os termos se comportam no discurso. Para os ajudar nesta tarefa, e conseguirem acompanhar o ritmo das mudanças do discurso especializado, os tradutores recorrem a recursos linguísticos (lexicográficos e terminográficos) que se lhes afiguram adequados e atualizados para trabalhar com o tipo do texto de partida. Trata-se assim, de certa

forma, de estabelecer uma relação de confiança em relação a esses recursos. Porém, muitas vezes, estes profissionais encontram dificuldades no momento de selecionar o recurso que mais se adequa às suas necessidades. Tais dificuldades podem ser, mas não só, limitações na combinação entre o domínio e as línguas de trabalho, a desatualização do próprio recurso, ou, a tipologia dos *corpora* de extração terminológica utilizados para a elaboração do recurso. Num estudo realizado anteriormente (Noronha & Conceição, 2017; Noronha, 2018 no domínio da «Aquacultura» e para o Português europeu, foi realizada uma análise qualitativa sobre a adequação dos principais recursos terminológicos públicos, e mais amplamente reconhecidos, no seio da comunidade de tradutores. Nesta avaliação, demonstraram-se algumas das dificuldades e limitações que os tradutores enfrentam ao selecionar um recurso. Por um lado, as limitações podem, à partida, ter origem numa cobertura insuficiente em recursos terminográficos multilíngues em Português (variante europeia). No entanto, quando o recurso existe para o par linguístico, muitas vezes surgem formas de variantes terminológicas (denominativas) não controladas, ou seja, variação não justificada em termos de uso, por exemplo, devido a distintas tipologias discursivas ou a aspetos de índole cultural. Alguns exemplos são apresentados na Tabela 1.

	<b>Casos</b>	<b>Língua de partida (EN)</b>	<b>Língua de chegada (PT)</b>
<b>1</b>	Variação interinstitucional (Parlamento Europeu, Comissão Europeia e Conselho Europeu)	IATE-130463 <i>shellfish water</i> <i>waters favourable to shellfish growth</i>	IATE-130463 água conquícola água favorável à <i>moluscicultura</i>
		IATE-765255 <i>shellfish water</i> <i>shellfish-breeding water</i>	IATE-765255 <i>águas conquícolas</i>
<b>2</b>	Inconsistências	<i>fish hatchery</i> <i>hatchery</i>	> <i>incubadora</i> > <i>local de alevinagem</i>
<b>3</b>	Vocabulário corrente	<i>gill</i>	<i>guelra</i>
<b>4</b>	Incoerência conceptual	<i>oyster seed</i>	≠ <i>ova de ostra</i>
<b>5</b>	Fossilização	<i>aquaculture, sea farming</i>	aquicultura, maricultura

Tabela 1 - Casos e exemplos de variação terminológica não controlada – IATE

No exemplo #1, estamos perante diferentes denominações adotadas por diferentes instituições (Parlamento Europeu, Comissão Europeia e Conselho Europeu), independentemente do facto de remeterem para o mesmo conceito. No exemplo #2, a variação surge dentro da mesma instituição, neste caso o Parlamento. A única indicação fornecida ao tradutor é o grau de fiabilidade do termo (em ambos os casos 3 em 3). Em relação ao exemplo #3, verifica-se a utilização de um termo vulgarizado (*gueltra*) ou, pelo menos, não adequado ao contexto. Neste caso, a denominação *brânquia*, mais frequente em discurso técnico-científico, deveria ter sido sugerida. O exemplo seguinte (#4) remete em português para algo conceptualmente muito distinto de *oyster seed*. De facto, *ova de ostra* refere-se às gónadas reprodutoras dos bivalves e não às larvas, como *oyster seed* denota. Por fim, no último exemplo (#5) são utilizadas denominações que foram propagadas após usos repetidos. Ao serem acrescentadas a um recurso como a IATE, acabaram por se tornar a norma, isto é, acabam por fossilizar.

A maior parte dos recursos terminológicos são elaborados a partir dos bancos de dados de grandes organizações internacionais ou empresas multinacionais e, não poucas vezes, estão pensados para uso interno, no seio da própria organização, adequando-se a um modo discursivo e/ou domínio particular.

A utilização de um recurso terminológico não adequado à tipologia discursiva representa muitas vezes uma falha com consequências na transmissão dos saberes do domínio e na qualidade da tradução. Por um lado, dada a confiança nas fontes, acaba por gerar uma fossilização da terminologia, como no exemplo #5, da Tabela 1, e uma disseminação não controlada de variantes feita em sentido descendente, ou seja, *top-down*. Nos casos das bases de dados feitas com finalidades jurídicas e administrativa, essa disseminação acaba, pelo trabalho dos tradutores, por se propagar às áreas técnico-profissionais e científicas, propagando terminologias não totalmente reconhecidas ou aceites pelos especialistas do domínio.

### 3. Proposta do projeto «Aquacultura e Pescas»

O trabalho anterior pôs em evidência a necessidade de desenvolver metodologias que permitam ao terminólogo produzir recursos mais adequados a aproximados possíveis às necessidades específicas dos tradutores

em diversos domínios e tipologias discursivas. Com esta finalidade, foi proposto um recurso terminológico que disponha de informação de especialidade num domínio em particular, a aquacultura, recorrendo a *corpora* técnicos e científicos produzidos a partir dos trabalhos realizados por investigadores e técnicos da Universidade do Algarve e seus parceiros na região. Pretende-se que o recurso terminológico a desenvolver mantenha as seguintes características:

- a) Tipologia: base de conhecimento terminológico
- b) Domínio: *Aquacultura*
- c) Recurso multilingue; português europeu como língua principal
- d) Validação feita em colaboração com especialistas da área
- e) *Corpora* de extração – documentação técnica e científica

No trabalho preliminar já realizado (Noronha, 2018), demonstrámos a possibilidade de construir um tendo por base em textos científicos e técnicos os resumos de teses de doutoramento e dissertações de mestrado submetidas na Universidade do Algarve. Assim, foi possível constituir os seguintes *corpora* (Tabela 2):

<i>Corpus</i>	Língua	Número de palavras
<i>Corpus</i> principal textual-PT	Português	203 488
<i>Subcorpus</i> -resumos-PT	Português	23 610
<i>Subcorpus</i> -resumos-EN	Inglês	12 934

Tabela 2 - *Corpora* obtidos – Aquacultura

Para extração e análise utilizaram-se, de forma complementar, dois sistemas de código aberto e livre acesso: um programa de extração, TermStat<sup>1</sup>, e um programa para análise de concordâncias, AntConc<sup>2</sup>. Os dois *subcorpora* foram analisados sequencialmente, utilizando-se o *corpus* em português como texto de partida. Em primeiro lugar, o *subcorpus* foi processado

<sup>1</sup> TermStat Web 3.0. Disponível em linha em [http://termostat.ling.umontreal.ca/doc\\_termostat/doc\\_termostat\\_en.html](http://termostat.ling.umontreal.ca/doc_termostat/doc_termostat_en.html) [acedido em 10/01/2018]

<sup>2</sup> AntConc 3.4. Disponível em linha em <http://www.laurenceanthony.net/software.html> [acedido em 19/10/2017]

pelo TermStat para análise de nomes simples (verbos, nomes e adjetivos) e compostos, obtendo-se uma primeira listagem de 2 592 formas candidatas a termos. As formas extraídas (simples e compostas) foram submetidas a uma análise de concordâncias, tendo sido igualmente utilizados o TermStat e o AntConc, o qual permite uma avaliação mais granular das formas e a aplicação de vários filtros. A Tabela 3 apresenta alguns exemplos das formas simples com maior frequência e candidatos a termo incluídos por essas formas.

Candidato de reagrupamento	Frequência	Candidatos a termo incluídos
crescimento	130	crescimento larvar – taxa de crescimento
dieta	117	dieta inerte
peixe	112	larvas de peixe – óleo de peixe – farinha de peixe
espécie	100	espécie cultivada
produção	87	tanque de produção
larva	78	larva de peixe
cultivo	76	cultivo larvar – protocolo de cultivo – tanque de cultivo – sistema de cultivo
tanque	70	tanque de produção – tanque de cultivo – tanque de terra
taxa	65	taxa de conversão – taxa de assentamento – taxa de crescimento – taxa de sobrevivência

Tabela 3 - Formas simples mais frequentes e candidatos a termo

No entanto, verificou-se não ser possível o alinhamento, uma vez que raras vezes os resumos das teses representam uma tradução direta para a língua de chegada. A maior parte deles constitui uma transcrição do texto original, recorrendo frequentemente a reformulações e afastando-se deste em termos estruturais e em termos de volume. A pesquisa de equivalentes em inglês foi realizada, tendo em linha de conta de que se está perante um *corpus* comparável, ou que apenas apresenta algum paralelismo pontual. A procura por equivalentes fez-se por pesquisa de marcadores de ligações

semânticas e morfossintáticas<sup>3</sup> com outras formas, estabelecendo uma correspondência com a língua de chegada (Aker, Paramita, & Gaizauskas, 2013) pela funcionalidade «Structuration» do TermStat em conjunto com o AntConc. Outra estratégia consistiu em recorrer à utilização das siglas/acrónimos como marcadores dos equivalentes, uma vez que muitas formas abreviadas mantêm a grafia inglesa (por exemplo, IMTA ou PUFA). Por outro lado, sendo o uso de prefixos e/ou palavras compostas de origem greco-latina bastante abundante e transversal a ambas as línguas, outra estratégia de marcação para a extração de equivalentes pode ser delineada seguindo este tipo de denominações. A Tabela 4 apresenta alguns exemplos:

PT	EN	Observações
<b>aquacultura semi-intensiva; piscicultura semi-intensiva</b>	semi-intensive aquaculture	concordâncias com <i>aquacultura / semi-intensivo</i>
<b>aquacultura multitrófica integrada</b>	integrated multi-trophic aquaculture (IMTA)	acrónimos
<b>alimento vivo</b>	life food	associação alimento<->-food

Tabela 4 - Exemplos de equivalente obtidos para o Inglês a partir do Português

Entre os vários problemas encontrados e limitações enfrentadas, conta-se o tipo de *corpora* com que se será necessário trabalhar futuramente. De facto, perante *corpora* comparáveis, a metodologia de extração altera-se substancialmente. No entanto, a extração em *corpora* comparáveis apresenta, segundo Rigouts Terry, Hoste, & Lefever (2018), vantagens quando a disponibilidade de materiais traduzidos é limitada, nomeadamente se tivermos em consideração as línguas com menos materiais traduzidos e/ou domínios novos ou menos comuns. O desafio em *corpora* comparáveis consiste, porém, em encontrar equivalentes (caso existam) e a impossibilidade de alinhamento dos *corpora*.

<sup>3</sup> Um exemplo são os marcadores de reformulação (cf. Conceição, 2005)

## Considerações finais

Como referimos anteriormente, este trabalho constitui uma fase preliminar de um futuro projeto em desenvolvimento na Universidade do Algarve. O objetivo será poder contribuir para a obtenção de um recurso terminológico multilingue, mais adaptado às necessidades dos profissionais das indústrias da língua, atualizado e dinâmico.

Procurar-se-á que o recurso seja desenvolvido e implementado para outras áreas do conhecimento em que a Universidade e a região tenham interesses em termos de investigação. Não é somente o caso das Ciências e Tecnologias Marinhas, mas também a Medicina, a Biomedicina ou o Turismo. Por outro lado, esta base de dados, poderá contribuir para facilitar o trabalho e a produtividade dos profissionais que necessitam de recursos linguísticos e terminológicos, nomeadamente os tradutores, contribuindo também para harmonizar a comunicação dos investigadores e a qualidade dos seus textos.

Por conseguinte, e tendo a terminologia uma função de mediação comunicativa, esta seria uma forma de unir o trabalho das ciências sociais e humanas ao de outras áreas científicas e técnicas num objetivo comum: melhorar a comunicação e a partilha de informação e tornar-se também aqui uma referência pelo reconhecimento do serviço prestado.

## Referências bibliográficas

- AKER, A., PARAMITA, M., & GAIZAUSKAS, R. (2013). Extracting Bilingual Terminologies from Comparable Corpora. *Proceedings of the 51st Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics*, 402–411.
- CABRÉ, M. T. (1993). *La Terminología – Teoría, Metodología y Aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries.
- CABERÉ, M. T. (2003). Theories of terminology. *Terminology*, 9(2), 163–199. <https://doi.org/10.1075/term.9.2.03cab>
- CONCEIÇÃO, M. C. (2005). *Concepts, termes et reformulations*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- CONCEIÇÃO, M. C. (2018). Português na casa do mundo: terminologias e políticas linguísticas. In H. Barroso (Ed.), *O Português na Casa do Mundo, Hoje* (pp. 27–38). Braga: Edições Húmus.

- DELAVIGNE, V. (2017). Term usage and socioterminological variation: The impact of social and local issues on the movement of terms. In P. DROIUN *et al.* (Eds.), *Multiple Perspectives on Terminological Variation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.18>
- FERNÁNDEZ-SILVA, S. *et al.* (2014). A method for analysing the dynamics of naming from a monolingual and multilingual perspective. In R. TEMMERMAN & M. van CAMPENDHOUDT (Eds.), *Dynamics and Terminology: An interdisciplinary perspective on monolingual and multilingual culture-bound communication* (pp. 183–212). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.16.10fer>
- NORONHA, F. (2018). *Proposta para a criação de um recurso terminológico no domínio da aquacultura*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, Faro: Universidade do Algarve.
- NORONHA, F., & CONCEIÇÃO, M. C. (2017). Fixação terminológica por tradutores: em busca da normalização perdida! In *XIII Jornada Realiter: Terminologia per a la normalització i terminologia per a la internacionalització* (pp.56-67). Barcelona: Realiter.
- PICTON, A. (2014). The dynamics of terminology in short-term diachrony. In R. TEMMERMAN & M. van CAMPENDHOUDT (Eds.), *Dynamics and Terminology: An interdisciplinary perspective on monolingual and multilingual culture-bound communication* (pp. 159–182). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.16.09pic>
- PICTON, A., & DURY, P. (2017). Diastatic variation in language for specific purposes. In P. DROIUN *et al.* (Eds.), *Multiple Perspectives on Terminological Variation* (pp. 57–80). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tlrp.18.03pic>
- RIGOUTS TERRY, A. *et al.* (2018). A Gold Standard for Multilingual Automatic Term Extraction from Comparable Corpora: Term Structure and Translation Equivalents. In *Proceedings on 11th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC) 2018* (pp. 1803–1808). Miyazaki: ELRA.
- ROUSSEAU, L.-J. (2007). La médiation linguistique : vers l'adaptation des principes méthodologiques et des pratiques terminographiques. In *Actes de la III Journée Realiter*. Bertinoro, in [http://www.realiter.net/wp-content/uploads/2013/07/Louis-Jean\\_Rousseau.pdf](http://www.realiter.net/wp-content/uploads/2013/07/Louis-Jean_Rousseau.pdf)
- SAPIR, E. (1929). The Status of Linguistics as a Science. *Language*, 5(4), 207–214.
- TEMMERMAN, R. (2000). *Towards New Ways of Terminology Description: The Sociocognitive-approach*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.



- TERCEDOR-SANCHÉZ, M. (2011). The cognitive dynamics of terminological variation. *Terminology*, 17(2), 181–197. <https://doi.org/10.1075/term.17.2.01ter>
- TERCEDOR-SANCHÉZ, M., & LÓPEZ-RODRIGUEZ, C. I. (2012). Access to health in an intercultural setting: The role of corpora and images in grasping term variation. *Linguistica Antverpiensia*, 11, 247–268.
- VYGOTSKY, L. (1986). *Thought and Language*. Cambridge, Massachussets/London, England: The MIT Press.



# Terminologie et médiation linguistique dans les filières de langues à l'Université. Bilan et enjeux

Rosa Maria Fréjaville  
Raphaèle Dumont  
Andreia Silva-Mallet  
*Université Jean Monnet, Saint-Étienne*

---



La médiation linguistique est un élément essentiel dans le processus d'apprentissage des langues. Elle est un facteur déterminant pour la réussite du multilinguisme, de l'intercompréhension, de l'interculturalité et de la pluriculturalité. Préconisée par le CECRL, la médiation est également un outil de la politique linguistique de l'Union Européenne et elle doit être appliquée à travers des tâches d'apprentissage concrètes. C'est d'ailleurs dans le dernier remaniement du CECRL, en 2018, qu'apparaît explicitement la question de la médiation, jusque-là sous-entendue. Au vu de ces enjeux, une véritable planification de la médiation linguistique dans les enseignements de langue, au sein des programmes et des pratiques didactiques, tant dans le secondaire que dans l'enseignement supérieur, s'avère indispensable.

Dans ce contexte, il convient de s'interroger sur la place de la terminologie au service des méthodologies liées à la question de la médiation linguistique. Il ne peut en effet y avoir de médiation sans terminologie. Comme l'affirme Loïc Depecker, « la terminologie ne porte pas seulement sur les langues, elle porte aussi sur les objets, les concepts et les représentations que nous nous en faisons »<sup>1</sup>. La Terminologie, comme science, est donc indissociable de la médiation dans la mesure où ses approches sont multiples (systémique, textuelle et linguistique, communicationnelle, socio-terminologique et culturelle).

Ces éléments nous amènent directement à notre problématique qui met en lien Terminologie, médiation et formation : nous nous poserons la question de savoir quelle place occupent la Terminologie et la médiation

---

<sup>1</sup> DEPECKER, Loïc. 2013. "Pour une ethnoterminologie". Dans tous les sens du terme. Collection Regards sur la traduction. Ottawa : Presses Universitaires d'Ottawa. Office Québécois de la langue française, p. 13-30 (14).

linguistique dans les filières de langue à l'université. Cette première interrogation nous amènera à nous questionner sur la médiation et sa mise en pratique actuelle et concrète : telle qu'elle est mise en place, la médiation linguistique permet-elle de répondre aux objectifs sociolinguistiques, pragmatiques et interculturels préconisés par le Conseil de l'Europe ?

## 1. Terminologie et médiation dans la construction d'une Europe multilingue et pluriculturelle

Au sein de l'EEES, le multilinguisme et le pluriculturalisme constituent des enjeux essentiels auxquels sont susceptibles de répondre les politiques linguistiques éducatives. Ces dernières devraient en effet :

favoriser l'apprentissage de plusieurs langues pour tous tout au long de la vie de sorte que les Européens deviennent effectivement des citoyens plurilingues et interculturels capables de communiquer avec les autres Européens dans tous les domaines<sup>2</sup>.

La médiation linguistique est donc, en ce sens, un outil indispensable au service de l'acquisition de la compétence interculturelle, comme l'affirme Bénédicte Larissa Hervée Techti, selon laquelle la médiation « serait une réponse aux exigences plurilingues d'un monde globalisé, dans lequel s'ouvrir à l'altérité est un impératif »<sup>3</sup>.

Dans la perspective actionnelle du CECRL, la médiation remplit un rôle clé et se manifeste sous différentes formes : « Participant à la fois de la réception et de la production, les activités écrites et/ou orales de médiation, permettent, par la traduction ou l'interprétariat, le résumé ou le compte rendu, de produire à l'intention d'un tiers une (re)formulation accessible d'un texte premier auquel ce tiers n'a pas d'abord accès direct. Les activités langagières de médiation, (re)traitant un texte déjà là, tiennent une

<sup>2</sup> BREIDBACH, Stephan. 2003. Le plurilinguisme, la citoyenneté démocratique en Europe et le rôle de l'anglais. Strasbourg : Division des Politiques Linguistiques, Conseil de l'Europe, p. 7.

<sup>3</sup> LARISSA HERVÉE TECHTI, Bénédicte. 2018. "Médiation linguistique et dynamique interculturelle de l'enseignement-apprentissage du français au primaire en milieu rural ivoirien". Recherches en didactique des langues et des cultures 15-2 (en ligne : <http://journals.openedition.org/rdlc/3005>). Consulté le 1er juillet 2019.

place considérable dans le fonctionnement langagier ordinaire de nos sociétés »<sup>4</sup>.

La médiation linguistique est donc une compétence servant une activité langagière qui permet de transmettre le sens d'un message et pouvant prendre différentes formes. La médiation se produit au sein d'un processus qui prend en compte le contexte de communication ainsi que les destinataires de ce message. Les anciennes compétences du CECRL pour l'apprentissage des langues (processus allant de la compréhension orale vers l'expression orale vers de la compréhension écrite à l'expression écrite) se manifestent désormais sous une nouvelle forme qui se traduit par les quatre compétences suivantes : réception, interaction, production et médiation, compétences qui favorisent l'intercompréhension et l'interculturalité, deux éléments chers au multilinguisme et à l'échange interculturel.

Comme nous le voyons, la médiation linguistique peut être productive et réceptive, selon le Conseil Européen de 2002. Elle favorise l'adaptation inter-linguistique (d'une langue 1 vers une langue 2 et vice-versa) ou alors dans les situations de triologue avec l'intervention d'un intermédiaire qui agit entre deux langues. C'est d'ailleurs ce point qu'aborde Ivana Franić, lorsqu'elle affirme que :

la compétence de médiation présuppose une compétence en deux langues, minimum. Ainsi pourrait-on dire que du côté du médiateur, il ne peut y avoir de médiation sans plurilinguisme et que, du côté du bénéficiaire de la médiation, la médiation peut remédier à un manque du plurilinguisme<sup>5</sup>.

Ainsi, la traduction dans un contexte de médiation linguistique est plus qu'une traduction grammaticale ou lexicale, elle met en exergue un savoir culturel, c'est-à-dire la capacité à mettre en relation deux systèmes langagiers et culturels.

<sup>4</sup> Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues : Apprendre, Enseigner, Évaluer. 2001. Strasbourg : Conseil de l'Europe. Unité des politiques linguistiques. p. 18.

<sup>5</sup> FRANIĆ, Ivana. 2011. "Le concept de médiation proposé par le CECRL : les représentations des apprentis traducteurs sur la médiation". Synergies Europe, n°6, p. 39-49 (48).

La médiation linguistique, activité essentielle dans le processus d'apprentissage des langues et des cultures doit donc être planifiée tel que cela est préconisé par le CECRL. La réalisation de la médiation linguistique dans l'enseignement ne peut exister que si elle est présente au sein des programmes et affichée comme objectif du processus d'enseignement-apprentissage ainsi que dans les pratiques didactiques de l'enseignement des langues à l'université. La médiation n'est donc pas qu'une médiation de textes, elle est aussi une médiation de concepts, une médiation de la communication. Pour ces deux dernières, la contribution de la Terminologie est essentielle. C'est le cas, en particulier, dans les interactions entre pairs, au sein des discours conceptuels, dans la construction d'espaces pluriculturels et dans la question de la communication dans les zones de conflit. La médiation peut servir à expliquer des concepts et à créer des aisances au niveau d'un discours.

## **2. Terminologie et approche médiationnelle dans les filières de langues**

Il ne fait aucun doute que la traduction occupe une place essentielle dans les filières de langue au sein de l'université française. Il suffit de consulter les maquettes de ces filières pour se rendre compte de ce poids la traduction. Toutefois, en nous intéressant de plus près à cette question, nous nous sommes rendues compte que malgré les recommandations récentes du CECRL, il n'existe pas, à ce jour, d'innovation majeure dans le domaine de la médiation linguistique et plus précisément dans l'enseignement de la traduction (thème, version, thème oral, etc.).

Si nous comparons le contenu des cours de traduction dans deux filières majeures de langue dans les établissements d'enseignement supérieur en France, nous constatons la chose suivante : malgré les enjeux bien différents des filières LLCER et LEA, il s'avère que l'exercice de traduction ne diffère guère, dans les faits, d'une filière à l'autre. En réalité, le schéma traductif des formations LLCER a, la plupart du temps, été transposé aux filières LEA sans véritable transformation ni adaptation aux perspectives que proposent ces formations, ouvertes à l'international et pour lesquelles la question de la communication est fondamentale.



Rappelons qu'en LLCER, la traduction est ancrée historiquement dans une approche philologique, en raison du contenu et des exigences des concours de recrutement des enseignants (CAPES et Agrégation). Dans cette perspective, la médiation se produit par le biais des traditionnels exercices de thème, de version et de thème grammatical, au sein desquels une place majeure est accordée au signifiant en tant que miroir du contenu, du sens d'un énoncé. La polysémie, les ambiguïtés, les aspects culturels et stylistiques sont ainsi valorisés et particulièrement mis en valeur par ce type de traduction. Généralement, les supports traduits sont des textes littéraires, extraits d'œuvres officiellement reconnues et issus des « grands écrivains » des pays concernés par la langue traduite. Ce type de médiation permet une connaissance philologique des langues en question et sert principalement de critère de sélection des candidats aux fonctions d'enseignants de langue. Dans ces filières, les apports de la Terminologie comme science sont quasiment négligeables puisqu'il s'agit avant tout de rendre le style, la richesse sémantique et la correction syntaxique qui permettront d'apprécier la beauté et la finesse d'un texte, la prose spécifique d'un auteur dans une autre langue que celle dans laquelle il a été écrit.

En ce qui concerne les filières LEA, rappelons qu'il s'agit de nouvelles formations censées former des individus capables de s'intégrer à un processus sans cesse croissant de mondialisation et de globalisation. La finalité de ces filières est donc de former les étudiants en langues (acquisition de compétences linguistiques, communicatives, culturelles et spécialisées). Il s'agit par ailleurs d'acquérir un savoir spécialisé, propre au monde économique : ces étudiants doivent ensuite pouvoir appliquer ces connaissances dans plusieurs langues et être capable, entre autres, d'organiser des missions économiques, d'effectuer un recrutement à l'international ou encore de résoudre des conflits d'affaires. Il est donc indispensable qu'ils possèdent des connaissances terminologiques propres au(x) domaine(s) concerné(s). Dans les faits, il n'en est rien. Après avoir consulté les maquettes des différentes filières LEA proposées par un grand nombre d'universités françaises, nous avons fait les constats suivants :

- La traduction comme matière est présente dans toutes ces formations et occupe une grande part de la totalité des heures de la filière. À l'Université de Saint-Étienne, qui nous concerne plus spécifiquement, les chiffres sont les suivants : les matières de traduction occu-

pent en moyenne, pour les trois années de licence, près de 33% des heures totales de la formation. La langue et les matières dites d'application, qui devraient se trouver au premier plan de ces formations n'occupent, respectivement que 17% et 9% du total des heures de ce cursus. Le déséquilibre est donc évident dans une filière où la traduction est censée être appliquée, par le biais de deux langues, à un domaine spécifique. A titre d'exemple, en LLCER espagnol, toujours à l'Université Jean Monnet, la langue, la littérature et la civilisation en langues totalisent 42% contre 26% pour la traduction proprement dite.

- Si l'on s'intéresse plus en détail au contenu et à la structure de cette formation et, en particulier, des disciplines de « médiation », nous nous apercevons que le contenu des enseignements de LLCER a été transféré aux filières LEA sans adaptation à la réalité professionnalisante et appliquée au monde économique de ces formations. Ainsi, nous retrouvons des intitulés tels que « Thème-grammaire », « Thème », « Version » qui renferment des pratiques similaires à celles de filières LLCER. À ces matières s'ajoutent deux dénominations plus spécifiques : traduction spécialisée et traduction orale qui semblent parfaitement aller dans le sens de la politique linguistique européenne pour l'Enseignement Supérieur ainsi que dans le sens des nouvelles préconisations du CECRL. En réalité, il n'en est rien. Il suffit, pour se rendre compte du décalage existant avec l'univers de travail multilingue et multiculturel qui sera celui de ces étudiants, de s'intéresser aux supports mis en place pour de telles activités de médiation : les textes utilisés sont généralement issus de la presse écrite et ne reflètent en rien le fonctionnement des secteurs d'activités auxquels les étudiants seront confrontés. Si ces supports peuvent aider à la connaissance et au maniement de la langue, ils sont totalement insuffisants pour former des professionnels capables d'intercompréhension, d'interculturalité et de plurilinguisme dans les secteurs économiques dans lesquels ils vont évoluer.

Le bilan des réflexions que nous avons menées après enquête sur les programmes et les maquettes de plusieurs universités françaises est le suivant : la traduction occupe une place extrêmement importante au sein de la filière LEA qui a pour but de former des professionnels dans des domaines spécifiques (économique, juridique, ressources humaines,

marketing, relations internationales, etc.). Cette pratique anachronique de la traduction, déconnectée des enjeux spécifiques de la filière sont bel et bien le fruit d'un transfert de process des filières LLCER vers les filières LEA.

Malgré les préconisations officielles, il semblerait donc que la médiation linguistique n'occupe pas la place qui devrait lui être dévolue dans l'enseignement supérieur. Comme l'affirme Dirk Weissman, « pour ce qui concerne le cas français, force est de constater que malgré l'adossement officiel des programmes au CECRL, les institutions officielles continuent au demeurant d'écarter tout ce que le Conseil de l'Europe propose en matière de Médiation Linguistique »<sup>6</sup>. Or l'« approche CECR est quant à elle basée sur le nouveau concept de la médiation linguistique, qui transcende l'ancienne conception. De la traduction à but évaluatif ou métalinguistique, on passe à la traduction comme compétence interculturelle et activité communicative »<sup>7</sup>.

C'est bien cette dimension de la traduction qui intéresse les étudiants inscrits dans la filière LEA. Nous verrons à présent dans quelle mesure il est possible de marier les méthodes d'apprentissages des langues à la connaissance des domaines spécialisés. La Terminologie, en ce sens, joue un rôle central aussi bien en amont qu'au cœur d'une formation en langues ayant pour but la communication et la connaissance du monde du travail.

### 3. La terminologie par la médiation

Selon Dirk Weissman « à l'exclusion de quelques filières de formation professionnelle, dont celles dédiées à la formation des futurs traducteurs et interprètes, les anciennes méthodes se sont transmises d'une génération à l'autre sans mise cause ou innovations majeures »<sup>8</sup>.

Or, dans le contexte actuel européen et mondial de circulation des savoirs, l'Université se doit de former des citoyens adaptés à une « société de la

<sup>6</sup> WEISSMAN, Dirk. 2012. "La médiation linguistique à l'université : propositions pour un changement d'approche". ELA, Études de Linguistique appliquée, n°167, p. 313-324 (314).

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 316.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 315.

connaissance » au sein de laquelle de nombreux bouleversements sont à l'œuvre dans le domaine professionnel. Il faut désormais repenser la pédagogie de l'enseignement. L'étudiant doit être, dans cette perspective, acteur de son apprentissage. L'Université devient ici un espace d'apprentissage et de savoir-faire ; elle doit donc former les étudiants aux différentes compétences requises pour intégrer l'univers professionnel. Dans ce contexte, la dimension communicationnelle du savoir (au sein de laquelle les langues occupent une place de choix) est essentielle. La spécificité de la transmission des connaissances des langues doit ainsi être renforcée ; en ce sens, les universités seront de plus en plus des espaces multilingues et pluriculturels, aussi bien au niveau local qu'international. La mobilité étudiante et le projet ERASMUS qui se développe depuis plus de trente ans est un exemple de cette mobilité des savoirs, des connaissances et des pratiques culturelles. Les milieux professionnels sont eux aussi de plus en plus concernés par l'importance des langues dans une perspective communicationnelle, aspect auquel l'Europe apporte d'ailleurs son soutien. Nous renvoyons, à ce titre à un guide récent, qui met en exergue l'importance d'une communication efficace au sein des entreprises, dans le cadre des échanges internationaux<sup>9</sup>. La Terminologie occupe, au sein de cet ouvrage, une place de choix : les thèmes qu'il aborde sont l'organisation et la gestion d'entreprise, placés au même niveau que la Terminologie et la Linguistique. Ce guide traite plusieurs sujets qui intéressent les formations universitaires, en particulier la question de l'emploi des langues, de la politique de l'entreprise, la politique de la communication, la politique linguistique ainsi que les échanges commerciaux. La question de l'immersion linguistique est de plus en plus prégnante et facilitée pour des étudiants qui se trouvent au cœur des échanges internationaux.

Les formations LEA, plus récentes que les filières LLCER devraient répondre à ces exigences. Or nous avons vu précédemment que ces formations ne satisfont pas à ces nouvelles perspectives globales et mondialisées. D'ailleurs, au niveau institutionnel, les filières LEA sont liées administrativement aux composantes Arts, Lettres et Langues alors que l'on serait en droit de les voir associées aux formations économiques ou juridiques.

<sup>9</sup> Cf. HAGEN, Stephen. 2011. Guide linguistique à l'intention des entreprises européennes. Strasbourg : Office des Publications de l'Union européenne, Conseil de l'Europe.

L'ANLEA (Association Nationale des Langues Étrangères Appliquées) indique d'ailleurs que :

la licence Langues Étrangères Appliquées est habituellement une mention d'une licence de langues ou de langues et lettres. Elle ne doit pas du tout être confondue avec la formation classique en « langues vivantes », la licence Langues et Civilisations Étrangères (LCE). C'est une filière à finalité professionnelle qui forme en trois ans de futurs cadres trilingues spécialisés en économie et commerce international [...]. C'est une formation pluridisciplinaire et l'étudiant doit être en mesure de mener de front des études dans toutes les disciplines étudiées – deux langues et les matières d'application<sup>10</sup>.

Il est bon de rappeler ici que le système de recrutement des enseignants de langues à l'université biaise, en quelque sorte, le contenu de ces formations en langues : en effet, le vivier d'enseignants recrutés en LEA se trouve au sein des filières LLCER ; ceci crée naturellement une défaillance dans le domaine de la communication et de l'expertise en langues. La plupart des enseignants, après avoir suivi une formation philologique, n'est pas armée pour préparer les étudiants aux réalités du monde économique et commercial.

Au vu de ces déséquilibres, nous avons cru bon de faire connaître l'innovation à l'œuvre dans l'enseignement des langues et l'acquisition de compétences en langues au sein de la filière LEA anglais-portugais de l'UJM. Cette expérience menée pour la langue portugaise depuis 2011 a déjà porté ses fruits. Le diplôme, créé par Rosa Maria Fréjaville, spécialiste du domaine de la linguistique appliquée est constitué de la façon suivante : le principe est le respect d'une formation en langues par compétence ; pour ce faire, les apports du travail terminologique en tant que méthodologie est essentiel. La Terminologie est donc à la base de la constitution des programmes en ce qui concerne le portugais au sein de cette formation.

L'idée est ici d'appliquer les principes de la Terminologie à l'apprentissage de la langue, dans le respect des préconisations du CECRL. La méthode est

<sup>10</sup> Association Nationale des Langues Étrangères Appliquées, [www.anlea.org](http://www.anlea.org) consulté le 12 juillet 2019.

la suivante : dans toutes les matières présentes au sein de la formation (langue, langue commerciale, compréhension-expression orale, civilisation, version, thème, culture des pays lusophones, analyse multi-supports, traduction orale et traduction spécialisée, entre autres), il existe un lien indissoluble entre les apports de la Terminologie et le processus d'apprentissage des langues en situation de communication (réception, interaction, production et médiation, tel que cela apparaît dans le CECRL). Ainsi, par exemple, si l'on s'intéresse de plus près au cours intitulé « langue commerciale », l'apprentissage suit le processus d'acquisition de compétences linguistiques et communicatives (l'étudiant est censé pouvoir dialoguer et communiquer avec aisance dans les domaines étudiés). Pour ce faire, des outils d'acquisition de terminologie liés aux domaines en question (économie, secteurs d'activité, fonctionnement d'entreprise, etc.) sont mis en place auprès des étudiants. Ceci leur permettra d'acquérir une plus grande fluidité dans leur pratique de la langue en situation professionnelle.

Concrètement, les étapes de cette méthodologie innovatrice sont les suivantes : en amont, les étudiants apprennent à consulter et à utiliser des banques de données terminologiques, des *corpus* divers (co-occurrences, contextes, collocations), à construire des arborescences, à faire des classements, des taxonomies, des typologies, etc. Cette approche est faite en coordination avec plusieurs matières comme par exemple, les cours de méthodologie et de culture générale. Suite à cela, les étudiants vont mettre en pratique la langue étudiée à travers un domaine précis : ils vont donc apprendre à distinguer et à appliquer les différents équivalents d'une langue à une autre, du français au portugais et inversement. Cette étape s'inscrit dans le processus « réception et interaction » au sein de l'acquisition des compétences susnommées. Les étudiants produiront ensuite différents énoncés (oraux et écrits) dans des domaines précis. A ce moment-là, le lien entre ces disciplines et les matières de version et thème devient évident : en version, les étudiants vont travailler sur les termes ; en thème, ils travailleront sur l'intégration de ces équivalents au sein des textes et des énoncés spécialisés. Tout ce processus amènera les étudiants vers une médiation réussie qui consiste, en réalité, en l'acquisition de plusieurs compétences : la pratique de l'intercompréhension, de la pluriculturalité et du plurilinguisme. La Terminologie occupe un espace essentiel dans cette méthodologie dans la mesure où elle est essentielle pour l'acquisition de la connaissance et de la pratique spécialisée. Cette démarche a pour fina-

lité l'acquisition de la compétence terminologique, linguistique, culturelle, communicative et de médiation. Si toutes ces compétences sont mises à contribution, l'objectif de former des candidats capables de communiquer et d'agir dans tous ces domaines professionnels spécialisés est rempli.

## Conclusion

Dans un contexte qui est celui de la mondialisation et de la construction de l'Espace Européen de l'Enseignement Supérieur, l'enjeu est de communiquer efficacement dans le cadre d'échanges internationaux toujours plus nombreux et d'un monde du travail chaque jour plus globalisé et en perpétuel mouvement. Il est nécessaire, dans ce contexte, de pouvoir former et embaucher des travailleurs pluriculturels.

Les filières LEA sont censées se trouver au cœur de ces nouveaux enjeux. Dans ces filières (langues appliquées au monde économique, voire scientifique), la Terminologie devrait être au premier plan de la formation dans la mesure où l'acquisition des connaissances est au service des recherches et des applications pratiques. Or, comme nous l'avons vu, il existe un très net effacement des disciplines de terminologie en LEA. De ce manque est née la nécessité de créer un nouveau dispositif innovant tel celui mis en place pour le portugais au sein de la filière LEA anglais-portugais à l'Université de Saint-Étienne.

Dans les conditions actuelles, la formation ne peut pas remplir son rôle de médiateur en langues, ni ne peut servir l'interculturalité et la communication multilingue. Il ne peut y avoir de médiation sans Terminologie car celle-ci garantit la réussite de l'acquisition de la compétence communicative en contexte spécialisé, multilingue et multiculturel.

## Références bibliographiques

- BREIDBACH, Stephan. 2003. Le plurilinguisme, la citoyenneté démocratique en Europe et le rôle de l'anglais. Strasbourg : Division des Politiques Linguistiques, Conseil de l'Europe.
- Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues : Apprendre, Enseigner, Évaluer. 2001. Strasbourg : Conseil de l'Europe. Unité des politiques linguistiques.

- DE GIOIA, Michel ; MARCON, Marion. 2016. *Approches linguistiques de la médiation*. Limoges : Éditions Lambert-Lucas.
- DEPECKER, Loïc. 2013. "Pour une ethnoterminologie". Dans tous les sens du terme. Collection *Regards sur la traduction*. Ottawa : Presses Universitaires d'Ottawa. Office Québécois de la langue française, p. 13-30.
- FRANIĆ, Ivana. 2011. "Le concept de médiation proposé par le CECRL : les représentations des apprentis traducteurs sur la médiation". *Synergies Europe*, n°6, p. 39-49.
- HAGEN, Stephen. 2011. *Guide linguistique à l'intention des entreprises européennes*. Strasbourg : Office des Publications de l'Union européenne, Conseil de l'Europe.
- LADMIRAL, Jean-René. 2010. "La traduction, phénomène interculturel et psychorelationnel", *Meta* 55 (4), p. 626-641.
- LARISSA HERVÉE TECHTI, Bénédicte. 2018. "Médiation linguistique et dynamique interculturelle de l'enseignement-apprentissage du français au primaire en milieu rural ivoirien". *Recherches en didactique des langues et des cultures* 15-2 (en ligne : <http://journals.openedition.org/rdlc/3005>). Consulté le 1er juillet 2019.
- Linguistique et traductologie : les enjeux d'une relation complexe*, Études réunies par Maryvonne BOISSEAU, Catherine CHAUVIN, Catherine DELESSE et Yvon KEROMNES, Arras, Artois Presses Université, 2016
- MEDIONI, Marie-Alice ; MAZET, Florence ; SEBAHI, Eddy. 2016. "Traduction, médiation et réflexion sur la langue". *Revue LM (Langues modernes)*. "Dossier Approches pratiques de la traduction", p. 11-20.
- NORTH, Brian ; PICCARDO, Enrica. 2016. *Cadre européen Commun de Référence pour les Langues. Apprendre, enseigner, évaluer : élaborer des descripteurs pour illustrer les aspects de la médiation pour le CECR*. Strasbourg : Conseil de l'Europe.
- PICCARDO, Enrica. 2013. "Médiation et apprentissage des langues : pourquoi est-il temps de réfléchir à cette notion", *ELA. Études de Linguistique appliquée* n°167, p. 285-297.
- WEISSMAN, Dirk. 2012. "La médiation linguistique à l'université : propositions pour un changement d'approche". *ELA, Études de Linguistique appliquée*, n°167, p. 313-324.
- Association Nationale des Langues Étrangères Appliquées, [www.anlea.org](http://www.anlea.org) consulté le 12 juillet 2019.



# Terminología y traducción: dificultades y recursos para profesionales de la comunicación universitaria multilingüe

Kaoutar El Amri

*Instituto de Estudios Hispano-Lusos  
Universidad Mohammed V de Rabat*

---



## Introducción

Entre los países del Magreb, Marruecos se distingue por su realidad lingüística rica, compleja e interesante. Es un país donde conviven lenguas nacionales y extranjeras, con sus diferentes variedades, por lo que resulta casi imposible encontrar espacios en los que se utilice un solo idioma. Lo más frecuente es encontrar situaciones en las que dos, tres o más lenguas luchan por conseguir un nicho propio en el mercado lingüístico marroquí<sup>1</sup>.

Las lenguas más utilizadas son el árabe dialectal, lengua materna de la mayoría de los hablantes del país<sup>2</sup>; el árabe estándar<sup>3</sup> y el amazigh, considerados como lenguas oficiales; el francés, con estatus de segunda lengua semioficial; el inglés y el español, considerados como segundas lenguas extranjeras; y el portugués, en menor medida.

La repartición del mercado lingüístico marroquí entre las distintas lenguas varía considerablemente en función de las fuentes que se manejan: institucionales, no institucionales, nacionales o extranjeras. El árabe estándar es la lengua vehicular de la enseñanza primaria y secundaria, de la prensa y de la comunicación escrita y oral de carácter administrativo, jurídico e institucional. De las lenguas extranjeras, la más conocida y prestigiada socialmente es el francés, con una fuerte presencia en la enseñanza en sus distintos niveles, la administración, los medios de comunicación y los demás ámbitos profesionales; seguida del inglés que, por su sólida posición como lengua franca mundial, es considerado como un medio de

<sup>1</sup> ROLDÁN ROMERO, Magdalena 2005. "El español en el contexto sociolingüístico marroquí: evolución y perspectivas (I)". *Aljamía*, p. 34.

<sup>2</sup> Es un dialecto que se limita a la comunicación oral y usual tanto por la clase culta como por la popular.

<sup>3</sup> Versión simplificada, resultante de la modernización de orden semántico y estructural del árabe clásico a partir del siglo XIX.

apertura mundial y de acceso a la información científica y tecnológica; y luego del español, cuya lengua y cultura se difunden de manera creciente en el dominio de la enseñanza y en el campo empresarial, pero aun así no es generalizada en todos los medios.

Esta diversidad lingüística implica forzosamente unas necesidades terminológicas, que dependen del contexto donde se producen, sea este contexto académico, administrativo, cultural, científico, político, empresarial u otro. En este marco, y partiendo del carácter pluridisciplinar y plurilingüe de una institución superior de investigación científica marroquí, intentaremos esbozar en este estudio las necesidades terminológicas de los profesionales de la comunicación universitaria multilingüe.

## 1. La actividad traductora de la institución académica y su papel como mediador

Como es sabido, la traducción es el traspaso del contenido de un texto producido en una lengua de partida a otro en una lengua meta, pero es también «un acto, un intento y una manifestación de la comunicación»<sup>4</sup>. La traducción permite la transmisión del conocimiento y la difusión del saber. Contribuye fuertemente en el intercambio de culturas y el entendimiento de civilizaciones, «cerca las diferencias, las comunica, las integra; facilita las comprensiones, aproxima los diálogos»<sup>5</sup>. Es «un instrumento idóneo de tender puentes de diálogo y entendimiento entre pueblos»<sup>6</sup>.

En un país multicultural y plurilingüe como Marruecos, la labor del traductor como mediador intercultural cobra especial importancia. Sin embargo, en el ámbito académico, la actividad traductora se focaliza esencialmente en obras literarias. Bernabé López lo subraya partiendo de su propia experiencia como docente en la universidad marroquí, destacando que

<sup>4</sup> EL MADKOURI, Mohamed 2012. *Traductología y traducción del árabe*. Instituto de Estudios Hispano-Lusos. p. 20.

<sup>5</sup> FAUQUIÉ, Rafael 2009. "Palabras, traducción y Babel". *Espéculo*. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero41/tradbabel.html/>

<sup>6</sup> BELAAICHI, Abderrahman 2019. "Traducción como puente de acercamiento entre las dos orillas. Presentación y lectura de algunas traducciones entre el español y el árabe". *Marruecos y España: denominadores comunes*. Anthropiqa 2.0. Serie Universia 006. Primera Edición (abril), p.92.

«no es la literatura que las sociedades árabes necesitan conocer de España»<sup>7</sup>, sino que

falta mucha historia, no solo hispano-árabe o hispano-marroquí, sino la historia de la configuración de la identidad española, de la evolución de la cultura y la interculturalidad del siglo XIX y XX. Falta mucha economía, mucha sociología política, que pueden servir de material de apoyo a los universitarios que no sólo estudian en los departamentos de hispánicas. (Bernabé Pons, 2012: 5)

En este contexto, y consciente del importante papel que desempeña el Instituto de Estudios Hispano-Lusos para colmar este vacío, parto en este estudio, de mi experiencia personal como profesora en esta institución superior de investigación científica multidisciplinar y plurilingüe, que, mediante, la investigación, la traducción y la cooperación nacional e internacional, actúa en tanto que mediador y actor del diálogo intercultural.

Su labor traductora consiste en la publicación y la traducción (del y al árabe, español, francés y/o portugués) de textos especializados y de obras de interés común, de carácter disciplinar, pluridisciplinar e interdisciplinar, enfatizando la exploración de los mundos hispánico y luso y sus intersecciones, en sus dimensiones históricas, culturales, sociológicas y económicas. Asegura asimismo tareas encaminadas a la divulgación multilingüe de las diferentes actividades que realiza.

## 2. ¿Cuáles son las dificultades terminológicas a los que se enfrenta?

La traducción de textos especializados es una actividad que se ubica en el marco de la comunicación especializada. En este proceso el traductor actúa como mediador entre dos interlocutores: el emisor y el destinatario del texto. La traducción requiere «desciframiento, asimilación, incorporación de la otredad a través del lenguaje; conversión del lenguaje de

<sup>7</sup> LÓPEZ GARCÍA, Bernabé 2012. "Traducir culturas: una estrategia para mejorar las relaciones hispano-marroquíes". *Traducción e Interculturalidad: Los desafíos actuales*. Instituto de Estudios Hispano-Lusos. Universidad Mohammed V Rabat, p. 5.

lo “otro” en una forma de mi propio lenguaje»<sup>8</sup>. Además, para que la calidad de las traducciones sea óptima, es menester un buen conocimiento cognitivo de la materia, objeto de la traducción, y un mínimo de formación terminológica.

Teniendo en cuenta estos criterios, y tomando en consideración que la actividad traductora en esta institución está llevada a cabo por investigadores marroquíes – e diferentes especialidades, y, sobre todo, no especialistas en materia de traducción–, ha sido imprescindible la elaboración de un cuestionario, para inventariar objetiva y exhaustivamente sus necesidades terminológicas.

Las respuestas ponen muy de manifiesto el nivel elevado de los profesores en cuanto al dominio de tres idiomas de funcionamiento del Instituto: el árabe, el francés y el español. Pocos dominan el portugués, los demás están a sus primeros balbuceos en cuanto a escritura y comunicación. El inglés es casi inexistente.

Pese a ello, los datos recabados revelan una real necesidad terminológica para todos, tanto en el trabajo de investigación, sea éste personal (relacionado directamente con sus áreas de especialidad respectivas) o colectivo (proyectos de investigación, traducciones, informes, publicaciones), como en las tareas administrativas o divulgativas.

Generalmente, los problemas terminológicos a los que suelen enfrentarse se dan en las siguientes situaciones:

- a) Cuando se trata de un trabajo de investigación personal, en su propia área de especialidad, y en el idioma que mejor dominan, las dificultades terminológicas se presentan como sigue:
  - la terminología relacionada con el estudio de algunas especialidades (los estudios de género por ejemplo), es básicamente disponible en inglés y hay insuficiencia de equivalentes en español y en árabe.
  - dudar sobre el uso más pertinente y adecuado de un término polisémico en un contexto determinado.

<sup>8</sup> FAUQUIÉ, Rafael 2009, Loc.cit.

b) Cuando se trata de trabajos colectivos: traducciones especializadas que no relevan de su área de especialidad, (antologías literarias o poéticas, arte, relaciones hispano-marroquíes o luso-marroquíes, estudios de índole política o sociológica, etc.). En este nivel, las dificultades son mayores y suponen múltiples consultas en bases de datos terminológicas y documentales porque:

- hay un desconocimiento parcial o total del tema y su perspectiva cognitiva, que son específicos por cuanto la temática de que se trata es especializada y el texto vehicula un conocimiento especializado sobre una realidad dada;
- hay una dificultad de transmisión del mensaje, cuyo punto más relevante es la terminología, ya que el conocimiento especializado se materializa lingüísticamente sobre todo en los términos, y por ello, los textos especializados tienen una densidad terminológica normalmente mayor a medida que aumenta su nivel de especialidad.
- la particularidad de las lenguas tiende siempre a lograr, desde la lengua de origen, el equivalente más corriente y usual en la lengua meta.

c) Cuando se trata de un texto divulgativo. La traducción de este tipo de textos requiere especial atención y supone una elección terminológica pertinente porque se trata de textos o títulos, concisos y precisos, capaces de transmitir un mensaje bien determinado en un mínimo de palabras.

En estas tres situaciones, las dificultades terminológicas que se dan consisten en:

- Desconocer una unidad terminológica del texto original;
- desconocer el significado de una unidad terminológica, su valor semántico, gramatical o pragmático en el ámbito especializado en la lengua de partida;
- desconocer si existe en la lengua meta una unidad léxica semántica y pragmáticamente equivalente a la usada en el texto original;
- dudar si la unidad empleada en la lengua meta es el equivalente más adecuado.

Del cuestionario se desprende que las opciones de traducción que presentan mayores problemas, tanto de tipo terminológico como gramatical y fraseológico, son aquellos donde interviene el árabe, sea como lengua de partida o lengua meta. El árabe, siendo una lengua semítica, no pertenece a la familia de las lenguas neolatinas y por muy rico que sea, carece de equivalentes de términos que relevan esencialmente de los dominios de las nuevas tecnologías. Otros motivos importantes son el uso de los cultemas, y la variación lingüística tanto del árabe como del español y del portugués (árabe: Oriente/Occidente. Español y portugués: Península Ibérica/América Latina).

### 3. ¿Qué recursos utilizan en la práctica?

Ante las dificultades expuestas, los profesores acuden a diferentes recursos para solventar los problemas terminológicos a los que se enfrentan. Para recabar información terminológica, utilizan, en mayor frecuencia, bases y bancos de datos terminológicos, como los diccionarios generales monolingües, bilingües y multilingües, las enciclopedias generales monolingües, bilingües y multilingües. Los foros y los diccionarios especializados son consultados en menor medida, salvo en trabajos de traducción de índole lingüística. Los glosarios, en cambio, no se utilizan por carecer de información necesaria y por falta de contextualización de las acepciones y de los criterios de evaluación sobre la calidad y la fiabilidad de los datos que proporcionan.

En casos de dudas sobre el valor semántico, gramatical y/o pragmático de un término, recurren a catálogos bibliotecarios y bases de datos documentales con el objeto de verificar las aplicaciones del término en sus distintos contextos de uso. La documentación, en estas situaciones, es fundamental para el trabajo terminológico, ya que permite una explicación de los términos «en contexto».

Prefieren utilizar los recursos disponibles en Internet, por las siguientes razones:

- son más rápidos en cuanto a búsqueda se refiere;
- son de fácil acceso;



- exploran y hacen disponible un número considerable de términos, con sus definiciones respectivas, sus contextos de uso, sus sinónimos y antónimos, e incluso sus equivalencias en otras lenguas;
- son fiables, siempre cuando el banco de datos está a cargo de instituciones que lo actualizan y alimentan con nuevos términos constantemente;
  - por abrir al usuario otras vías de búsqueda, llevándole a portales similares que le puedan ser de utilidad.

Los recursos terminológicos en línea empleados son:

- Bases de datos terminológicas, como: Diccionario de la Real Academia española); Linguee; Reverso; Diccionario de sinónimos; Word Reference; Larousse; Dictionnaire Pons; Diccionarios; Almaany; Castellano actual – Universidad de Piura.
  - Bases de datos documentales como: Redalyc -; Linguateca; UQAM-Service des bibliothèques/Linguistique; Base de datos de la Universidad de la Rioja; Base de datos del Instituto de Estadística. Las más consultadas son:
  - Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal): impulsada por la UAEM para la difusión de la ciencia en acceso abierto. Es una hemeroteca científica en línea que posee una creciente colección de revistas científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal de libre acceso al texto completo, en distintas áreas de especialidad.
  - Linguateca: Centro de recursos para el procesamiento computacional de lengua portuguesa. Sirve para facilitar el acceso a los recursos ya existentes, a través del servicio de acceso en red y ofrece múltiples contextos de uso de términos en portugués.
- *Corpus* temáticos: algunos disponibles en publicaciones del PNUD y de ONUWOMEN.

Los profesores se sirven asimismo de recursos impresos como los diccionarios y las enciclopedias, en los siguientes casos:

- para asegurarse del carácter cognitivo de un término, o de su equivalente en otra(s) lengua(s), por ser fuentes fiables,

- en caso de inexistencia del término buscado o de su equivalente en otro(s) idioma(s) en Internet.

Algunos prefieren consultar paralelamente los recursos en línea y las fuentes impresas para un complemento de información, a fin de asegurar una traducción lo más óptima posible.

Para el trabajo de investigación puntual, además de estos recursos, cada profesor tiene establecida una lista con las bases de datos documentales relacionadas con su propia área de especialidad.

#### **4. ¿Son suficientes estos recursos para resolver estas dificultades?**

A pesar de la diversidad y la inestimable información que brindan los recursos terminológicos citados, los resultados del cuestionario corroboran que, por lo general, no llegan a satisfacer todas las necesidades terminológicas de los profesores. Todos coinciden en la insuficiencia de información que proporcionan, unos más que otros.

Estas lagunas se evidencian, esencialmente, en las traducciones de textos especializados bilingües, esencialmente del y al árabe. Además de la terminología específica requerida, el árabe tiene un sistema semántico y una estructura gramatical y estilística disímiles e incomparables con las lenguas neolatinas; de hecho, las dificultades terminológicas son mayores y requieren recursos fiables y mucho más exhaustivos y específicos. Para conseguir una traducción de calidad, fiel al original, correcta gramaticalmente, coherente estilísticamente, y precisa terminológicamente, estas fuentes deben contemplar las características semánticas, gramaticales y pragmáticas de las unidades denominativas, contextualizarlas y actualizarlas de manera continua. Cabe destacar, en este contexto, la deficiencia de los recursos de traducciones automáticas.

La insuficiencia de estos recursos se comprueba también en las traducciones multilingües, debido a la falta de contextualización en los diccionarios bilingües y multilingües. La traducción de carácter divulgativo consiste en la difusión cuatrilingüe de la información. El paso de una lengua a otra da lugar a muchas dudas desde el punto de vista morfosintáctico, estilís-

tico y sobre todo terminológico, teniendo en cuenta la precisión terminológica que exigen estos textos divulgativos.

Estas fuentes tampoco llegan a cubrir todas las necesidades de cada investigador en su área de especialidad por una razón u otra: la falta de referencias (casa editorial, año de publicación, título original de la obra en caso de traducción, etc.); la falta de indicaciones sobre el nivel de fiabilidad; la falta de indicaciones sobre el valor conceptual de los términos dentro de la especialidad tratada; la falta de información semántica y gramatical del término; la falta de ilustraciones, imprescindibles en ciertos casos); la abundancia de los recursos documentales en inglés dificulta el trabajo del investigador que no domina bien el idioma, etc.

Para cubrir estas necesidades, se acude a las soluciones alternativas siguientes:

- usar el equivalente el más aproximado, en caso de dudas,
- optar, por consenso, por el término o el equivalente acordado
- en caso de inexistencia de equivalentes en la lengua meta, se usan neologismos o se mantiene el término de la lengua de origen, poniéndolo entre comillas.

## 5. ¿Qué propuestas de mejora?

Considerando que todo trabajo terminológico se basa en los términos y parte de una selección y análisis de la documentación especializada del tema del que trata, y dadas las necesidades del Instituto y la insuficiencia de los recursos terminológicos y documentales que utiliza, se pueden dar las siguientes propuestas de mejora:

- a) La creación de una base de datos con fichas terminológicas:

Las respuestas del cuestionario demuestran que algunos profesores tienen establecidas fichas personales, cada uno en su área de especialidad. Estas fichas son monolingües, con anotaciones de equivalencias, pero no son concebidas bajo unos criterios bien definidos.

En este sentido, se propone la creación de una base de datos semasiológica, que recoja fichas terminológicas en todas las especialidades en torno a las que se investiga en el Instituto. Para ofrecer una consulta óptima y servir de referencia de calidad, las fichas han de ser de carácter sistemático, proporcionando todo tipo de información, tanto básica como complementaria. Sería conveniente señalar en la información complementaria, el ámbito geográfico que refiere al país o región en que se usa el término para una mejor localización del mismo con respecto a los demás países de habla árabe, hispana o lusa (por ejemplo: el árabe de Oriente/ el árabe de Occidente; el español de España/El español de Hispano-América; el Portugués de Portugal /el portugués de Brasil / el portugués de la África Lusa). Las fichas serán redactadas en español o en portugués, por ser las dos lenguas principales de investigación del Instituto, y los equivalentes serán en portugués/francés/árabe o en español/portugués/árabe, respectivamente. Constarán de los cuatro bloques siguientes:

- Información administrativa (número de ficha, nombre del proyecto, campo temático, responsable, fecha de ingreso del dato);
- Información sobre el término (fuente del término, información gramatical, categoría gramatical, género y número, contexto(s) y fuente, variante(s) y fuente, Forma abreviada/símbolo y fuente, ámbito geográfico, Observaciones y/o comentarios)
- Información sobre el concepto (definición y fuente, conceptos relacionados, gráfico/ilustración y fuente, observaciones/comentarios);
- Término equivalente en lengua 2, lengua 3 y lengua 4 (fuente del término, información gramatical, categoría gramatical, género y número, contexto(s) y fuente, variante(s) y fuente, forma abreviada/símbolo y fuente, observaciones/comentarios).

#### b) Creación de una base de datos documental

Puesto que los textos de especialidad son el hábitat natural de los términos, otra propuesta que puede ser pertinente es la recogida de la documentación en una base de datos colectiva. Cada investigador tiene una base de datos personal donde guarda la documentación variada aferente a su área de especialidad. Esta documentación no queda bien almacenada y, muchas veces, se guarda de manera dispersa. Para que todos los profesores saquen provecho de estas bases de datos propias a cada uno y opti-

mizar la búsqueda terminológica, esencialmente en casos de traducciones colectivas, se propone la creación de una base de datos, ayudándose de un gestor de referencias bibliográficas, “Zotero” a título de ejemplo. Las ventajas que ofrece son:

- Recopilar fuentes bibliográficas, ya sea de forma manual, automática a partir del identificador del recurso (ISBN, ISSN, DOI, PubMed) o semi-automática a partir de los metadatos de las páginas web.
- Organizar las referencias a partir de carpetas inteligentes.
- Colaborar con una persona, un grupo de autores o públicamente compartiendo referencias, notas y adjuntos.

De tal manera, la información documental será de fácil acceso y compartida por todos, lo cual ahorraría tiempo y aseguraría una búsqueda terminológica “en contexto” óptima y segura. Para ello, el investigador debe proceder a una buena selección de la documentación, de acuerdo con sus intereses y teniendo en cuenta los siguientes criterios de evaluación: el nivel de fiabilidad; la lengua en que está redactado el texto, original o traducción; la lengua del texto original, en caso de traducciones; la autoridad del autor ; la fecha de publicación ; el público al que se dirige el texto, general o especializado; el registro expresivo de la obra y su nivel de especialización y formalidad; el ámbito geográfico al que se dirige; la importancia del editor y su capacidad de difusión e incidencia en el ámbito de la profesión.

#### c) Propuesta de otras fuentes terminológicas de interés:

Para un complemento de recursos, se expone una selección de unas bases o bancos de datos terminológicos, fiables y de suma utilidad en la labor terminográfica, como: IATE (Inter Active Terminology for Europe); Hiper-text.net; Termisti (Ressources terminologiques sur internet/ l’infoport de la terminologie); GDT (Le grand dictionnaire terminologique); Unterm (United Nations Multilingual Terminology Database), etc.

## Conclusiones

Del presente estudio se desprende claramente que el Instituto de Estudios Hispano-Lusos, en tanto que colectivo profesional de la comunicación universitaria multilingüe, necesita de la terminología para conseguir la precisión y la adecuación de los textos que produce y traduce, ya sean de carácter científico o divulgativo.

Obviamente, estas necesidades terminológicas varían en función de la naturaleza del trabajo realizado y del grado de conocimiento cognitivo de la especialidad, objeto de estudio. Para cubrir estas necesidades se acude a bancos terminológicos y bases de datos documentales para asegurar una buena selección de los términos. Aun así, el inventario de estas necesidades pone de manifiesto la insuficiencia de los recursos terminológicos usados, sea por la falta de fiabilidad, sea por la carencia de informaciones necesarias de orden semántico, gramatical, fraseológico o referencial.

Ante esta inadecuación, y para colmar estas lagunas, se sugieren propuestas de mejora o nuevos recursos que consisten en la creación de una base de datos de fichas terminológicas sistemáticas y la elaboración de una base de datos documental, ambas propias al Instituto y de acceso abierto a su equipo, que se encarga de su alimentación y actualización constante. Se proponen asimismo otras bases de datos terminológicas y documentales, fiables y exhaustivas, que constituirán un complemento de información de suma utilidad en la actividad diaria.

En definitiva, este estudio confirma la intrínseca relación entre traducción y terminología y la necesidad de la documentación como herramienta imprescindible para un buen trabajo terminológico.

## Referencias bibliográficas

- BELAAICHI, Abderrahman 2019. "Traducción como puente de acercamiento entre las dos orillas. Presentación y lectura de algunas traducciones entre el español y el árabe". *Marruecos y España: denominadores comunes*. Anthropiqa 2.0. Serie Universia 006. Primera Edición (abril), p. 91-101.
- CABRÉ, María Teresa 1993. *La terminología. Teoría, métodos, aplicaciones*. Barcelona: Antártida/Empúries.

- EL MADKOURI, Mohamed 2012. *Traductología y traducción del árabe*. Instituto de Estudios Hispano-Lusos. Universidad Mohammed V. Rabat. Serie Ensayos. Número 1.
- FAUQUIÉ, Rafael 2009. "Palabras, traducción y Babel". *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid.
- URL:<http://www.ucm.es/info/especulo/numero41/tradbabel.html>/(Consultado el 11/01/2020).
- LÓPEZ GARCÍA, Bernabé 2012. "Traducir culturas: una estrategia para mejorar las relaciones hispano-marroquíes». *Actas del Coloquio Internacional Traducción e Interculturalidad: Los desafíos actuales*. Facultad de Letras y Ciencias Humanas Dhar El Mehraz de Fez, 25-26 de noviembre de 2010. Actas publicadas por el Instituto de Estudios Hispano-Lusos. Universidad Mohammed V. Rabat.
- ROLDÁN ROMERO, Magdalena 2005. "El español en el contexto sociolingüístico marroquí: evolución y perspectivas (I)". *Aljamía*, p. 37-46.





# Compétence stratégique et *corpus* : quelques pistes pour la formation en traduction

Christina Dechamps

*CLUNL – NOVA FCSH\**

---

\*Étude financée par la FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, dans le cadre du projet UID/LIN/03213/2019 du Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.



## Introduction

Lorsqu'on est amené à réfléchir à la formation universitaire des futurs traducteurs, il est indispensable de (re)penser aux différentes compétences qui devront être acquises par ces derniers lors des séances de travail. Il subsiste encore l'idée que seule une bonne compétence linguistique dans deux langues est suffisante pour devenir un bon traducteur. Or c'est loin d'être le cas. Plusieurs études en ont démontré le contraire, notamment celles menées par le groupe PACTE (Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación) et par Hurtado Albir (2008) qui participe, avec ses travaux, aux réflexions de ce groupe de recherche.

En quelques mots, le modèle de formation proposé par Hurtado Albir repose sur la *formation par compétences (FPC)*, c.-à-d. sur les compétences jugées nécessaires pour agir dans le monde professionnel de la traduction et sur la base desquelles se construit (ou doit se construire) toute planification de cours en traduction. Le principal avantage de ce modèle est le fait qu'il s'inspire des théories constructivistes en ce qui concerne l'apprentissage.

Dans la FPC, les compétences sont le fil conducteur de la planification curriculaire : les objectifs d'apprentissage sont définis en termes de compétences et c'est à partir des compétences qu'on s'approprie les contenus, qu'on fait la séquenciation en unités didactiques et qu'on élabore les activités d'apprentissage et l'évaluation. (Hurtado Albir 2008, p.25)

Dans l'éventail des compétences à acquérir, il y a les compétences spécifiques qui s'appliquent à la discipline (en l'occurrence, la traduction) et les compétences générales dites aussi transversales, où l'on retrouve les compétences instrumentales, interpersonnelles et systémiques. (Hurtado Albir 2008, p. 23-24).

Dans le cas précis de la formation en traduction, la compétence en traduction – qui découle du profil professionnel attendu – est composé de cinq sous-compétences : *bilingue, extralinguistique, de connaissances en traduction, instrumentale et stratégique* (Hurtado Albir 2008, p. 28-29), sachant que cette dernière sous-compétence revêt une importance particulière, vu le contrôle qu'elle exerce sur tout le processus de traduction.

Il faut ajouter que, dans le référentiel de compétences du réseau EMT, réseau européen des masters en traduction (2017), on retrouve aussi cinq grands domaines de compétence : *Langue et culture, Traduction, Technologies, Personnel et interpersonnel, Prestation de services*. La compétence stratégique, quant à elle, est présentée comme l'une des composantes du domaine de compétence *Traduction* (2017, p. 7).

Enfin, dans les derniers travaux du groupe PACTE (2018), sont définis cinq compétences fondamentales : *compétence linguistique, compétence culturelle, encyclopédique et thématique, compétence instrumentale, compétence 'prestation de services', compétence 'résolution de problèmes de traduction'*. Cette dernière compétence renvoie à la compétence stratégique définie en 2008 par Hurtado Albir.

## 1. Compétence stratégique : essai de définition

Le concept de stratégie et celui de compétence stratégique ne sont pas neufs et se sont progressivement imposés depuis les années 1970 en didactique des langues (CUQ 2003, p. 225-226). Dans le Cadre Européen Commun de Référence pour les langues, la compétence stratégique est définie comme étant la compétence qui renvoie aux stratégies comprises comme « tout agencement organisé, finalisé et réglé d'opérations choisies par un individu pour accomplir une tâche qu'il se donne ou qui se présente à lui. » (CECR 2001, p. 15). Pour aller plus loin et mieux encadrer le concept

dans le contexte de la formation en traduction, Hurtado Albir (2008, p. 29) propose la définition suivante :

Connaissances opérationnelles permettant l'efficacité du processus de traduction et la résolution de problèmes rencontrés. Il s'agit d'une sous-compétence clé qui a un impact sur toutes les autres et les met en relation étant donné qu'elle contrôle le processus de traduction. Cette sous-compétence permet de planifier le processus et d'élaborer le projet de traduction (choix de la méthode requise), d'évaluer le processus et les résultats partiels obtenus en fonction de l'objectif final poursuivi, d'activer les différentes sous-compétences afin de compenser certaines lacunes, et de repérer les problèmes de traduction et d'appliquer les procédures permettant de les résoudre.

Notons que, dans la proposition du groupe PACTE (2018), cette compétence stratégique – comme les autres compétences –, fait l'objet d'une division en niveaux d'acquisition – A1 à C2 –, à l'image de ce qui est suggéré dans le CECR pour l'apprentissage des langues étrangères. À chaque niveau sont ainsi associés plusieurs descripteurs qui permettent de mieux cerner l'évolution de l'acquisition de la compétence en cause. À titre informatif, les descripteurs pour le niveau B2<sup>1</sup> de la compétence 'résolution de problèmes de traduction' sont les suivants (2018, p. 21) :

#### TRANSLATION LEVEL B2

1. Can solve translation problems characteristic of semi-specialized texts (for a non-specialized target audience) corresponding to at least one area of professional practice (legal and administrative; economic and financial; technical; scientific; non-literary publishing), respecting the target language's conventions and without errors in terms of meaning.
2. Can solve problems stemming from translation briefs in professional contexts for a non-specialized target audience.

<sup>1</sup> Il faut savoir que les descripteurs pour le niveau C, contrairement aux niveaux A et B, ne sont pas encore complètement définis dans cette proposition du groupe PACTE (2018).

3. Can solve language interference problems.
4. Can solve basic thematic problems, and explicit and implicit cultural difference and world knowledge problems.
5. Can solve intentionality problems related to difficulties understanding information in the original text (intertextuality, presuppositions, implicature).
6. Can solve different types of translation problems according to a translation brief (equifunctional translation, informative translation, adaptation, etc.).
7. Can use appropriate strategies to solve translation problems corresponding to this level.

## 2. Compétence stratégique et formation en traduction

Dans la *formation par compétences*, modèle proposé par Hurtado Albir, déjà mentionné, une place importante est accordée à l'approche par tâches et projets de traduction. Chaque séquence didactique est ainsi composée de plusieurs tâches, c'est-à-dire de tâches préparatoires (principalement des tâches d'apprentissage qui répondent à des objectifs d'apprentissage spécifiques) qui mènent à la tâche finale qui va, elle, activer plusieurs compétences spécifiques et générales.

Cette approche, déjà bien connue en didactique des langues mais novatrice dans le contexte de la didactique de la traduction, présente divers avantages : mise en place de tâches authentiques, apprentissage par problèmes, acquisition de stratégies de résolution de problèmes, centration sur l'apprenant, valorisation de la coopération entre pairs, promotion de l'évaluation formative et de l'autoévaluation, etc. Le dessein de Hurtado Albir est ainsi d'intégrer à la planification d'une formation en traduction, les principaux points forts des méthodologies actives, tout en ajustant cette formation à la future réalité professionnelle des apprentis traducteurs. Dessein que l'on retrouve également dans le référentiel de compétences du réseau EMT, déjà cité.

Vu que l'acte de traduire repose principalement sur un savoir-faire, renforcer le travail sur les compétences – et, en particulier sur la compétence

stratégique – en formation initiale est fondamental afin d’assurer une bonne gestion des problèmes de traduction et, de cette façon, du contrôle de qualité des textes produits en langue cible. Il ne faut pas perdre de vue que cette compétence stratégique est transversale aux quatre autres, comme souligné par Hurtado Albir (2008). Le défi est maintenant de savoir comment concrétiser cette intention.

### 3. Compétence stratégique et utilisation de *corpus*

Quand on parle de compétence stratégique en traduction ou compétence de résolution de problèmes de traduction, pour reprendre les termes du groupe PACTE, on pense tout de suite aux outils de la TAO (traduction assistée par ordinateur). D’ailleurs, dans l’échelle globale proposée par le groupe PACTE (2018, p. 24-25), le descripteur 4 pour le niveau B2 présente ce rapport étroit entre résolution de problème et outils informatiques : « 4. Can identify and use reliable documentation resources and use technological tools to solve the aforementioned translation problems and can adapt to new documentation resources and technological tools. »

Or, comme le soulignent Frérot et Karagouch (2016, p. 2), il convient de distinguer les outils qui relèvent de technologies langagières actives de celles qui sont passives, c’est-à-dire des outils de production comme les mémoires de traduction des outils de consultation comme les *corpus* et les concordanciers, sachant que ces derniers sont moins présents dans les formations en traduction et encore moins dans la réalité professionnelle, que les logiciels d’aide à la traduction. Pourtant, depuis les années 1990, avec le développement de la linguistique de *corpus*, l’utilisation des *corpus* – parallèles et comparables – ne cesse d’être recommandée au niveau théorique, particulièrement dans le domaine de la formation en traduction.

De cette façon, dans le cadre d’une unité d’enseignement dédiée à la traduction technico-scientifique FR>PT<sup>2</sup>, il nous a paru pertinent de renforcer l’utilisation de *corpus* comparables de textes authentiques, qui sont donc consultés mais aussi (et surtout) élaborés ou enrichis par les étudiants. Cette option méthodologique est guidée par les principes du *Data-Driven*

<sup>2</sup> C’est aussi le cas dans le cadre d’une autre unité d’enseignement dédiée à la traduction juridique. Voir DECHAMPS (2020).

*Learning* – ou *Apprentissage sur Corpus* en français –, approche préconisée par des spécialistes comme Tim Johns, Alex Boulton ou Henry Tyne<sup>3</sup> qui repose sur l'accès direct à des données linguistiques et discursives authentiques compilées dans des *corpus* déjà disponibles<sup>4</sup> ou constitués spécialement pour et/ou lors de la formation.

Même si, à l'origine, cette approche se destine à l'enseignement/apprentissage des langues étrangères, elle s'adapte très bien à l'enseignement/apprentissage de la traduction où la présence de *corpus* est acceptée naturellement. Par ailleurs, le *Data-Driven Learning* permet de développer chez les apprentis traducteurs, une véritable compétence stratégique pour résoudre des problèmes de traduction comme pour assurer la qualité des traductions effectuées, tout en renforçant la capacité à rechercher efficacement dans les *corpus* de l'information principalement terminologique (*information mining*) et à la gérer.

Concrètement, chaque séquence de cette formation porte sur la traduction de textes appartenant à un domaine de spécialité déterminé (architecture, finances, médecine, pharmacologie, transports routiers) et suit la planification suivante :

Session 1 (2h) Recherches	Présentation du domaine de spécialité et des textes à traduire <b>Recherche</b> et relevé de dictionnaires et bases de données terminologiques dédiés au domaine de spécialité en cause et disponibles sur Internet <b>Recherche</b> et collecte de textes comparables en langue cible Traduction du texte 1 (individuellement ou en groupe)
Session 2 (2h) Traduction	Commentaires sur la traduction du texte 1 <b>Traduction</b> du texte 2 (individuellement ou en groupe)

<sup>3</sup> Voir Boulton et Tyne (2014).

<sup>4</sup> Dans cette catégorie de *corpus* déjà disponibles, peut être considéré Google qui n'est d'autre qu'une immense collection de textes, intéressant pour sa taille et pour les informations linguistiques et discursives qu'il comporte mais sans la pertinence et la fiabilité d'un *corpus* beaucoup plus réduit créé à des fins de recherche spécifiques. Voir Boulton et Tyne (2014, p. 100-101).



Session 3 (2h) Traduction	Commentaires sur la traduction du texte 2 <b>Traduction</b> du texte 3 (individuellement ou en groupe)
Session 4 (2h) Synthèse	Commentaires sur la traduction du texte 3 Élaboration d'un <b>glossaire</b> (attribution d'un ou deux termes à chaque étudiant qui en fera ou complètera la fiche terminologique)

Tableau 1 – Panification de séquence

Pour chaque domaine de spécialité, il est demandé aux étudiants de traduire deux à trois textes dont le degré de spécialisation est variable (du moins au plus spécialisé). Ainsi, pour la séquence dédiée à l'architecture et, plus précisément, aux constructions en arcs, les textes traduits ont été : 1) un extrait de guide touristique consacré à la ville de Florence et à son *duomo*<sup>5</sup> ; 2) un article journalistique de semi-vulgarisation scientifique portant sur la construction du *duomo* de la même ville italienne<sup>6</sup> et, finalement, 3) un extrait d'un article scientifique concernant la construction en arcs<sup>7</sup>.

Avant de commencer à traduire les différents textes proposés et après une brève recherche de ressources terminologiques disponibles online, les étudiants sont invités à enrichir un *corpus* en langue portugaise réunissant des textes comparables à ceux en langue française qui devront être traduits lors de la séquence. Il est essentiel de préciser qu'il ne s'agit pas ici de réunir des textes collectés au hasard d'une consultation sur Internet. Au contraire, les étudiants sont initiés aux grands principes de la linguistique de *corpus*. En d'autres mots, ils sont amenés à se questionner sur la comparabilité des textes, notamment sur leur degré de spécialisation (Eurin-Balmet 1992 ; Loffler-Laurian 1983). Rapidement, ils prennent conscience de la diversité des textes qui traitent du même sujet mais qui présentent des situations de communication bien distinctes, principalement en ce qui

<sup>5</sup> NESTI, Riccardo (s.d.). *Florence – Histoire, art, folklore – tous les chefs-d'œuvre*. Firenze : ATS Italia Editrice.

<sup>6</sup> « Comment tient le dôme de Florence ? » in <http://www.lefigaro.fr/mon-figaro/2010/08/06/10001-20100806ARTFIG00502-comment-tient-le-dome-de-florence.php>. Consulté le 14 avr. 2020.

<sup>7</sup> Conception et construction des arcs » in [http://eduscol.education.fr/sti/sites/eduscol.education.fr/sti/files/ressources/pedagogiques/8020/8020-conception-et-construction-des-arcs-ensps\\_0.pdf](http://eduscol.education.fr/sti/sites/eduscol.education.fr/sti/files/ressources/pedagogiques/8020/8020-conception-et-construction-des-arcs-ensps_0.pdf). Consulté le 14 avr. 2020.

concerne l'émetteur et le destinataire, plus ou moins spécialistes selon les cas, entraînant ainsi une technicité plus ou moins marquée du discours au niveau terminologique et textuel.

Les deux fonctions pédagogiques principales du *corpus* ainsi constitué ou étoffé avec de nouveaux documents sont, d'une part, la résolution de problèmes de traduction et, d'autre part, l'enrichissement de fiches terminologiques.

Face à certains problèmes de traduction, les étudiants sont amenés peu à peu à consulter de façon plus systématique le *corpus* disponible. En fait, progressivement et avec la pratique, ils s'aperçoivent de la limitation des dictionnaires et bases de données terminologiques disponibles mais aussi de certaines mémoires de traduction. Ils remarquent également que, pour désigner un même concept, il est souvent possible de rencontrer plusieurs dénominations – dans les textes à traduire mais aussi dans les textes du *corpus* en langue-cible. Par exemple, et toujours pour la terminologie de la construction en arcs, *arc (en) plein cintre* peut être traduit en portugais par *arco de volta perfeita*, *arco pleno*, *arco de volta inteira*, *arco de volta redonda*, *arco de pleno centro*, *arco de pleno cimbre*, *arco de plena volta*, *arco de meia volta*, *arco de meio ponto*, *arco redondo*, *arco romano*, *arco românico*, *arco semicircular*. Les étudiants sont ainsi directement confrontés à la problématique de la synonymie et de l'équivalence en terminologie, étant ainsi obligés de remettre en question la conception wüstérienne « un concept – un terme » et de faire preuve de discernement dans le choix du terme le plus adéquat en langue cible au moment de la traduction.

Par ailleurs, une analyse fine de ces mêmes textes les confronte au fait que, parmi les synonymes relevés, certaines dénominations sont privilégiées dans les textes de vulgarisation scientifique alors que d'autres le sont dans les textes spécialisés, le terme le plus fréquent globalement en langue cible n'étant pas forcément toujours le plus pertinent pour traduire un terme donné en langue source. Par exemple, dans le domaine de l'architecture, dans les textes de vulgarisation, la dénomination *arc en fer à cheval* sera préférée à *arc outrepassé* ou *arc surhaussé*, dénominations plutôt attestées dans les textes spécialisés où *arc en fer à cheval* est nettement moins fréquent. Il en est de même dans les textes en portugais qui optent plutôt pour *arco de/em ferradura* lorsqu'il existe une vulgarisation des concepts.

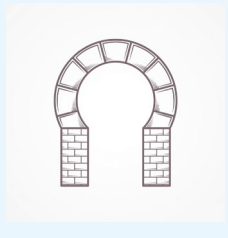
	FR	PT
	Arc en fer à cheval	<i>Arco em/de ferradura</i>
	Arc en trou de serrure	
	Arc maure, arc mauresque, arc byzantin	<i>Arco mouro, arco mourisco, arco árabe</i> <i>Arco ultrapassado</i>
	Arc outrepassé, arc surhaussé	

Tableau 2 – Dénominations FR-PT *arc en fer à cheval*

Au contact des informations contenues dans les *corpus*, les étudiants se rendent également compte des variantes lusophones, les choix terminologiques opérés au Brésil n'étant pas forcément les mêmes au Portugal. Par exemple, dans le domaine médical, l'unité terminologique complexe *poussée de sclérose en plaques* localisée dans un texte de vulgarisation scientifique a suscité une série de doutes, vu que les différentes ressources terminologiques consultées proposaient diverses traductions en langue portugaise : *surto de esclerose múltipla*, *crise de esclerose múltipla*, *ataque de esclerose múltipla*. Une consultation attentive du *corpus* a permis de trancher et de déterminer que *ataque de esclerose múltipla* est peu attesté dans ce type de textes – donc à éviter – et que *surto de esclerose múltipla* est plus utilisé au Portugal que *crise de esclerose múltipla*, plus présent dans les textes de vulgarisation scientifique brésiliens. Un autre exemple pour revenir au domaine de l'architecture, les étudiants ont remarqué, dans leurs consultations de *corpus*, une légère tendance pour un emploi plus marqué de *arco de volta perfeita* dans les documents portugais et de *arco de volta inteira* dans les textes brésiliens, tendance qui serait à confirmer sur la base de *corpus* plus vastes.

Ces découvertes successives sont, comme on vient de le voir, facilitées par la consultation de *corpus* et ont permis une meilleure qualité des traductions effectuées. Cela dit, afin que ces informations précieuses ne se perdent pas, il nous a paru utile que les étudiants consignent, à la fin de chaque séquence, ces mêmes informations dans un glossaire logé sur la plateforme Moodle qui sert de soutien à l'unité d'enseignement. Il convient de souligner que ces glossaires – un pour chaque domaine de spécialité –, reposant principalement sur les problèmes terminologiques rencontrés

lors des traductions, sont évolutifs, c'est-à-dire repris d'un groupe-classe à un autre pour être revus, complétés et corrigés. Actuellement, le glossaire dédié spécifiquement aux arcs en architecture comprend 32 entrées.<sup>8</sup> Dans ce travail de compilation terminologique, il faut ajouter que les *corpus* jouent un rôle fondamental pour enrichir qualitativement la description des termes en fournissant, entre autres, exemples d'emploi, synonymes, collocations et phraséologies.

**Arc en Ogive / Arc-Ogive**

Categoria gramatical: Nome Feminino

Definição [FR]: Arc diagonal, nervure saillante en général en plein cintre, dans la voûte gothique. [Source: [Larousse](#)]

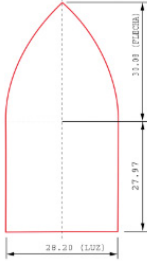
Definição [PT]: Figura formada por dois arcos que se cruzam na parte superior [Fonte: [Infopédia](#)]

Tradução: [Arco em Ogiva](#)

Exemple [FR]: Formée par le croisement de trois ogives, cette voûte se divise en six parties, six voûtains. La figure 2 illustre ce principe. [Source: [Cathédrale Gothiques](#)]

Exemplo [PT]: A ousia é um módulo quadrado, enquadrado por arco cruzeiro em ogiva sustentado por pilastras chanfradas.

Imagem: [Fonte: [Wikivand](#)]



Sinónimos [PT]: [Arco de Ogiva](#); [Arco Ogival](#); [Arco Quebrado](#)

Palavra(s)-chave:

Figure 1 – Fiche terminologique (en construction) du terme *arc en ogive*

Il est clair que ces glossaires ne peuvent pas briguer le statut de ressources terminologiques *professionnelles* mais, à un niveau didactique, en plus des avantages déjà énoncés, ils représentent un bon prétexte pour initier les étudiants à l'art de la terminographie.

Cependant, pour renforcer la mise en place du *Data-Driven Learning* et consolider la compétence stratégique par le biais de la réalisation de micro-tâches qui, reposant sur le recours aux *corpus*, correspondent à des objec-

<sup>8</sup> En ce qui concerne les autres glossaires, on compte 26 entrées pour le glossaire de termes médicaux (douleurs neuropathiques), 40 entrées pour le glossaire de pharmacologie et 26 entrées pour celui des transports routiers internationaux.

tifs d'apprentissage spécifiques (par exemple, élaborer ou compléter la fiche terminologique d'un terme donné), il serait nécessaire à court-terme de transformer l'ensemble des *corpus* constitués en format .txt<sup>9</sup> afin de pouvoir introduire l'utilisation d'outils de traitement textuel comme les concordanciers<sup>10</sup> et faciliter de cette manière la localisation d'informations terminologiques en langue cible (termes simples et complexes, collocations et phraséologies). Et, à long-terme, il serait intéressant d'envisager, après une révision attentive des fiches terminologiques par des terminologues et des spécialistes, la transformation des glossaires en ressources consultables en ligne.

## Conclusion

Tout ce travail en classe – constitution de *corpus*, localisation d'information terminologique, traduction et élaboration de fiches terminologiques – , plus proche de la réalité professionnelle du traducteur, va au-delà du développement de la seule compétence linguistique et rejoint le principe pédagogique qui est d'apprendre en faisant, permettant ainsi un plus grand engagement des étudiants dans la formation mais aussi une redéfinition du rôle du formateur, vu non plus comme le maître des savoirs – ici linguistiques et discursifs – mais plutôt comme un guide qui oriente les futurs traducteurs dans leur apprentissage. De plus, ces mêmes étudiants développent esprit critique, rigueur et autonomie face aux données linguistiques et discursives brutes. C'est d'ailleurs l'un des principaux objectifs du *Data-Driven Learning* mais aussi un atout majeur dans le développement d'une réelle compétence stratégique pour la résolution de problème en traduction.

Pour conclure, il est intéressant de faire valoir ici la pertinence des apports de la recherche en didactique des langues dans la didactique de la traduction – en l'occurrence, l'approche préconisée par le *Data-Driven Learning*

<sup>9</sup> Pour l'instant, la plupart des *corpus* se présentent sous forme de recueils de textes en format PDF. La localisation d'informations terminologiques se fait principalement par le biais de la fonction CTRL F ; ce qui est loin d'être l'idéal.

<sup>10</sup> Pour les *corpus* qui sont déjà disponibles en format .txt (*corpus* de vulgarisation en architecture), le logiciel de traitement automatique de données textuelles utilisé est TermoStat Web 3.0 développé par l'Université de Montréal et accessible gratuitement sur Internet. Simple à utiliser, ce logiciel comporte plusieurs fonctionnalités dont la recherche de concordances et de contextes. Disponible sur <http://termostat.ling.umontreal.ca/> (consulté le 25 avr. 2020).

– , mais aussi de la terminologie et, plus particulièrement, de la gestion de l'information spécialisée dans la formation des traducteurs.

## Références bibliographiques

- BOULTON, Alex ; TYNE, Henry. 2014. Des documents authentiques aux *corpus* – Démarches pour l'apprentissage des langues. Paris : Didier.
- CONSEIL DE L'EUROPE. 2001. Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues. Paris : Didier. Disponible sur <<https://rm.coe.int/16802fc3a8>>. Consulté le 19 avr. 2020.
- CUQ, Jean-Pierre. 2003. Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde. Paris : Clé International.
- DECHAMPS, Christina. 2020. « *Data-Driven Learning*, termes et collocations terminologiques : un défi pour la formation en traduction juridique ». *Linha D'Água* 33-1, p. 49-67. Disponible sur <<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/163405>>. Consulté le 26 avr. 2020.
- EMT network. 2017. Référentiel de compétences. Disponible sur <[https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/emt\\_competence\\_fwk\\_2017\\_fr\\_web.pdf](https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/emt_competence_fwk_2017_fr_web.pdf)>. Consulté le 19 avr. 2020.
- EURIN-BALMET, Simone ; HENAO DE LEGGE, Martine. 1992. Pratiques du français scientifique. Paris : AUPELF/UREF.
- FRÉROT, Cécile ; KARAGOUCHE, Lionel. 2016. « Outils d'aide à la traduction et formation des traducteurs : vers une adéquation des contenus pédagogiques avec la réalité technologique des traducteurs ». *ILCEA – Revue de l'Institut des Langues et Cultures d'Europe, Amérique, Afrique, Asie et Australie* 27, 22 p.
- HURTADO ALBIR, Amparo. 2008. « Compétences en traduction et formation par compétences ». *TTR – Traduction, terminologie, rédaction* 21-1, p. 17-64.
- LOFFLER-LAURIAN, Anne-Marie. 1983. « Typologie des discours scientifiques : deux approches ». *Études de Linguistique Appliquée* 51, p. 8-20.
- PACTE group. 2018. « Competence levels in translation: working towards a European framework ». *The Interpreter and Translator Trainer* 12 (2), p. 11-131. Disponible sur <[https://ddd.uab.cat/pub/artpub/2018/194868/intratra\\_a2018v12n2p111.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/artpub/2018/194868/intratra_a2018v12n2p111.pdf)>. Consulté le 19 avr. 2020.

# L'acostament de la terminologia al gran públic mitjançant productes multimèdia de difusió

Jordi Bover  
*TERMCAT*

---





Un dels reptes amb què s'enfronta diàriament un centre com el TERMCAT, que té entre els seus objectius la producció de nova terminologia, és donar-la a conèixer als seus usuaris potencials. Més enllà del públic especialitzat específic, és necessari també poder-la transmetre, d'una manera comprensible, a usuaris temàticament transversals, com és el cas dels mediadors lingüístics o els periodistes, i també al gran públic, sobretot aquella terminologia que ultrapassa l'exclusivitat del seu àmbit i s'introdueix a la vida diària de moltes persones. Això passa amb la terminologia d'àmbits com l'esportiu, el jurídic o el de noves tecnologies. També és necessari, puntualment, explicar termes d'àmbits molt especialitzats que arriben als mitjans per notícies concretes. Ho hem vist, per exemple, amb els termes de física *bosó de Higgs* i *forat negre*.

L'ús de nous formats visuals de difusió interactiva vehiculats per les xarxes socials obre una via impensable fa pocs anys per poder transmetre de manera simple i visual, però també rigorosa, conceptes sovint molt especialitzats a un públic molt divers.

És per això que al nostre centre hem obert una línia de productes multimèdia de difusió terminològica, amb formats molt diversos: infografies, mapes, cronologies, imatges interactives, relats immersius, targetes reversibles, microvídeos, imatges 360º, tests... A més dels canals de difusió tradicionals publiquem aquests continguts, amb les adaptacions corresponents, a xarxes socials com Twitter, Facebook o Youtube. Aquests mitjans faciliten una participació activa dels usuaris, que sovint ajuda a millorar els futurs productes i la terminologia continguda i, sobretot, asseguren una redifusió de la feina feta a uns usuaris que altrament no haurien conegut mai la terminologia que proposem. Aquesta combinació de nous formats i xarxes socials també permet crear petits productes que donin una resposta relativament ràpida als dubtes terminològics que pot generar en els usuaris l'actualitat informativa.

JORDI BOVER

Us presento a continuació una relació de la tipologia de formats que hem utilitzat al Centre amb aquesta finalitat, acompanyada de diversos exemples reals. Tot els productes multimèdia que hem publicat fins ara (més de vuitanta) els podeu consultar al nostre web, a l'apartat <https://www.termcat.cat/ca/recursos/productes-multimedia>.

## 1. Els apunts terminològics

És el format textual que històricament hem utilitzat per explicar una decisió terminològica, el conjunt de termes d'un àmbit, distincions conceptuals que sovint es confonen en l'ús general...

Com la resta de materials de difusió, els publiquem amb motiu d'algun esdeveniment d'actualitat o per reforçar la visibilitat d'un diccionari. Un exemple del primer cas el tenim en un apunt dedicat a explicar què és una superlluna —o lluna de sang— la setmana en què se'n produeix una, i del segon cas en l'apunt titulat "Què vol dir que una persona és no-binària o que té una identitat no-binària?", destinat a donar a conèixer el *Diccionari LGBT (lèsbic, gai, bisexual i trans)*: s'hi recullen, entre altres termes, els diferents tipus d'identitats no-binàries (persones agènere o de gènere neutre, persones bigènere i persones de gènere fluid o fluides). En tots aquests casos s'inclouen enllaços a les fitxes terminològiques del Cercaterm (el cercador de la terminologia pública del TERMCAT) o directament al diccionari específic, on l'usuari pot aprofundir la definició, equivalents i altres informacions del terme.

© TERMCAT. Centre de Terminologia

## Quan arriben els termes al gran públic?



25.09.2015

### La nit de l'escrutini hi ha *superlluna* i *lluna de sang*. Què vol dir tot això?

La nit del 27 de setembre, a banda de tenir interès pels resultats electorals, resultarà especialment interessant per als aficionats a l'observació dels astres. Hi coincideixen dos fenòmens: per una banda, el perigeu més important de l'any, i, per una altra banda, un eclipsi lunar total.

Més >



05.06.2018

### #termedelasetmana: colada de lava

L'erupció del volcà de Fuego, a Guatemala, ocupa aquests dies bona part de l'actualitat informativa.

Més >



10.05.2018

### Decidiran els *boxes* o els *boxs*?

Les curses de Fórmula 1 no es decideixen només a la pista. A més de l'habilitat del pilot i les virtuts del monoplaça, també hi pesa, i molt, l'estratègia d'aturades segons l'estat dels pneumàtics i els incidents de la cursa.

Més >



08.02.2018

### Crics, clocs, clics!: què és una *granja de clics*?

Feta la llei feta la trampa.

Més >

[www.termcat.cat](http://www.termcat.cat)

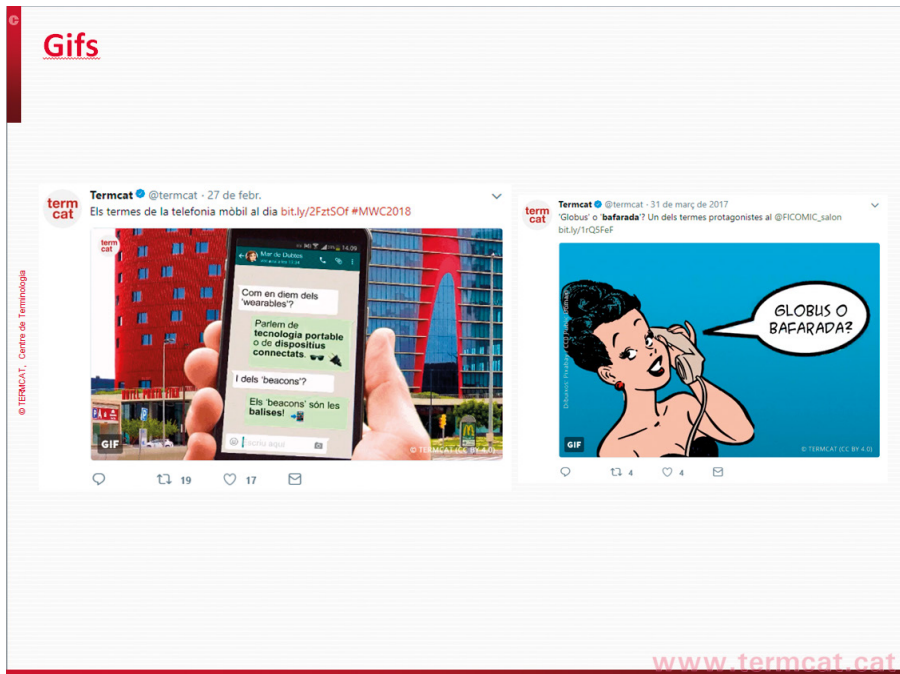
## 2. Infografies

Si bé els apunts solen contenir alguna imatge, aquesta té un paper complementari. En les infografies, en canvi, la imatge és el fil vertebrador de la terminologia, imprescindible per contextualitzar-la. Per exemple, la infografia *Cicle de l'aigua* permet distingir en un relleu cartogràfic els successius estats de l'aigua a la natura: *condensació*, *evapotranspiració*, *evaporació*, *precipitació* i *infiltració*, amb les seves definicions terminològiques. Fent clic als termes s'accedeix a les fitxes corresponents del Cercaterm. Es va desenvolupar amb eines tecnològiques del Paquet Adobe.

The image displays three infographics from Termcat. The first, 'Gestió ambiental', features a central globe and icons for various environmental topics like air quality, water, and natural heritage. The second, 'El cicle de l'aigua', is a 3D diagram showing the water cycle with labels for condensation, evapotranspiration, evaporation, precipitation, surface water, and groundwater. The third, 'La condició de refugiats', shows a map of Europe with arrows indicating refugee movements and text boxes for 'Refugiats en Líbia', 'Refugiats en Síria', and 'Refugiats en Itàlia'. A vertical red bar on the left contains the text '© TERMCAT, Centre de Terminologia'. The URL 'www.termcat.cat' is visible at the bottom right.

### 3. Gifs

En aquest cas una imatge o una combinació d'imatges donen un missatge terminològic breu i clar, ideal per a una plataforma com Twitter: per exemple, l'alternativa a algun anglicisme. Es poden desenvolupar amb eines tecnològiques com Gifmaker.me o Photoshop.




### 4. Imatges interactives

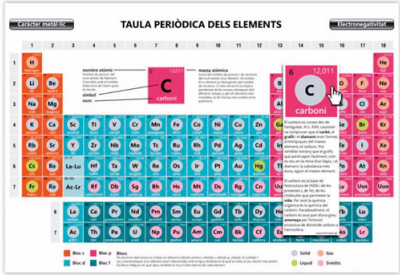
Les imatges interactives, com el seu nom indica, van una mica més enllà i permeten a l'usuari incidir en la seva visualització. En general això implica poder ampliar la informació d'un terme o la imatge associada. En la *Taula periòdica d'elements*, per exemple, fent clic a qualsevol dels símbols dels elements es poden visualitzar ampliat el seu nom, el seu nombre atòmic i la massa atòmica relativa, a més d'accedir a informació complementària, etimològica i conceptual, i a l'article corresponent del *Diccionari de química*. L'eina tecnològica emprada en aquest cas va ser Thinglink.

© TERMCAT, Centre de Terminologia


## Imatges interactives



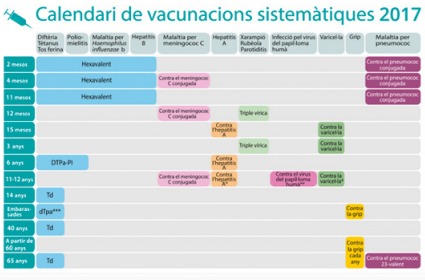
**PLUGES D'ESTELS**



**TAULA PERIÒDICA DELS ELEMENTS**



**OCELLS NO PASSERIFORMES**

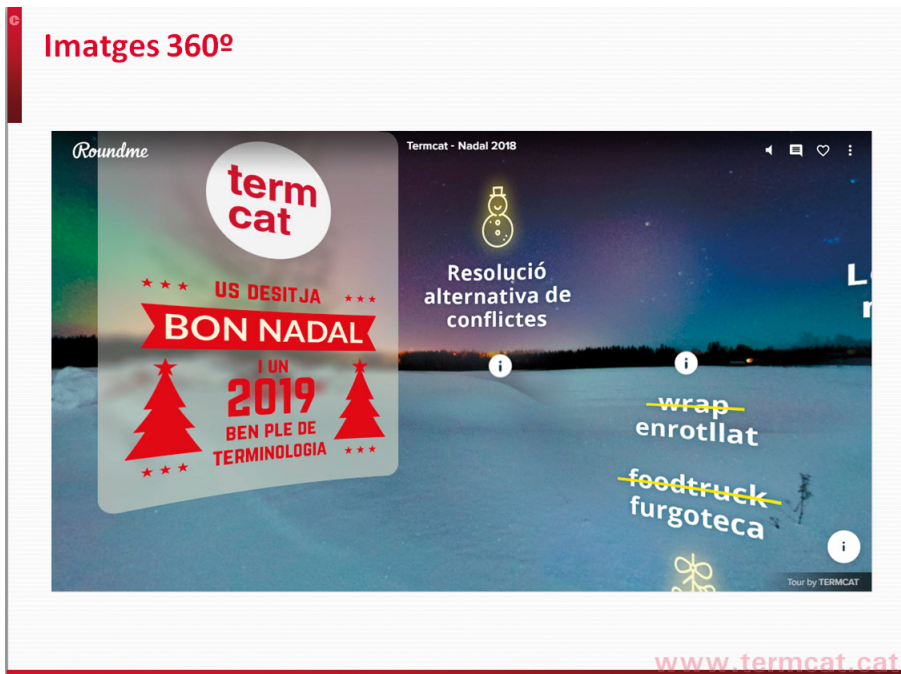


**Calendari de vacunacions sistemàtiques 2017**

[www.termcat.cat](http://www.termcat.cat)

## 5. Imatges panoràmiques 360º

Una variant més innovadora de les imatges interactives són les imatges panoràmiques 360º, en què l'usuari pot moure's amb el cursor com si la imatge l'emboïllés. És la tècnica que vam utilitzar el Nadal de 2018 per felicitar els nostres usuaris a les xarxes. En diferents racons d'un paisatge hivernal, a mesura que avançaven amb el cursor, els usuaris descobrien termes d'interès que havíem tractat al llarg de l'any. Es va desenvolupar amb l'eina tecnològica Roundme.



## 6. Microvídeos animats

Els microvídeos són un altre mitjà molt popular a les xarxes socials, que permet comunicar un missatge de manera atractiva i breu. En general no haurien de durar més d'un minut, per evitar que l'usuari n'abandoni la visualització a mitges, tot i que a vegades poden ser una mica més llargs, tenint en compte que el destinatari pot ser un usuari més especialitzat i el missatge una mica més complex. És molt adequat per promocionar un nou diccionari (l'hem utilitzat, per exemple, per difondre el *Lèxic de fàrmacs*) o un terme (per exemple, d'enologia). Les eines tecnològiques emprades són Videoscribe o Adobe Premiere.

**Microvídeos animats i amb titulars**

© TERMCAT, Centre de Terminologia

term cat

L'atac o entrada en boca es refereix a la primera impressió que ens causa el vi

© elongsound

[www.termcat.cat](http://www.termcat.cat)



## 7. Narrativa per desplaçament (scrollytelling)

La narrativa per desplaçament és una tècnica de narració consistent a comunicar una història mitjançant una seqüència d'elements audiovisuals que van apareixent a la pantalla a mesura que l'usuari es desplaça per la pàgina i hi interactua. Permet aprofundir en un tema combinant amb el text elements audiovisuals diversos, com poden ser gràfics, vídeos, animacions, fotografies, etc. És el mitjà que vam utilitzar per difondre els termes clau vinculats al canvi climàtic, que recollim en el *Diccionari de gestió ambiental*. L'eina tecnològica emprada va ser Adobe Spark.

**Narrativa per desplaçament (scrollytelling)**

© TERMCAT, Centre de Terminologia

termcat

Generalitat de Catalunya

www.termcat.cat

## 8. Targetes reversibles

Les targetes reversibles solen plantejar un dubte terminològic a la cara que resol el seu dors, al qual s'accedeix fent clic a la cara de la targeta. Per exemple, a partir de la definició 'empresa de constitució recent que respon a una oportunitat de mercat important i que té un marcat caràcter innovador i un creixement fort i ràpid', cal decidir si l'anomenem *empresa emergent* o *startup*. Lògicament, la forma que ens proposa el revers és l'alternativa catalana a l'omnipresent anglicisme. L'eina tecnològica emprada és Playbuzz.

**Targetes reversibles**



© TERMCAT, Centre de Terminologia



**Noms de plantes**  
Corpus de fitonímia catalana



**Plantes medicinals. En coneixes les propietats?**


L'11 de maig és el dia de Sant Ponç, patró dels herbolaris, i amb aquest motiu en diverses ciutats i viles de Catalunya s'organitzen fires en què les herbes remeieres són protagonistes. Us convidem a descobrir els efectes beneficiosos atribuïts a algunes plantes medicinals emprades a casa nostra.

[www.termcat.cat](http://www.termcat.cat)


## 9. Cronologies

Amb aquest format, els articles terminològics s'interrelacionen amb dues dimensions més: un complement audiovisual i la seva ubicació cronològica. Han de ser termes, doncs, que admetin aquestes dues dimensions. És el cas dels estils musicals, per exemple, en què els noms dels estils s'acompanyen d'un vídeo musical exemplificador i del període en què va sorgir l'estil. Permet veure quins estils (a partir de mitjan segle xx) són propis de cada període, quins són coetanis... i a partir d'aquí accedir als termes, les seves definicions i els vídeos. Cal tenir en compte que els vídeos, normalment de la plataforma Youtube, han de permetre un accés lliure de visualització. L'eina tecnològica emprada en aquest cas va ser Timeline JS.

### Cronologies



## Els estils musicals




via: EusebioSesquies - Instagram - 04/09/2019 10:24

1900 — 1920

### gòspel

Estil musical d'origen religiós originat al començament del segle XX als Estats Units entre la població afroamericana, que es caracteritza per polifonies i sincopes.

El gòspel deriva dels himnes evangèlics del ressorgiment protestant del segle XIX.

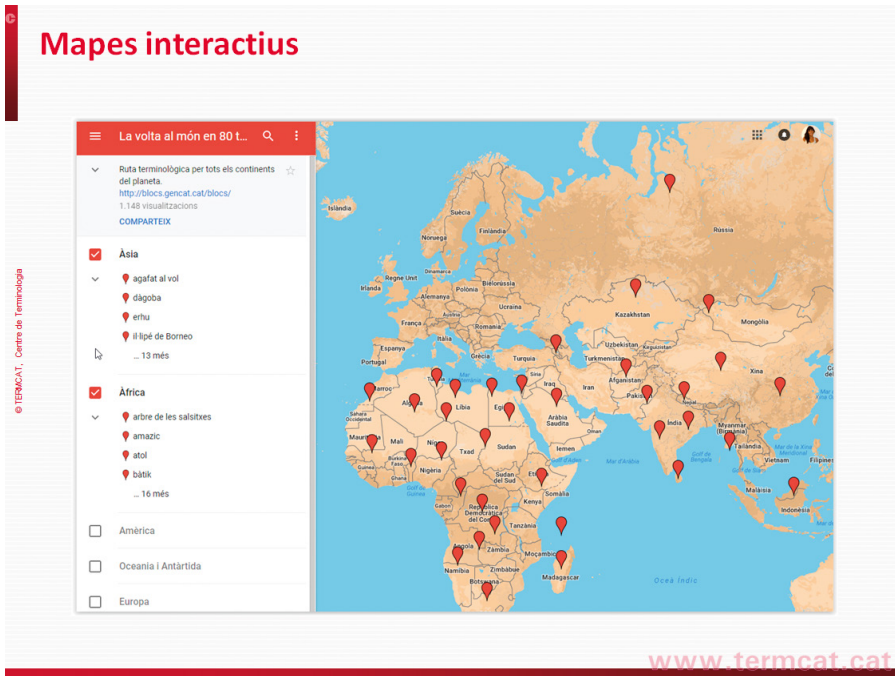


gòspel	country	bigud begud	còmbia
blues	jazz	swing	bebop

[www.termcat.cat](http://www.termcat.cat)

## 10. Mapes interactius

En aquest cas la dimensió que s'interrelaciona amb els termes és la geogràfica. Els termes o grups de termes són accessibles a partir d'un mapa, que permet situar-ne l'origen o l'hàbitat d'ús natural. L'estiu de 2015, per exemple, el TERMCAT va crear el mapa interactiu *La volta al món en 80 termes*, en homenatge a la famosa novel·la de Jules Verne, que situava en els cinc continents d'un mapamundi diversos termes molt marcats geogràficament. Són noms de la natura com *diabre de Tasmània* (Oceania) o *guèiser* (Islàndia), o culturals, com *blini* (Rússia), *enxaneta* (Catalunya) o *tambor parlant* (oest de l'Àfrica). Les eines tecnològiques emprades per desenvolupar-lo van ser Google Maps i Instamaps.




## 11. Tests i qüestionaris

La màxima expressió de la interactivitat amb els usuaris s'assoleix sens dubte en el format dels tests i els qüestionaris. Mitjançant un seguit de preguntes que posin a prova el coneixement dels usuaris es pot aconseguir difondre d'una manera lúdica la terminologia i, a més, que recordin de manera més duradora les denominacions proposades. Aquesta va ser l'estratègia de difusió seguida, per exemple, per donar a conèixer la terminologia d'un diccionari de sexualitat i erotisme i les propostes catalanes neològiques.

Però els qüestionaris no només tenen aquest vessant lúdic: també permeten que els usuaris participin en el procés de fixació de la terminologia d'una manera activa. Es pot demanar la seva opinió entre diverses alternatives possibles quan s'està estudiant un cas terminològic. Per exemple, en un qüestionari difós a les xarxes socials es plantejaven als usuaris múltiples propostes catalanes per substituir diversos anglicismes de l'àmbit de la ciberseguretat que començaven a obrir-se camí en l'ús especialitzat en català. I, si no els agradava cap de les alternatives plantejades, els usuaris tenien l'opció de fer noves propostes. El Consell Supervisor del TERMCAT, l'òrgan encarregat de la normalització de la terminologia catalana, va tenir molt en compte el grau de suport social a les xarxes i les propostes neològiques dels usuaris a l'hora d'escollir les denominacions normalitzades. Cal dir que aquesta participació dels usuaris a les xarxes per mitjà de tests

és més efectiva i fiable com més acostats al coneixement general són els termes que s'hi tracten.

Tests i qüestionaris



**Els neologismes de la ciberseguretat**

La *Terminologia de la ciberseguretat* recull més de 250 de termes relacionats amb els atacs, els mitjans tècnics de seguretat, els comportaments socials vinculats amb aquest àmbit i també les tecnologies que tenen una incidència rellevant en les polítiques de ciberseguretat.

A continuació presentem una **quinzena de neologismes** per als quals busquem una alternativa en **llengua catalana**.

Ens ajudes a trobar l'opció més adequada?

Comencem!

per BOTOEN

1 → Atac de denegació de servei distribuït en què es fa un enviament massiu de paquets ICMP amb l'objectiu de saturar els tallafocs i els encaminadors. [**BlackNurse attack**, en anglès]\*

NOTA: La denominació anglesa *BlackNurse attack* pren el nom a partir de les professions de les dues persones que van crear l'atac, un ferrer (*blacksmith*) i un infermer (*nurse*).

atac BlackNurse  
 atac de saturació  
 atac (de saturació) ICMP  
 Altres

[www.termcat.cat](http://www.termcat.cat)

Amb una finalitat molt més especialitzada, els tests en línia ens han permès oferir a qualsevol persona que hagi fet un recull terminològic la possibilitat que ell mateix avaluï si el seu diccionari s'adiu amb uns estàndards lingüístics i metodològics. La resposta a vint-i-cinc preguntes dona una puntuació final i una recomanació de si cal revisar-lo o no. Però més enllà d'aquesta autoavaluació, el test té també una funció didàctica i de difusió de la nostra metodologia: cada resposta s'acompanya d'una explicació de la teoria metodològica corresponent perquè l'usuari sàpiga com pot millorar el seu diccionari. Aquest test, a més d'oferir-se en català, s'ofereix també en castellà, francès i anglès i es preveu que pugui ampliar-se amb altres idiomes, amb les adaptacions metodològiques que calgui. L'eina tecnològica triada en aquest cas ha estat Typeform.

Com hem pogut constatar al llarg de la presentació, les possibilitats que ens ofereix avui dia la combinació de les xarxes socials i els nous formats multimèdia per connectar amb un públic transversal són immenses. I no

només per difondre la terminologia d'una manera atractiva, sinó també per fer participar els usuaris en la fixació i la millora d'aquesta terminologia. Aquesta interrelació creixent amb els usuaris, que són sovint alhora experts en la terminologia d'un àmbit determinat, obre un camí, encara per explorar i canviant, per poder produir i difondre una terminologia més precisa i més consensuada. I cal tenir present que continuaran apareixent nous formats que ens oferiran opcions de comunicació i cooperació que avui dia no podem ni imaginar. Caldrà estar a l'aguait per saber-les aprofitar.

### Referències bibliogràfiques

- BOVER i SALVADÓ, Jordi; FARGAS i VALERO, F. Xavier. "El TERMCAT: Trenta anys treballant en terminologia [online]". *Llengua i Ús* (2015), núm. 57.  
<<http://www.raco.cat/index.php/LlenguaUs/article/view/300740>>
- CUADRADO, Sandra; GASTÓ, Josep Maria. "From content marketing to engagement: Terminology in digital marketing; a collaborative social project". A: *VII Cimera de Terminologia: Xarxes socials i treball terminològic: Actes* [en línia]. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia, DL 2016, p. 38-47.  
<[http://www.termcat.cat/docs/AET/Pdf/VII-Cimera-AET-2014\\_Actes.pdf](http://www.termcat.cat/docs/AET/Pdf/VII-Cimera-AET-2014_Actes.pdf)>
- FARGAS VALERO, Xavier; GRANÉ FRANCH, Marta; CORTÉS JORDANA, Maria. "Xarxes socials i terminologia: Com afecten les xarxes el treball terminològic [online]". *Llengua i Ús* (2015), núm. 56.  
<<http://www.raco.cat/index.php/LlenguaUs/article/view/297135>>





# A mediação da metáfora em textos jornalísticos de economia

Ieda Maria Alves

*Universidade de São Paulo*

---



## Introdução

O termo *mediação* apresenta diferentes definições em obras lexicográficas. Tomando como referência o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, esse termo é inicialmente definido de maneira genérica:

ato ou efeito de mediar  
 1 ato de servir de intermediário entre pessoas, grupos, partidos, facções, países etc., a fim de dirimir divergências ou disputas; arbitragem, conciliação, intervenção, intermédio «m. entre gregos e troianos»

Mais especificamente, o dicionário apresenta definições relativas a áreas de especialidade, das quais citamos a Diplomacia e o Comércio:

1.1 dipl procedimento organizado de conciliação internacional «coube a Kissinger a m. entre gregos e turcos cipriotas»  
 1.2 com ato de agir como intermediário entre comprador e vendedor; corretagem

Observamos, assim, que o termo *mediação* apresenta uma acepção genérica de intermediação, podendo ser aplicado a diferentes áreas de especialidade.

Neste trabalho, empregamos *mediação* em uma acepção linguística, tal como o termo é definido por Rousseau (2007):

On pourrait définir la médiation linguistique comme toute activité de communication nécessitant la transformation ou l'adaptation d'un message parlé ou écrit, de manière à

le rendre intelligible à un public cible dans une situation linguistique donnée. Ainsi, les situations de communication suivantes sont assimilables à la médiation linguistique: la traduction ; l'interprétation ; le doublage ou le sous-titrage de films ; la localisation ; l'enseignement ; la vulgarisation scientifique et technique ; la communication entre experts de domaines différents ; la communication entre l'administration publique et les administrés : la simplification de la langue de l'administration (ex.: la déclaration de revenus) ; la langue de la santé et de la médecine (notamment la relation médecin-patient) ; la langue de la justice ; la communication entre les médias et le public; la communication entre les fournisseurs et leurs clients ; l'argumentation commerciale et la publicité ; la protection du consommateur: l'affichage et l'étiquetage des produits ; les modes d'emploi et les garanties ; la communication entre les niveaux hiérarchiques dans une organisation ; l'intégration linguistique, sociale et culturelle des migrants.

Nessa definição de *mediação linguística* apresentada por Rousseau, observa-se que a terminologia exerce um importante papel, ao estabelecer uma ponte entre o especialista e o usuário de uma língua de especialidade.

A língua de especialidade que enfocamos neste trabalho é a Economia. Diferentemente de várias áreas de especialidade, porém de maneira análoga à Medicina e à Informática, dentre outras, a Economia constitui uma ciência que não interessa somente a aqueles que a praticam, os economistas, ou aos jornalistas especializados nessa disciplina. Ao contrário, todos os cidadãos são afetados pelos fatos econômicos do país ou da região em que vivem, ainda que não compreendam esses fatos ou a terminologia empregada para descrevê-los.

Com a finalidade de possibilitar a compreensão dos fatos econômicos por leitores não especializados, observa-se que diferentes estratégias de mediação – de caráter metafórico, terminológico, discursivo – são observadas, sobretudo, em textos jornalísticos. Em Alves (2015), estudamos a mediação terminológica entre jornalistas e leitores não especializados por meio de uma definição, muito comum nos textos jornalísticos de Econo-

nia. Neste trabalho, observamos como o emprego de metáforas pode contribuir para o estabelecimento de uma mediação entre a comunicação estabelecida entre jornalistas e leitores não especializados.

## 1. Metodologia

Para este estudo, tomamos como *corpus* os dados coletados para o desenvolvimento do Projeto *Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita*, desenvolvido no âmbito do Programa Capes-DPGU, entre pesquisadores de universidades brasileiras (Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Estadual de Maringá) e da Universidad de Vigo, Espanha<sup>1</sup>. O projeto procura contribuir para o estudo contrastivo da terminologia relativa à crise econômica mundial iniciada nos Estados Unidos, em 2007, e suas repercussões na imprensa escrita brasileira e espanhola. Cumpre o objetivo de realizar, comparativamente, um estudo morfológico, conceptual e semântico dessa crise econômica, a partir das unidades lexicais neológicas criadas para denominá-la, tanto as de caráter formal como também as constituídas por metáforas ou outras figuras.

Um *corpus* bilíngue, de caráter comparável (cf. Tagnin, 2007), foi constituído para este estudo e compreende, em cada idioma – português brasileiro e espanhol europeu –, dois jornais de grande circulação e de informações gerais e um jornal especializado em Economia, publicados no Brasil e na Espanha às 6as feiras, durante o período de agosto de 2007, início da crise mundial estudada, até dezembro de 2013. Em cada uma das línguas estudadas, foram analisados 332 (trezentos e trinta e dois) exemplares de cada um dos três jornais, que representam 996 (novecentas e noventa e seis) exemplares em cada língua.

O *corpus* brasileiro foi coletado nos jornais de âmbito geral (*Folha de S. Paulo*, *O Globo*) e no jornal especializado em Economia *Valor Econômico*. A constituição desse *corpus* permitiu a análise de um total de 996 (novecentas e noventa e seis) edições. Esse material jornalístico foi processado pelo programa WordSmithTools 6.0 e a análise dessas edições compreende

---

<sup>1</sup> Projeto Capes/DGPU 297/13 e PHB\_2012-0121-PC, respectivamente.

um total de 6 258 416 (seis mil duzentas e cinquenta e oito e quatrocentas e dezesseis) palavras enunciadas (tokens) e 666 23 (seiscentas e sessenta e seis e vinte e três) palavras diferentes (types).

Nesse *corpus*, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, proposta e desenvolvida por Lakoff e Johnson (2002) – que postula que a metáfora estabelece a relação entre dois domínios conceptuais, o domínio-fonte e o domínio-alvo –, observamos que a mediação entre o conhecimento do economista ou jornalista e o do leitor, nem sempre conhecedor da terminologia econômica, não raro processa-se pelo uso de metáforas, oriundas de algumas áreas de especialidade que fazem parte da vida cotidiana dos cidadãos comuns.

## 2. A mediação em textos de Economia

Conforme já salientamos em trabalho anterior (Alves, 2016), a Economia é uma ciência muito presente na vida cotidiana dos cidadãos, pois toda a sociedade contemporânea está baseada em vendas e ofertas de serviços, transações e trocas comerciais. Em consequência desse fato, a Economia está representada não apenas em cadernos ou seções específicas, mas transparece também nas demais subdivisões dos jornais, sendo, assim, uma língua de especialidade em que o recurso da *mediação*, em textos jornalísticos e de difusão científica, é costumeiramente observado.

Um tipo de mediação bastante presente em textos jornalísticos da Economia é representado pelo recurso à definição, comumente de caráter sinonímico ou por compreensão, que exemplificamos com *spread* e *securitização*:

O BC fixou uma taxa de juros em 1,5% + Libor (taxa internacional de juros) que será cobrada em todas as operações, e a instituição que financiar o contrato cobrará um “spread” (diferença) sobre a taxa do BC. (OG, 06-02-09)

As instituições também devem acelerar a securitização, operação financeira que consiste em transformar a dívida em papéis para investimento de fundos. (FSP, 27-01-12)

Nesses exemplos, observamos a definição de *spread*, explicada sinonimicamente por “diferença”, e a de *securitização*, que recebe uma explicação mais completa, como uma “operação financeira que transforma a dívida em papéis para investimento de fundos”.

Outro tipo de mediação também correntemente observado no *corpus* coletado, que representa o objeto de nosso estudo, concerne ao emprego de figuras retóricas, especialmente a metáfora.

### 3. A mediação por metáfora em textos de Economia

Por muito tempo consideradas presentes apenas em textos literários, observa-se que muitos estudiosos têm feito referências ao emprego de metáforas em textos de áreas de especialidade, reconhecendo que essas figuras exercem um importante papel para a compreensão de fatos complexos por parte de receptores não especializados. Kocourek (1991) já enfatizava que o emprego de figuras, observado no discurso das ciências e das técnicas e nos sistemas semióticos presentes nas ciências, não se mostra incompatível com a precisão que caracteriza a terminologia nos textos de especialidade.

Em textos de Economia, o emprego de metáforas tem sido estudado por diversos autores. Charterys-Black e Ennis abordaram, em dois *corpora* representados por relatórios financeiros em inglês e espanhol (2001), o emprego de metáforas com finalidades didáticas. Também com base em dois *corpora*, resultantes de estudos baseados na comunicação entre especialistas e entre especialistas e leigos, Ramacciotti e Rodil (2006) elaboraram um glossário bilíngue inglês-espanhol com termos metafóricos. No âmbito do português-brasileiro, citamos Berber Sardinha, que, em seu estudo sobre as metáforas (2007), apresenta vários exemplos de empregos dessa figura no domínio da Economia, e Costa (2007), que dedicou sua dissertação de Mestrado ao estudo cognitivo das metáforas em um *corpus* jornalístico dessa área de especialidade.

A mediação por meio da metáfora, em textos de Economia, pode ser explicitada pela teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson, que foi exposta no texto clássico *Metaphors we live by* (1980) e, na tradução brasileira de Zanotto *et al.* (2002), foi denominada *Metáforas da vida cotidiana*.

Baseada na Semântica Cognitiva, essa teoria postula que a metáfora, figura utilizada com tanta frequência, estabelece uma relação entre dois domínios conceptuais. Um domínio-fonte pode ser aplicado a outro, o domínio-alvo, por meio de correspondências entre os dois. Essa possibilidade de conceptualização da realidade, lembram os autores, é própria dos seres humanos.

Sardinha, na obra citada, explicita que, na teoria da Metáfora Conceptual, o termo *metáfora* é abstrato e constitui uma representação mental, sendo sinônimo de *metáfora conceptual*. Conseqüentemente, a origem da metáfora não é linguística e sua origem baseia-se no sistema conceptual, responsável pela categorização que fazemos do mundo. Em outros termos, a metáfora está relacionada à forma como concebemos a realidade. Ao manifestar-se linguisticamente, esse processo de categorização origina expressões metafóricas, de modo que uma metáfora conceptual é susceptível de gerar várias expressões metafóricas. Conforme explicitam Nadin e Vieira (2016, p. 74), «As metáforas conceptuais formam séries de redes relacionadas umas com as outras e que possuem diferentes níveis de abstração. A partir delas surgem as expressões metafóricas».

Em textos jornalísticos, vários domínios-fonte estabelecem relações com a Economia, atuando como mediadores. Os domínios-fonte caracterizam-se por serem relativamente familiares aos usuários, conceptualmente mais estruturados e, por esse motivo, essas estruturas mais familiares são usadas para articular o domínio-alvo. Neste trabalho, enfocamos dois domínios-fonte, a Economia e os Desastres naturais, os mais frequentes no *corpus* estudado, que geram as metáforas conceptuais CRISE ECONÔMICA É UMA DOENÇA e CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL. De maneira análoga a esta constatação, Silva (2013) também elenca estes dois domínios-fonte como os mais frequentes em um estudo sobre as metáforas da crise econômica utilizadas em um *corpus* jornalístico do português europeu.

No *corpus* estudado, constatamos que o domínio-fonte mais frequentemente entrelaçado com a Economia é a Medicina. É esse domínio que também é o mais observado no estudo de Silva (*op. cit.*). Embora constituam ciências de natureza distinta – a Economia vincula-se às Ciências Sociais Aplicadas e a Medicina às Ciências da Saúde –, essas duas áreas de especialidade estão muito presentes na vida cotidiana dos cidadãos.



Na cultura brasileira, essa presença está expressa na valsa *Fim de ano*, composta pelos compositores David Nasser e Francisco Alves, que celebra a chegada do Ano Novo e é cantada pelos brasileiros, manifestando seus desejos de “muito dinheiro no bolso” e “saúde pra dar e vender”:

Adeus ano velho,  
 Feliz Ano Novo  
 Que tudo se realize  
 No ano que vai nascer:  
 Muito dinheiro no bolso,  
 Saúde pra dar e vender [...]

O *corpus* estudado revela que as relações entre a Economia e a Medicina, por meio de metáforas, têm sido estabelecidas pela analogia entre a crise econômica mundial, iniciada em 2007, e um corpo humano que adocece, passa por vários problemas de saúde e necessita de cuidados médicos para recuperar-se. Assim, a metáfora conceptual **CRISE ECONÔMICA É UMA DOENÇA** gera várias expressões metafóricas, que apresentam um ciclo análogo ao de seres humanos, que, quando adoecem, necessitam de cuidados para curarem os males que os atingem e recuperarem a saúde debilitada. Desse modo, a *saúde financeira* da Economia, abalada pela *crise econômica mundial*, pode ser expressa por um *estresse financeiro*, uma *asfixia do sistema financeiro*, um *colapso financeiro*, dentre outras expressões metafóricas, como se observa nos excertos a seguir:

As 16 instituições saíram dos testes com uma proporção básica de capital nível 1 – indicador fundamental de **saúde financeira** – de 5% e de 6%. A nota mínima para aprovação era 5%. A ABE tinha dado aos bancos prazo até abril de 2012 para a adoção de planos para reforçar seus amortecedores de capital. (VE, 23-09-11)

“Reduções da atividade econômica e recessões precedidas por estresse relacionado ao sistema bancário tendem a durar mais e serem associados à maior média de perdas do PIB (Produto Interno Bruto) do que as que são precedidas por outros tipos de **estresse financeiro**”, diz um trecho do documento. (OG, 03-10-08)

Depois da transfusão, ressaquinha.

Um dia após a transfusão de dólares para a Europa, volta a ansiedade sobre **asfixia do sistema financeiro**. (FSP, 02-12-11)

Quanto ao Lehman, Paulson insiste em que foi “um sintoma e não uma causa” do **colapso financeiro**. O problema real, ele alega, é que os bancos de todo o mundo fizeram empréstimos arriscados, que agora voltaram para assombrá-los /.../ E acrescenta que “em dez anos, ninguém vai dizer que esta crise foi causada pela quebra do Lehman”. (FSP, 24-10-08)

A doença personificada pela crise econômica não se restringe a poucos países, já que ela pode alastrar-se, analogamente a um vírus e atingir outras economias sob forma de expressões metafóricas que expressam **contágio** ou **contaminação**:

Os políticos gregos podem estar apostando que os credores do país estão blefando; que, por mais que insistam no contrário, a UE e o FMI não podem se permitir um calote descontrolado na Grécia. Os mais recentes colapsos do sistema bancário espanhol são um lembrete oportuno dos perigos do **contágio** para a periferia da zona do euro. (VE, 11-05-12)

No entanto, os mercados vêm reagindo negativamente pelo temor de **contaminação**. Com receio de que a crise **se alastre** e atinja, mais uma vez, a **saúde do sistema financeiro internacional**, as bolsas despencaram. (OG, 07-05-10)

Vítimas da crise – indivíduos, sistemas financeiros, países – necessitam de cuidados e de **socorro** para **resgatarem** suas dívidas e **recuperarem-se**, de maneira análoga às pessoas doentes:

A Espanha pede que os **fundos de socorro** a países em crise possam ser usados diretamente para recapitalização de bancos com problemas e que títulos de dívida pública dos países em dificuldades possam ser adquiridos por esses fundos e também pelo Banco Central Europeu. (FSP, 29-06-12)

A decisão do Banco Central Europeu (BCE) de **socorrer** países muito endividados que se comprometam com reduções drásticas do deficit orçamentário diminuiu sensivelmente o risco de que tais nações se vejam obrigadas a abandonar o regime de moeda única. /.../ Não foi por outra razão que se adiou a parcela de € 44 bilhões do **socorro** à Grécia. (FSP, 23-11-12)

Depois de mais de oito horas de negociações, os líderes da zona do euro fecharam ontem um acordo para **socorrer** a Grécia e, assim, **salvar** a moeda única europeia, ameaçada pela crise da dívida na região. Eles concordaram em conceder à Grécia um novo **pacote de resgate**, de 109 bilhões em recursos da União Europeia (UE) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), que deve responder por um terço desse valor. (OG, 22-07-11)

Geithner destaca retorno da confiança na economia dos EUA. O secretário ressaltou que o temor de volta da crise financeira foi quebrado e que a **recuperação** está em curso, “mesmo com as taxas de desemprego teimosamente elevadas.” “O desemprego só começa a cair quando se vê a economia crescer novamente. Nós estamos apenas com um ano e meio de crescimento positivo. À medida que a economia continuar nesse **processo de recuperação**, nós veremos mais pessoas voltando ao mercado de trabalho”, disse. (VE, 28-01-11)

Além da Medicina, outro domínio-fonte que se entrelaça com a Economia, no *corpus* que estudamos, é o dos Desastres naturais. De maneira análoga à Medicina, os elementos naturais, e os desastres que não raro provocam – enchentes, tempestades, tsunâmis, terremotos, furacão, turbilhão, turbulência, dentre outros – estão também presentes na vida das pessoas e, por essa razão, também são evocados para explicar fatos econômicos, gerando a metáfora conceptual **CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL**, que instância diversas expressões metafóricas:

Apesar do bom desempenho que as economias emergentes exibiram nos últimos tempos, Lipsky disse que todos os países serão atingidos pela **tempestade financeira** e mencionou a queda nos preços do petróleo e de outras matérias-primas

como o risco mais sério para países que dependem muito da exportação dessas mercadorias, como o Brasil. (VE, 19-09-08)

A crise na Europa arrefeceu, os juros dos títulos dos EUA tornaram-se mais atrativos e, com tudo isso, o risco de que um “**tsunami monetário**” inunde o Brasil com moeda estrangeira tornou-se baixo. (VE, 23-03-12)

A tendência do conjunto de pesquisas voltou a ser favorável a ele, e a crise econômica está fazendo com que o passado de John McCain cobre um pesado pedágio. O furacão Palin, como ficou sendo conhecida a vice da chapa do republicano John McCain, foi varrido do centro da cena política pelo **furacão econômico**, que não está deixando pedra sobre pedra em Wall Street e similares pelo mundo. (OG, 19-09-08)

A divisão de inteligência da revista “Economist” revelou um novo impacto da crise. Com o **turbilhão financeiro**, os países tornaram-se menos inovadores e poderão sofrer graves consequências nos próximos cinco anos. Esperava-se um incremento de 6% até 2013 na média do índice de inovação mundial. Essa média foi revista para 2%. (FSP, 24-04-09)

Mundo ainda sofrerá efeitos da **turbulência**

O esfriamento do mercado imobiliário americano, o aumento do preço do petróleo e as **turbulências financeiras** foram os motivos apresentados para a revisão para baixo da estimativa de crescimento. (FSP, 07-12-07)

Esses dois domínios, a Medicina e os Desastres naturais, os mais frequentes no *corpus* estudado na geração de expressões metafóricas, estão presentes em um mesmo texto, datado de 2008, que reproduz as falas do ex-presidente presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da então Ministra de Minas e Energia Dilma Rousseff:

**Marolinha, gripinha, quedinha**

SÃO PAULO - Tudo começou com uma “**marolinha**”. Faz menos de um mês, no dia 4 passado, o presidente Luiz Inácio Lula da

Silva dizia que o que era um **tsunami**, nos Estados Unidos, no Brasil viraria mera “**marolinha**”.

No dia seguinte, a ministra Dilma Rousseff, candidata “in pectore” de Lula para sua sucessão, dizia que, no máximo, o Brasil sofreria uma “**gripe pequenininha**” como decorrência do tal **tsunami**.

Não estamos falando do ano passado nem mesmo do mês passado, mas deste outubro em que a crise ganhou alucinante velocidade e desafiou todos os prognósticos dos economistas metidos a sábios. (FSP, 30-10-08)

Nesse excerto, tanto o ex-presidente como sua ex-ministra minimizam os efeitos da crise econômica no Brasil por meio da referência aos domínios que estudamos: Lula, invocando o domínio dos Desastres naturais, refere-se à crise iniciada nos Estados Unidos como um tsunami, que, no entanto, chegaria ao Brasil como uma pequena onda, uma *marolinha*; já Dilma Rousseff, referindo-se ao domínio da Medicina, considera que o tsunami norte-americano chegaria ao país como uma *gripe*, mas *pequeninha*. Nessas duas expressões metafóricas, o emprego do sufixo diminutivo *-inho* contribui para minimizar os efeitos que as unidades lexicais *marola* e *gripe* poderiam causar à economia brasileira.

### Considerações finais

O estudo permitiu-nos observar a importância de que se reveste a mediação estabelecida pela metáfora conceptual no discurso jornalístico dirigido a um público leigo. Explicando complexos conceitos da Economia por meio de termos usuais da Medicina e dos Desastres naturais, a metáfora conceptual, manifestada por diferentes expressões metafóricas, capta a atenção do leitor não especializado e leva-o a compreender esses conceitos. Observamos, neste caso, a função didática ou explicativa da metáfora, a que se referem, dentre outros estudiosos, Temmerman (2000) e Oliveira (2009).

No entanto, como salienta Silva (2013), a mediação metafórica pode não ser neutra. Em seu estudo, o autor explicita que a metáfora conceptual, no discurso jornalístico, pode também atuar como um “poderoso instru-

mento de manipulação emocional, ideológica, política” (p. 13). Ressalta o autor que as metáforas usualmente utilizadas em textos jornalísticos da Economia – relativas a doenças, desastres naturais ou à guerra –, longe de serem neutras, podem exercer uma importante função ideológica. Desse modo, dependendo da tendência do jornalista, ou da ideologia do jornal que veicula a notícia, as metáforas não são neutras e exercem uma função ideológica e, ao estabelecerem perspectivas específicas sobre o mundo, podem predispor a opinião pública para tais perspectivas.

### Referências bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. 2016. “As denominações da crise econômica mundial no entrecruzamento da Economia e da Medicina”. *Filologia e Linguística Portuguesa*. v. 18, n. 1, p. 43-67.
- ALVES, Ieda Maria; ANDRADE, Liriane. 2016. A crise econômica mundial e a criação de neologismos metafóricos. In: ALVES, Ieda Maria; João Henrique Lara Ganança. *Os estudos lexicais em diferentes perspectivas*, v. 6. São Paulo: FFLCH-USP, p. 42-53.
- ALVES, Ieda Maria. 2015. La médiation définitoire dans des textes journalistiques de l’Economie. In: GLAT BREST 2015, Brest. *Actes du GLAT BREST 2014*. Brest: Télécom Bretagn, p. 64-71.
- CHARTERYS-BLACK, Jonathan; ENNIS, Timothy. 2001. “A comparative study of metaphor in Spanish and English financial reporting”. *English for special purposes*, v. 20, p. 249-266.
- COSTA, Elenice Alves da. 2007. Um estudo cognitivo das metáforas geradas em um *corpus* jornalístico da Economia. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. 2012. Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 15.abr.2020.
- KOCOUREK, Rostislav. 1991. *La langue française de la technique et de la science: vers une linguistique de la langue savante*. 2<sup>è</sup>. éd. Wiesbaden: O. Brandstetter Verlag.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. L. 2002. *As metáforas da vida cotidiana*. Trad. de Mara Sophia Zanotto. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/EDUC.
- NADIN, Odair Luis; VIEIRA, Sarah Barbieri. 2016. “Metáforas da crise econômica: CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL”. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 18, n. 1, p. 69-84.

- OLIVEIRA Isabelle. 2009. Nature et fonctions de la métaphore en science. L'exemple de la cardiologie. Paris: L'Harmattan.
- RAMACCIOTTI, Sandra B.; RODIL, María Victoria. 2006. Economics glossary of metaphorical usage. Uso metafórico de voces. Buenos Aires: Quorum.
- ROUSSEAU, Jean-François. 2007. La médiation linguistique : vers l'adaptation des principes méthodologiques et des pratiques terminographiques. Bertinoro: Realiter.
- SARDINHA, Tony Berber. 2007. Metáfora. São Paulo: Parábola.
- SILVA, Augusto Soares. 2013. O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. Revista Media & Jornalismo, v. 22, n. 1, p. 11-34.
- TAGNIN, Stella O. 2007. A identificação de equivalentes tradutórios em corpora comparáveis. Anais do I Congresso Internacional da ABRAPUI. Disponível em: <http://fflch.usp.br/dlm/comet>. Acesso em: 20-abr.2020.
- TEMMERMAN, Rita. 2000. Towards new ways of Terminology description – the sociocognitive approach. Amsterdam: John Benjamins.





# Adequació de recursos terminològics per a usuaris avançats: el cas de les comunitats de pacients de la sanitat\*

Mercè Lorente,  
Rosa Estopà i Laia Vidal-Sabanés  
*Grup IULATERM. Institut de Lingüística Aplicada (IULA)*  
*Universitat Pompeu Fabra, Barcelona*

---

\* Aquest treball s'inscriu en el projecte *TERMMED. Evolución del conocimiento científico en medicina: el cambio léxico y semántico*, de referència FF12017-88100-P, finançat per l'Agència Estatal de Investigació (AEI) i el Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER).



## Introducció

Típicament els destinataris de les aplicacions terminogràfiques se solen identificar en relació als quatre perfils següents:

- Els experts
- Els aprenents d'una matèria
- Els mediadors (traductors, redactors tècnics, documentalistes)
- El públic general

Les diferències entre uns i altres es fonamenten en el nivell de coneixement de la matèria, en les necessitats de codificació i descodificació o en la tria de llengües representades. Aquestes variables permeten dissenyar recursos ben diferents en la selecció de la nomenclatura, en els esquemes i continguts de la definició o en la introducció d'informacions diverses en la microestructura (equivalents, variants, il·lustracions, notes enciclopèdiques, etiquetes gramaticals o d'ús).

Tots sabem que, de perfils d'usuaris, n'hi poden haver d'altres, a banda dels quatre esmentats més freqüents. De fet, la terminografia ha anat avançant des de la idea del destinatari únic, l'expert en contextos internacionals, que era el perfil preconitzat per la Teoria General de la Terminologia (Wüster, 1998), fins a l'atenció de la terminologia en textos divulgatius per al gran públic, passant per aplicacions pensades per a les necessitats dels traductors, per exemple. En aquest sentit, hem conegut projectes terminogràfics pensats per a aprenents d'una llengua amb finalitats específiques o per a escolars de primària que comencen a introduir la terminologia científica a través dels llibres de text.

A més, cal tenir en compte que cada perfil d'usuari no predetermina un únic model de recurs terminogràfic. Així, les necessitats terminològiques d'un traductor o d'un redactor no són exactament les mateixes que les d'un documentalista o les d'un periodista, encara que els incloquem a tots dins del mateix perfil general de mediadors lingüístics. El context comunicatiu, les llengües implicades, el tipus de feina o els coneixements previs dels usuaris potencials, entre d'altres, són factors que condicionen l'estructura i els continguts de qualsevol recurs terminogràfic de manera autònoma. Per tant, els perfils són només una porta d'entrada a l'anàlisi de necessitats del col·lectiu d'usuaris concret per als quals es dissenya un nou recurs terminogràfic.

En aquesta comunicació volem compartir amb REALITER la identificació d'un nou perfil general d'usuari de recursos terminològics: el cas de les comunitats de pacients (i/o de familiars de pacients) d'una malaltia o d'un conjunt de malalties. Evidentment, no totes les comunitats de pacients o de familiars són idèntiques, i per tant cal tenir present la idiosincràsia i el context comunicatiu de cada comunitat alhora de dissenyar un nou recurs. Ara bé, com passa amb la resta dels perfils d'usuaris generals, les comunitats de pacients o de familiars de la sanitat comparteixen també elements comuns, que cal identificar en primera instància.

En aquesta línia, presentarem dues experiències de disseny d'aplicacions terminològiques, relacionades amb sengles projectes de recerca en què han participat altres institucions de l'àmbit mèdic i de l'associacionisme de pacients:

- un vocabulari sobre malalties minoritàries incorporat en una APP-web destinada als familiars de pacients infantils d'alguna d'aquestes malalties,
- i un vocabulari sobre el càncer de mama integrat en una Comunitat Virtual de Pacients (CVP).

Descriurem breument els projectes i exposarem els criteris comuns o específics que han guiat els dissenys dels dos vocabularis i la seva inclusió en les aplicacions que les contenen.

## 1. El marc teòric i metodològic

La Teoria Comunicativa de la Terminologia (Cabré 1999) és el marc en què situem la nostra recerca en terminologia teòrica i aplicada, i considerem que ens proporciona les eines adients per al desenvolupament de recursos terminogràfics eficaços, adequats a les necessitats dels usuaris.

Es tracta d'una aproximació lingüística a la terminologia com a objecte científic transdisciplinari, que permet superar les limitacions de caràcter descriptiu i explicatiu que tenia el paradigma wüsterià anterior. Coherentment, l'objecte d'estudi de la Teoria Comunicativa de la Terminologia és el lèxic, en tota la seva complexitat, que activa el valor terminològic en contextos comunicatius reals de caràcter especialitzat. Per tant, des del punt de vista teòric i metodològic incorpora, de manera natural, la variació lingüística, que inclou la variació lèxica (denominativa i conceptual) i la variació d'orientacions de la terminologia: la comunicació científica, la divulgació científica, la traducció, la documentació, la gestió del coneixement, l'ensenyament de matèries, l'ensenyament de llengües amb finalitats específiques, etc.

La metodologia de la TCT contempla tota mena de treballs terminològics. En els treballs descriptius, tenint en compte la variació del discurs, cal representar la variació que presenten les UT segons la temàtica de treball, la perspectiva des de la qual es tracta, els destinataris, el nivell d'especialització, el grau de normalització que es vulgui representar, les finalitats del treball, etc. (Cabré 1999: 140)

El principi d'adequació de la Teoria Comunicativa de la Terminologia (Cabré 1999) promulga que no hi ha un únic model possible de recurs terminogràfic i que les necessitats, les competències i les habilitats dels usuaris condicionen el disseny d'aquests recursos.

La idea central de la metodologia de la TCT es la d'adequació. (...) cada treball en concret adopta una estratègia en funció de la temàtica, els objectius, el context, els elements implicats i els recursos disponibles. La metodologia doncs, lluny d'actuar com una cotilla, s'adapta a les circumstàncies sense contravenir els principis; l'adequació metodològica està pel damunt de la unificació extrema. (Cabré 1999: 137)

## 2. Un nou perfil d'usuaris: les comunitats de pacients

Com dèiem a la introducció, en aquest treball volem caracteritzar un nou perfil general d'usuaris de recursos terminogràfics, que presenta trets diferencials respecte dels quatre grans perfils tradicionals (els experts, els estudiants, els mediadors lingüístics i el gran públic). Les comunitats de pacients i les comunitats de familiars de pacients de pediatria configuren una nova realitat que va creixent a molts països i que tenen necessitats terminològics pròpies.

El context actual de la sanitat està afavorint l'apoderament progressiu dels pacients, especialment els organitzats en comunitats, perquè afrontin la malaltia de manera més conscient i activa.

La comunicació entre el professional de la salut i el pacient i familiar és la base de la pràctica assistencial, ja que permet fixar les bases de la prevenció, el diagnòstic, el tractament i el seguiment dels problemes de salut de les persones. Els actes comunicatius entre pacients i professionals de la salut poden ser orals i escrits. De la informació escrita que rep un pacient de la mà de professionals de la salut, l'informe mèdic és el document més prototípic tangible que el pacient s'emporta a casa, el llegeix i l'interpreta quan surt d'un centre mèdic. Els informes mèdics reflecteixen el procés diagnòstic o

terapèutic realitzat durant l'assistència a un pacient, informen d'un diagnòstic i prescriuen un tractament. Entendre què ens han fet, què tenim i què hem de fer és de suma importància per garantir la salut de qualsevol persona. (Estopà 2019: 27)

Els pacients i els familiars de pacients pediàtrics experimenten una evolució pel que fa al seu contacte amb la terminologia de la medicina, amb el discurs mèdic i amb certs gèneres textuais específics, sobretot quan s'enfronten amb una malaltia greu o crònica. Aquestes persones caminen des de la posició del públic general (llec, no expert) fins a una situació semblant a la de l'aprenent d'una matèria (coneixements parcials, usuaris avançats).

És un fet que han constatat en diversos projectes que el principal escull comunicatiu i informatiu amb què topen les pacients són les unitats terminològiques que desconeixen però que senten que amaguen diagnòstics, proves i tractaments que afecten la seva salut i que volen conèixer. Segons Estopà i Montané (2019: 53), les dificultats amb que es troba el pacient o el familiar del pacient són les següents:

- Concentració cognitiva: el nombre de termes que contenen els informes mèdics és molt elevat en relació amb el nombre de paraules del text.
- Opacitat semàntica: molts termes relacionats amb temes mèdics no solen ser semànticament transparents, especialment els epònims, els constituïts per formants cultes, les abreviacions i els manlleus.
- Confusió semàntica: els termes poden conduir a equívocs en relació amb el seu significat, sobretot si s'associen amb termes d'ús general, que adquireixen un valor especialitzat específic en el context mèdic i potser és diferent del seu significat en la llengua general.
- Ambigüitat semàntica: els termes presenten variació i polisèmia, la qual cosa pot provocar que s'entenguin de diverses maneres o que promoguin interpretacions diferents i, per tant, que generin dubtes i incertesa.

No hi ha gaires vocabularis destinats als pacients, que no són experts en ciències de la salut. La identificació dels obstacles que tenen els pacients i els familiars per comprendre els textos, i fins i tot les comunicacions orals dels metges, és un element bàsic per a dissenyar aplicacions que puguin

resoldre tots els seus dubtes, des de les ambigüitats en els termes prou coneguts fins al descobriment de nous termes o el desplaçament de sigles.

### **3. Aplicació per a una comunitat virtual de pacients de càncer de mama**

El desenvolupament d'aquest recurs s'inscriu en un projecte més ampli de col·laboració amb l'Institut Català d'Oncologia (ICO), que inclou la codificació de la tesi doctoral de Laia Vidal-Sabanés<sup>1</sup>. Entre els objectius aplicats d'aquest projecte hi ha l'anàlisi de les necessitats terminològiques que tenen les comunitats de pacients de càncer de mama i l'elaboració d'un vocabulari adequat per als fòrums virtuals de pacients.

Les Comunitats Virtuals de Pacients (CVP) són espais de comunicació en línia en els quals els pacients comenten les seves experiències i generen coneixement col·lectiu (Grau, 2011). Les CVP poden ser de naturalesa distinta. Per exemple, poden ser fòrums lliures que no estan regulats per professionals sanitaris, poden ser espais privats dirigits per professionals, poden incloure diferents tipus d'informació, etc.

En el cas que ens ocupa, la CVP de càncer de mama de l'ICO té com a objectius donar i rebre suport psicosocial a través de la interacció entre pacient-pacient i entre pacient-professional de la salut per reduir l'impacte emocional del càncer de mama; i, també, posar a l'abast de les pacients informació fiable sobre la malaltia (Vidal-Sabanés i Estopà, 2020, en premsa). Aquesta comunitat és la primera comunitat privada de pacients de Catalunya impulsada pel Departament de Salut de la Generalitat de Catalunya i la Unitat de Psicooncologia de l'Hospital Duran i Reynals.

Per tal de conèixer les necessitats terminològiques que aquestes pacients tenen alhora de comprendre els textos orals i escrits que reben dels seus metges i també alhora de comunicar-se entre si, es van dur a terme diverses iniciatives, una de les quals va ser la creació d'un diccionari multilingüe de càncer de mama pensat per a pacients.

---

<sup>1</sup> Titulada *La intel·ligibilitat del discurs sanitari: el cas d'una comunitat virtual de pacients de càncer de mama*, i dirigida per la Dra. Rosa Estopà (UPF) i el Dr. Cristian Ochoa (ICO).



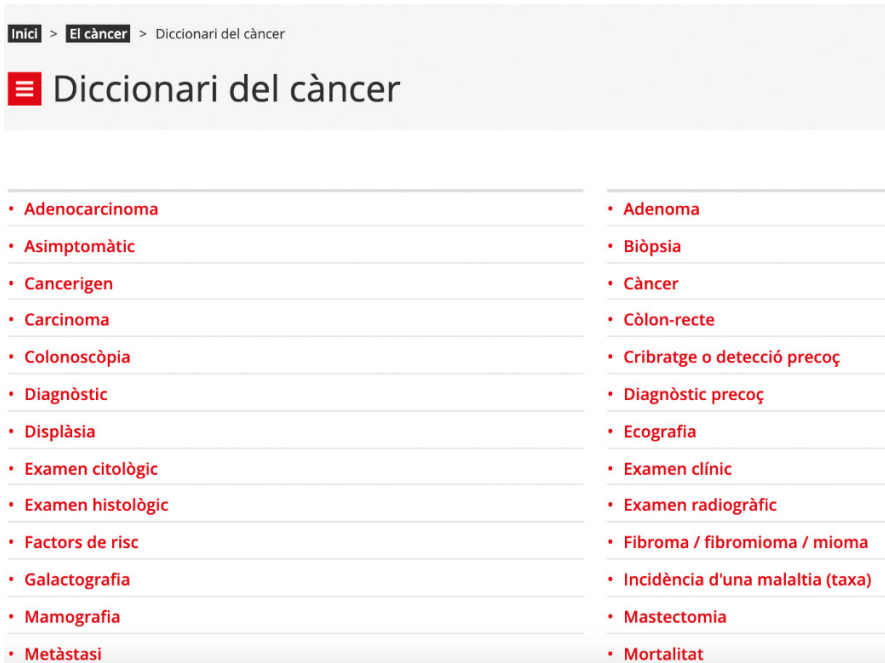


Figura 1- Part de la nomenclatura del diccionari de càncer en línia. (ICO)

Com podem veure a la figura 1, a la web de l'ICO ja hi ha un diccionari de referència sobre càncer, molt bàsic, però calia un diccionari específic per al càncer de mama (ja que és una subespecialitat mèdica que té terminologia pròpia), actualitzat, i ajustat a les necessitats de les pacients, i sobretot ara que s'organitzen i es comuniquen a la comunitat virtual.

El diccionari que hem elaborat inclou termes d'abast molt general, que potser no trobaríem en un vocabulari tradicional sobre el càncer de mama per a especialistes, com *diagnòstic*, *síntoma* o *prova diagnòstica*, i també termes molt específics, que difícilment entrarien en diccionaris mèdics d'abast més ampli, com ara, *anastozole*, *ecografia transvaginal*, *galactografia*, etc.

El diccionari de càncer de mama de la Universitat Pompeu Fabra, i que es publicarà també a la web de l'Institut Català d'Oncologia, inclou equivalents al castellà i a l'anglès, definicions i remissions a variants sinonímiques i sigles. S'ha elaborat en el marc de l'assignatura Gestió Terminològica, compartida entre els graus de Traducció i Interpretació i de Llengües Aplicades.

Precisament, en desenvolupar-se en un context de formació universitària, s'ha procurat que se seguissin les recomanacions lexicogràfiques bàsiques en aspectes formals i estructurals, i la nomenclatura s'ha extret de textos mèdics seleccionats i s'ha comprovat en altres recursos terminològics.

Tanmateix, la voluntat que el nou diccionari s'adaptés al màxim a les necessitats informatives de la comunitat de pacients s'ha traslladat al camp de les definicions, que s'han redactat en català i en castellà, i que poden incloure, de manera heterodoxa, oracions diverses juxtaposades, com veiem a les figures 2. Les definicions dels vocabularis orientats a pacients responen més aviat a la concepció de definició enciclopèdica, perquè sovint cal introduir-hi informacions complementàries, que no poden ser deduïbles per manca de coneixement expert.

Cal dir també que totes les definicions elaborades inicialment pels estudiants han estat revisades, des del punt de vista formal, per Laia Vidal, Mari-ona Arnau i Mercè Lorente, amb la col·laboració de Maria Coll i Gemma de Olamendi, i, des del punt de vista dels continguts, per Ana Rodríguez Ortega, infermera de la Unitat Funcional de Mama i coordinadora de coneixement d'Infermeria de Pràctica Avançada de l'ICO, i Elisenda Escriche, psicopedagoga de la Unitat de Psicooncologia Online i membre de la comunitat de pacients del càncer de mama.

13

**anastrozole**

*m*

FONT: Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#)

DEFINICIÓ: Fàrmac inhibidor de l'aromatasa utilitzat en hormonoteràpia que pot frenar la formació de cèl·lules canceroses que necessiten estrògens per créixer. S'utilitza en el tractament del càncer de mama avançat o en fases inicials en dones postmenopàusiques. S'administra en forma de comprimits i rep el nom comercial de Arimidex®.

FONT: Adaptada per l'autora a partir de Anastrozole. (s. d.). Chemocare. Recuperat de [URL](#)

EQUIVALENTS:

Anglès **anastrozole** *n* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#)

Castellà **anastrozol** *m* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#)

REMISSIONS:

**A** *m* Institut Català d'Oncologia; Generalitat de Catalunya. Departament de Salut; Hospital Universitari de Bellvitge. (2010). Tractament del càncer de mama. [Protocol](Sigla)

[Mostrar](#) [Modificar](#) [Eliminar](#)

Figura 2a - Exemple d'article del nou diccionari de càncer de mama (UPF)

10

**alopècia**

f

FONT: Institut d'Estudis Catalans. (2013). Diccionari de la llengua catalana. Recuperat de [URL](#)

DEFINICIÓ: Efecte secundari de la quimioteràpia caracteritzat per la pèrdua de pèl o de cabells a les parts del cos que normalment en tenen.

FONT: Adaptada per l'autora a partir de Diccionario de cáncer. (s. d.). EUA: Instituto Nacional del Cáncer. Recuperat de [URL](#)

EQUIVALENTS:

Anglès **alopecia** *n* NCI Dictionary of Cancer Terms. (s. d.). EUA: National Cancer Institute. Recuperat de [URL](#)Anglès **aldness** *n* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#)Anglès **calvities** *n* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#)Castellà **alopècia** *f* Diccionario de cáncer. (s. d.). EUA: Instituto Nacional del Cáncer. Recuperat de [URL](#)Castellà **calvicie** *f* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#)

REMISSIONS:

**acòmia** *f* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#) (Sinònim)**calbosa** *f* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#) (Sinònim)**falacrosi** *f* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#) (Sinònim)**porrigen** *m* Institut d'Estudis Catalans et al. (2018). Diccionari enciclopèdic de medicina (DEMCAT). Versió de Treball. Barcelona: TERMCAT, Centre de Terminologia (en línia). Recuperat de [URL](#) (Sinònim)

Mostrar Modificar Eliminar

Figura 2b - Exemple d'article del nou diccionari de càncer de mama (UPF)

Un altre dels elements fonamentals en l'adequació de les definicions al diccionari del càncer de mama i a les necessitats de les pacients és l'establiment de descriptors (primer element de la definició) que s'ajustin a l'estructura conceptual bàsica per a les pacients i no per al personal mèdic. Fixem-nos en la figura 3 que mostra que el descriptor *síntoma del càncer de mama* és molt rellevant per a un vocabulari d'aquest tipus.

2

**èczema del mugró**

m

FONT: Culell, P.; Fandos, A.; Nieto, M. (2015). Diccionari de sinologia. Barcelona: TERMCAT. Recuperat de [URL](#)

DEFINICIÓ: Síntoma del càncer de mama caracteritzat per la inflamació de la pell del mugró, la qual es torna crostosa i gruixuda, que produeix sensació de calor i picor i es pot presentar durant un període llarg.

FONT: Adaptada per l'autora a partir de Culell, P.; Fandos, A.; Nieto, M. (2015). Diccionari de sinologia. Barcelona: TERMCAT. Recuperat de [URL](#)

EQUIVALENTS:

Anglès **nipple eczema** *n* Culell, P.; Fandos, A.; Nieto, M. (2015). Diccionari de sinologia. Barcelona: TERMCAT. Recuperat de [URL](#)Castellà **eccema del pezón** *m* Culell, P.; Fandos, A.; Nieto, M. (2015). Diccionari de sinologia. Barcelona: TERMCAT. Recuperat de [URL](#)

Mostrar Modificar Eliminar

Figura 3 - Exemple de descriptor de la definició adequat al vocabulari

#### 4. Aplicació per a malalties minoritàries pediàtriques

Aquest recurs és un dels resultats del projecte de recerca **JUNTS: superar barreres socioeducatives i afavorir l'alfabetització sobre les interferències i dificultats de comprensió de la informació i documentació dirigida a famílies**

LORENTE ET AL.

*d'infants afectats per malalties rares<sup>2</sup>*, finançat pel programa RecerCaixa 2015, i dirigit per Rosa Estopà (UPF) i Manuel Armayones (UOC), durant el període 2015-2019.

L'alfabetització per a la salut implica coneixements, motivació i competències per accedir, entendre, avaluar i aplicar la informació amb la finalitat d'arribar a tenir una opinió motivada i ser capaç de prendre decisions sobre la salut, el tractament de la malaltia i l'augment de la qualitat de vida. Amb aquesta orientació, els objectius d'aquest projecte de recerca han estat:

- Analitzar la informació escrita que reben les famílies amb un infant que pateix una malaltia minoritària.
- Estudiar com aquestes famílies assimilen la informació rebuda per professionals i associacions.
- Detectar les categories de problemes comunicatius que no permeten l'accés a la sanitat de manera igualitària.
- Redactar protocols d'acció adequats a les competències comunicatives de les famílies.
- Dissenyar una aplicació que complementi les accions d'inclusió i alfabetització en salut.



Figura 4 - Díptic informatiu sobre l'app COMjunts

Com veiem en la figura 4, l'aplicació per a telèfon mòbil anomenada COMjunts, que també s'ofereix en format web i en format llibre, és més

<sup>2</sup> Web del projecte: [https://www.upf.edu/web/medicina\\_comunicacio](https://www.upf.edu/web/medicina_comunicacio)

que un diccionari, és una eina completa que vol acompanyar els familiars en totes les fases clíniques (Estopà i Armayones 2018), des de les primeres consultes fins al seguiment de la malaltia dia a dia. Inclou un vídeo amb experiències i recomanacions de professionals mèdics i d'altres familiars afectats per una situació semblant, diversos textos que orienten els usuaris i accés a informacions complementàries. Els textos són una guia completa per a totes les etapes de desenvolupament de la malaltia i estan configurats com a hipertextos, de manera que s'hi pot navegar internament i, a més, es pot accedir al diccionari cada vegada que llegim un mot o una expressió que no coneixem, o que no entenem del tot.

El diccionari vinculat a la guia a través del format hipertextual es basa en la idea que, sovint, l'usuari que no té prou formació especialitzada necessita més aviat ampliació d'informació que no pas informació massa simplificada i reduïda, que li pot generar encara més dubtes. L'article de diccionari afegeix, a la lectura de la guia, informació complementària que permet una millor comprensió i una progressió eficient en la lectura, alhora que ajuda a anar incrementant el coneixement.

La selecció dels termes en aquest cas està marcada pels textos de l'aplicació. Teníem l'objectiu que calia controlar els termes que fèiem servir en la redacció dels textos. Això implicava poder-los explicar adequadament al pacient per afavorir la comprensió dels textos. La terminologia no havia de ser una barrera cognitiva. Per això, la selecció dels termes d'aquest vocabulari parteix dels textos utilitzats i és limitada.

En la figura 5 podem veure la pantalla del diccionari en el mòbil, si en comptes d'accedir-hi a través del text, mot a mot, ho fem de manera directa, que seria l'opció més tradicional, però no sempre la més adient.



Figura 5 - Accés directe al diccionari a l'app COMjunts

Aquest diccionari ha estat desenvolupat dins del projecte de recerca per alguns dels investigadors participants: Rosa Estopà, Mercè Lorente, Amor Montané i Òscar Pozuelo. El treball s'ha focalitzat sobretot en el camp de definició i en les remissions cap a denominacions sinònimes o desplegament de sigles i de símbols. En el cas de la definició s'ha optat també per un format de definició enciclopèdica, que inclou informacions complementàries necessàries per a l'aclariment de dubtes dels usuaris. És important remarcar que els experts Jaume Francí, metge, i Montserrat Estopà, genetista, han revisat totes les definicions per assegurar-ne la seva veracitat. Han participat també en les tasques d'edició Martina Betés i Laura Safont.

## Síntesi

Hem exposat dues experiències diverses, una desenvolupada en un entorn formatiu i una altra feta en un paquet de treball aplicat d'un projecte de recerca. Totes dues iniciatives parteixen de les següents idees compartides:

- Les comunitats de pacients i de familiars de pacients pediàtrics són una nova realitat social que neix d'una relació diferent de les persones amb les pròpies malalties i amb els professionals de la salut. Configuren un nou perfil d'usuaris de recursos terminogràfics, que tenen les seves pròpies necessitats terminològiques i que demanen unes aplicacions

també innovadores, tant des del punt de vista de format com pel que fa al tractament dels continguts informatius.

- Els camps dels articles lexicogràfics que queden afectats fonamentalment per l'adequació a les necessitats informatives generals d'aquest nou perfil d'usuari, malgrat les diferències que hi ha a cada col·lectiu, són la definició, per a la millora de la comprensió dels textos que han de llegir i per a l'adquisició gradual d'uns coneixements experts mínims necessaris per a ser proactius davant de la malaltia i de la comunicació amb els professionals de la sanitat, i també les remissions, que és on podem introduir tota la variació que, de manera natural, els usuaris troben en els textos que han de llegir.
- El format innovador d'aquestes aplicacions deixa el diccionari tradicional només com un component intern, al qual s'accedeix des dels fòrums de les comunitats virtuals o des dels hipertextos que serveixen de guia als usuaris.

## Referències bibliogràfiques

- ARMAYONES, Manuel; ESTOPÀ, Rosa. (eds.). 2018. *COMjunts, l'app que facilita la comunicació mèdica*. Barcelona, Espanya: AucaDigital.
- CABRÉ, M. Teresa. 1999. La terminología: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos, Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra.
- ESTOPÀ, Rosa (coord.). 2019. Comunicació, llenguatge i salut. Estratègies lingüístiques per millorar la comunicació amb el pacient. Barcelona: Institut de Lingüística Aplicada de la Universitat Pompeu Fabra; Girona: Documenta Universitària.
- ESTOPÀ, Rosa. 2019. «Els informes mèdics sota la mirada lingüística: presentació d'un estudi d'indicadors lingüístics que en dificulten la comprensió». A ESTOPÀ, Rosa (coord.). 2019, p. 27-35.
- ESTOPÀ, Rosa; MONTANÉ, M. Amor. 2019. «La terminologia en els informes mèdics». A ESTOPÀ, Rosa (coord.). 2019, p. 51-57.
- GRAU, Inmaculada. 2011. La Comunicación en Comunidades Virtuales de Pacientes en un gran Hospital Universitario. El caso de forumclínic. Universitat Oberta de Catalunya. Internet Interdisciplinary Institute (IN3). [Tesi doctoral]
- VIDAL-SABANÉS, Laia; ESTOPÀ, Rosa. 2020. « La terminologia que utilitzen les pacients de càncer de mama: una anàlisi descriptiva». *Terminàlia*, 21 (juny 2020) (en premsa).

LORENTE ET AL.

WÜSTER, Eugen. 1998. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada de la Universitat Pompeu Fabra.



# Terminologie des textiles techniques en français et en italien

Klara Dankova

*Università Cattolica del Sacro Cuore, Milano*

---



Les textiles techniques représentent un secteur clé de la production textile en France et en Italie, les deux pays étant, depuis plusieurs années, les plus grands producteurs européens de ces matériaux après l'Allemagne.<sup>1</sup> Il s'agit d'un secteur très dynamique, qui est en mesure de proposer des solutions technologiques innovantes permettant de répondre de manière efficace à de nombreux besoins qui se présentent non seulement dans le domaine des vêtements et de l'ameublement, mais aussi dans des domaines techniques tels que le médical, le bâtiment et la défense. L'émergence de nouveaux concepts entraîne la nécessité de les définir avec précision par rapport aux autres concepts du domaine et de leur donner des dénominations adéquates. Or, on peut constater qu'aujourd'hui l'emploi des termes, y compris ceux désignant des concepts clés du secteur, peut risquer des cas de confusion. Prenant comme point de départ une série de termes désignant les textiles techniques en anglais, nous nous proposons d'analyser leurs équivalents en français et en italien, en mettant en relief leur construction et des difficultés éventuelles liées à leur interprétation.

L'article est divisé en deux parties portant respectivement sur le secteur des textiles techniques et sur l'analyse des termes utilisés en français et en italien. Dans la première partie, nous décrirons tout d'abord le domaine des textiles techniques, en nous concentrant sur les problématiques entourant la définition des textiles techniques et celle d'autres concepts significatifs du domaine. Dans l'étape suivante, nous situerons les textiles techniques dans la structure conceptuelle de l'industrie textile et présenterons leurs principales catégories. Dans la deuxième partie, nous nous concentrerons, premièrement, sur la description du *corpus* des termes en anglais que nous avons examinés et sur la présentation des sources majeures, utilisées pour l'identification des équivalents en français et en italien. Nous analyserons

---

<sup>1</sup> UNION DES INDUSTRIES TEXTILES. 2017. Livre blanc sur les textiles intelligents, p. 6.

ensuite les résultats de l'analyse des équivalents dans les deux langues, en distinguant les trois situations suivantes : l'existence d'internationalismes, l'emploi d'un équivalent national et l'absence d'équivalent. En conclusion, nous essayerons de présenter quelques caractéristiques spécifiques de la terminologie du domaine.

## 1. Le domaine des textiles techniques

Les textiles techniques se sont développés principalement au moyen de l'innovation technologique des textiles traditionnels et, de ce fait, ils ne représentent pas une catégorie complètement autonome<sup>2</sup>. La formulation d'une définition généralement acceptée des textiles techniques pose des problèmes considérables : les premières définitions des textiles techniques, élaborées au cours des années 1980, délimitent ceux-ci par rapport aux textiles traditionnels en tant que produits textiles qui ne sont pas destinés à l'ameublement et à la confection de vêtements. Plus tard, d'autres définitions des textiles techniques précisant davantage leurs caractéristiques particulières ont été proposées. Cependant, à l'heure actuelle, la terminologie du secteur est loin d'être clairement définie. D'après R. Frassinine *et al.* (2008), la difficulté de définir les concepts du domaine réside, entre autres, dans le fait que la mise au point des textiles techniques implique la participation non seulement des experts du domaine textile, comme les producteurs de fibres textiles, les constructeurs de machines, les tisseurs et les ennoblisseurs, mais aussi de ceux opérant principalement dans d'autres secteurs<sup>3</sup>, tels que l'agriculture ou le médical. L'incertitude relative aux définitions des concepts se traduit aussi par la multiplication des termes employés pour les désigner. Quant à la terminologie des textiles techniques en italien, R. Frassinine *et al.* (2008) affirment que :

La novità del settore [tessili tecnici] è confermata dal fatto che ancora non si hanno definizioni univoche ed accettate universalmente: tessili tecnici, tessili industriali, tessili high-

<sup>2</sup> WEIDMANN, Daniel. 2010. Aide-mémoire textiles techniques. Paris : Dunod, p. 4.

<sup>3</sup> FRASSININE, Roberto ; SOLDATI, Maria Grazia ; RUBERTELLI, Manuela. 2008. Textile design. Materiali e tecnologia. Milano : Franco Angeli, pp. 99-100.

-tech, sono solo alcuni dei termini che vengono impiegati per definire quest'area applicativa<sup>4</sup>.

On peut noter qu'en italien, les termes désignant les textiles techniques ont été proposés en prenant en considération différents points de vue sur le même objet, dont celui des applications de ces textiles (*tessili industriali*) et celui de leur fabrication (*tessili high-tech*). En français, le manque de clarté dans la terminologie du domaine se manifeste, par exemple, dans des emplois erronés des termes *e-textiles* ou *textiles électroniques* en tant que synonymes des termes *smart textiles* et *textiles intelligents*. Ces emplois peuvent créer des malentendus car, à la différence des textiles électroniques, les textiles intelligents ne doivent pas nécessairement être dotés des dispositifs électroniques<sup>5</sup>.

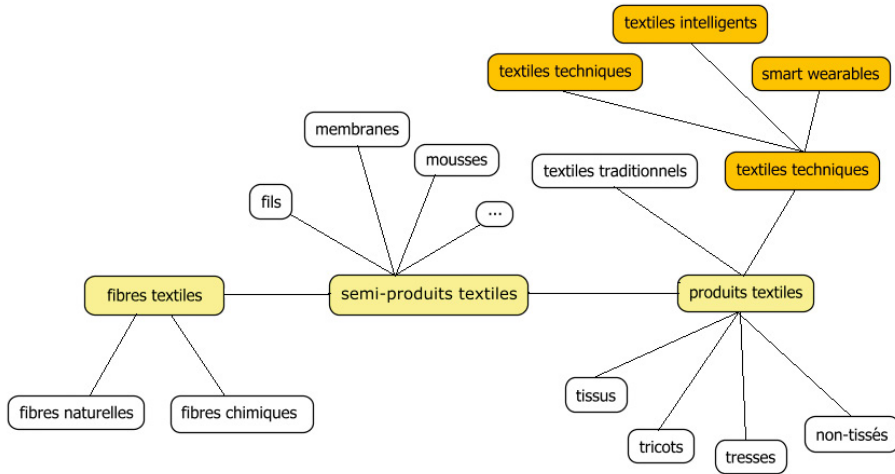
### 1.1 Les textiles techniques dans la filière de production textile

Les textiles techniques représentent une catégorie des produits textiles, obtenus grâce à un grand nombre d'acteurs impliqués dans leur production. Le schéma de la filière de l'industrie textile indiqué ci-dessous illustre les trois étapes principales de la fabrication de textiles, à savoir :

- la production de fibres textiles ;
- la transformation de fibres textiles en une série de semi-produits textiles ;
- l'emploi de ces structures textiles intermédiaires dans la fabrication de produits textiles finis.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 99.

<sup>5</sup> UNION DES INDUSTRIES TEXTILES, *Op. cit.*, p. 11.



Carte conceptuelle n.1 - Les Textiles techniques  
dans la filière de l'industrie textile<sup>6</sup>

Les matières premières appelées *fibres textiles* sont distinguées en deux catégories de base, établies en fonction de leur origine : les fibres naturelles et les fibres chimiques. Tandis que les fibres naturelles telles que le lin ou la laine se trouvent à l'état libre dans la nature, les fibres chimiques – telles que l'acrylique ou le polyamide – sont fabriquées par l'homme par un processus de transformation chimique<sup>7</sup>. La production de fibres textiles est suivie par l'étape consistant dans leur transformation en structures textiles intermédiaires, dont notamment les fils, les membranes et les mousses<sup>8</sup>. Dans la dernière étape, ces semi-produits textiles entrent dans la fabrication de produits textiles finis. Obtenus à partir des fils, ils sont classés en quatre catégories principales en fonction de la technique d'assemblage des fils utilisée, à savoir les tissus, les tricot, les tresses et les non-tissés. Du point de vue de leurs applications, les produits textiles se distinguent en deux catégories fondamentales : les textiles traditionnels, incluant les produits destinés à la fabrication de vêtements et à l'ameublement, et les textiles techniques, utilisés surtout pour d'autres applications que celles-ci.

<sup>6</sup> Sources du schéma : BAUM, Maggy ; BOYELDIEU, Chantal. 2018. Dictionnaire encyclopédique des textiles. Paris : Eyrolles, p. 654 ; DGE/UBIFRANCE. 2006. Textiles Techniques. Le futur se tisse en France, p. 5 ; UNION DES INDUSTRIES TEXTILES, *Op. cit.*, p. 5 ; WEIDMANN, Daniel, *Op. cit.*

<sup>7</sup> WEIDMANN, Daniel, *Op. cit.*, p. 14.

<sup>8</sup> Voir WEIDMANN, Daniel, *Op. cit.*

## 1.2 La classification des textiles techniques

À l'intérieur de la catégorie des textiles techniques, trois classes spécifiques se sont développées :

- les textiles techniques ou textiles à usages techniques (TUT) ;
- les textiles intelligents ;
- les *smart wearables*.

- Les *textiles à usages techniques* (TUT) sont définis par D. Weidmann (2010) comme « tout produit ou matériau textile dont les performances techniques et les propriétés fonctionnelles prévalent sur les caractéristiques esthétiques ou décoratives »<sup>9</sup>. Néanmoins, il faut mettre en évidence qu'il n'est pas toujours possible d'effectuer une distinction nette entre le textile traditionnel et le textile technique, car dans le cas de certains textiles techniques, dont notamment ceux pour la confection de vêtements de sport, l'aspect esthétique joue également un rôle important<sup>10</sup>. Les domaines d'application des TUT sont variées et incluent par exemple l'agriculture, le bâtiment, la défense, le médical, la protection, le transport, les sports et loisirs<sup>11</sup>. Les propriétés techniques de ces textiles concernent notamment l'élasticité et la résistance et leur emploi permet de répondre à une série d'exigences, dont l'isolation, l'absorption et la protection contre les micro-organismes<sup>12</sup>.

- Les *textiles intelligents* ou *smart textiles* se sont développés au début des années 2000. Leurs propriétés sont décrites en détail dans le rapport technique CEN/TR 16298 : 2011<sup>13</sup> qui en distingue deux catégories : *matière textile intelligente* et *système textile intelligent*. La première catégorie est appelée aussi *matériau textile intelligent* et consiste dans une « matière textile fonctionnelle qui interagit activement avec son environnement, c'est-à-dire qui répond ou qui s'adapte à des changements survenant dans

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>10</sup> DGE/UBIFRANCE, *Op. cit.*, p. 3.

<sup>11</sup> WEIDMANN, Daniel, *Op. cit.*, p. 5.

<sup>12</sup> BAUM, Maggy ; BOYELDIEU, Chantal, *Op. cit.*, pp. 590-591.

<sup>13</sup> CEN/TR 16298 :2011, Textiles et produits textiles – Textiles intelligents – Définitions, catégorisation, applications et besoins de normalisation.

l'environnement »<sup>14</sup>. Ces caractéristiques sont présentes, par exemple, dans les matières textiles chromiques utilisées pour la fabrication de vêtements de protection, qui réagissent à la présence d'une substance chimique en changeant de couleur<sup>15</sup>. Le système textile intelligent est défini comme « système textile qui présente une réponse prévue et exploitable en réaction soit à des changements de son voisinage/environnement, soit à un signal/une entrée externe<sup>16</sup> ». Dans cette catégorie rentrent par exemple les géotextiles signalant les changements dans le sol<sup>17</sup>.

- Enfin, au début du XXI<sup>e</sup> siècle, une autre catégorie des textiles techniques apparaît, à savoir celle des *smart wearables*, incluant des systèmes portables dotés des dispositifs technologiques connectés. Actuellement, ils sont utilisés en particulier dans le secteur médical<sup>18</sup>.

## 2. Analyse de la terminologie des textiles techniques en français et en italien

Les termes désignant les textiles techniques en français et en italien que nous avons analysés ont été identifiés comme des équivalents d'un groupe particulier de termes en anglais, utilisés dans l'ouvrage de B. Quinn intitulé *Textile Futures. Fashion, Design and Technology* (2010)<sup>19</sup>. En lisant l'étude de B. Quinn dans le but de mieux connaître le secteur des textiles techniques, nous avons effectué une extraction manuelle des termes désignant les textiles et les fibres. Après l'exclusion des noms de marque, nous avons obtenu un *corpus* contenant 187 unités terminologiques relatives aux fibres (90 termes) et aux textiles (97 termes). Du point de vue sémantique, ces termes peuvent être classés comme suit :

- des termes précisant la structure des textiles (*multi-layered textile, nanotextile*) et des fibres (*hollow fibre, microfibre*) ;

---

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>18</sup> UNION DES INDUSTRIES TEXTILES, *Op. cit.*, pp. 6-7.

<sup>19</sup> QUINN Bradley. 2010. *Textile Futures. Fashion, Design and Technology*. Oxford/ New York : Berg, 307 p.



- des termes indiquant la composition matérielle des textiles (*synthetic textile, fibreglass textile*) et des fibres (*elastomer fibre, biosynthetic fibre*) ;
- des termes mettant en évidence les capacités et les fonctions des textiles (*bioactive textile, luminous textile*) et des fibres (*fireproof fibre, chromogenic fibres*).

Dans l'étape suivante, nous avons limité notre champ d'étude aux termes désignant les textiles techniques du point de vue de leurs capacités et fonctions. Nous avons ainsi construit un *corpus* de 54 termes en anglais. L'objectif de cette recherche est celui d'identifier et d'analyser leurs équivalents en français et en italien, en se concentrant sur leur construction, en particulier dans une optique comparative entre l'anglais, le français et l'italien.

Lors de la recherche des équivalents dans les deux langues romanes, nous avons consulté les types de sources suivants :

- une norme industrielle : le rapport technique CEN/TR 16298 *Textiles et produits textiles – Textiles intelligents – Définitions, catégorisation, applications et besoins de normalisation* (2011) ;
- les manuels : par ex. *Aide-mémoire textiles techniques* de D. Weidmann (2010), *Textile design. Materiali e tecnologia* de R. Frassine et al. (2008) ;
- les encyclopédies et les dictionnaires encyclopédiques, dont le *Dictionnaire encyclopédique des textiles* de M. Baum et Ch. Boyeldieu (2018) et l'encyclopédie *Treccani* [en ligne] ;
- les documents institutionnels, tels que *Livre blanc sur les textiles intelligents*, publié par l'Union des Industries Textiles (2017) et *Textiles Techniques. Le futur se tisse en France*, publié par DGE/UBIFRANCE (2006) ;
- les bases de données terminologiques : le *Grand Dictionnaire Terminologique*, Termium Plus, IATE ;
- les sites web d'entreprises.

## 2. 1 Les résultats de l'analyse des équivalents en français et en italien

Analysant les équivalents en français et en italien, nous avons observé que les trois situations suivantes peuvent se produire :

- l'existence d'internationalismes (*intelligent fabric – tissu intelligente – tessuto intelligente*) ;
- l'emploi d'un équivalent national (*reinforcement fabric – tissus de renfort – tessuto di rinforzo*) ;
- l'absence d'équivalent (*cryogenic textile* en EN-FR-IT).

### - L'existence d'internationalismes

Nous avons noté que certains équivalents en français et en italien ont la forme d'un internationalisme. Il faut préciser que par *internationalisme*, on entend des termes, présents dans une série de langues, qui ont été construits à partir d'un même élément de la façon qu'un locuteur d'une des langues concernées peut comprendre sans difficulté leur signification (par ex. *combinaison* (FR), *combinazione* (IT), *combinación* (ES), *combinação* (PT), *combinatie* (NL), *Kombination* (DE) et *combination* (EN)<sup>20</sup>). Au total, nous avons trouvé 22 équivalents-internationalismes en français ainsi qu'en italien. À titre d'exemple, nous mentionnons trois termes :

EN	FR	IT
<i>thermochromatic fabric</i>	<i>tissu thermochromique</i>	<i>tessuto termocromico</i>
<i>photovoltaic textile</i>	<i>textile photovoltaïque</i>	<i>tessuto fotovoltaico</i>
<i>kinetic textile</i>	<i>textile cinétique</i>	<i>tessuto cinetico</i>

### - L'emploi d'un équivalent national

<sup>20</sup> DEROY, Louis. 1956. L'Emprunt linguistique. Liège : Presses universitaires de Liège, pp. 325-337 ; MEILLET Antoine. 1948. Le sens linguistique de l'unité latine, dans *Linguistique historique et linguistique générale*. I, Paris : Champion, pp. 319-320.

Les équivalents nationaux, dont la forme diffère au moins de celle du terme en anglais, ont été les plus nombreux. Nous les avons individuéés dans le cas de 29 termes, et cela soit pour le français, soit pour l'italien. Une série d'exemples sont indiqués dans le tableau ci-dessous :

EN	FR	IT
geonet	géofilet	georete
waterproof fabric	tissu imperméable	tessuto impermeabile
impact-resistant textile	tissu résistant aux chocs	tessuto resistente agli urti

Dans certains cas, nous avons trouvé plusieurs équivalents en français et en italien :

EN	FR	IT
flame-proof textile	textile ignifuge	tessuto antifiamma
	textile résistant au feu	tessuto ignifugo
	textile non-feu	tessuto resistente al fuoco
light-emitting fabric	tissu éclairant	tessuto luminoso
	tissu luminescent	tessuto luminescente
	tissu lumineux	

- L'absence d'équivalent

Quant aux termes en anglais pour lesquels nous n'avons pas trouvé des équivalents en français et en italien, il s'agit de trois termes désignant :

- des textiles capables de signaler la présence des substances nocives : *contaminate-aware fabric* ;
- des textiles qui peuvent être utilisés à des températures extrêmes : *cryogenic textiles* ;
- des textiles réagissant aux émotions de la personne qui les porte : *emotive textiles*.

Pour mieux comprendre la signification de ces termes, dans le tableau ci-dessous nous indiquons le contexte dans lequel nous les avons trouvés :

<b>contaminate-aware fabric</b>	Current research in contaminate-aware fabrics explores the potential to encapsulate the fibres with minuscule electronic chips containing live nerve cells. The cells would be capable of detecting a range of chemical, radioactive and biological contaminants and subsequently triggering a wearable alarm. (Quinn, 2010 : 56)
<b>cryogenic textiles</b>	Cryogenic processes have revealed which textiles would perform best in cold regions of deep space and which would be suitable for use in Arctic and Antarctic applications. Unlike the cryophile organisms that thrive only in frigid temperatures, cryogenic textiles perform as well in the heat as they do in the cold. (Quinn, 2010 : 267)
<b>emotive textiles</b>	[emotive textiles]: The sensing and diagnostic abilities that fibres have are forming a new breed of textiles structured by feeling and mood more than by texture and motif. Because they can process data automatically and autonomously, textiles can process artificial intelligence programmes, giving them the ability to react to the wearer's visceral experiences. (Quinn, 2010 : 22)

## Conclusion

L'analyse de la terminologie des textiles techniques a montré que dans ce secteur, qui s'est progressivement constitué dans la deuxième moitié du XX<sup>e</sup> siècle, la définition des concepts ainsi que l'emploi des termes pour les désigner posent toujours des problèmes. En ce qui concerne les équivalents en français et en italien d'une série de termes en anglais que nous avons analysés, nous avons observé qu'ils peuvent avoir la forme d'un internationalisme ou une forme particulière, différente au moins de

celle du terme en anglais. En outre, il existe également des cas où les deux langues romanes ne disposent pas encore, à notre connaissance, d'un équivalent national.

On peut constater que la terminologie des textiles techniques est caractérisée par une grande variation synonymique. En effet, les différentes sources que nous avons consultées indiquent plusieurs termes qui peuvent être employés pour désigner le même concept. Observons par exemple ceux relatifs au concept de « textiles intelligents » :

EN : *smart textile, intelligent textile, responsive textile, adaptive textile*

FR : *textile intelligent, textile réactif, textile adaptatif*

IT : *tessuto intelligente, tessuto reattivo*

Un autre aspect qui a retenu notre attention concerne le degré de nouveauté des concepts du domaine examiné. Étudiant quelques concepts, on n'a pas toujours à faire avec des textiles vraiment innovants. Par exemple, la catégorie des *tissus fonctionnels* contient aussi les *tissus acoustiques* et les *tissus imperméables*, qui ont été fabriqués déjà dans les siècles passés en utilisant des matériaux disponibles à l'époque, respectivement surtout le feutre et le caoutchouc. On peut supposer que le lancement de ces faux « nouveaux textiles » a été opéré principalement grâce aux stratégies de marketing mettant l'accent sur leurs propriétés fonctionnelles<sup>21</sup>.

La dernière remarque relative aux termes du secteur des textiles techniques porte sur la présence de « faux amis » parmi les équivalents EN – FR – IT. Les unités terminologiques *tissu/ tessuto* + Adj sont fréquentes aussi dans les terminologies d'autres domaines, tels que la médecine ou la biologie (par ex. *tessuto connettivo, tessuto biologico*) et l'urbanisme (par ex. *tessuto edilizio, tessuto urbano*). Dans notre *corpus*, ensuite, nous avons trouvé un cas des termes de forme similaire appartenant au domaine des textiles techniques, mais désignant des concepts différents : il s'agit des termes *biotextile – biotextile – biotessile*. En français, par *biotextile* ou aussi *tissu biomédical*, on entend « des prothèses ou implants, permanents ou provisoires où les matériaux utilisés doivent être biocompatibles voire

<sup>21</sup> BONETTI, Ferruccio ; DOTTI, Stefano ; TIRONI, Giuseppe. 2012. Fibre tessili. Struttura, caratteristiche, proprietà. Milano: Tecniche Nuove, pp. 5-6.

biorésorbables après leur implantation dans le corps humain<sup>22</sup> ». Le terme correspondant en anglais est *biotextile*, tandis qu'en italien, le concept en question est désigné par les termes *tessuti biomedicali* ou *tessili per applicazioni biomedicali*, le terme *biotessile* étant utilisé pour désigner un type de géotextiles, fabriqués avec les fibres naturelles.

Pour terminer, les caractéristiques observées de la terminologie des textiles techniques justifient l'intérêt d'étudier des termes et des concepts du secteur dans le but de promouvoir une diffusion des termes définis avec précision, car l'emploi d'une terminologie claire constitue non seulement une condition essentielle pour une communication transparente et réussie, mais permet aussi de protéger la valeur culturelle et économique des produits désignés<sup>23</sup>.

## Références bibliographiques

- BAUM, Maggy ; BOYELDIEU, Chantal. 2018. Dictionnaire encyclopédique des textiles. Paris : Eyrolles.
- BONETTI, Ferruccio ; DOTTI, Stefano ; TIRONI, Giuseppe. 2012. Fibre tessili. Struttura, caratteristiche, proprietà. Milano: Tecniche Nuove.
- CEN/TR 16298 : 2011, Textiles et produits textiles – Textiles intelligents – Définitions, catégorisation, applications et besoins de normalisation.
- DEROY, Louis. 1956. L'Emprunt linguistique. Liège : Presses universitaires de Liège.
- DGE/UBIFRANCE. 2006. Textiles Techniques. Le futur se tisse en France.
- FRASSINE, Roberto ; SOLDATI, Maria Grazia ; RUBERTELLI, Manuela. 2008. Textile design. Materiali e tecnologia. Milano : Franco Angeli.
- MEILLET Antoine. 1948. Le sens linguistique de l'unité latine, dans Linguistique historique et linguistique générale. I, Paris : Champion.
- QUINN Bradley. 2010. Textile Futures. Fashion, Design and Technology. Oxford/ New York: Berg.
- UNION DES INDUSTRIES TEXTILES. 2017. Livre blanc sur les textiles intelligents.
- WEIDMANN, Daniel. 2010. Aide-mémoire textiles techniques. Paris : Dunod.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2018. Che cos'è la terminologia. Roma: Carocci.

<sup>22</sup> WEIDMANN, Daniel, *Op. cit.*, p. 263.

<sup>23</sup> ZANOLA, Maria Teresa. 2018. Che cos'è la terminologia. Roma: Carocci, pp. 87-90.

## Sitographie

Le Grand dictionnaire terminologique, <http://www.granddictionnaire.com/>, 16. 02. 2020.

Interactive Terminology for Europe, <https://iate.europa.eu/>, 16. 02. 2020.

Termium Plus, <https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2alpha/alpha-fra.html>, 16. 02. 2020.

Treccani, <http://www.treccani.it/>, 16. 02. 2020.





# La terminologie de l'édition de textes : tradition et innovation lexicale au service de la communication professionnelle

Silvia Domenica Zollo

*Università degli Studi di Verona*

---



## Introduction

La création terminologique d'un domaine spécialisé représente l'ensemble des nouveaux termes créés pour désigner les nouveaux concepts au fur et à mesure qu'ils sont conçus. Cette création peut se réaliser *in vivo* ou *in situ* ; à ce propos, Sager (1997 : 25) parle de « formation primaire » et spontanée – le plus souvent réalisée par l'inventeur du concept – et de « formation secondaire » lorsqu'elle résulte soit de l'aménagement unilingue d'une terminologie pour un souci de normalisation linguistique, soit d'un transfert d'une langue à l'autre (1997 : 27). La création terminologique peut aussi résulter d'un processus de médiation entre les spécialistes d'un discours lorsqu'il s'agit de reformuler des concepts et des termes d'une langue à l'autre, voire d'un registre à l'autre dans la même langue selon les différentes situations de communication (De Gioia & Marcon 2016).

Parmi les divers procédés néologiques propres à chaque langue, le choix des procédés de formation terminologique peut relever également du domaine et de son histoire. C'est le cas du domaine de l'édition des textes qui recourt aussi bien aux éléments appartenant aux langues savantes qu'aux emprunts à l'anglais et à d'autres langues européennes pour constituer sa terminologie. Dans ce domaine, la création de termes nouveaux se fait selon divers procédés néologiques qui tiennent à plusieurs facteurs internes et externes au système linguistique, tels que : 1) la longue histoire de la philologie éditoriale, dont une partie du lexique technique remonte à l'Antiquité ou à l'humanisme italien ; 2) l'adaptation d'un lexique forgé pour des textes classiques à d'autres réalités textuelles et culturelles (philologie moderne et contemporaine, par exemple) ; 3) l'internationalisation d'un lexique riche en latinismes (i.e. *lectio difficilior*), calques (i.e. *accidents*, calqué de l'anglais) et emprunts (i.e. *biparti*, emprunté à l'italien *bipartito*) ;

4) la spécialisation des communautés scientifiques (antiquisants, médiévistes, latinistes et romanistes, modernistes, généticiens) qui ont tendance à renommer des concepts déjà existants dans des traditions académiques qu'elles ignorent ; 5) la présence de nouveaux termes (i.e. *avant-texte*, *saut-de-même-au-même*) et de variantes terminologiques qui visent à expliciter ou à reformuler les emprunts opaques aux langues étrangères. En outre, les récentes avancées en matière d'humanités numériques ont produit une effervescence néologique dans la terminologie française de l'édition de textes. À cet égard, l'unité polylexicale *édition scientifique des textes* est symptomatique autant que symbolique : les uns parlent d'*édition de textes*, les autres de *philologie*, en précisant parfois qu'il s'agit de *philologie éditoriale* ou de *philologie textuelle* ; d'autres encore recourent au terme *ecdotique*, un néologisme que dom Quentin se proposait de substituer en 1926 à la dénomination trop vague de *critique textuelle*. Le lexique des matériaux (i.e. *manuscrits*, *imprimés*), des traditions textuelles (i.e. *allographes* ou *originaux*) et des objets mêmes (i.e. *texte* ou *avant-texte*) varie selon les différents courants et les termes sont souvent pris dans des acceptions fort différentes (i.e. *archétype*, *variante*), ce qui peut constituer un obstacle notable au travail de médiation linguistique chez les experts.

Dans la présente contribution, nous nous proposons d'analyser la question de la créativité terminologique dans le domaine de l'édition de textes, à travers l'identification des procédés de formation primaire et secondaire mis en place par les spécialistes pour créer de nouvelles dénominations. L'analyse du lexique en question peut aider, d'un côté, à la compréhension des mécanismes qui régissent la création terminologique *ad libitum* ; de l'autre, elle peut contribuer à révéler si sa présence dans la communication professionnelle renferme une utilité cognitive, dans un souci de compréhension et de médiation pour tous.

## 1. Présentation du *corpus* et méthodologie

Le périmètre du lexique en question est très vaste, puisqu'il couvre toutes les dimensions de l'édition de textes, y compris l'édition des éléments de genèse. On s'est toutefois concentré sur les textes diffusés ou destinés à être diffusés sous forme livresque, ce qui exclut les problèmes spécifiques des documents de la pratique. La nomenclature des termes provient d'une série de dépouillements effectués à partir de deux types de données.

Tout d'abord, nous avons collecté les termes techniques dans les dictionnaires spécialisés et les vocabulaires encyclopédiques suivants : le *Dictionnaire encyclopédique du livre* (DEL), le *Petit lexique de l'édition critique et génétique* de Beugnot (1988), le *Dictionnaire de critique génétique* disponible en ligne sur le site de l'ITEM et le *Vocabulaire codicologique. Répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits* (Muzurelle 2002). L'ensemble a été complété par la constitution et le traitement d'un *corpus* de textes académiques sur l'édition de textes (16 000 word tokens), qui ont permis d'identifier un éventail de procédés de formation primaire et secondaire sur un échantillon terminologique de 300 termes, extraits de manière automatique à l'aide du logiciel TermSuite (Daille 2017). Le modèle d'analyse s'inspire essentiellement des travaux de terminologie néologique de Sager (1997), Humbley (2018), Sablayrolles (2019) et Gouadec (1997), mais d'autres sources ont également contribué à l'étude néonymique de notre *corpus* et à déterminer la terminologie permettant de désigner les différents procédés identifiés (Cabré 2003 ; Pavel et Nolet 2001 ; Rey 1995 ; Zanola 2018). Dans notre *corpus*, nous avons observé 4 procédés de formation primaire et secondaire : néonymie de forme, néonymie de sens, calque et emprunt.

## 2. Les procédés de formation primaire

Parmi les procédés de formation primaire, la néonymie de forme est de loin le procédé le plus courant. Elle résulte de 3 procédés : la composition, l'ellipse et l'affixation. La composition occupe la première place : on dénombre 80 syntagmes adjectivaux et 54 syntagmes prépositionnels, comportant entre deux (i.e. *critique génétique, transcription panoptique, correction rédactionnelle*) et trois termes (i.e. *édition scientifique de textes, édition historique et critique*). Voici quelques exemples :

Syntagmes adjectivaux	Syntagmes prépositionnels
<i>critique externe, critique génétique, critique interne, critique littéraire, critique textuelle, critique verbale, description matérielle, dossier génétique, édition autorisée, édition définitive, édition diplomatique, édition électronique, édition fac-similaire, édition horizontale, édition hypertextuelle, édition numérique, édition originale, édition synoptique, erreur polaire, erreur polygénétique, innovation contrainte, manuscrit jumeau, manuscrit définitif, manuscrit moderne, manuscrit perdu.</i>	<i>critique des textes, critiques des variantes, description des témoins, édition de textes, faute de copie, édition de dernière main, édition en fac-similé, erreur de lecture, établissement du texte, étiologie des fautes, exemplaire de présentation, exemplaire de travail, exemplaire de dédicace, faute d'impression, langue de l'auteur, langue de la copie, manuscrit de base, manuscrit de contrôle, variante d'auteur, variante d'écriture, variante de lecture, volonté de l'auteur, témoin de base, témoin de référence.</i>

Les termes peuvent aussi se combiner avec des mots appartenant à la langue commune ; c'est le cas des syntagmes *arbre réel, bon manuscrit, bonne leçon, mauvaise leçon, copie inutile, exemplaire de fatigue, rencontre fortuite, variante utile, variante tardive, erreur de plume, toilette du texte, tradition abondante, tradition fermée, tradition touffue, tradition rayonnante, faute volontaire, faute en cascade*.

Le procédé de la composition savante représente un procédé très propice à la création de nouveaux termes, notamment sous forme de juxtaposition. Tous les composés savants comportent un premier élément issu de la

langue générale ou d'un nom propre qui est le terme pivot (terme de base) suivi d'un second élément qui le complète et qui se construit à partir d'un formant gréco-latin :

<i>hyperarchétype</i> →	hyper- + archétype
<i>néo-bédiériste</i> →	néo- + Bédier (NPr) + -iste (suff.)
<i>néo-lachmannien</i> →	néo- + Lachmann (NPr) + -ien (suff.)
<i>néo-lachmannisme</i> →	néo- + Lachmann (NPr) + -isme (suff.)

Très intéressantes sont aussi les compositions formées à partir d'une préposition :

<i>avant-texte</i> →	un terme introduit en critique génétique en 1972 par Jean Bellemin-Noël pour désigner la reconstruction critique de ce qui a précédé un texte ;
<i>après-texte</i> →	un néologisme créé à partir de la composition <i>avant-texte</i> ;
<i>sous-variante</i> →	un calque à l'italien <i>sottovariante</i> .

Quant au phénomène de l'ellipse, nous avons relevé 8 cas : *originale* pour *édition originale* ; *génétique* pour *critique génétique* ; *ramusiennes* pour *lettres ramusiennes* ; *pervetustus* pour *codex pervetustus* ; *adiaphore* pour *variante adiaophore* ; *examen* pour *examen de la tradition* ; *lettres* pour *lettres en toutes*.

Concernant les phénomènes d’affixation, nous avons enregistré 9 cas de préfixation, suffixation et dérivation parasynthétique ayant comme terme de base un déanthroponyme :

*hyparchétype* → hyp- (préf.) + archétype

*post-bédiériste* → post- (préf.) + Bédier (NPr) + -iste

*post-lachmannien* → post- (préf.) + Lachmann (NPr) + -ien

*subarchétype* → sub- (préf.) + archétype

*bédiérien* → Bédier (NPr) + -ien (suff.)

*bédiérisme* → Bédier (NPr) + -isme (suff.)

*bédiériste* → Bédier (NPr) + -iste (suff.)

*lachmannien* → Lachmann (NPr) + -ien (suff.)

*lachmannisme* → Lachmann (NPr) + -isme (suff.)

La créativité terminologique ne résulte pas uniquement de la néonymie de forme, mais aussi de la néonymie de sens. Les experts s’emparent très souvent du sens d’un terme appartenant à un domaine de provenance particulier pour l’étendre à un objet nouveau, en produisant ainsi un nouveau sens dans ce domaine. Par exemple, le terme *toilette*, issu de la langue générale, désigne les modifications apportées à la présentation du texte par rapport à celle du ou des témoins utilisés pour son établissement. Nous avons relevé 5 cas de néonymie de sens, où le spécialiste, à travers un procédé de transfert sémantique qui se fonde sur un principe de reconduction analogique du sens, attribue une nouvelle signification à un signifiant déjà existant dans d’autres langues de spécialité, telles que l’astronomie, la médecine, la botanique et le droit féodal. En voici quelques exemples :

<b><i>constellation</i></b>	par analogie aux constellations astronomiques, ce terme indique un ensemble de leçons communes indiquant des liens particuliers entre des témoins.
<b><i>agglutination</i></b>	par analogie aux agglutinations en médecine, ce terme désigne une réunion en une seule forme de deux ou plusieurs unités distinctes mais contiguës.



<b>branche (ou ramification)</b>	par analogie aux tiges d'un arbre, ce terme désigne une ramification du stemma à partir d'un nœud supérieur.
<b>mouvance</b>	par analogie au caractère instable d'un fief par rapport à un autre dans le droit féodal, ce terme désigne l'instabilité du texte littéraire médiéval, conçu comme processus dynamique.

### 3. Les procédés de formation secondaire

Si on les classe du plus allogène au plus naturel, les procédés de formation secondaire relevés dans notre *corpus* vont de l'emprunt au calque. Le procédé le plus courant est celui de l'emprunt direct intégral qui correspond à l'usage du terme étranger sans aucun aménagement à l'écrit (Guilbert 1975). Nous savons qu'aujourd'hui c'est l'anglais qui domine les terminologies spécialisées, mais dans le domaine de l'édition de textes les anglicismes ne sont pas très fréquents par rapport aux emprunts aux langues savantes. Dans notre *corpus*, nous avons vérifié très peu d'anglicismes véritablement ancrés, 26 en total. C'est le cas de *copy text*, *ideal copy*, *Material Philology*, *New Bibliography*, *New Philology*, *New Criticism*, *New Medievalism*, *New Historicism*, *parallel-text edition*, *scholarly edition*, *scribal version*, *unediting*. Nous avons également enregistré un italianisme : *variantistica* qui désigne une approche nouvelle dans le sous-domaine de la critique des textes.

La créativité de ce domaine fait appel notamment aux emprunts au latin qui ont beaucoup influencé le lexique de la philologie et de l'édition de textes depuis l'humanisme. La richesse des langues savantes, leur qualité de précision et de clarté, leur haut potentiel dans la composition et dérivation des termes, incitent les experts du domaine à s'en servir encore aujourd'hui. Voici quelques exemples : *codex*, *codex antiquior*, *codex antiquissimus*, *codex descriptus*, *codex interpositus*, *codex pervetustus*, *codex vetustissimus*, *codices plurimi*, *codices recentiores*, *usus scribendi*, *usus copiandi*, *lectio faciliior*, *lectio difficilior*, *lectio brevior*, *conspectus siglorum*, *crux*, *crux desperationis*, *deperditum*, *deteriores*, *terminus ad quem*, *terminus post quem*, *dispositio textus*, *editio major*, *editio minor*, *lectio brevior*, *lectio difficilior*, *lectio faciliior*, *lectio singularis*, *judicium*, *membra disjecta*, *varia lectio*. Nous attestons aussi 2 cas d'emprunts directs bilingues, consistant dans la combinaison d'un terme étranger et d'un terme naturalisé selon le système linguistique français comme dans les cas *édition variorium* et *édition princeps*.

Toutefois, la négociation du sens en discours implique l'usage d'emprunts par traduction pour rendre la communication plus transparente. Contrairement à l'emprunt direct, l'emprunt par traduction suppose toujours un processus de traduction, que ce soit à partir du signe étranger, et on a alors affaire à un calque (traduction littérale), ou à partir du concept, par transposition ou transfert d'image (traduction non littérale) (Rey-Debove 1998). Les plus naturels sont les calques morpho-syntaxiques des formations comportant un ou plusieurs éléments, dont la combinaison s'explique par l'influence d'une construction équivalente en français. Nous avons relevé 14 calques (SN+Adj. ou SN+N+Compl. prép.) qui ne subissent aucune modification sur le plan formel et qui s'appliquent aux noms des opérations réalisées dans le domaine de l'édition de textes, à leur fonction, leur mode ou leur état. Voici quelques exemples :

### Calques morphosyntaxiques

*bibliographie textuelle* → de l'anglais *textual bibliography*

*copie au net* → de l'anglais *fair copy*

*critique des variantes* → de l'italien *critica delle varianti*

*diffraction* → de l'italien *diffrazione*

*établissement du texte* → du latin *constitutio textus*

*faute de plume* → de l'anglais *lapsus calami*

*hypertexte* → de l'anglais *hypertext*

*livre d'auteur* → de l'italien *libro d'autore*

*nouvelle philologie* → de l'anglais *New Philology*

*philologie d'auteur* → de l'italien *filologia d'autore*

*philologie matérielle* → de l'anglais *material philology*

*préarchétype* → de l'italien *prearchetipo*

*preuve latente* → de l'allemand *latente Evidenz*

*version scribale* → de l'anglais *scribal version*

À ce propos, signalons qu'après le retour au manuscrit qui a conduit une partie des travaux à évoluer vers une philologie matérielle, le calque *nouvelle philologie* (*new philology*) est utilisé chez Driscoll (2010) comme

synonyme de *philologie matérielle* (*material philology*). De même, le calque *nouvelle philologie* et le syntagme italien *nuova filologia* sont parfois utilisés comme synonymes, alors qu'ils désignent des concepts différents. Le syntagme italien *nuova filologia*, forgé par Michele Barbi en 1938, désigne la méthode utilisée par la nouvelle école philologique italienne par opposition aux méthodes françaises. Cette élasticité sémantique se manifeste aussi par une production accrue de créations synonymiques concurrentes qui coexistent dans le lexique en question et qui ont tendance à remplacer les calques :

Calque	Synonyme français
<i>bibliographie matérielle</i> (de l'anglais <i>physical bibliography</i> )	<i>bibliologie matérielle</i>
<i>biparti</i> (de l'italien <i>bipartito</i> )	<i>bifide, bipartition du stemma</i>
<i>erreur conjonctive</i> (de l'italien <i>errore congiuntivo</i> )	<i>faute liante</i>
<i>erreur séparative</i> (de l'italien <i>errore separativo</i> )	<i>faute isolante</i>
<i>exemplaire idéal</i> (de l'anglais <i>ideal copy</i> )	<i>exemplaire théorique</i>
<i>mélecture</i> (de l'anglais <i>misreading</i> )	<i>erreur de lecture</i>
<i>recension fermée</i> (de l'italien <i>recensione chiusa</i> )	<i>tradition fermée</i>
<i>scholarly edition</i>	<i>édition savante, édition scientifique</i>
<i>triparti</i> (de l'italien <i>tripartito</i> )	<i>trifide</i>
<i>trivialisation</i> (de l'italien <i>trivializzazione</i> )	<i>banalisation</i>
<i>variante immédiate</i> (de l'italien <i>variante immediata</i> )	<i>variante d'écriture</i>
<i>variante tardive</i> (de l'italien <i>variante tardiva</i> )	<i>variante de lecture</i>
<i>édition diplomatique</i> (du latin <i>diplomaticus</i> )	<i>édition imitative</i>

Très intéressant est le calque *édition diplomatique* (du latin scientifique *diplomaticus*, lui-même dérivé du latin *diploma* « document officiel ») désignant une édition imitative qui reproduit très fidèlement le texte d'un témoin aussi bien dans sa présentation matérielle que dans sa teneur.

La notion d'*édition diplomatique* est née entre la fin du XVII<sup>e</sup> siècle et le début du XVIII<sup>e</sup> siècle avec les bénédictins pour reproduire l'identique des textes manuscrits anciens et s'est développé au XIX<sup>e</sup> siècle, en l'absence de procédés de reproduction mécanique des manuscrits. Toutefois, les diplomates n'emploient pas ce calque et préfèrent utiliser la variante synonymique *édition imitative* qui porte, d'ailleurs, des noms différents, selon le degré de fidélité au témoin reproduit. En voici quelques-uns : *édition semi-diplomatique* (Beltrami 2010), *édition interprétative* et *édition diplomatico-interprétative* (Segre 2003). En outre, les génétistes (D'Iorio 2010) distinguent les variantes dénominatrices *édition diplomatique* et *édition ultradiplomatique*, cette dernière se situant à la limite entre le fac-similé et la transcription, car elle reproduit en fac-similé la page manuscrite en substituant les caractères typographiques aux signes de l'écriture.

## Conclusion

Par cette étude, se sont ouvertes de nombreuses voies sur les mécanismes qui règlent la création terminologique dans le discours de spécialité de l'édition de textes. Tout d'abord, nous sommes en mesure d'affirmer que la création terminologique n'est pas totalement immotivée dans ce domaine. D'ailleurs la multiplicité des mécanismes de formation lexicale met en évidence que cette motivation n'est pas unique et qu'elle répond à une série de facteurs linguistiques et extra-linguistiques notamment liés à la naissance de nouveaux courants théoriques au cours de l'histoire.

La variété des procédés de formation montre que le français dispose de locuteurs experts soucieux de produire les termes dont ils ont besoin dans leur langue, ne serait-ce que sous forme de néonymes de forme et de sens, calques et synonymes pour négocier le sens des néonymes étrangers. De même, les emprunts intégraux à l'anglais et aux langues savantes jouent un rôle primordial dans cette terminologie ; ils l'emportent sur le français lorsque les tentatives de francisation ont pour résultat une ambiguïté qui entraîne des erreurs d'interprétation ou des imprécisions conceptuelles dans la communication professionnelle. La terminologie de l'édition de textes semble donc émerger en français et ses usagers la créent, en se servant de plusieurs chemins dénommatifs. Le seul obstacle à sa diffusion est le besoin de la répertorier pour l'harmoniser, la mettre à la disposition du public et favoriser ainsi sa stabilisation. Et la terminologie, avec

ses représentations et méthodes de classement onto-terminologique, peut apporter des éléments de réponse aux fluctuations terminologiques de ce lexique qui est en train d'émerger tant dans le contexte universitaire que dans le monde professionnel.

## Références bibliographiques

- BELTRAMI, Pietro. 2010. *A che serve un'edizione critica ? Leggere i testi della letteratura romanza medievale*. Bologna : Il Mulino.
- BEUGNOT, Bernard. 1988. « Petit lexique de l'édition critique et génétique ». *Cahiers de textologie*. vol. 2, p. 69-79.
- CABRÉ, María Teresa. 1999. *Terminology : theory, methods and applications*. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins Publishing.
- CONCEIÇÃO, Célio. 2005. *Concepts, termes et reformulations*. Lyon : Presses universitaires de Lyon.
- D'IORIO, Paolo. 2010. « Qu'est-ce qu'une édition génétique numérique ? ». *Genesis*. vol. 30, p. 49-53.
- DAILLE, Béatrice. 2017. *Term variation in specialised corpora : characterisation, automatic discovery and applications*. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins Publishing.
- DE BIASI, Pierre-Marc [et al.]. 2008. *Dictionnaire de critique génétique*. Paris : ITEM. Version informatisée : <http://www.item.ens.fr>, consulté le 20 juillet 2019.
- DE GIOIA, Michel ; MARCON, Mario. 2016. *Approches linguistiques de la médiation*. Limoges : Lambert-Lucas.
- DRISCOLL, Matthew James. 2010. *The words on the page : thoughts on philology, old and new. Creating the medieval saga : versions, variability, and editorial interpretations of old Norse saga literature*. Odense : Syddansk University, p. 85-102.
- FOUCHÉ, Pascal [et al.]. 2011. *DEL : Dictionnaire encyclopédique du livre*. Paris : Cercle de la librairie.
- GOUADEC, Daniel. 1997. *Terminologie et phraséologie pour traduire*. Paris : La Maison du Dictionnaire.
- GUILBERT, Louis. 1975. *La créativité lexicale*. Paris : Larousse.
- HUMBLEY, John. 2018. *La néologie terminologique*. Limoges : Lambert-Lucas.
- MUZURELLE, Denis. 2002. *Vocabulaire codicologique. Répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits*. Paris : CEMI. Version informatisée : <http://www.vocabulaire.irht.cnrs.fr>, consulté le 20 juillet 2019.

SILVIA DOMENICA ZOLLO

- PAVEL, Silvia ; NOLET, Diane. 2001. Précis de terminologie. Gatineau : Bureau de la traduction.
- REY-DEBOVE. 1998. La linguistique du signe. Une approche sémiotique du langage. Paris : Armand Colin.
- REY, Alain. 1995. Essays on terminology. Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins Publishing.
- SABLAYROLLES, Jean-François. 2019. Comprendre la néologie. Conceptions, analyses, emplois. Limoges : Lambert-Lucas.
- SAGER, Juan. 1997. « Term formation ». Handbook of Terminology Management. vol. I. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins Publishing, p. 25-41.
- SEGRE, Cesare. 2003. La Chanson de Roland. Genève : Droz.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2018. Che cos'è la terminologia. Roma : Carocci.

# Le « discours météorologique » entre science et médiation : aspects linguistiques et terminologiques

Alessandra Della Penna  
*Università degli Studi di Napoli Parthenope*

---





## Introduction

Notre contribution, s'insérant dans la filière des études de terminologie textuelle, porte sur le « discours météorologique », savant mélange d'information et de communication<sup>1</sup>. D'ailleurs, la production de l'information météorologique dans l'espace public nécessite de faire rencontrer et collaborer deux univers distincts, celui de la collecte des observations météorologiques et celui des médias, et cela par le truchement des ingénieurs prévisionnistes qui, après consultation d'un maximum de données, rédigent l'information en l'adaptant aux différents besoins. En ce sens, ce discours constitue une médiation linguistique et communicationnelle, grâce à laquelle le public s'approprie d'une information qui se donne à lire dans une importante production de bulletins météorologiques, diffusés par de multiples canaux. Or, l'un des enjeux majeurs de leur réception réside dans la mise en texte de connaissances spécialisées, souvent de caractère technique, à destination de non-experts ne disposant que d'un rapport expérientiel avec les phénomènes concernés. C'est à partir de cette problématique que nous proposons une réflexion linguistico-terminologique menée sur un échantillon de bulletins climatiques appartenant à deux catégories distinctes – l'une à destination d'experts, l'autre du grand public – et constituant ainsi deux *corpus* comparables<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> VIALON, Philippe ; JANNET, Anne-Marie. 1997. "La météo entre science et sens commun". *Science de la société* n° 41, p. 3-18.

<sup>2</sup> Le qualificatif de « comparable » est généralement utilisé pour décrire un *corpus* dont les composantes (des sous-*corpus*) sont comparables. En ce qui nous concerne, nous utilisons le terme « *corpus* comparable » pour désigner directement ces composantes. Par ailleurs, ce qualificatif s'applique généralement à des *corpus* plurilingues, dont les textes ne sont pas en relation de traduction stricte. Dans ce travail, nous utilisons intentionnellement ce terme dans un contexte monolingue. En effet, l'intérêt de ce type de *corpus* est qu'ils portent sur une même thématique tout en présentant une variation de type de discours.

En particulier, dans cette contribution nous illustrons les résultats d'une analyse visant à explorer des phénomènes de variation, susceptibles de se produire lors du passage d'une « situation » de communication à l'autre. Notre but est d'examiner les *corpus* cités – se situant sur deux niveaux de spécialisation<sup>3</sup> – afin d'observer le comportement, au passage d'un discours à l'autre, des principales unités terminologiques et des phraséologies tirées des documents explorés et se retrouvant avec un va et vient dans les deux *corpus*. Prenant comme point de départ le texte où les termes et les phraséologies terminologiques sont actualisés en tant que verbalisation de concepts, notre propos est de mettre en évidence quelques aspects linguistiques et terminologiques de la construction d'un discours en tant que produit et processus de médiation d'un savoir, discours qui sous-tend, nécessairement, une variabilité du degré de spécialisation.

## 1. L'information météorologique : une représentation de l'espace à la croisée entre science et pragmatique

Avant d'entrer au cœur de notre étude terminologique, focalisée sur le discours de la « météo », il nous faut nous arrêter sur quelques caractéristiques propres à l'information météorologique. Tout d'abord, il faut mentionner l'universalité de son audience, dans la mesure où il s'agit d'une information qui se veut indépendante des clivages idéologiques et qui se traduit également dans une aide individuelle à la décision ; elle est d'ailleurs assimilée à « une forme “d'information-service” »<sup>4</sup>, consultée par tous les publics.

De plus, l'information météorologique constitue une représentation de l'espace possédant des traits spécifiques qui lui réservent une place singulière dans la communication de l'information. Cette représentation est en fait une « mise en perspective astronomique »<sup>5</sup> – tel que le remarque Bernard Lamizet –, dans la mesure où, dans une approche météorologique, l'espace représenté n'est pas limité à l'espace de la perception ; il y a plutôt dans cet espace une dimension plus large, du fait qu'il s'agit de rendre compte

<sup>3</sup> À cet égard, cf. BÉACCO, Jean-Claude ; MOIRAND, Sophie. 1995. “Autour des discours de transmission de connaissances”. *Langages* n° 117, p. 32-53.

<sup>4</sup> LAMIZET, Bernard. 1997. “Avis de grand vent... La météo dans la communication médiatée”. *Science de la société* n° 41, p. 73-87.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

de son évolution, des logiques et des dynamiques qui le structurent (les phénomènes de l'atmosphère).

Cette représentation est également une forme d'appréciation ou d'évaluation de l'habitabilité de l'espace, de sa qualité, du plaisir qu'il procure. La réalité de l'espace météorologique est donc rapportée à son habitabilité et aux modalités de son appropriation par les destinataires de l'information. La météo fonde en fait une appropriation fonctionnelle, « une pragmatique de l'espace »<sup>6</sup>, car, selon les informations qu'elle nous donne, nous utilisons cet espace, et, par-là, nous le représentons subjectivement.

Toutefois, il faut préciser que le « discours météorologique » rend quand-même raison des dynamiques qui marquent l'espace dont il constitue une rationalisation ; en ce sens, il s'agit évidemment d'une pratique légitimée par la science<sup>7</sup>. Mais il est également un discours sur la quotidienneté, sur l'appropriation de l'espace par le public qui l'habite, et qui, conséquemment, y projette les représentations dont ce discours est porteur. En ce sens, il constitue une forme de médiation.

## 2. Corpus et méthodologie de travail

### 2.1. Matériel de départ

Notre recherche a été menée sur deux *corpus* textuels synchroniques et comparables (cf. note 2) constitués de bulletins climatiques sur la France métropolitaine. Ces deux *corpus* couvrent la même période temporelle, et notamment 107 jours, pour un total de 95 000 mots environ. Précisément, l'un des *corpus* est constitué de bulletins climatiques quotidiens de caractère technique (dorénavant CTECH), mis en libre accès dans les archives numérisées de Météo-France<sup>8</sup>, et l'autre de bulletins à destination du grand

---

<sup>6</sup> *Ibidem.*

<sup>7</sup> *Ibidem.*

<sup>8</sup> Établissement public administratif, Météo-France est le service officiel de la météorologie en France. Parmi ses objectifs figure sa mission de conservation de la mémoire du climat ; dans ce cadre, l'établissement s'est engagé dans le sauvetage de données anciennes climatologiques, supposant la recherche et la conservation des archives météorologiques, la récupération et la mise à disposition des données. Cf. JOURDAIN, Sylvie [et al.]. 2015. "Le sauvetage de données climatologiques anciennes à Météo-France". La Météorologie n° 89, p. 47-55.

public (dorénavant CGP), affichés et mis à jour toutes les 2/4 heures sur la page d'accueil du site web de la même institution.

De tels *corpus* sont, selon nous, suffisamment « représentatifs » car ils montrent les usages de la langue de spécialité visée à l'intérieur d'un contexte de communication authentique de caractère institutionnel. Toutefois, il faut préciser que l'extension des *corpus* exploités a été déterminée par la disponibilité des données. En fait, si les bulletins de caractère technique ne sont mis en libre accès dans les archives qu'avec un décalage de 20 jours environ, les bulletins adressés au grand public et affichés sur la page d'accueil du site web de Météo-France nécessitent d'être téléchargés dans un délai serré<sup>9</sup>. De ce fait, il n'a pas été possible d'élargir ultérieurement la palette chronologique étudiée<sup>10</sup>.

## 2.2. Description du matériel de départ : du côté du texte

Avant d'entamer notre enquête terminologique, nous avons exploré parallèlement et de manière comparative les deux typologies de documents pris en compte, en adoptant une approche orientée vers l'analyse du texte. Et cela afin de mesurer les différences qui se présentent aussi bien au niveau du discours qu'au niveau du contenu de l'information ; ce qui nous a permis, successivement, d'interpréter, voire de justifier, certains phénomènes de variation se manifestant au niveau terminologique.

Suite à une analyse concernant la structure de l'information, nous avons remarqué que les bulletins techniques suivent un schéma fixe, alors que les bulletins destinés au grand public, quoiqu'ils présentent un certain ordre dans l'exposition des faits, n'ont pas une structure complètement figée. Celle-ci s'adapte, en fait, à la typologie de l'information, tout en mettant en premier plan les épisodes les plus frappants (*canicule, alluvions, fortes rafales de vent, trombes marines, etc.*).

<sup>9</sup> Contrairement aux données climatologiques techniques, conservées dans les archives numérisées de l'institution (cf. note précédente), les bulletins affichés sur la page d'accueil de son site web ne sont soumis à aucune procédure de conservation et doivent donc être téléchargés sur le champs.

<sup>10</sup> Précisons que les bulletins analysés couvrent une fenêtre temporelle allant du 6 avril au 22 juillet 2019.

Quant aux bulletins techniques, il s'avère utile de faire ici quelques remarques concernant les informations partagées (le contenu) aussi bien que leur séquence énonciative. Nous pouvons schématiser le contenu comme suit :

- (i) ce qui se produit « en altitude », et qui, par conséquent, ne constitue pas une représentation de l'espace perceptible (*dorsales, thalwegs, minima dépressionnaires, goutte froide, etc.*) ;
- (ii) ce qui se passe « en basses couches », ou « en surface » (les deux formules s'alternent, mais la première se présente avec un nombre d'occurrences plus élevé) ; ces informations fournissent une représentation de l'espace qui est partiellement perceptible, du fait que si l'on peut s'apercevoir de l'*air frais* ou *humide* qui aborde le pays, on ne distinguera pas l'*anticyclone* qui l'apporte ;
- (iii) l'aspect du ciel, les nuages, les éclaircies, les pluies, les orages, la neige et tout ce qui est perceptible, suivant l'évolution du jour. « En matinée », « l'après-midi », « en soirée », « en cours de nuit » sont des exemples de marqueurs temporels qui ponctuent ces informations ;
- (iv) la limite pluie-neige, s'il en est question, exprimée en mètres d'altitude et les cumuls de pluie en 24h, exprimés en mm ;
- (v) les vents, s'il en est question, accompagnés de la vitesse à laquelle ils soufflent, exprimée en Km/h ;
- (vi) les températures minimales et maximales par endroit.

Tel qu'on peut le remarquer, (i), (ii) et (iii) illustrent la situation météorologique par couches, de celle plus élevée à celle plus proche de nous, alors que (iv), (v) et (vi) concernent des aspects prioritairement techniques présentés sous la forme de valeurs numériques. D'un point de vue discursif, force est de constater qu'on se trouve face à des textes informatifs, au sens de Bernard Combette et Roberte Tomassone<sup>11</sup>, où la fonction n'est pas d'influencer le destinataire ou de le conduire à tel ou tel comportement ou à telle conclusion, mais d'exposer objectivement une situation, de l'informer.

<sup>11</sup> Cf. COMBETTE, Bernard ; TOMASSONE, Roberte. 1998. Le texte informatif, aspects linguistiques. Bruxelles : De Boeck, voir notamment p. 6.

Or, pour ce qui est des bulletins à destination du grand public, nous retrouvons à peu près les mêmes informations, exception faite pour (i), les phénomènes se produisant « en altitude » n'étant pas mentionnés. Quant à (ii), bien que l'on parle de temps en temps des conditions de l'air, le type de discours impliqué est beaucoup moins technique. De toute façon et tel que nous l'avons anticipé plus haut, dans ce contexte de communication, l'accent est mis sur les événements les plus frappants, ceux comportant la possibilité de survenue de conséquences indésirables et dont la description se veut une sorte d'avertissement pour le public. Cela nous amène à situer ces sortes de texte dans un continuum entre l'informatif et l'injonctif<sup>12</sup>.

### 2.3. Enquête terminologique

Pour ce qui concerne notre enquête terminologique, elle a été réalisée en grande partie de manière manuelle, alors que l'extraction des unités terminologiques a fait l'objet d'une procédure automatique avec annotation humaine. Deux outils informatiques ont servi de base à notre travail : l'extracteur terminologique *TermoStat*<sup>13</sup> et le logiciel *AntConc*, ce dernier en tant que concordancier. Nous soulignons que le concordancier cité nous a permis de valider, d'intégrer et de perfectionner les résultats produits par *TermoStat*.

Quant à la démarche suivie, nous avons initialement traité les deux *corpus* séparément, afin d'extraire de chacun les candidats termes. Après avoir éliminé tout le « bruit », nous avons retenus 75 termes simples et 192

<sup>12</sup> D'après nos recherches, au-delà de quelques études approchant les bulletins météorologiques du point de vue de la traduction technique (cf., entre autres, NORDMAN, Marianne. 1998. Der Wetterbericht in Tageszeitungen. In : HOFFMANN, L. ; KALVERKÄMPER, H. ; WIEGAND, H. (éds.), Ein internationales Handbuch zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft. Berlin : De Gruyter, p. 562-567), il nous semble que les réflexions concernant ces mêmes bulletins en tant que genre textuel sont assez limitées. Cependant, nous ne pouvons pas négliger les travaux de Jean-Michel Adam (entre autres, 1987, 2001, 2011) où l'auteur, même si de façon très marginale, renvoie aux bulletins météorologiques. Par ailleurs, nous avons également remarqué que ce type de textes sont souvent associés au genre de l'horoscope, des pronostics (sportifs, hippiques, etc.), des prophéties, ce qui nous semblerait plutôt restrictif.

<sup>13</sup> DROUIN, Patrick. 2002. Cet extracteur est librement accessible à l'adresse <http://termostat.ling.umontreal.ca/>, consulté le 30/06/2019. Pour un approfondissement concernant ses caractéristiques, nous renvoyons à : DROUIN, Patrick. 2002. Acquisition automatique des termes : l'utilisation des pivots lexicaux spécialisés, Thèse de doctorat discutée à l'Université de Montréal.

syntagmes terminologiques (ST) provenant du CTECH ainsi que 63 termes simples et 173 ST issus du CGP. Ensuite, nous avons choisi de nous focaliser sur les ST de patron syntaxique *Nom\_Adj*, du fait que ce modèle est le plus productif au sein de la terminologie retenue<sup>14</sup>. Dans le tableau suivant (Tableau 1), nous illustrons un premier bilan des résultats obtenus, sur lesquels nous avons fondé notre analyse comparative :

CTECH				CGP				COMMUNS	
TOUS		CTECH UNI-QUEMENT		TOUS		CGP			
		N	N_Adj			N	N_Adj		
N	N_Adj	N	N_Adj	N	N_Adj	N	N_Adj	N	N_Adj
75	139	22	83	63	119	10	66	53	56

Tableau 1 - Prospectus des termes retenus

#### 2.4. Analyse qualitative et comparée : les adjectifs de la météo

Notre enquête se focalise sur les unités terminologiques suivant le patron *Nom\_Adj*, et notamment sur les adjectifs qui entrent dans la composition des ST retenus, dont la contribution à la structuration des terminologies est désormais bien établie<sup>15</sup>. Suite à une première analyse, nous avons opéré un classement préliminaire des ST à partir des adjectifs constituants, travail que nous avons effectué sur les deux *corpus*. Ce classement nous a permis d'obtenir, pour chaque *corpus*, deux listes d'unités, l'une comprenant les ST marquées par des adjectifs primaires et l'autre incluant les ST

<sup>14</sup> Précisons que sur 192 ST repérés dans le CTECH, 139 sont de patron *Nom\_Adj* et 45 de patron *Nom\_synt prép*, alors que sur 173 ST issus du CGP, 119 sont de patron *Nom\_Adj* et 54 de patron *Nom\_synt prép*.

<sup>15</sup> Citons, entre autres : L'HOMME, Marie-Claude. 2004. Adjectifs dérivés sémantiques (ADS) dans la structuration des terminologies. Actes de terminologie, Ontologie et Représentation des Connaissances. Lyon : Université Jean Moulin Lyon 3. <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/lhomme-lyon2003.pdf>, consulté le 15/06/2019 ; MANIEZ, François. 2002. Distinguer les termes des collocations : étude sur *corpus* du patron <Adjectif – Nom> en anglais médical. Actes du colloque TALN, 24-27 juin, Nancy. Tome 1, p. 345-350. MANIEZ, François. 2009. "L'adjectif dénominal en langue de spécialité : étude du domaine de la médecine". Revue française de linguistique appliquée vol. XIV, p. 117-130 ; voir également ALTMANOVA, Jana ; GRIMALDI, Claudio ; ZOLLO, Silvia D. 2018. Le rôle de l'adjectif dans la catégorisation des déchets. Congrès Mondial de Linguistique Française, SHS Web of Conferences, 46, [https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2018/07/shsconf\\_cmlf2018\\_05004.pdf](https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2018/07/shsconf_cmlf2018_05004.pdf), consulté le 22/06/2019.

dont les adjectifs constituants sont des adjectifs dérivés d'une base nominale. Dans le tableau 2, nous illustrons la proportion des ST à l'intérieur des deux *corpus* exploités.

CTECH		CGP	
<i>N_APrim</i>	<i>N_ADén</i>	<i>N_APrim</i>	<i>N_ADén</i>
66	68	65	54

Tableau 2 – Adjectifs primaires vs adjectifs dénominaux

À partir du tableau ci-dessus, nous constatons que la proportion de ST comportant des adjectifs primaires est majeure à l'intérieur du CGP, alors que dans le CTECH les deux typologies de ST se présentent à peu près dans la même mesure (Tableau 2). De ce fait, nous pourrions poser l'hypothèse qu'au sein du « discours météorologique » les adjectifs dénominaux possèdent un degré majeur de spécialisation, ce qui a été déjà montré dans d'autres discours spécialisés. Toutefois, il nous faut préciser que l'écart se produisant dans le CGP n'est pas très significatif.

Or, en admettant que la contribution des adjectifs dérivés à la structuration des terminologies se définit en fonction des liens sémantiques qu'ils partagent avec leur base et que ces mêmes adjectifs peuvent faire l'objet d'une représentation qui rend compte de cette relation sémantique<sup>16</sup>, nous avons sélectionné uniquement les ST comportant des adjectifs dérivés qui présentent un lien sémantique avec leur nom base<sup>17</sup>. Conséquemment, nous avons mis à l'écart les ST comportant des adjectifs qui tout en étant construits sur une base nominale ne présentent pas, ou plus, de liens sémantiques avec cette base et qui, dès lors, se comportent à l'instar des

<sup>16</sup> Sur ce point, voir entre autres L'HOMME, Marie-Claude. art. cit.

<sup>17</sup> Précisons que, quoiqu'une grande partie des adjectifs dérivés d'une base nominale (adjectifs dénominaux) possèdent un sens relationnel, ils ne sont pas tous forcément des adjectifs relationnels. Comme l'affirme Fradin, il existe en fait des adjectifs dénominaux qui ont perdu leur sens relationnel (cf. FRADIN, Bernard. 2008. Les adjectifs relationnels et la morphologie. In : FRADIN, B. (éd.). La raison morphologique. Hommage à la mémoire de Danielle Corbin. Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins Publishing Company, p. 69-91.). De même, les adjectifs possédant un sens relationnel ne sont pas tous des adjectifs dérivés d'une base nominale, bien qu'il s'agit de la grande majorité. Sur ce point, voir, entre autres, SCHUWER, Martine. 2005. "Systèmes des adjectifs non prédicatifs en français et en anglais : constantes et variations". Cahiers de lexicologie n° 86, p. 85-103.



adjectifs qualificatifs (ex. : *temporaire, diluvienne, virulent, maximal, minimale*, etc.).

Parallèlement, nous nous sommes préoccupés d'inclure dans notre *corpus* deux ST marqués par un adjectif de couleur : *vigilance orange* et *vigilance rouge*. Cela du fait que, tout en appartenant à la classe des adjectifs primaires<sup>18</sup>, les adjectifs *orange* et *rouge* acquièrent dans les syntagmes cités un sens relationnel ; de fait, la relation qu'entretient le nom tête (*vigilance*) avec les adjectifs de couleur impliqués (*orange* et *rouge*) ne relève pas du savoir linguistique ; il ne suffit pas de connaître le sens du mot *vigilance* et celui des adjectifs *orange* et *rouge* pour comprendre la signification des ST en question. Il nous faut des informations supplémentaires relevant d'un savoir extralinguistique et notamment de connaissances pragmatiques se rapportant à un contexte socio-culturel défini<sup>19</sup>. De plus, il s'avère intéressant de remarquer que les deux ST, *vigilance orange* et *vigilance rouge*, peuvent être ramenés à ce que Waltereit nomme « modification métonymique »<sup>20</sup> et qu'il ajoute à la simple bipartition entre adjectifs relationnels et adjectifs qualificatifs<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> Nous rappelons que les « adjectifs de couleur » figurent parmi les huit sous-classes sémantiques (réduites successivement à sept) définies par Dixon et constituant la macro-catégorie des adjectifs primaires (*basic adjectives*). Cf. DIXON, Robert M. W. 1982. *Where Have All the Adjectives Gone? And other Essays in Semantics and Syntax*. Berlin/New-York/Amsterdam : Mouton, voir notamment p. 15-17.

<sup>19</sup> À cet égard, nous rappelons qu'il faut connaître le « code couleur » employé par Météo-France pour comprendre la signification des ST *vigilance orange* et *vigilance rouge*. Il faut également savoir que l'échelle de vigilance météorologique française est graduée en quatre niveaux, chacun d'entre eux étant associé à une couleur (vert, jaune, orange et rouge), à un qualificatif de vigilance et à une série de consignes et/ou conseils de comportement. Cf. *Vigilance météorologique*, <https://vigilance.meteofrance.com/html/vigilance/guideVigilance/vigilance.html>, consulté le 31/08/2019.

<sup>20</sup> WALTEREIT, Richard. 2003. « Le rapport dépendancier entre adjectif et nom : données syntaxiques et structures conceptuelles », *Syntaxe et sémantique* n°4, p. 179-194, voir notamment p. 181.

<sup>21</sup> Il n'est pas sans intérêt ici de rappeler que Waltereit va au-delà de la simple opposition binaire entre adjectifs relationnels et adjectifs qualificatifs, puisqu'il introduit une distinction entre les adjectifs de relation prototypiques (*présidentiel* → élection présidentielle, *routier* → *transport routier*, *commercial* → *activité commerciale*) et ceux qui participent d'une « modification métonymique ». D'après ses réflexions, dans ce dernier cas le type de relation entre l'adjectif et le nom impliqués dans le syntagme n'est pas toujours facile à classer. Alors que pour les adjectifs relationnels les types de relation sont divers, mais il est quand même possible de les ramener à des formes type (temps, lieu, destination, but, pour en citer quelques-unes), avec la « modification métonymique » il n'est pas possible de donner une étiquette simple et générale. Le rapport de contiguïté entre l'adjectif et le syntagme entier passe en fait par un jeu complexe entre le sémantisme du nom tête, d'un côté, et la désignation elliptique d'une catégorie par l'adjectif, de l'autre côté. Cf. WALTEREIT, Richard. art.cit.

De cette façon, nous avons obtenu deux listes de ST (l'une se rapportant au CTECH et l'autre au CGP) où presque deux tiers des unités comportent des adjectifs dérivés de noms tels que « nuage » (→ *nuageux*), « neige » (→ *neigeux*), « orage » (→ *orageux*), « pluie » (→ *pluvieux*), que nous avons déjà discutés ailleurs<sup>22</sup>. Il s'agit notamment d'unités terminologiques du type : *activité orageuse*, *averses orageuses*, *amas pluvieux*, *axe pluvieux*, *axe pluvio-orageux*, *bande pluvieuse*, *couverture nuageuse*, *dégradation orageuse*, *instabilité orageuse*, *ligne orageuse*, *pluies orageuses*, *système pluvieux*, etc., ne suscitant pas d'intérêt particulier ici<sup>23</sup>.

Une fois donc écartés les ST cités, nous avons obtenu 26 ST provenant du CTECH et 20 issus du CGP, comportant tous un adjectif dont le sens est

<sup>22</sup> DELLA PENNA, Alessandra. 2019. Utilisation terminologique des adjectifs dénominaux marqués par *-eux* : le cas des bulletins climatiques de Météo France. In : FADDA, Denis ; SAGGIOMO, Carmen (éds.). Un coup de dés n. 7. Naples : Edizioni scientifiche italiane, p. 111-123.

<sup>23</sup> Précisons que dans ce type de syntagmes marqués par un adjectif dénominal suffixé en *-eux*, la relation sémantique entre l'adjectif impliqué et le syntagme entier est déterminée par la typologie de nom recteur et que, comme nous l'avons montré ailleurs, en fonction de la typologie du nom recteur, cette relation peut donner lieu à plusieurs interprétations : « relation événement », « relation matière ou configuration » ou « relation spatiale » (Cf. DELLA PENNA, A. art. cit.). Or, dans le cadre de cette étude, nous avons constaté que le comportement des adjectifs impliqués dans ce type de ST ne diffère pas d'un *corpus* à l'autre, l'interprétation événementielle étant la plus répandue. Par ce fait, au sein de notre analyse ils ne constituent pas un élément différentiel.

relationnel. Dans le tableau ci-dessous (Tableau 3), nous présentons les ST retenus :

<b>CTECH</b>	<b>CGP</b>
<i>Activité électrique</i>	<i>Accalmie matinale</i>
<i>Averses résiduelles</i>	<i>Activité électrique</i>
<i>Brumes matinales</i>	<i>Averses résiduelles</i>
<i>Chaleur caniculaire</i>	<i>Brouillards matinaux</i>
<i>Conditions anticycloniques</i>	<i>Bruine côtière</i>
<i>Conditions dépressionnaires</i>	<i>Brumes matinales</i>
<i>Dépression atlantique</i>	<i>Éclaircies Matinales</i>
<i>Dorsale atlantique</i>	<i>Entrées maritimes</i>
<i>Douceur nocturne</i>	<i>Épisode caniculaire</i>
<i>Entrées maritimes</i>	<i>Gelées matinales</i>
<i>Fraîcheur matinale</i>	<i>Grisaille matinale</i>
<i>Grisaille matinale</i>	<i>Nuages matinaux</i>
<i>Marais barométrique</i>	<i>Perturbation océanique</i>
<i>Minimum ibérique</i>	<i>Pluies matinales</i>
<i>Minimum portugais</i>	<i>Pluies méditerranéennes</i>
<i>Perturbation atlantique</i>	<i>Températures matinales</i>
<i>Pluies résiduelles</i>	<i>Vent marin</i>
<i>Précipitations résiduelles</i>	<i>Vigilance orange</i>
<i>Record(s) mensuel(s)</i>	<i>Vigilance rouge</i>
<i>Record quotidien</i>	
<i>Thalweg atlantique</i>	
<i>Trombe marine</i>	
<i>Valeurs saisonnières</i>	

Tableau 3 – Syntagmes terminologiques marqués par un adjectif de relation

Ce qui ressort de l'observation du tableau est que la plupart des ST présents uniquement dans le CTECH renvoient à des phénomènes météorologiques se produisant « en altitude » (ex. : *conditions anticycloniques, conditions dépressionnaires, dépression atlantique, dorsale atlantique, marais barométrique, thalweg atlantique...*), lesquels ne constituent pas

une représentation de l'espace perceptible (§ 3.2.). Or, il n'est pas sans intérêt de constater que ce que nous avons remarqué d'un point de vue terminologique est cohérent avec ce que nous avons observé auparavant, en adoptant une approche orientée vers l'analyse du texte et du discours, dans la mesure où de telles informations s'écartent des finalités des bulletins à destination du grand public.

De l'autre côté, il est également intéressant d'observer que parmi les ST présents uniquement dans le CGP figurent, entre autres, les unités terminologiques *vigilance orange* et *vigilance rouge*, renvoyant à une situation de risque. Dans ce cas aussi, ce que nous venons de remarquer sur le plan terminologique est en accord avec ce que nous avons relevé lors de l'analyse du discours et même du contenu des documents retenus, et notamment que, contrairement aux bulletins techniques dont la fonction est moins d'influencer le destinataire, ou de le conduire à tel ou tel comportement, que d'exposer objectivement une situation, les bulletins destinés au grand public se veulent plutôt une sorte d'avertissement pour leur audience. Cela justifie la présence des syntagmes *vigilance orange* et *vigilance rouge*, absents par contre du CTECH.

## Conclusions

La présente étude nous a permis de mettre en lumière quelques aspects concernant des phénomènes de variation terminologique, qui se produisent lors du passage d'une « situation » de communication à l'autre, ces situations se situant sur deux niveaux de spécialisation.

Quant à la variabilité du degré de spécialisation d'un discours dans un domaine donné, et notamment celui de la météorologie, nous avons confirmé la thèse postulée à très juste titre par Béacco et Moirand affirmant que dans un domaine donné il n'existe pas un discours de spécialité, mais « des discours qui s'entrecroisent et varient en fonction des positions des locuteurs, des relations entre interlocuteurs, des situations de communication rencontrées »<sup>24</sup>. Or, si d'un côté nous avons pu observer que lors du passage d'un discours entre initiés à un discours à destination du grand public certains termes parmi les plus techniques disparaissent, de l'autre

<sup>24</sup> BÉACCO, Jean-Claude ; MOIRAND, Sophie. art. cit.

nous avons constaté que cette « despecialisation » du discours est en plein accord avec l'objectif de la communication.

D'ailleurs, dès lors qu'il quitte le domaine des spécialistes pour se répandre auprès du grand public, le « message météorologique » se pare d'une configuration particulière. Au sein des médias, la communication météorologique acquiert une fonction première, essentielle, en cohérence avec les attentes utilitaires dont elle est investie par son audience. Elle se doit de fournir un « service » sous la forme de la transmission d'une information pratique, exploitable dans l'immédiateté, visant à avertir le public de l'état des conditions atmosphériques à venir afin qu'il puisse, en conséquence, organiser son quotidien.

En guise de conclusion, nous soulignons également que le « discours météorologique » est un acte de communication s'inscrivant – comme tout acte de communication – dans une interaction sociale qui, à son tour, prend place dans un système plus vaste de rapports sociaux, un lieu d'interaction, soit « une zone de coopération »<sup>25</sup> entre plusieurs acteurs : les stations météorologiques, vouées à la collecte des données, les ingénieurs prévisionnistes, qui par la consultation de ces données produisent l'information, les médias qui la diffusent, et enfin le public qui s'approprie de cette information. Dans cette « zone de coopération » se déroule donc une activité humaine spécifique, et notamment l'information météorologique, à laquelle s'articule l'activité langagière porteuse évidemment d'une terminologie spécifique.

## Références bibliographiques

- ADAM, Jean-Michel. 1987. "Types de séquences élémentaires". *Pratiques : linguistique, littérature, didactique* n°56, p. 54-79.
- ADAM, Jean-Michel. 2001. "Types de textes ou genres de discours ? Comment classer les textes qui disent de et comment faire ?". *Langages* n°141, p. 10-27.

<sup>25</sup> ERAYA, Daniel. 2008. "Un regard critique sur les concepts de médiatisation et médiation : nouvelles pratiques, nouvelle modélisation". *Les Enjeux de l'information et de la communication* n°09/2, <https://lesenjeux.univ-grenoble-alpes.fr/2008/supplement-a/12-un-regard-critique-sur-les-concepts-de-mediatisation-et-meditation-nouvelles-pratiques-nouvelle-modelisation>, consulté le 15/09/2019.

- ADAM, Jean-Michel. 2011. Les textes : types et prototypes. Paris : Armand Colin  
Troisième édition.
- ALTMANOVA, Jana ; GRIMALDI, Claudio ; ZOLLO, Silvia D. 2018. Le rôle de l'adjectif dans la catégorisation des déchets. Congrès Mondial de Linguistique Française, SHS Web of Conferences, 46, [https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2018/07/shsconf\\_cmlf2018\\_05004.pdf](https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2018/07/shsconf_cmlf2018_05004.pdf), consulté le 22/06/2019.
- BÉACCO, Jean-Claude ; MOIRAND, Sophie. 1995. "Autour des discours de transmission de connaissances". *Langages* n° 117, p. 32-53.
- COMBETTE, Bernard ; TOMASSONE, Roberte. 1998. Le texte informatif, aspects linguistiques. Bruxelles : De Boeck.
- DELLA PENNA, Alessandra. 2019. Utilisation terminologique des adjectifs dénominaux marqués par *-eux* : le cas des bulletins climatiques de Météo France. In : FADDA, Denis ; SAGGIOMO, Carmen (éds.). *Un coup de dés* n. 7. Naples : Edizioni scientifiche italiane, p. 111-123.
- DIXON, Robert M. W. 1982. *Where Have All the Adjectives Gone? And other Essays in Semantics and Syntax*. Berlin/New-York/Amsterdam: Mouton, p. 1-62.
- DROUIN, Patrick. 2002. *Acquisition automatique des termes : l'utilisation des pivots lexicaux spécialisés*. Thèse de doctorat discutée à l'Université de Montréal.
- FRADIN, Bernard. 2008. Les adjectifs relationnels et la morphologie. In : FRADIN, B. (éd.). *La raison morphologique. Hommage à la mémoire de Danielle Corbin*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 69-91.
- JOURDAIN, Sylvie [et al.]. 2015. "Le sauvetage de données climatologiques anciennes à Météo-France". *La Météorologie* n° 89, p. 47-55.
- LAMIZET, Bernard. 1997. "Avis de grand vent... La météo dans la communication médiatée". *Science de la société* n° 41, p. 73-87.
- L'HOMME, Marie-Claude. 2004. Adjectifs dérivés sémantiques (ADS) dans la structuration des terminologies. In : *Actes de terminologie, Ontologie et Représentation des Connaissances*. Lyon : Université Jean Moulin Lyon 3. <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/lhomme-lyon2003.pdf>, consulté le 15/06/2019 ;
- MANIEZ, François. 2002. Distinguer les termes des collocations : étude sur *corpus* du patron <Adjectif – Nom> en anglais médical. In : *Actes du colloque TALN*, 24-27 juin, Nancy. Tome 1, p. 345-350.
- MANIEZ, François. 2009. "L'adjectif dénominal en langue de spécialité : étude du domaine de la médecine". *Revue française de linguistique appliquée* vol. XIV, p. 117-130.
- NORDMAN, Marianne. 1998. Der Wetterbericht in Tageszeitungen. In : HOFFMANN, L. ; KALVERKÄMPER, H. ; WIEGAND, H. (éds.). *Ein internationales Handbuch*

- zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft. Berlin : De Gruyter, p. 562-567.
- PERAYA, Daniel. 2008. "Un regard critique sur les concepts de médiatisation et médiation : nouvelles pratiques, nouvelle modélisation". Les Enjeux de l'information et de la communication n°09/2.
- SCHUWER, Martine. 2005. "Systèmes des adjectifs non prédicatifs en français et en anglais : constantes et variations". Cahiers de lexicologie n° 86, p. 85-103.
- VIALON, Philippe ; JANNET Anne-Marie. 1997. "La météo entre science et sens commun". Science de la société n° 41, p. 3-18.
- WALTEREIT, Richard. 2003. "Le rapport dépendancier entre adjectif et nom : données syntaxiques et structures conceptuelles", Syntaxe et sémantique n°4, p. 179-194.





# Mèdiación lingüística y fenómenos terminológicos en sitios de casas-museo

Valentina Russo

*Univeristà degli studi di Napoli Parthenope*

---



## Introducción

Este trabajo tiene como objetivo analizar el fenómeno de las casas-museo, que está desempeñando un papel cada vez más importante en el campo del turismo cultural. La investigación, que se mueve desde una perspectiva lingüística, está finalizada a poner en evidencia el valor cultural, antropológico y social de estas estructuras y la importancia que tiene la adopción de recursos adecuados de comunicación para conseguir la implicación emocional del visitante, que se transforma de “invitado” de la casa en “cliente” de esta forma particular de museo.

Empezaremos con un análisis lingüístico que se centrará en el significado de la palabra compuesta “casa-museo”, destacando la relación entre los dos términos y los significados específicos de cada uno de ellos, y acabaremos demostrando que a partir de esta dicotomía se originan unas consideraciones culturales, antropológicas y sociales.

Luego, seguiremos analizando las dificultades de categorización de este tipo particular de museo y destacaremos la importancia del aspecto comunicativo, realizado a través de la elección de diferentes recursos con el fin de proporcionar una clave interpretativa de la estructura y de la personalidad del habitante de la casa, para conseguir la plena implicación emocional del visitante.

### 1. La “casa-museo”: aspectos lingüísticos y terminológicos

María Teresa Florio y Alessia Schiavi definen la casa-museo «*una institución nacida de la transformación de una casa privada en un museo abierto al*

*público*»<sup>1</sup>. A partir de esta definición y referendónos al importante estudio conducido sobre el tema por la académica Emma Maria Morosi, es necesario hacer una primera reflexión lingüística sobre el término.

E.M. Morosi escribe: «Desde el punto de vista lingüístico, la casa-museo es un término complejo, compuesto por la yuxtaposición de dos entidades diferentes que superponen sus funciones: la casa como lugar doméstico y el museo como institución pública».<sup>2</sup> Con respecto a las palabras puestas en evidencia en la citación de la académica, es decir “yuxtaposición” y “sobreponer”, el diccionario nos ofrece las siguientes definiciones:

- *Yuxtaposición*: Colocación de una cosa junto a otra inmediata a ella, sin contacto.<sup>3</sup>
- *Sobreponer*: Añadir o poner una cosa por encima a otra para que coincidan.<sup>4</sup>

De ahí que se deduce que cada uno de los elementos que van a formar este tipo particular de institución, es decir la “casa” y el “museo”, tiene sus propias características únicas y a veces contradictorias, que van a conservar a pesar de que se influyen.

De hecho, la académica Rosanna Pavoni enfatiza el contraste significativo entre el “museo” como institución con cualidades conservadoras y educativas y la “casa”, connotada por los aspectos comunicativos de la vida cotidiana y por eso en continua transformación. Ella afirma que lo difícil es determinar en que proporción se pueden combinar los elementos distintivos de cada término, porque es difícil y casi imposible, establecer el límite. Ella argumenta: «[...] *the house museum [...] captures the conservational and educational qualities of museums, and also the communicative, cognitive and emotional connotations of the house: the crucial question is to what extent and in what proportions these qualities should be combined, qualities*

<sup>1</sup> FLORIO, Maria Teresa; SCHIAVI, Alessia; 2018<sup>2</sup> ed. *Il museo nella storia: dallo studiolo alla raccolta pubblica*, Milano; Torino, Pearson; pag. 112.

<sup>2</sup> MOROSI, Emma Maria; *Quale futuro per le case-museo? Verso lo studio della realtà museale nell'area urbana della città di Helsinki*, Universidad Ca' Foscari Venezia, a.a. 2017/2018.

<sup>3</sup> Diccionario de uso del Español actual *Clave*.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

*that do not cancel each other out but, on the contrary, reinforce and validate each other».<sup>5</sup>*

En este punto, nos ocurre fijarnos en el significado individual de cada término, es decir “casa” y “museo”, y después de aislarlos en dos entidades autónomas, tratar de leerlos exclusivamente en el sentido de “casa-museo”.

El diccionario de la lengua española, nos ofrece diferentes significados del lema “casa”. Nos ocurre centrarnos ahora en los primeros dos, que vamos a citar:

1. *Edificio o parte de él en el que vive una persona o una familia;*
2. *Familia o grupo de personas emparentadas entre sí que viven juntas en este edificio o en parte de él.<sup>6</sup>*

Durante la conferencia ICOM: *Habitar la historia*, celebrada en Génova en 1997, Rosanna Pavoni, al definir la casa, destaca tanto el componente arquitectónico que la caracteriza como sus connotaciones más profundas, abstractas e incommensurables relacionadas con la vida que se desarrolla en ella. De ahí que afirma:

*La casa en sí tiene una naturaleza compleja que dilata continuamente sus perspectivas: de hecho, incluye aspectos que, de forma algo inadecuada, podríamos definir como objetivos y estos son los límites de la disciplina arquitectónica, la gramática de estilos, códigos expresivos, técnicas y materiales, pero también incluye un horizonte subjetivo, formado por pinturas elusivas, [...]. Son, por supuesto, los caminos del gusto, las predilecciones afectivas, las emociones, las estrategias simbólicas.<sup>7</sup>*

<sup>5</sup> PAVONI, Rosanna; *Towards a definition and typology of historic house museums*, «Museum International» LIII, II (4/2001).

<sup>6</sup> Diccionario de uso del Español actual *Clave*.

<sup>7</sup> PAVONI, Rosanna; SELVAFOLTA Ornella; 1998. *La diversità delle dimore-museo. Opportunità di una riflessione*, en *Abitare la Storia: le dimore storiche/museo: restauro, sicurezza, didattica, comunicazione*, (Génova, Palacio Real, Salón de Baile, 20-22 noviembre 1997), por SIMONETTI, FARIDA - LEONCINI, LUCA, Torino, U. Allemandi & C, p. 34.

La relación entre los elementos que componen el horizonte objetivo, es decir, la estructura arquitectónica o “contenedor” y los que componen el horizonte subjetivo, es decir, los objetos que forman el interior de la casa o “contenido”, es inseparable, ya que no es posible dividir la estructura de la persona que vive o que ha vivido allí. Esta relación está mejor representada por la dicotomía inglesa “home-house”, donde “house” se refiere al significado tangible de la casa, su horizonte objetivo, el espacio físico real necesario para la supervivencia humana; mientras que “home” se refiere al significado intangible, al horizonte subjetivo, es decir a la dimensión íntima y personal de la vida.

La casa, en su sentido de “home”, es, por lo tanto, una expresión de significados intangibles que se refieren primero a la dimensión íntima y privada de su propietario, es decir el lugar de sus emociones, de sus afectos, de sus pensamientos, de la expresión de sus gustos y de su posición social. Además, como lugar vivido por el hombre, la casa en su dimensión antropológica es el guardián de muchas informaciones que se refieren no sólo a quien vivió allí, sino también a su entorno social.

Lo que acabamos de decir, nos remite al tema del habitar. Desde el punto de vista etimológico, “habitar” significa “tener costumbre de un lugar”. Según el filósofo alemán Heidegger, el habitar implica “ser” antes que “estar”. Eso significa que hay una estrecha interconexión entre la casa y el territorio en su entorno; ya que si la casa es por un lado el lugar donde vive el hombre y por consecuencia es el guardián de sus pensamientos, de sus emociones y de sus afectos, por otro está colocada en un tiempo y en un espacio determinados. Además, las personas que la viven están incluidas en un contexto social e interactúan con el mismo. La académica Federica Arman escribe sobre este tema:

*La casa del hombre es un cuento construido por los fragmentos de las vidas que se desarrollaron en su interior, es un reflejo tal vez desvanecido o manifiesto, de las necesidades del hombre. Está tan íntimamente enlazada con sus habitantes que adquiere una dimensión mayor a la métrica de las superficies o de los volúmenes, es decir una dimensión antropológica de la experiencia social. La casa representa en este sentido casi una*

proyección del yo personal, *un apéndice que crea un continuo intercambio sinérgico entre interioridad y socialidad.*<sup>8</sup>

Rosanna Pavoni pone en evidencia la estrecha relación que hay entre “house”, en su sentido de estructura física que desarrolla una función de “contenedor”; “home”, es decir la dimensión íntima de la casa, que no tendría razón de existir sin ella y la interconexión muy estrecha de ambas con el “environment”, es decir el entorno. A menudo los límites de la casa no están bien definidos, de ahí que van a incluir también lugares exteriores más o menos cercanos, que han sido definidos “espacios de autor”, es decir lugares donde el artista vivió y donde encontró su inspiración, como por ejemplo jardines, patios, parques, calles, caminos u otros. Fijámonos, por ejemplo, en el jardín de la casa de Monet o en los cafés de Hemingway. El conjunto de esos lugares, que están enlazados con la vida del artista, participan muy activamente a la creación de recorridos e itinerarios específicos, que contribuyen al difundirse de una forma nueva de turismo cultural cada vez más importante, cuyo desarrollo está sostenido por el recurso a los nuevos medios de comunicación.

Volviendo al tema lingüístico-terminológico, después de analizar el término “casa”, vamos a centrarnos en la palabra “museo”. Esta ha tenido diferentes definiciones a lo largo del tiempo. La última, elaborada durante la XXII<sup>o</sup> Asamblea General ICOM que tuvo lugar en Viena el 24 de agosto de 2007, dice: *«El museo es una institución sin fines lucrativos, permanente, al servicio de la sociedad y de su desarrollo, abierta al público, que adquiere, conserva, investiga, comunica y expone el patrimonio material e inmaterial de la humanidad y su medio ambiente con fines de educación, estudio y recreo.»*

La novedad de esta definición con respecto a las del pasado consiste en la afirmación que el “patrimonio inmaterial” tiene dignidad museal; de ahí que la casa, en su sentido de “home”, es decir en su dimensión de horizonte subjetivo intangible, se puede definir como sujeto que merece recibir atención desde el punto de vista museal. Escribe Federica Arman:

<sup>8</sup> ARMAN, Federica; *Le vite, le case e il progetto d'architettura. La valorizzazione museografica delle dimore di uomini celebri del Novecento*, tesis doctoral, tutor prof. Aldo De Poli, Universidad de Parma.

*La casa-museo ya no es sólo un espacio en el que un solo hombre ha estratificado y acumulado objetos y artefactos de diverso tipo, sino que a menudo es un “lugar de memoria”, un guardián de valores intangibles y colectivos. La reciente introducción del término “intangibles” en la definición anterior reconoce la importancia de preservar no sólo los objetos y los bienes materiales en los museos, sino también los valores intangibles y los “ritos colectivos” de una comunidad y la casa-museo es a menudo intérprete de esta nueva necesidad.<sup>9</sup>*

En un sentido diacrónico, el término museo ha adquirido diferentes significados a lo largo de los siglos, llegando a indicar algo diferente de su significado original.

Desde un punto de vista etimológico, la palabra museo proviene del griego *Μουσείον* (lat. *Musēum*), de *Μοῦσα* (Musa) e indicaba la “sede de las Musas”, las diosas que en la antigua Grecia, junto con el dios Apolo, eran consideradas protectoras de las artes. En la introducción de su ensayo *El Museo en la Historia*, María Teresa Florio afirma que el geógrafo Strabone fue el primero en utilizar este término para referirse a una sala en la Biblioteca de Alejandría de Egipto donde se reunieron hombres eruditos y filósofos.

La estudiosa, repasando las etapas más destacadas de la evolución del significado del término, nos informa que durante el Humanismo la palabra “Museo” se utilizaba muy raramente y hacía referencia sólo a entornos privados donde se llevaban a cabo actividades intelectuales o a salas decoradas con los temas de las deidades protectoras de las artes. En el siglo XVI, Paolo Giovio asoció por primera vez el término “Museo” con un lugar físico, durante la exposición de su colección de obras de arte entre 1536 y 1543 en su villa en Borgovico (Como).

Pues, nos cabe observar que para mucho tiempo este término quiso indicar simplemente una colección de objetos de arte (pinturas, estampas, dibujos, esculturas) pertenecientes a una sola persona, exhibidos en lugares privados donde se admitían un número limitado de individuos, es decir los más cercanos al dueño (amigos, familiares, hombres poderosos).

---

<sup>9</sup> *Ibidem*



A partir de la Ilustración, se estableció la idea de que el museo fuera patrimonio común que formaba parte del sentimiento nacional. La estudiosa escribe: «[...] por primera vez fue reconocida como una institución de interés nacional, se afirmó su pertenencia a la comunidad del patrimonio histórico-artístico y el Estado se hizo cargo de su administración.»<sup>10</sup> Según la afirmación del concepto de “utilidad pública”, en el siglo XVIII muchos edificios preexistentes fueron adaptados a la función de museo, como en el caso del Louvre. En el siglo XIX, sin embargo, se construyeron nuevos edificios finalizados exclusivamente a desempeñar el papel de museo y tenían un carácter casi sagrado.

El siglo XX se abre con las Grandes Exposiciones, que reflejan el gusto y las modas de la sociedad de la época. A pesar de que en 1934, la Conferencia de Madrid afirmó el concepto de “contenedor funcional” haciendo referencia al museo como “servicio al público”, llamado a cumplir la triple tarea de exhibir, conservar y educar; a lo largo del siglo, la estructura del museo comenzó a volverse cada vez más protagonista, convirtiéndose en un tema de exposición, de ahí que la importancia de la colección de obras de arte expuestas se puso casi en segundo plano. Unos ejemplos son el Museo Guggenheim de Wright y el Centre Pompidou de París, dos estructuras que han surgido en zonas urbanas específicas con la tarea de reentrenarlas y promoverlas.

En conclusión, el desarrollo diacrónico del término “museo” nos muestra como ha adquirido diferentes significados a lo largo de los siglos, pasando a indicar hoy algo completamente diferente de lo que expresaba al principio. Sin embargo, mientras que el “museo” define una institución con cualidades conservadoras y educativas; la “casa”, representa una realidad en continua transformación, porque está connotada por los aspectos comunicativos de la vida cotidiana. Estos elementos conservan dentro de la casa-museo sus características únicas aunque a veces contrasten. En este sentido, la casa-museo se define como un tipo particular de museo, cuya complejidad, como acabamos de ver, se expresa a partir de la dicotomía del propio término.

<sup>10</sup> FIORIO, Maria Teresa; SCHIAVI, Alessia; 2018<sup>2</sup> ed. *Il museo nella storia: dallo studiolo alla raccolta pubblica*, Milano; Torino, Pearson.

## 2. La “casa-museo”: clasificación e interdisciplinariedad

La falta de una tradición generalizada de estudios orgánicos sobre las casas-museo hace que este tema sea difícil de estudiar. Esta dificultad deriva principalmente de la interdisciplinariedad del tema que debe involucrar a arquitectos, museólogos, museísticos, restauradores, historiadores, pero también antropólogos, sociólogos y estudiosos de la mentalidad humana en general. Otro aspecto social importante que a veces ha puesto algunas limitaciones a la investigación, es que la persona que vivió en la casa es en sí misma compleja y a menudo encontramos personalidades con muchos intereses interdisciplinarios, por ejemplo el escritor que a menudo es también artista, coleccionista y viceversa. Demasiada clasificación en categorías articuladas también puede conducir a errores en la interpretación histórica de una vida compleja.

Sin embargo, hubo intentos válidos de clasificación de las casas-museo. En 1997 tuvo lugar en Génova la Conferencia Internacional “*Habitar la historia. Las moradas históricas-museo*”, con el fin de considerar la morada histórica desde sus múltiples aspectos, incluyendo la actividad didáctica y los sistemas de comunicación. Giovanni Pinna, actual presidente del Comité Nacional Italiano ICOM (Consejo Internacional de Museos) en 1997, abre la conferencia en Génova enfatizando en primer lugar como la morada histórica es una tipología de museo no comparable a otros tipos porque preserva, exhibe y reconstruye un espacio dedicado a evocar una imagen de la vida, un ambiente íntimo y doméstico lleno de valores evocadores y emocionales.

A partir de estas primeras reflexiones, la urgente necesidad de establecer un organismo de control, que pudiera ordenar y apoyar las casas-museo, dió claras indicaciones sobre el manejo y la conservación de estas realidades. En las conclusiones de la conferencia de Génova, se incluye un documento que solicita al ICOM un nuevo comité internacional dedicado específicamente a las casas-museo. La propuesta italiana está aprobada y la creación del nuevo comité se ratifica el 9 de octubre de 1998 durante la 18ª Conferencia General del ICOM en Melbourne. Aquí, el 12 de octubre de 1998, el nuevo comité celebró su primera reunión y tomó el nombre de *Historic House Museums, Demeures historiques-musées* y la abreviatura **Demhist** del nombre francés.

Desde entonces, se han elaborado varias hipótesis para la clasificación de las casas-museo, incluido un primer intento, en 1993, de la estudiosa Sherry Butcher-Youngmans que propone una clasificación de las moradas históricas conservadas como un museo e identifica tres macrocategorías dependientes de las colecciones contenidas: *Documentary Historic House Museums*, *Representative Historic House Museums*, *Aesthetic Historic House Museums*. Desde este primer enfoque, es esencial tener en cuenta tanto la complejidad de la morada en su sentido estructural con función residencial, como la consistencia de sus colecciones y de las decoraciones conservadas en ella. La articulación del complejo en tres áreas distintas (el edificio, la colección, el antiguo habitante) confiere a la morada histórica un fuerte poder evocador, que a su vez la convierte en un monumento de gran importancia social y política.

En 1997, durante la Conferencia de Génova, Rosanna Pavoni y Ornella Selvafolta proponen otra clasificación publicada en 1998, que divide las casas-museo en nueve categorías: *Casas de hombre ilustres*, *Casas de coleccionistas*, *Casas de la Belleza*, *Casas intérpretes de eventos históricos*, *Casas deseadas por una comunidad*, *Moradas nobiliarias*, *Edificios reales o lugares del poder*, *Casas del clero*, *Casas de carácter etno-antropológico*. Federica Arman escribe:

*Cada uno de estos tipos es portador de diferentes narrativas que dependen del aspecto que pretendemos poner en evidencia: es decir que podemos elegir de centrarnos en la personalidad del sujeto que vivió en la casa, o en una dimensión suprapersonal para abrir una ventana sobre un tema social o cultural de un período histórico específico, o en una categoría profesional (por ejemplo, casas de escritores) o podemos elegir de poner en evidencia una calidad en particular y/o una identidad local o nacional específica. Cada uno de estos tipos tiene su propia cualidad específica de "resonancia", es decir, corresponde a una capacidad peculiar de estimular en el visitante una serie de referencias que lo llevarán a acercarse y, quizá, a comprender una cultura, una forma de vivir de la sociedad.<sup>11</sup>*

<sup>11</sup> ARMAN, Federica; *Le vite, le case e il progetto d'architettura. La valorizzazione museografica delle dimore di uomini celebri del Novecento*, tesis doctoral, tutor prof. Aldo De Poli, Universidad de Parma.

Se deduce, por lo tanto, que la casa-museo es una *narración*, una *representación de la historia*, que necesita de un corte narrativo. Esto es la tarea del museógrafo, quien, basándose en el fin comunicativo que pretende alcanzar, elige el empleo de unas técnicas específicas destinadas a estimular una serie de referencias en el visitante: por ejemplo, el empleo de rutas audiovisuales para involucrar al espectador y transportarlo a una experiencia emocional que lo acerque al sentimiento y a la forma de pensar de la persona famosa que vivía en la casa.

Otro problema que complica los intentos de clasificación de las casas-museo consiste en la diversidad de las personalidades de los sujetos a quien pertenecía la casa: celebridades, escritores, músicos, coleccionistas, artistas, etc. La identidad del personaje connota la casa de algunos elementos característicos que adquieren un valor icónico específico: en el caso de la casa del artista o del coleccionista, la casa ya es a menudo una obra de arte, probablemente tan deseada por el propio artista. En el caso de la casa del escritor o del músico, no tenemos una obra que admirar, sino objetos, y hay algunos siempre presentes, por ejemplo el escritorio para el escritor y el piano para el músico, que expresan un fuerte valor referencial a través de que despiertan un eco emocional en el visitante, para acercarlo a la sensibilidad y a la obra de la persona que vivió en la casa.

Los literatos son la categoría de hombres ilustres cuyas residencias han sido estudiadas con mayor exhaustividad, como está ampliamente documentado por la abundante producción editorial de guías y libros fotográficos dedicados a sitios, a caminos literarios o a las casas de escritores y por la vivacidad del debate sobre estos temas en seminarios y conferencias internacionales.

La casa del letrado es el sitio donde nació un escritor o un poeta, donde vivió más o menos tiempo, donde escribió. Ella representa el lugar donde el autor expresa su obra en forma material. Si los artistas y los arquitectos, en sus casas, demuestran su arte de una manera directa y claramente legible, los escritores para reflejar sus sentimientos personales en su propio hogar deben dar un paso más, traduciendo valores inmateriales en realidad material, un hecho intelectual en uno tangible y visible. Para un escritor, la estructura de la casa y sus decoraciones se convierten en un medio para expresar el significado de su obra y de sus sentimientos. Antes que

en el papel, cada escritor proyecta su creatividad en las paredes que lo rodean. Establecer una relación con espacios, objetos personales o detalles arquitectónicos que se encuentran concretamente en el espacio de la vida diaria de un escritor, por lo tanto, permite restablecer un vínculo con su obra, como afirma Georges Poisson: «*il semble que la visite prolonge en nous la lecture, et provoque la réflexion. On a raison de parler de lieux de mémoire*». <sup>12</sup>

Al analizar un número considerable de casas de escritores de los siglos XIX y XX, ha sido posible observar la recurrencia de algunos elementos espaciales y culturales. En particular, en las casas de escritores es común encontrar pequeños estudios, conectados a grandes bibliotecas. El “lugar de reflexión” del escritor está generalmente bien separado de los espacios del vivir y actuar diario, está en silencio y en solitario, en un rincón remoto de la casa, un lugar protegido que se abre al mundo exterior solo a través de una ventana. En la casa de los letrados, el escritorio, colocado lateral o frontalmente a la ventana principal de la casa, evoca la fama del escritor en un tiempo inmóvil y congelado. El ambiente es de absoluta tranquilidad y separación de los ruidos del mundo: todo está quieto, ordenado y pensado en la posición precisa en la que se encuentra. La apertura de la ventana es para el escritor la fuente de observación e inspiración. La vista de un paisaje enmarcado por ella ingresa a la habitación, expandiéndose hacia el infinito el límite natural de la casa.

En su ensayo introductorio al texto *Writers' Houses and the Making of Memory*, el estudioso Harald Hendrix sostiene que la ventana en la casa del escritor puede considerarse un “topos literario”, una expresión de la inspiración y de la creatividad del autor. La ventana puede conectar el objeto en primer plano con una vista externa definida, un fragmento de paisaje, enmarcado y delimitado por un dispositivo diseñado. La ventana también puede conectar al hombre con la ciudad, al mundo íntimo y privado del autor con la calle pública y llena de gente, convirtiéndose en un medio de comunicación con el exterior. Finalmente, la ventana puede comunicar la inmensidad de la inspiración del autor con lo infinitamente pequeño, con lo particular, con los detalles. Si se recorre toda la historia de la literatura, también se pueden encontrar casos de autores introspectivos y tímidos,

<sup>12</sup> POISSON, Georges; 1998. *Les maisons d'écrivain*, Paris, Puf, pag. 123.

VALENTINA RUSSO

para los que la visión del paisaje externo no favorece la creatividad, sino que la perturba. En este caso, la casa no se caracteriza por grandes ventanas, sino por cortinas negras, que obstruyen la entrada de cada rayo de luz natural. Además de la ventana, el otro elemento clave del estudio del letrado es el “escritorio”: el lugar consagrado a la escritura asume un alto valor simbólico en todas las casas de los escritores como un verdadero objeto de culto.

En el análisis de casas de escritores muy diferentes, fue posible resaltar otra presencia recurrente y predominante, un tema frecuente que persigue e intriga: el viaje, pensado como el descubrimiento de un espacio exótico y ético. Muchos autores son capturados por la idea de un viaje real o imaginario y esta pasión se refleja en sus casas. La misma conformación arquitectónica de la casa de Pablo Neruda en Chile, refleja, finalmente, la necesidad de viajar “realmente y en la imaginación” del escritor, hasta que la casa toma la forma de un barco de colores listos para navegar hacia mares lejanos.

Según las intenciones de sus promotores, las casas-museo de escritores se proponen como objetos culturales, patrimoniales y turísticos ya que son negociadoras del conocimiento literario. Por lo tanto, las casas donde vivieron los escritores a lo largo de sus vidas o incluso solo durante una parte de ella están pensadas como objetos de mediación, reveladores de una existencia e inspiradores, o como teatros de un universo mental que preside la creación literaria. Así que, establecer una relación con espacios, objetos personales o detalles arquitectónicos ubicados concretamente en el espacio de la vida diaria de un escritor permitiría restablecer un vínculo con su obra.

La exposición literaria nunca puede mostrar la esencia de la literatura, pero puede considerarse un “ensayo”, un estudio emocional y directo, vivido en la experiencia del visitante. Los objetos en una exposición literaria, no son de interés por su valor artístico o histórico, sino solo por su valor referencial, porque de alguna manera conciernen al autor y a su obra. Están impregnados de un carácter alegórico que se refiere a significados diferentes de la esencia de la materia que los constituye. El objeto literario nunca es un punto de llegada como puede ser la obra de arte, pero es un

punto de partida hacia el conocimiento y la contemplación de otra cosa que también puede estar en otra parte: la obra literaria.

Las reflexiones presentadas anteriormente muestran cuanto es fundamental el proyecto de preparación en la casa de un hombre de letras. El museógrafo debe ser capaz de exponer de manera clara y atractiva una densa red de referencias, que puedan evocar, sin caer en la banalidad y en lo grotesco, un pensamiento y un espíritu inmaterial y efímero, que puede ser literatura.

En el caso de la casa de escritores, hay dos posibles actitudes que conducen a diferentes soluciones dentro de las rutas del museo: algunos tienen cuidado de mantener filológicamente la autenticidad del lugar, sus espacios y sus objetos como testigos irremplazables de la vida y a veces profundamente vinculados a la obra del autor. En cambio, otros caminos están dedicados a la evolución de la obra del escritor y para alcanzar este objetivo utilizan libremente los espacios domésticos, exponen algunos muebles pertenecientes al autor, también recurren a la reconstrucción escenográfica de los entornos para ayudar al visitante a entrar en el “espíritu” de la obra literaria y a seguir los pasos del dueño de la casa. La estudiosa Maria Gregorio argumenta que las casas de escritores deben reconocerse como una realidad independientes, separadas de las otras casas de la memoria, ya que son lugares donde se encuentran las condiciones materiales e inmatrimales donde la obra cobró vida.

En conclusión, la casa del escritor es ante todo un lugar privilegiado, desde el cual es posible observar “*una encrucijada de vidas, historias, destinos, sueños*”<sup>13</sup>. La casa es un lugar dedicado a la imaginación, donde llega el valor simbólico más fuerte del autor, es el lugar de su vida o, puede ser uno entre los muchos de su vida, donde él mismo se identificó. En la casa del escritor, la presencia del autor que se devuelve al lector se opone a la inmaterialidad de la literatura. A partir de su persona, se produce la transmisión de la obra literaria, intensa y duradera. La casa comprende básicamente cuatro elementos característicos: un autor, una obra, un lugar, una

<sup>13</sup> ARMAN, Federica; *Le vite, le case e il progetto d'architettura. La valorizzazione museografica delle dimore di uomini celebri del Novecento*, tesis doctoral, tutor prof. Aldo De Poli, Universidad de Parma.

edad. Estos elementos, entrelazados entre sí, constituyen un lugar importante de memoria, que debe ser respetado y preservado como tal. En la casa del hombre de letras no es importante reconstruir meticulosamente la colección o la decoración, lo que debe exponerse es la interpretación y la representación cultural del autor. Las casas de escritores que se han convertido en museos son en realidad reconstrucciones. El valor de la casa no está, por lo tanto, en su colección de objetos y obras, sino en su sentido de ser el portador de un mensaje, un testimonio, es decir en la posibilidad de “tocar” la ferviente imaginación contenida en las páginas de un libro.

### Referencias bibliográficas

- ARMAN, Federica; *Le vite, le case e il progetto d'architettura. La valorizzazione museografica delle dimore di uomini celebri del Novecento*, tesis doctoral, tutor prof. Aldo De Poli, Universidad de Parma.
- BERGER, Daniel; 1998. *Merchandasing come mezzo di promozione delle dimore storiche*, in *Abitare la Storia: le dimore storiche/museo: restauro, sicurezza, didattica, comunicazione*, actos del Congreso Internacional DemHist, (Génova, Palacio Real, Salón de Baile, 20-22 noviembre 1997), por SIMONETTI, FARIDA – LEONCINI, LUCA, Torino, U. Allemandi & C.
- Clave*, Diccionario de uso del Español actual.
- DI SEYSSEL D'AIX, Ajmone; 1998. *Dimora privata: muso o non museo?*, en *Abitare la Storia: le dimore storiche/museo: restauro, sicurezza, didattica, comunicazione*, (Génova, Palacio Real, Salón de Baile, 20-22 noviembre 1997), por SIMONETTI, FARIDA – LEONCINI, LUCA, Torino, U. Allemandi & C.
- FIORIO, Maria Teresa; SCHIAVI, Alessia; 2018<sup>2ed.</sup>. *Il museo nella storia: dallo studiolo alla raccolta pubblica*, Milano; Torino, Pearson.
- MOROSI, Emma Maria; *Quale futuro per le case-museo? Verso lo studio della realtà museale nell'area urbana della città di Helsinki*, Universidad Ca' Foscari Venezia, a.a. 2017/2018.
- PAVONI, Rosanna; *Towards a definition and typology of historic house museums*, «Museum International» LIII, II (4/2001).
- PAVONI, Rosanna; SELVAFOLTA, Ornella; 1998. *La diversità delle dimore-museo. Opportunità di una riflessione*, in *Abitare la Storia: le dimore storiche/museo: restauro, sicurezza, didattica, comunicazione*, (Génova, Palacio Real, Salón de Baile, 20-22 noviembre 1997), por SIMONETTI, FARIDA – LEONCINI, LUCA, Torino, U. Allemandi & C.
- POISSON, Georges; 1998. *Les maisons d'écrivain*, Paris, Puf.



La guerre syrienne  
dans les médias  
arabes et occidentaux.  
Étude sur la terminologie  
en usage dans des  
contextes idéologiques  
et normés

Andrée Afeich

*Lebanese American University (LAU), Beyrouth*

---



## Introduction

La présente étude vise à examiner le rôle de l'idéologie dans la traduction des médias, ainsi que la représentation de la langue dans les médias. Ce faisant, nous analysons des exemples d'un *corpus* parallèle anglais-arabe sur la guerre en Syrie, guerre qui a débuté en 2011 au lendemain du printemps arabe. La théorie du cadrage sera appliquée dans cette étude afin d'examiner le cadrage des réalités tout au long du processus de traduction, selon lequel des changements sont apportés à des fins idéologiques en réponse aux attitudes, croyances et normes des différents groupes de récepteurs. Le linguiste et traductologue américain Eugen Nida (1979 : 52) dit : « the way in which individual translations treat the underlying text may differ radically, and the legitimacy of each translation must depend upon both the nature of the original text and the type of receptor for which the translation is prepared ». De plus, il convient d'ajouter que la traduction variera également en fonction des positions et des politiques des éditeurs qui interviennent souvent dans le produit final.

### 1. Idéologie, médias et traduction

Le terme « idéologie » est un terme français à l'origine. Il a été créé en 1796 pour faire référence à la science des idées qui étudie les concepts et le fonctionnement de l'esprit. Comme beaucoup de concepts, le concept « idéologie » a ensuite subi des changements conceptuels et possède aujourd'hui une connotation généralement négative de déformation, de manipulation ou de dissimulation (voir Munday 2007 : 196). Van Dijk (1998 : 2) affirme que « few of 'us' describe our own convictions as 'ideologies'; rather, we assert that 'Ours is the Truth, Theirs is the Ideology' ». Van Dijk (1998 ; 2006) a étendu le concept d'idéologie à la sphère sociale pour englober trois éléments principaux (Van Dijk 2006 : 115) : 1) la cognition,

qui réfère aux pensées et aux croyances d'un groupe particulier qui ont conduit à la création d'idées ; 2) la société, en particulier les intérêts d'un groupe donné, le pouvoir et la domination; et 3) le discours, ou le langage utilisé pour exprimer et véhiculer les idéologies de la société. Ce dernier comprend souvent des dissimulations et des manipulations, comme nous le verrons ci-après dans les exemples extraits de notre *corpus*.

L'idéologie en traduction est aussi ancienne que l'histoire de la traduction elle-même. Dans les études de traduction, l'idéologie a été étroitement liée à l'idée de manipulation. C'est principalement dans le discours que les idéologies sont transmises, « that is, by spoken or written communicative interaction » (Van Dijk 2006 : 121). Et l'institution sociale la plus importante qui a mis en exergue ce processus dans les études modernes et contemporaines est celle des médias.

La question qui reste d'une importance capitale est celle de savoir comment déterminer et identifier les aspects idéologiques dans la production d'une traduction. Cela pourrait être examiné à travers deux niveaux : le premier est lié aux aspects linguistiques et à l'utilisation d'un répertoire terminologique/lexicologique spécifique, adapté à l'idéologie du groupe. Le deuxième niveau concerne le rôle du traducteur en tant que producteur et interprète du texte cible. En effet, à l'ère du post-structuralisme, les textes ne sont plus simplement interprétés en fonction des intentions de leurs auteurs, mais plutôt des connaissances linguistiques, culturelles et générales du traducteur et des lecteurs. Dans son étude sur les traductions de la Bible, Nord (2003 : 111) conclut que :

In such translations almost any decision is –consciously or unconsciously– guided by ideological criteria [...]. This means that translators have to decide beforehand what their translation is intended to mean to the addressed audience –in other words: what kind of communicative function(s) it is aiming at.

## 2. Méthodologie et approche

L'idéologie affecte la traduction des textes sources dans de nombreux types de discours, parmi lesquels le discours journalistique/politique

qui constitue l'objet de cette étude. Comment fonctionne l'idéologie et les concepts qu'elle véhicule ? Comment l'idéologie est-elle véhiculée dans la traduction opérée par les médias ? Quel est son rôle et son impact sur les textes cibles ? Comment l'idéologie influence-t-elle les choix terminologiques et les stratégies des traducteurs ? Pour répondre à ces questions, une approche spécifique appelée « cadrage » ou « framing » en anglais sera utilisée dans la présente étude.

Il s'agit en effet d'une approche destinée à mettre en évidence la manière dont le communicateur d'un message utilise des éléments clés discursifs afin de cadrer un sujet/une expérience/une idée de manière à ce que les destinataires les voient de cette manière, ou plus spécifiquement afin de répondre aux tentatives du groupe de récepteurs et aux « normes » de ces récepteurs potentiels. « Just as there are no private languages, there are no private, personal ideologies [...] these belief systems are socially shared by the members of a collectivity of social actors » (Van Dijk 2006 : 116). L'approche utilisée dans cette étude vise donc à mettre en évidence, à identifier et à comprendre le concept très complexe qu'est l'idéologie et son rôle dans le processus de traduction. Ce concept s'articule autour de quatre piliers, à savoir l'auteur, le lecteur/récepteur, le traducteur et l'éditeur de la traduction.

Par conséquent, pour expliquer et justifier les choix, les décisions et les attitudes des traducteurs et des éditeurs, nous appliquons la théorie des cadres telle qu'elle a été développée par le linguiste américain George Lakoff (2014 : 2), qui définit le cadrage comme suit : « getting language that fits your worldview. It is not just language. The ideas are primary—and the language carries those ideas, evokes those ideas ».

En traduction, on pourrait dire que le cadrage consiste principalement à utiliser un langage qui correspond à la vision du monde des lecteurs. Comme le note Lakoff (2014 : 34), « it is difficult to say things that you are not sure the public is ready to hear ».

Notre étude est qualitative, ce qui signifie que les données collectées se concentrent sur des groupes spécifiques, à savoir des médias pro et anti-régime syrien, afin de révéler les différentes techniques et stratégies

utilisées par les deux groupes pour transmettre les mêmes informations en arabe via la traduction des textes originaux.

### 3. Constitution du *corpus*

Le *corpus* choisi traite de la guerre en Syrie et se compose de textes sources et de textes traduits en ligne qui reflètent les positions pro-régime et anti-régime. Nous avons choisi d'illustrer quatre textes sources et huit textes traduits en ligne, sachant qu'un même texte original possède plus d'une traduction dans différentes sources arabes.

Les textes sources sont en anglais et sont extraits de l'agence de presse britannique Reuters. Par ailleurs, les textes cibles sont en arabe et sont extraits des sources suivantes :

- a) sites Web et chaînes d'information pro-régime en ligne :
- Al-Alam* (chaîne d'information arabe diffusant depuis l'Iran : [www.alalam.ir](http://www.alalam.ir)) ;
  - Al-Akhbar* (quotidien libanais : [www.al-akhbar.com](http://www.al-akhbar.com)) ; et
  - Al-Manar* (site Web et chaîne d'information libanaise liés au Hezbollah : [www.almanar.com.lb](http://www.almanar.com.lb)).
- b) quotidiens et sites Web anti-régime en ligne :
- All4Syria* (site Web syrien : [www.all4syria.info](http://www.all4syria.info)) ;
  - Al-Arab* (quotidien arabe basé à Londres : [www.alarab.co.uk](http://www.alarab.co.uk)) ;
  - Alsouria* (site Web syrien : [www.alsouria.net](http://www.alsouria.net)) ; et
  - Al-Hayat* (quotidien arabe basé à Londres : [www.alhayat.com](http://www.alhayat.com)).

Les exemples présentés dans les paragraphes ci-dessous pourraient être considérés comme représentatifs des différentes positions des médias en question quant à la guerre syrienne, et illustrent la terminologie utilisée par ces différents médias afin de décrire et analyser le conflit syrien.

### 4. Cadrage et réponse aux événements

Frames are mental structures that shape the way we see the world. As a result, they shape the goals we seek, the plans we make, the way we act, and what counts as a good or bad outcome of our actions. In politics our

frames shape our social policies and the institutions we form to carry out policies (Lakoff 2014 : xi-xii).

C'est pourquoi il n'est pas facile du tout de changer ces cadres. En effet, le recadrage est assez difficile car il nécessite un processus complexe basé sur la répétition et la focalisation, un changement du discours public et un système de communication très sophistiqué. Ainsi, il s'agit de changer totalement les esprits et la perception de la réalité sociale et politique. Ce n'est pas par des slogans attrayants par exemple que nous pourrions recadrer. Lakoff (2014 : 33) a raison de dire:

Slogans only work when there has been a long –often decades-long– campaign of framing issues like taxation and abortion conceptually, so that the brains of many people are prepared to accept those phrases [...]. Effective reframing is the changing of millions of brains to be prepared to recognize a reality.

Dans le langage, les mots/termes sont définis selon des cadres conceptuels spécifiques. « When you hear a word, its frame is activated in your brain », dit Lakoff (2014 : xii). Des expressions utilisées par Lakoff (2014 : xii) telles que « you should say what you believe using your language, not theirs » indiquent la force des cadres et combien l'idéologie est enracinée dans notre conception et dans notre vie. On ne devient pas communiste, socialiste, féministe, etc. du jour au lendemain, on ne change pas non plus sa position idéologique du jour au lendemain. Par conséquent, l'idéologie est « relativement stable » (voir Van Dijk 2006 : 116).

## 5. Appliquer des cadres à la situation syrienne

### 5.1 *Al-Manar vs. Al-Arab*

Exemple 1 (texte source par *Reuters* publié le 15 août 2013 et texte cible par *Al-Manar* publié le 17 août 2013) :

Dans cet article qui a pour titre « New Saudi-supplied missiles boost rebels in south Syria » (De nouveaux missiles fournis par l'Arabie saoudite pour soutenir les rebelles dans le sud de la Syrie), le site Web d'*Al-Manar* a changé le titre et l'a traduit en arabe de cette façon : « تيديوعس خير اوص »

«ناعمب تايلمع ةفصرغ دوقى ناملس ريماأل او ندرألا ربع ةيروس يف نيحلسملل (Des missiles saoudiens envoyés à des hommes armés en Syrie à travers la Jordanie et le prince Salman à la tête d'une salle d'opération militaire à Amman), le but étant de dénoncer l'Arabie saoudite qui fournit des armes aux rebelles et le prince Salman qui dirige la salle des opérations militaires en Syrie. Où est le cadre ici ? En mentionnant le prince Salman Bin Sultan, neveu de l'ancien roi saoudien Abdullah et haut responsable de la sécurité publique, le traducteur choisit une langue qui correspond à la vision du lecteur quant à la guerre : la famille royale saoudienne est celle qui mène la guerre en Syrie, et soutient la cause des rebelles.

Un autre exemple de cadrage consiste à créer un « cadre de suspicion ». Dans ce cas, *Al-Arab* cite un diplomate occidental haut placé et traduit le terme pluriel « modérés » utilisé par le diplomate en tant que *نيلدتعم* en référence aux rebelles du sud de la Syrie. Cependant, *Al-Manar* mentionne la même citation, en plaçant le terme *نيلدتعم* entre crochets. De tels symboles extralinguistiques, c'est-à-dire les crochets, ajoutés à la traduction du terme original, montrent clairement la position du traducteur et son intention qui consiste à créer un « cadre de suspicion » qui pourrait amener les lecteurs à questionner, quitte à nier le statut modéré des rebelles.

## 5.2 *Al-Hayat vs. Al-Akhbar*

Exemple 2 (TS par *Reuters* publié le 30 mars 2016, TC1 par *Al-Hayat* publié le 31 mars 2016 et TC2 par *Al-Akhbar* publié le 31 mars 2016) :

Dans cet article intitulé « Exclusive: Russia, despite draw-down, shipping more to Syria than removing » (Exclusif : la Russie, malgré la réduction du nombre de ses troupes, expédie davantage en Syrie qu'elle n'en retire), le quotidien panarabe *Al-Hayat* basé à Londres traduit le titre de la manière suivante : « امم رشكأ ةيروس ىل! ن حشت ...امت اوق بحس دعب ايسور » («امنم لقننت (La Russie, après le retrait de ses troupes, expédie davantage vers la Syrie qu'elle n'en retire). Où est le cadre ici ? Il est évident qu'*Al-Hayat* tient à souligner que la Russie fournit toujours des armes au régime d'Assad et qu'elle a retiré ses troupes de la Syrie, et non comme le dit le titre original qui



souligne une réduction du nombre des troupes russes mais non pas un retrait.

Quant au quotidien libanais pro-régime *Al-Akhbar*, il ne souligne pas un retrait des troupes russes – « بحسب اّم رثكأ اروس ىلإ نحشت ايسور » (La Russie expédie davantage en Syrie qu'elle n'en retire) – comme le mentionne le titre du texte source car :

- le personnel et/ou les lecteurs d'*Al-Akhbar* pensent que la Russie opère un changement dans la guerre syrienne qui va dans l'intérêt du régime.
- ils croient à cela malgré le retrait des troupes russes.
- « they have a frame and they only accept facts that fit that frame » (Lakoff 2014: 18).

Qu'impliquent les cadres alors ?

- a) le texte: à travers la sélection ou la désélection d'informations (suppression d'informations), de titres, de sous-titres et la sélection de citations.
- b) le sens: à travers le déplacement et la mise en avant comme le sélectionneme nt de termes positifs ou négatifs pour « Nous » et pour « Eux ».
- c) les éléments extralinguistiques : à travers l'utilisation d'images ou de certains symboles typographiques comme les parenthèses, les crochets ou les guillemets, etc.

## 6. Pourquoi les traducteurs utilisent-ils des cadres ?

Bien que les cadres soient des structures inconscientes dans notre cerveau, nous pouvons les reconnaître à travers leurs conséquences. Cependant, comme nous l'avons souligné ci-dessus, nous pouvons également comprendre les cadres à travers le langage. Les traducteurs utilisent des cadres et tentent d'activer les cadres qui semblent importants et convaincants tout en excluant ceux qui le sont moins. En effet, les traducteurs utilisent les cadres pour deux raisons principales : pour transmettre des messages politiques et pour atteindre des objectifs en lien avec le marketing.

## 6.1 Raisons politiques du cadrage

Dans le cas du cadrage politique, le traducteur modifie, supprime et met en avant le message afin de thématiser ce même message qui convient soit (1) aux intérêts propres de l'éditeur, soit (2) aux intérêts, valeurs et convictions des lecteurs. Pour clarifier ce point, nous présentons ci-dessous les exemples suivants :

Exemple 3 : (TS par *Reuters* publié le 26 novembre 2014, TC1 publié dans *Al-Manar* le 27 novembre 2014 et TC2 publié dans *Alsouria.net* le 27 novembre 2014) :

Dans cet article intitulé « Qatar runs covert desert training camp for Syrian rebels » (Le Qatar organise un camp d'entraînement secret dans le désert pour les rebelles syriens), *Al-Manar* ne qualifie pas les rebelles de « modérés » (moderate) comme c'est le cas dans le texte original. Cet article met ainsi en évidence les choix et les changements terminologiques liés à la suppression de certains concepts.

Quant à *Alsouria.net*, ce site Web ne reconnaît pas Assad comme président et fait référence à l'armée syrienne sous le terme de *دسأل راشرب ماطن تاوق*, c'est-à-dire les forces de Bashar al-Assad. Un autre changement est lié au terme insurgés qui a été traduit par *Alsouria.net* en tant que *نيلتاقم*, c'est-à-dire des combattants, et non pas *نيدرمت*, c'est-à-dire des insurgés comme il se doit. Le terme *لتاقم* (combattant) pourrait être interprété comme désignant un soldat qui se bat pour son pays, alors que *درمت* (insurgé) se réfère à quelqu'un qui agit contre une autorité civile ou un gouvernement en place. De cette utilisation particulière d'unités terminologiques, nous pourrions déduire que les traducteurs visaient à sélectionner des termes / concepts négatifs pour décrire « Eux » tout en utilisant des termes / concepts positifs pour décrire « Nous » (voir Van Dijk 2006 : 125). Ce choix pourrait s'expliquer en termes de polarisation pouvant affecter à la fois les dénominations et les concepts (voir Van Dijk 2006 : 126). En d'autres termes, *Alsouria.net* tente de mettre en valeur les « propriétés négatives » du [président] Bashar al-Assad par opposition aux « propriétés positives » des rebelles syriens ou des combattants. Cependant, *Al-Manar* utilise une stratégie opposée en mettant moins l'accent sur l'image positive des rebelles syriens, décrite comme modérée dans le texte source.

Sur le plan linguistique, il est important de signaler qu'*Al-Manar* introduit l'article « al » (le seul article qui existe en arabe) devant le terme *ماظن* ou régime dans l'exemple *ماظنلا تَض لانتقلل* (pour combattre le régime), contrairement à *Alsouria*, afin de souligner que le régime d'Assad est le seul régime par excellence qui existe officiellement en Syrie.

De retour au titre de l'article en anglais : « Qatar runs covert desert training camp for Syrian rebels », il est évident qu'il existe une différence majeure entre la traduction réalisée par *Al-Manar* et celle réalisée par *Alsouria.net*. Cette différence concerne principalement la nationalité des combattants. Le texte source indique clairement que les combattants sont d'origine syrienne. Lorsque nous comparons les deux traductions, nous pouvons constater qu'*Alsouria.net*, réseau anti-régime, n'a apporté aucune modification au titre traduit, tandis qu'*Al-Manar*, un site Web pro-régime, a apporté un changement radical au niveau du titre en dissimulant la nationalité des combattants et en soulignant indirectement leurs origines diverses de la manière suivante : « زرتيور » : رطق ميقت رطق : « ايروس يف لانتقلل » (Le Qatar organise un camp d'entraînement secret dans le désert pour des rebelles en Syrie).

Exemple 4 : (TS par *Reuters* publié le 10 mars 2016, TC1 par *All4Syria* publié le 11 mars 2016 et TC2 par *Al-Alam* publié le 12 mars 2016) :

Dans cet article qui a pour titre « Key power mulling possibility of federal division in Syria » (Des grandes puissances évoquent la possibilité d'une division fédérale en Syrie), nous trouvons le terme arabe *تلودلا ميظنت* (l'organisation de l'Etat islamique). En ajoutant l'adjectif *ددشتم* (radical) au terme Etat islamique ou (Daech), adjectif qui ne figure pas dans le texte original, le site anti-régime *All4Syria* opère une modification terminologique à visée purement idéologique, dont le but est de représenter l'Etat islamique en tant que groupe fondamentaliste, par opposition aux autres groupes en guerre contre le régime et qui sont modérés. Quant au site pro-régime *Al-Alam*, il ne mentionne pas du tout la présence de l'Etat islamique et son rôle grandissant sur la scène syrienne.

## 6.2 Raisons de marketing

Dans ce contexte, les éditeurs tentent d'influencer leurs lecteurs, une influence qui, dans certains cas, peut dépasser celle qu'exercent les hommes politiques. Ce faisant, l'éditeur tente de comprendre le public et ses intérêts pour atteindre son double objectif de pouvoir et de profit. Le traducteur n'est pas le seul décideur ; la plupart du temps, il est tenu de suivre l'idéologie de l'éditeur, qui a un certain agenda et un message qu'il souhaite passer. En fait, ce sont les lecteurs qui ont le pouvoir de faire d'une institution un succès remarquable. Les forces du marché jouent un rôle capital dans la prise de décisions en matière de traduction, d'édition, de publication et de diffusion, car la réception du contenu qui en résulte est un facteur important à ne pas négliger.

Pour illustrer ce point, nous pouvons examiner les exemples de termes suivants :

Exemple 5: (TS par *Reuters* publié le 15 août 2013, TC1 publié dans *Al-Manar* le 17 août 2013 et TC2 publié par *Al-Arab* le 18 août 2013) :

Dans TC1, le site Web pro-régime *Al-Manar* ajoute des termes pour décrire les sources de renseignement, qu'il qualifie d'arabes et d'occidentales, dans le but de montrer que ces sources sont particulièrement au courant de ce que font les rebelles en Syrie.

La stratégie d'addition est utilisée différemment par le site Web anti-régime *Al-Arab*, où une référence au Hezbollah libanais est ajoutée dans le texte pour souligner que ce parti spécifique intervient dans la guerre en Syrie à ses propres fins et que l'objectif des rebelles est de « faire échouer ses projets » en utilisant leurs missiles nouvellement acquis.

Où sont les cadres ici ? En ajoutant des concepts dans leurs textes respectifs, chaque site Web utilise la forme de communication linguistique qui fait le mieux avancer son propre agenda et qui influence le plus fortement les convictions de ses lecteurs. En d'autres termes, ces sites utilisent des cadres puissants qui représentent des éléments de communication que les personnes à qui ils parlent sont prêts à écouter et à accepter comme étant les seuls faits sur lesquels il faudrait s'appuyer (voir Lakoff 2014 : 34).

Un deuxième cas concerne le terme “rebelles” (au pluriel) qui figure dans le texte original et dont l'équivalent dans *Al-Manar* est *هـل سـم تاع ام ج* (groupes armés), terme qui représente au vu des normes internationales le concept de violence ou de renversement d'un gouvernement en place. Par ailleurs, *Al-Arab* utilise le terme «*نـي حـل سـم نـي ضـر اعم*» (opposants armés) où le concept d'opposition en général est un concept légitime au regard de toutes les normes et instances internationales.

## Conclusion

Le concept d'idéologie est omniprésent dans nos vies quotidiennes. Interroger l'idéologie en traduction et en communication implique d'étudier son rôle critique dans les discours oraux et écrits et dans la traduction de ces discours.

Ce qui a été fait par les traducteurs dans le contexte de la guerre en Syrie reflète leurs pensées, leurs intérêts, leurs idées et leurs systèmes de croyance et, par conséquent, les pensées et les intérêts de leurs lecteurs. Les traducteurs étant connus pour être des médiateurs et des agents inter-culturels, jouent un rôle croissant dans les changements socio-politiques, qu'ils soient positifs ou négatifs, réconciliant ou perturbant, pour des raisons différentes que nous avons mentionnées dans cette étude. L'idéologie affecte certes le choix terminologique dans des situations telles que les conflits et les guerres. C'est ainsi que nous apercevons des contextes et des termes qui ont subi des modifications afin de se rallier aux normes substantielles des agents/usagers.

Et pour conclure avec cette citation de Maria Tymoczko (2003 : 183) : «*The ideology of a translation resides not simply in the text translated, but in the voicing and stance of the translator, and in its relevance to the receiving audience*».

## Références bibliographiques

- LAKOFF, George. ([2004] 2014). *Don't Think of An Elephant!* (second edition). Vermont: Chelsea Green Publishing.
- MUNDAY, Jeremy. (2007). “Translation and Ideology: A Textual Approach”. *The Translator* 13 (2), p. 195-217.

ANDRÉE AFFEICH

- NIDA, Eugene (1979). A framework for the analysis and evaluation of theories of translation. *Translation: Application and Research*. New York: Gardner Press, p. 47-91.
- NORD, Christiane. (2003). *Function and Loyalty in Bible Translation. Apropos of Ideology*. Manchester: St. Jerome Publishing, p. 89-112.
- TYMOCZKO, Maria. 2003. Ideology and the Position of the Translator: In What Sense is a Translator 'In Between'? *Apropos of Ideology*. Manchester: St. Jerome Publishing, p. 181-201.
- VAN DIJK, Teun A. (1998). *Ideology: a multidisciplinary approach*. London, California, New Delhi: SAGE Publications Ltd.
- VAN DIJK, Teun A. (2006). "Ideology and discourse analysis". *Journal of Political Ideologies* 11 (2), p. 115-140.

# Terminologie et médiation des savoirs professionnels : la boulangerie artisanale à Bucarest et à Paris

Anca-Marina Velicu

*Universitatea din București*

---





Comment parviennent à s'entendre un garçon boulanger de Bucarest et un garçon boulanger de Paris, en parlant boutique, vu que (par exemple) le français de la boulangerie conceptualise (et nomme) pas moins de quatre phases constitutives du pétrissage (mécanique, contre cinq phases pour le pétrissage manuel), tandis qu'en roumain on n'en distingue, le plus souvent aucune (voir, par exemple, le « schéma technologique de la préparation du pain » dans Danciu ; Giurcă ; Ognean 2002, manuel universitaire sur la technologie de la panification, cité dans Luchian 2012 : 11, Fig. 1-11) ?

Cette question – qui participe (*prima facie*) d'une problématique de *communication professionnelle interculturelle*, et recevra une réponse en termes de *médiation de savoirs* (d'abord) professionnels (et seulement en second et accessoirement, linguistiques) – a été au cœur d'une démarche d'enseignement-apprentissage type « pédagogie par le projet » en régime de simulation lourde (*vs* immersion professionnelle), dans le cadre du master de traduction-terminologie (*Master de traductions spécialisées et études terminologiques*) à la Faculté des langues et littératures étrangères de l'Université de Bucarest.

Nous partons d'une définition déjà classique de la médiation (linguistique), dans un texte de référence sur les relations entre terminologie et médiation, par Jean-Louis Rousseau : « toute *activité de communication* nécessitant la *transformation* ou l'*adaptation* d'un message parlé ou écrit, de manière à le rendre intelligible à un *public cible* dans une *situation linguistique* donnée » (Rousseau 2013 : 45). L'article cité est important parce qu'il extrapole la notion de *médiation*, telle qu'introduite dans le CECR 2000, à des activités et pratiques langagières autres que la traduction-interprétation<sup>1</sup>, activi-

---

<sup>1</sup> Pour des propositions d'application du CECR (2000) allant dans le sens d'une « généralisation des entraînements à la médiation linguistique », en filière LLCE voir Weissmann 2012.

tés et pratiques socio-culturelles et socio-professionnelles émergeant les situations de communication inter-linguistiques, dont notamment l'enseignement, la vulgarisation scientifique et technique, qui nous concernent directement, ici. Nous allons en outre opérationnaliser, dans cette contribution, les notions de *médiation de texte(s)*, de *médiation de concepts* et de *médiation de la communication*, telles que définies dans CONSEIL DE L'EUROPE 2018, qui rend « officielle » et systématique cette extrapolation, en complétant les descripteurs du CECR 2000<sup>2</sup>.

Dans une première section, nous présenterons le problème de terminologie bilingue à l'étude. Les deux sections suivantes comporteront respectivement une description de l'expérience pédagogique évoquée ; et quelques exemples commentés de stratégies mises en place dans les ateliers de traduction-terminologie, afin de gérer les trous lexicaux/déficits de conceptualisation en roumain. En guise de conclusions, des remarques sur la dynamique des équivalences terminologiques et des équivalences de traduction.

## 1. Le pétrissage à la française et à la roumaine

### 1.1. Le corpus à l'étude

Le *corpus* comparable bilingue de référence en amont de notre analyse conceptuelle-terminologique, à hauteur de plus de 500.000 mots, consiste pour l'essentiel en documents primaires (vs dictionnaires ou glossaires de panification ou de technologie alimentaire) ; à deux exceptions près (un texte Eur-LEX à versions française et roumaine<sup>3</sup>, et la version en roumain d'un manuel rédigé en anglais dans le cadre d'un projet Erasmus+<sup>4</sup>), il s'agit de textes comparables rédigés par des Roumanophones ou respectivement par des Francophones, et non de traductions : des textes de vulgarisation technique tout public (sites d'associations professionnelles, blogs d'initiation à la préparation du pain, l'article « Fabrication du pain » de

<sup>2</sup> Pour une extension de la notion de *médiation* en contexte scolaire, voir aussi Coste & Cavalli 2015.

<sup>3</sup> [JO-2013\_pain letton\_ro] et [JO-2013\_pain letton\_fr] respectivement.

<sup>4</sup> [Enhancing...], projet international (Turquie, Roumanie et Estonie). L'institution roumaine impliquée est *Institutul Național de Cercetare-Dezvoltare pentru Bioresurse Alimentare- IBA București (IBA, România)*. (Institut National de Recherche-Développement pour els Bioressources Alimentaires IBA Bucarest (IBA, Roumanie').

l'encyclopédie collaborative Wikipédia<sup>5</sup>), ou pour public éclairé (articles de revues techniques d'information), des textes pédagogiques (manuels d'enseignement professionnel, supports de cours dans l'enseignement supérieur technique) mais également des textes de recherche, destinés aux experts (thèses de doctorat, articles scientifiques, monographies) et aux professionnels (sites de marketing en ligne pour outils et outillages de panification) ou aux professionnels en l'herbe (programme et fiches de disciplines en technologies alimentaires, organigrammes et marketing éducatif sur les sites d'établissements d'enseignement professionnel ou d'enseignement supérieur technique).

Les sources Internet des exemples et des équivalents roumains seront indiquées en notes de bas de page au cas par cas, et seules se retrouveront en bibliographie/sitographie les références commentées étayant notre argumentation.

Dans les deux langues-cultures, la fabrication (préparation) du pain a pour principale opération le *pétrissage*, l'opération dont le résultat est la formation de la pâte. La structuration du champ thématique *fabrication du pain* est pour l'essentiel partitive (relations activité-opérations-phases).

## 1.2. Le pétrissage dans les deux langues-cultures

Si, pour ce qui est des opérations afférentes à l'activité de fabrication du pain il y a assez peu de différences entre les deux langues-cultures, tel n'est pas le cas de la structuration conceptuelle-terminologique de l'opération essentielle de cette activité – le pétrissage, dont les phases font l'objet de conceptualisations très divergentes en français et en roumain.

Avant d'aborder cette question (le noyau dur du « problème terminologique » soumis aux étudiants), il nous faut préciser que nous avons opté pour des relations partitives hiérarchisées à deux niveaux entre *activités*,

<sup>5</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Fabrication\\_du\\_pain#Frasage](https://fr.wikipedia.org/wiki/Fabrication_du_pain#Frasage) (consulté le 22 février 2018). Noter que la version roumaine de cette encyclopédie collaborative ne comporte que des articles (assez brefs) sur le pain (<https://ro.wikipedia.org/wiki/P%C3%A2ine>), sur la farine (<https://ro.wikipedia.org/wiki/F%C4%82in%C4%82>), sur la levure (<https://ro.wikipedia.org/wiki/Drojdie>) et sur les additifs alimentaires utilisés en panification ([https://ro.wikipedia.org/wiki/Amelioratori\\_folositi\\_%C3%82n\\_panifica%C4%82ie](https://ro.wikipedia.org/wiki/Amelioratori_folositi_%C3%82n_panifica%C4%82ie)), ainsi que sur la boulangerie (<https://ro.wikipedia.org/wiki/Brut%C4%82rie>), mais aucun article sur la fabrication du pain à proprement parler.

*opérations* et *phases* – activité > opération (simple, complexe) > phase (d'une opération simple) – en dépit de l'usage souvent assez nonchalant des experts roumains du domaine (technologie alimentaire, panification, boulangerie), en la matière<sup>6</sup>, puisque, dans la littérature linguistique (Cruse 1986), on parle d'une relation partitive activité-phases, les phases étant les parties, et l'activité, le concept intégrant (le tout).

On distingue dans les deux langues-cultures deux espèces de *pétrissage* selon l'instrument utilisé : le *pétrissage manuel* (INSTRUMENTS : pétrin<sub>1</sub> (en bois) = *maie* ; mains/bras du boulanger), et le *pétrissage mécanique* (INSTRUMENT : *pétrin mécanique* – un appareil électrique)<sup>7</sup>.

En français, le *pétrissage* comme étape dans la préparation du pain comporte des phases conceptualisées en termes dynamiques d'actions, d'opérations : le *frasage* d'abord (mélange des ingrédients : à vitesse lente, pendant 3 à 5 minutes ; il en résulte une empatement grossier, ou : la pâte formée) ; le *malaxage* (ou : *pétrissage à proprement parler*) ensuite, constitué à son tour de trois sous-phases – le *découpage* (appelé aussi *cisaillage* dans le cadre du pétrissage mécanique), l'*étirage* (ou : *extension*), et le *soufflage* (ou : *battage*, ou encore : *battement*) – , et réalisé à vitesse rapide. Voir Le Blanc 2007 (support de cours électronique destiné aux étudiants à l'École Nationale Supérieure de Meunerie et des Industries Céréalières, et traitant au demeurant de pétrissage mécanique, bien que, de l'avis de l'auteur, les concepts puissent être extrapolés au pétrissage manuel<sup>8</sup>). Le pétrissage manuel comporte, quant à lui, en fait de malaxage, une opération que le pétrissage mécanique ne saurait comporter, coextensive au *découpage* : le *passage en tête*<sup>9</sup>. L'*autolyse* est une phase optionnelle

<sup>6</sup> Luchian 2012 a opté pour la même relation opération > phases, en parlant du malaxage (nous y reviendrons). Mais on retrouve ailleurs la relation inverse ([Biotehnologii alimentare], p. 328, à propos de « traitement de la pâte »).

<sup>7</sup> Noter que si, en bon français, *malaxage* (et malaxer) sont de parfaits synonymes de *pétrissage*/*pétrir* (de sorte que *malaxage manuel* n'y est pas contradictoire), en roumain, au contraire, le nom d'action *malaxare*, ainsi que le verbe *a malaxa* ne désignent que l'opération réalisée à l'aide d'un *malaxor* (du français *malaxeur*) – et ne valent que du pétrissage mécanique.

<sup>8</sup> « (...) les principes essentiels décrits ici sont pour la plupart valables aussi pour le pétrissage manuel » (Le Blanc 2007).

<sup>9</sup> « découper des morceaux de pâte par étranglement et les projeter à l'autre bout du pétrin ou de la table pendant 5 mn puis laisser un repos de 5 mn » (<http://www.alimentation-france.com/alimentation/metiers/petir-pain.html>).

de repos, entre le frasage et le pétrissage à proprement parler, typique du pétrissage mécanique<sup>10</sup> mais pouvant relever également du pétrissage manuel<sup>11</sup>. Le cas échéant, tous les ingrédients ne seront pas mélangés en même temps : la levure et le sel s'ajouteront après l'autolyse, et avant le pétrissage à proprement parler.

La structuration partitive du concept de *pétrissage* à la française (opération/ phases) a donc deux niveaux de hiérarchisation – voir Figure 1 ci-après.

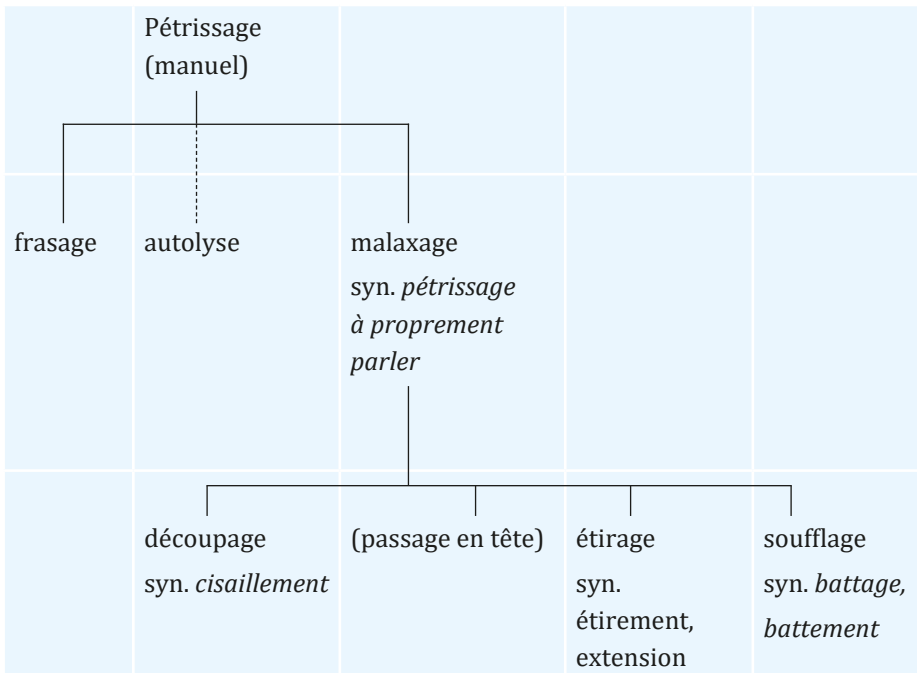


Figure 1 - Pétrissage manuel à la française

La distinction entre extension partitive des deux espèces de pétrissage, le *pétrissage mécanique* (à extension partitive minimale, héritée par le genre prochain) et le *pétrissage manuel* (à extension partitive maximale, dont

<sup>10</sup> « Etapes du pétrissage ». [http://www.duretz.net/technologie\\_boulangere/procedes-de-fabrication-et-produits-finis/etapes-du-petrissage/](http://www.duretz.net/technologie_boulangere/procedes-de-fabrication-et-produits-finis/etapes-du-petrissage/) (12.03.2020). Voir aussi : Boulangerie. Panification. L'autolyse. <http://panificationplus.e-monsite.com/pages/le-petrissage/l-autolyse.html> (12.03.2020).

<sup>11</sup> « Autolyse : efficace ou pas ? ». <http://lamiedupoiraud.over-blog.com/2017/10/tests-autolyse-pour-de-belles-alveoles.html> (12.03.2020).

une phase n'est pas héritée par le genre prochain) y est marquée par le jeu des parenthèses (l'opération non héritée par le genre prochain *pétrissage* et la spécification *manuel* apparaissent dans le schéma entre parenthèses).

En roumain, on ne différencie en général (textes de divulgation technique tout public et textes de divulgation pédagogique) que les deux premières phases de cette opération : *amestecare* 'mélange' (correspondant du français *frassage*), et *frământare propriu-zisă* ('pétrissage proprement dit'), et on ignore complètement le second niveau de conceptualisation.

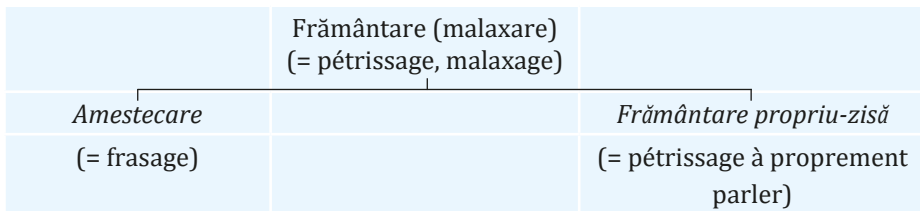


Figure 2 - Arbre notionnel roumain

Pour le sujet parlant roumanophone en effet, le *découpage*, le *passage en tête*, l'*étirage* et le *soufflage* participeront très souvent d'informations procédurales plutôt que d'informations déclaratives notionnelles (auquel cas, ces phases du malaxage seront non seulement non nommées, mais à proprement parler impossibles à verbaliser). Sauf contexte explicite de médiation linguistique, de communication interculturelle (telle la traduction du français), ces sous-phases se laisseront au mieux décrire (*vs* nommer) en roumain, par des périphrases assez gauches, voire pas du tout. Ces manœuvres (que le boulanger roumain ne manquera pas d'exécuter) ne feront vraisemblablement pas, chez celui-ci, l'objet de conceptualisations autonomes, en tant que perfunct (« représentation[s] conceptuelle[s] [de] processus qui se laisse[nt] performer »<sup>12</sup>), abstraits du continuum appréhendé comme opération de *pétrissage*. Elles feront au contraire l'objet d'un enseignement implicite par (dé)monstration.

Dans des textes de recherche avancée (thèses de doctorat, articles scientifiques) mention est faite, pour le *pétrissage à proprement parler*, de trois *phases* (définies en termes d'états de la pâte plutôt qu'en terme d'actions ou

<sup>12</sup> Lamb 1999 : 138, nous traduisons.

mouvements performés par le boulanger) : *faza de dezvoltare* ‘la phase de développement’, *faza de stabilitate* ‘la phase de stabilité’, *faza de înmuiere* ‘la phase de mouillage’ – cf. (entre autres<sup>13</sup>) Luchian 2012 : 12. Ce sont des phases à *appréhension statique* (vs dynamique). La conceptualisation de l’opération de pétrissage dans les deux langues-cultures est alors différente non pas en quantité (moins de phases, degré de finesse moindre), mais en qualité (autre dimension de subdivision).

En roumain, comme nous venons de le voir, le terme de *înmuiere* (‘mouillage’) désigne un résultat du pétrissage à proprement parler ; mais en français, le mouillage est un préalable de cette phase : par *mouillage* de la pâte on comprend en effet une opération coextensive au *frasage* ; le terme est synonyme de *bassinage* (ajout d’eau), et antonyme de *contre-frasage* (ajout de farine). Le terme roumain est un nom de procès (« fait de devenir plus mou »), avec vue sur la limite finale de celui-ci – le résultat, le terme français – un nom d’action.

## 2. Pédagogie par le projet : simulation lourde

Le problème terminologique présenté sous §1.2 *supra* a été soumis à nos étudiants dans le cadre d’un module thématique (« Fabrication du pain »), enseigné en master de traduction-terminologie, en régime de simulation lourde : simulation d’un projet professionnel visant à la compilation de divers produits de médiation linguistique (médiation textuelle : traduction et adaptation en roumain de textes français ; médiation de concepts : arbres du domaine, glossaires terminologiques). Les activités prévues (trois cours-ateliers de traduction technique, deux TD d’études terminologiques et deux TP en traduction/terminologie) se sont déroulées en 2016-2017, 2017-2018 et 2018-2019 respectivement (au second semestre des années universitaires en question – soit en mars-avril 2017, 2018 et 2019).

En première instance (mars 2017), nous avons proposé à nos étudiants un scénario professionnel, explicitement centré sur la communication

<sup>13</sup> Ailleurs on parle de ‘temps de développement’ (timp de dezvoltare), de ‘stabilité de la pâte’ (stabilitatea aluatului) et de ‘degré de mouillage’ (grad de înmuiere) en tant que paramètres de la ‘courbe farinographique’ (curbă farinografică) – voir Voicu *et al.* 2009. Même conceptualisation dans Popa 2017.

interculturelle : préparation d'un dossier documentaire bilingue pour des apprentis-boulangers roumanophones qui auraient à suivre un stage de formation professionnelle de trois mois, en France. Selon ce scénario, les tâches du groupe de traducteurs étaient limitées à la compilation d'un *corpus* comparable bilingue, d'un glossaire bilingue français-roumain, et à la traduction en roumain d'environ 20 pages d'extraits de textes de divulgation technique et de supports pédagogiques français. Il n'y a pas eu de procédure formelle de validation des équivalents roumains proposés (c'est-à-dire non attestés en tant que tels), par consultation directe de témoins (experts du domaine de référence). Bénéficiaires allégués : les stagiaires roumains, à niveau B1 de français (lu, parlé, écrit).

Les mobilités internationales d'élèves dans l'enseignement secondaire professionnel étant déjà assez réduites en boulangerie-pâtisserie, en 2018, surtout suite à l'introduction de l'enseignement professionnel dual<sup>14</sup>, qui avait remis en honneur les stages en entreprise locale, mieux valait envisager un scénario de stage *extra muros*, dans une boulangerie-pâtisserie française traditionnelle à Bucarest, qu'un stage de formation en France<sup>15</sup>. Cela dit, nous n'avons pas exploré davantage, à ce point, toutes les implications de ce type de situation de communication professionnelle, et sommes restés dans le paradigme interlingual (glossaire terminologique bilingue et traduction français-roumain).

Il faut insister sur le fait que notre projet à finalité pédagogique ait été mené en tant que simulation et non en immersion. Le *hic* était de concevoir un scénario (fictif, certes, mais) aussi vraisemblable et motivant que possible, pour nos apprentis-traducteurs. Nous avons alors entrepris une recherche exploratoire sur objectif premier socio-professionnel, sur la boulangerie traditionnelle, afin d'apprendre où en étaient les formations et la pratique du métier, à Bucarest et quelles étaient les évolutions du marché de l'emploi en la matière. Il s'agissait d'identifier, à Bucarest et aux alentours, d'une part des fournisseurs agréés de formations diplômantes en boulan-

<sup>14</sup> ORDIN nr. 3554/2017 din 29 martie 2017 privind aprobarea Metodologiei de organizare și funcționare a învățământului dual, [https://www.edu.ro/sites/default/files/\\_fișiere/Invatamant-Preuniversitar/2017/inv.profesional/ORDIN%20Nr%203554.pdf](https://www.edu.ro/sites/default/files/_fișiere/Invatamant-Preuniversitar/2017/inv.profesional/ORDIN%20Nr%203554.pdf) (consulté le 20.01.2020).

<sup>15</sup> D'autant que l'hypothèse des apprentis-boulangers compétents (B2) en français langue étrangère était elle-même un peu tirée par les cheveux, ainsi que nos étudiants n'avaient pas manqué de nous le signaler, au printemps 2017.



gerie, d'autre part, des fournisseurs de produits et d'expertise en boulangerie française traditionnelle, susceptibles d'avoir des postes à pourvoir pour des ouvriers qualifiés ou pour des maîtres boulangers roumains. C'était là en effet que l'on pouvait espérer retrouver des contextes *authentiques* de communication interculturelle franco-roumaine et de médiation des savoirs (communication entre professionnels francophones et roumanophones, mais surtout : médiation de concepts français, en roumain).

En mars 2019, nous avons en tout cas entièrement changé de format et avons orienté la simulation vers la *médiation de concepts/savoirs* explicitement : communication professionnelle en roumain, s'agissant d'un stage en entreprise pour des apprentis-boulangers *bucarestois*, dans une boulangerie-pâtisserie française traditionnelle à *Bucarest*, mais culture d'entreprise, technologie et (types de) produits *français*. De l'interculturel qui n'était plus guère (en dernière instance du moins, c'est-à-dire, pour les bénéficiaires allégués du projet simulé) inter-linguistique. En clair, les tâches du groupe d'apprentis-traducteurs ont été alors, à partir d'un *corpus* comparable franco-roumain donné (qu'ils n'ont eu qu'à compléter par des recherches ponctuelles opportunistes<sup>16</sup>), outre la traduction en roumain d'une bonne vingtaine de pages de textes français de divulgation technique (Tandeau 2007 et extraits de Le Blanc 2007) et l'adaptation au contexte roumain d'extraits d'un manuel d'enseignement professionnel français (Ferrand et Pelé 2019) – tâches dont le commentaire élargirait le propos de cet article – de compiler un glossaire thématique roumain sur la fabrication artisanale du pain à la française, à deux vitesses (version formateur<sup>17</sup> et version stagiaire), dont les définitions et explications n'auront pas exactement la même formulations, ni le même « niveau de technicité », devant être « adaptés aux besoins des usagers » (Rousseau 1995 : 83).

<sup>16</sup> Validation d'hypothèses de traduction, recherche de contextes d'attestation pour des candidats termes donnés, etc.

<sup>17</sup> Tuteur dans l'entreprise hôte et/ou enseignant-référent de l'établissement d'origine des apprentis-boulangers stagiaires. Notions familières à nos mastérants depuis leurs propres stages extramuraux, et qui auront contribué à la vraisemblance socio-professionnelle du scénario.

### 3. Stratégies pour gérer les trous lexicaux/ les déficits de conceptualisation

L'objectif de la simulation était de rendre les apprentis-traducteurs aptes à camper un rôle de *médiateurs interculturels* censés donner au formateur roumanophone les moyens de faire de la *médiation conceptuelle* et d'enseigner à des Roumains, en roumain, des notions de (et pas seulement des savoir-faire en) boulangerie française. Mis à part l'encadrement à fournir au formateur roumain et/ou (selon le cas) aux apprentis-boulangers (textes et glossaires), nos étudiants devaient être à même de sensibiliser leurs « clients » à l'altérité, en leur expliquant le « problème conceptuel-terminologique » susceptible de rendre moins aisées voire d'empêcher l'appréhension et la communication de savoirs déclaratifs (notionnels<sup>18</sup>) en matière de fabrication artisanale du pain à la française, et en particulier, en fait de pétrissage.

En principe, il faut distinguer entre *équivalence de traduction* CONTEXTUALISÉE, VARIABLE (et éphémère), faisant une large part aux périphrases et autres descriptions en combinatoire libre<sup>19</sup>, voire, à la faveur de modulations non lexicalisées, à l'analogie, à la métaphore, aux emprunts à d'autres disciplines, et *équivalence terminologique* STABLE, REPRODUCTIBLE – ciblant en particulier des dénominations et, parmi ces dernières, favorisant les termes attestés ; le recours à des termes proposés (en dernière instance seulement), sera alors assujéti à des critères de bonne formation (ISO 704 : 2009, §7.4.2). Cependant, notre simulation visait précisément à faire compiler aux étudiants en traduction-terminologie des *glossaires monolingues mais interculturels*, en prise directe sur le *concordancier des traducteurs* – au sens de Gouadec 1997 (dictionnaire de la traduction<sup>20</sup> dans Gouadec 1989). Des glossaire pragmatiques, adaptés à leur destinataires (formateur/ apprentis-boulangers), et décidément *instrumentaux*, qui intègrent également des concepts français non seulement dépourvus

<sup>18</sup> Dans une moindre mesure, épisodiques aussi (communiquer ses souvenirs d'expériences professionnelles réelles).

<sup>19</sup> Nous opposons ici combinatoire libre à figement lexical. Pour une approche étendue, discursive, du figement, voir Berbinski 2016 : 134, note 1.

<sup>20</sup> Dictionnaire d'une certaine traduction (TS/TC) et d'un certain traducteur (d'une certaine équipe de traducteurs).

de désignation en roumain, mais souvent non appréhendés en tant que notions, par les boulangers roumains.

Il fallait donc non seulement faire oser à nos étudiants des équivalences français-roumain provisoires, à vectorisation *a priori* non inversable (équivalents roumains normalement accompagnés, dans un glossaire terminologique bilingue, de marques de « directionnalité » « vers le roumain<sup>21</sup> », et à « degré d'équivalence » « plus restreint » ou « plus étendu » – cf. ISO 12616 : 2002, p. 17), mais leur faire oser d'en faire les vedettes du glossaire thématique roumain. Il fallait les entraîner à jongler avec des vedettes qui ne soient même pas de vrais termes, mais des descriptions de classes d'objets (le plus souvent, des classes d'actions ou procès, plus rarement, des classes d'objets physiques : produits, ingrédients, outils du boulanger), ainsi qu'avec des définitions verbales et des définitions ostensives (image, infographie – très utiles en particulier pour le glossaire destiné aux apprentis-boulangers).

À titre d'exemple, les recherches menées en vue d'identifier une désignation roumaine transparente et non contradictoire pour le *découpage*, première sous-phase du pétrissage à proprement parler, à la française – phase du pétrissage consistant à *découper la pâte à pain* en morceaux de tailles égales. Il fallait d'abord choisir entre une équivalence interlinguale directe ou indirecte ; puis, entre une équivalence directe par l'emprunt lexicalisé (*découpage/* (ro) *decupaj* <découpage (fr)> et une équivalence directe par le nom d'action *decupare* (dérivé en roumain à partir du verbe *a decupa*, emprunté, lui, au français, et intégré morpho-phonologiquement à la première conjugaison du roumain). Choisir entre modulation par le synonyme et périphrase définitoire (du concept de boulangerie désigné par le terme français). Dans les deux cas de figure, choisir parmi plusieurs verbes roumains (avec leurs noms d'action – infinitifs longs nominaux) concurrents (quasi-synonymes) : *a rupe – rupere* (rompre, action de rompre) ; *a tăia – tăiere* (couper, action de couper) ; *a decupa – decupare* (découper, action de découper) ; *a separa – separare* (séparer, action de séparer). Et décider si nous allions ou non exploiter les ressources phraséologiques de la langue cible (*a rupe/rupere în bucăți*). Autant d'options

<sup>21</sup> Nous n'avons pas intégré à cette simulation (printemps 2019) la vectorisation roumain-français, pour des concepts nommés en roumain mais pas en français.

que le terminologue (ou le traducteur-terminologue) devrait être à même d'évaluer, et qui *ont* fait l'objet de la simulation. L'emprunt direct (*decupaj*) ne se qualifiait pas, car il sélectionne dans ses emplois communs (nom d'action ou de résultat), des objets non comestibles (papier, carton, étoffes), développant en outre des sens spécialisés pour les domaines du textile et de la cinématographie. Parmi les synonymes, l'action désignée par *tăiere* ('action de couper') supposait un instrument, comme il en allait d'ailleurs aussi du verbe français *couper* (rompre un corps continu par l'intervention d'un instrument tranchant – *TLFi* : *couper un morceau de pain ; couper des branches...*), et ce y compris lorsque cette action s'applique à des objets comestibles (*a tăia friptura, a tăia o felie de pâine : cu cuțitul...* – litt. 'couper le rôti', 'couper une tranche de pain' : 'avec le couteau'). Le terme de *decupare* ('action de découper') non seulement désignait une action qui suppose un instrument, mais portait typiquement sur un objet non comestible (papier, plastique). *Separare* ('séparation') était trop technique et avait une possible connotation négative, dans le contexte de la pâte à pain, en raison de la forme pronominale du verbe, qui a acquis un sens spécialisé : « la pâte ne tient pas, les ingrédients se sont séparés ».

Par élimination, *rupere (în)* semblait le meilleur candidat, et, à partir de descriptions<sup>22</sup> attestées notamment dans des recettes de préparation du pain et de diverses pâtisseries, le groupe a fini par choisir la formulation *rupe(re) în părți egale* 'action de rompre (qqch) en parties égales' « division (de la pâte) en portions égales (à la main) », périphrase définitoire du concept français (avec implication de l'objet : la pâte et de l'instrument : les mains du boulanger).

Pourquoi ne pas avoir eu recours à l'expression roumaine *rupe(re) în bucăți* (litt. 'rompre/rupture en morceaux', « découpage en morceaux »), dans le cadre d'une périphrase définitoire du concept, faute d'un terme approprié ? C'est qu'en roumain, on parle de *rupe(re) în bucăți* (litt. 'rompre/rupture en morceaux') non pas à propos de la pâte, mais à propos du pain. L'existence d'une collocation verbale complémentaire dans le même domaine (en boulangerie) interdisait en pratique, à nos apprentis-traducteurs, l'équivalence interlinguale *découpage / rupe(re) în bucăți* (« découpage en morceaux »).

<sup>22</sup> Séquences en combinatoire libre ou collocations.

## Conclusions

En guise de conclusions, un bref retour sur des stratégies de traduction canoniques exploitées y compris en terminologie bilingue, que ce soit dans une logique d'équivalence stable, reproductible, ou comme pis-aller, comme solutions de transfert opportunistes, pratiques.

En cas de trous lexicaux (voir, pour exemples, §2 et §3 *supra*), on recourt souvent à la *modulation par l'hyperonyme* (pourvu que nous soyons en présence d'une conceptualisation genre-espèces – *baghetă* 'baguette' pour *flûte* ou *ficelle* reste bien une option, même si les experts roumains préfèrent souvent la précision de l'emprunt étayé d'hyperonyme<sup>23</sup>). Quid des systèmes conceptuels hiérarchisés partitifs ? La *modulation par l'holonyme* serait-elle courante ? Plus difficilement, croyons-nous, dans le cas des objets physiques, du moins avec la relation parties fonctionnelles/ tout (prototype de la relation partitive), en raison de l'hétérogénéité qualitative des parties fonctionnelles. Peu probable de rendre (sauf en traduction très libre) *bras plongeant* (d'un pétrin mécanique) par l'équivalent direct de *pétrin* (roumain : *malaxor*), non ? Plus tellement problématique, avec des relations du type élément/ensemble (homogénéité qualitative des éléments, contre hétérogénéité seulement extensionnelle) : au niveau de la séquence *semer dans des chaumes hauts*, le pluriel comptable *chaumes* (au singulier : partie de la tige de chaque brin de céréale, restant sur pied après la moisson) sera en effet traduit en roumain, par un singulier collectif qui désigne tout un champ couvert de chaumes, un « ensemble de chaumes » – *miriște*<sup>24</sup>.

Même dynamique dans le cas des relations partitives activité-phases : la *modulation par l'holonyme* est possible, avec des *activités à phases homogènes* : un pas, c'est encore de la marche<sup>25</sup>. Mais non avec des activités ou des opérations à *phases hétérogènes ordonnées* (ordre temporel, mise en séquence), comme la fabrication du pain ou le pétrissage. En l'absence à la fois d'équivalents terminologiques caractérisés et d'alternative de modu-

<sup>23</sup> *Bagheta flute* – chez Paul, à Bucarest (sans accent circonflexe).

<sup>24</sup> Emprunté au bulgare.

<sup>25</sup> Noter la proximité de la relation activité/phases (si phases homogènes), et respectivement portion/masse (parties homogènes qualitativement et en extension) et élément-ensemble (parties homogènes en qualité mais distinctes en extension), en fait d'objets physiques.

lation par le terme supra-ordonné (équivalence de traduction indirecte), recourir à une description terminologique (périphrase définitoire voire glose *ad hoc*), pour les phases non nommées en langue cible reste alors la seule voie de médiation.

« La description terminologique offre un *guide à la compréhension* des sections thématiques *des champs du savoir* considérés » (Zanola 2014 : 203, n.s.). À force de simuler un contexte de médiation interculturelle de concepts, notre projet terminologique à objectif pédagogique aura bien confirmé cette idée.

## Références bibliographiques

- BERBINSKI, Sonia. 2016. «La déstructuration du Dit dans le défigement ou Ce que le défigement ne veut pas dire ». Sonia Berbinski (éd.). Le Dit et le Non-Dit. Langage(s) et traduction. Frankfurt am Main : Peter Lang, p. 133-153.
- CONSEIL DE L'EUROPE. 2018. Cadre européen commun de référence pour les langues : apprendre, enseigner, évaluer. Volume complémentaire avec de nouveaux descripteurs. Trad Fr. Gilles Breton & Christine Tagliante. [www.coe.int/lang-cecr](http://www.coe.int/lang-cecr) (consulté le 20 janvier 2019)
- COSTE, Daniel ; CAVALLI, Luiza. 2015. Éducation, mobilité, altérité. Les fonctions de la médiation à l'école. Conseil de l'Europe. Unité des Politiques linguistiques. [/lang/fr](http://lang/fr) (consulté le 20 janvier 2019).
- CRUSE, David Alan. 1986. *Lexical Semantics*. Cambridge (England): Cambridge University Press.
- GOUADEC, Daniel. 1989. *Le traducteur, la traduction et l'entreprise*. Paris : AFNOR Gestion.
- GOUADEC, Daniel. 1997. *Terminologie et phraséologie pour traduire. Le concordancier du traducteur*. Paris : La Maison du dictionnaire.
- LAMB, Sydney M. 1999. *Pathways of the Brain. The Neurocognitive Basis of Language*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- ROUSSEAU, Louis-Jean. 1995. « Principes méthodologiques du travail terminologique au sein du Réseau de terminologie Realiter ». *Terminologies Nouvelles* (n° 4), p. 82-84.
- ROUSSEAU, Louis-Jean. 2013. « Terminologie et médiation linguistique : un mariage de raison ». Dans tous les sens du terme (Quirion, Jean ; Depecker, Loïc ; Rousseau, Louis-Jean, eds). Ottawa : University of Ottawa Press, p. 45-60.

- VELICU, Anca-Marina. 2016. « Du non-dit à l'indicible, en terminologie ». Sonia Berbinski (éd.). *Le Dit et le Non-Dit. Langage(s) et traduction*. Frankfurt am Main : Peter Lang, p. 99-116.
- WEISSMANN, Dirk. 2012. « La médiation linguistique à l'université : propositions pour un changement d'approche ». *Ela. Études de linguistique appliquée* (2012/3, n° 167), p. 313-324.
- ZANOLA (Maria Teresa). 2014. « Les principes méthodologiques des lexiques *Realiter* ». *Les Cahiers du dictionnaire* (n° 6). *Dictionnaires électroniques et dictionnaires en ligne*. Paris : Classiques Garnier, p. 191-203.

### **Corpus (fabrication du pain – références citées ici seulement)**

- DANCIU, Ion; GIURCĂ, Voicu ; OGNEAN, Mihai. 2002. *Tehnologia panificatiei*. Vol. I. Sibiu: Editura Universitatii "Lucian Blaga".
- DUMITRU, Florența Claudia. DRĂGHICI, Liliana. 2016 (coord.). *Anexa la OMENCs nr. 4121/13.06.2016. Standard de pregătire profesională. Calificarea profesională: butar-patiser-preparator produse fainoase. Nivel 3. Domeniul de pregătire profesională: industria alimentară*. București: Ministerul Educației Naționale și Cercetării Științifice/ Centrul National de dezvoltare a învățământului profesional și tehnic.
- FERRAND, Patrick ; PELÉ, Patrick. 2019. *Profession Boulanger (CAP). Manuel élève*. Paris : Delgrave.
- LE BLANC, Annick. 2007. « Le pétrissage ». *Alimentation humaine. Condensé de cours 2007-2008*. Surgères : ENSMIC (support de cours électronique accessible en ligne sur [http://lamainalapate.asso-web.com/uploaded/Cours1\\_P%-C3%A9trissage.pdf](http://lamainalapate.asso-web.com/uploaded/Cours1_P%-C3%A9trissage.pdf), consulté le 25 mai 2015, 9p).
- LUCHIAN, Mihaela Ionela. 2012. *Contribuții privind optimizarea energetică a procesului de malaxare a aluatului de panificație*. Teză de doctorat. Brașov: Universitatea „Transilvania”. En ligne sur : <https://www.academia.edu/27096541/Luchian> (PDF, extraits, 71p/ 198p, téléchargé le 12.04.2018).
- POPA, Ciprian-Nicolae. 2017. „Principalele metode de investigare a proprietăților de panificație a grâului și făinii”. *Revista electronică de morărit și panificație*. Consulté sur : <https://moraritsipanificatie.eu/2017/01/17/principalele-metode-de-investigare-a-proprietatilor-de-panificatie-a-graului-si-fainii/comment-page-1/?unapproved=231&moderation-hash=07d8aba8e86e81a503de7210305533f7#comment-231> (20.02.2020).

- TANDEAU, Armand. 2007. « L'Art du pétrissage entre tradition et innovation ». *La Toque Magazine* (Octobre 2007), p. 67-72.
- VOICU, Gheorghe et al. 2009. "Comparative experimental researches on mixing behavior of wheat flours". *MOCM (Modelling and optimization in the machines building field, vol.15 No.3)*. p. 91-96.

### [Biotehnologii alimentare]. (s.d.). Consulté sur :

- [https://kupdf.net/download/biotehalimentare\\_595d13f2dc0d60bb70e1ce3f\\_pdf](https://kupdf.net/download/biotehalimentare_595d13f2dc0d60bb70e1ce3f_pdf) (02.02.2020). 462p (bibliographie : références jusqu'en 2006)
- "Enhancing Youth (18-26) Employability in Bakery Sector (2017-1-TR01-KA205-039233)". Consulté sur : [https://www.eyebreadproject.com/en\\_GB/iyi-ekmek-uretimi/](https://www.eyebreadproject.com/en_GB/iyi-ekmek-uretimi/). Texte source<sup>26</sup> anglais consulté sur : [https://www.eyebreadproject.com/wp-content/uploads/2018/06/iyi-ekmek-uretimi\\_EN.pdf](https://www.eyebreadproject.com/wp-content/uploads/2018/06/iyi-ekmek-uretimi_EN.pdf). Version en roumain consultée sur : [https://www.eyebreadproject.com/wp-content/uploads/2018/06/iyi-ekmek-uretimi\\_RO.pdf](https://www.eyebreadproject.com/wp-content/uploads/2018/06/iyi-ekmek-uretimi_RO.pdf). (19.09.2019). [Enhancing ...]
- „Publicarea unei cereri în conformitate cu articolul 50 alineatul (2) litera (b) din Regulamentul (UE) nr. 1151/2012 al Parlamentului European și al Consiliului privind sistemele din domeniul calității produselor agricole și alimentare (2013/C 177/08)". Consulté sur : [https://eur-lex.europa.eu/legal-content/RO/TXT/PDF/?uri=CELEX:52013XC0622\(06\)&from=RO](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/RO/TXT/PDF/?uri=CELEX:52013XC0622(06)&from=RO) (12.09.2019). [JO-2013\_pain letton\_ro]
- « *Publication d'une demande en application de l'article 50, paragraphe 2, point b), du règlement (UE) no 1151/2012 du Parlement européen et du Conseil relatif aux systèmes de qualité applicables aux produits agricoles et aux denrées alimentaires* ». Consulté sur : <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/FR/TXT/PDF/?uri=OJ:C:2013:177:FULL&from=BG> (12.09.2019). [JO-2013\_pain letton\_fr]

<sup>26</sup> Pour la traduction en roumain.



# Aspects genrés de la médiation linguistique : la terminologie LGBT sur la diversité sexuelle et de genre en milieu de travail au Québec

Michele Bevilacqua

*Univeristà degli studi di Napoli Parthenope*

---



## Introduction

Les questions linguistiques de la diversité et des transformations sociales dans le domaine du travail prennent de plus en plus d'importance au sein des entreprises en milieu bilingue, et notamment au Québec, dans le cas de la terminologie sur l'identité de genre, de nombreux termes sont mal adaptés ou mal traduits en français à partir de la langue anglaise, ou sont carrément sans équivalences. Dans de telles circonstances, la Chambre de commerce gaie du Québec en 2014 a décidé de proposer un vocabulaire en langue française juste et inclusif qui reflète les réalités des personnes LGBT en milieu de travail. En fait, en 2013 a été réalisé le projet terminologique « Lexique LGBT sur la diversité sexuelle et de genre en milieu de travail » afin de répondre à un besoin de médiation linguistique en langue française sur le genre grandissant en contexte professionnel, soit l'adoption d'un vocabulaire inclusif pour exprimer les réalités LGBT dans les normes d'emploi, les conditions de travail, les conventions collectives, les avantages sociaux et les rapports entre employés, cadres, syndicats et associations professionnelles. En effet, au cours des dernières années au Canada francophone il y eu le développement d'une importante terminologie quant aux politiques de travail inclusives et aux enjeux de la communauté LGBT québécoise en milieu de travail. Par contre, cette terminologie a été principalement pensée et conçue au début en anglais. À cet égard, notre travail vise à analyser, avec une approche lexicométrique et lexicographique, cette terminologie en contexte professionnel en utilisant des données provenant de diverses sources.

### 1. Les appellations sur la diversité sexuelle et de genre

De nos jours, le sujet de la diversité liée au sexe et au genre a évolué à un rythme très rapide, tant en matière de droit que sur le plan de la terminolo-

gie utilisée pour en illustrer les différentes facettes. En effet, ces dernières années plusieurs appellations ont vu le jour en français pour désigner cette diversité ; ainsi, l'acronyme bien connu LGBT, et ses dérivés, s'allonge peu à peu et continue à se construire (LGBTQIA+...).

Depuis 2016, au Québec « l'identité de genre et l'expression de genre » sont ajoutées à la liste des raisons de discrimination interdites par la Charte des droits et libertés de la personne, tandis que l'orientation affective et sexuelle y est quant à elle inscrite depuis 1977<sup>1</sup> :

Toute personne a droit à la reconnaissance et à l'exercice, en pleine égalité, des droits et libertés de la personne, sans distinction, exclusion ou préférence fondée sur la race, la couleur, le sexe, l'identité ou l'expression de genre, la grossesse, l'orientation sexuelle, l'état civil, l'âge sauf dans la mesure prévue par la loi, la religion, les convictions politiques, la langue, l'origine ethnique ou nationale, la condition sociale, le handicap ou l'utilisation d'un moyen pour pallier ce handicap<sup>2</sup>.

L'augmentation de la nouvelle terminologie de la diversité liée au sexe et au genre met en lumière la transition progressive dans les discours d'une approche binaire<sup>3</sup> (femmes/hommes, homosexuel.le.s/hétérosexuel.le.s, etc.) vers une sphère discursive plus organique qui tient compte des multiples dimensions de la personne humaine.

Elchacar et Salita<sup>4</sup> soutiennent que les néologismes dans ce domaine ne sont pas nés de la nécessité de désigner de nouvelles réalités, mais plutôt d'un changement dans la perception et la prise en compte de ces réalités dans la société, ce qui constitue une de leurs fonctions possibles. En effet,

<sup>1</sup> Cf. <http://www.cdpdj.qc.ca/fr/droits-de-la-personne/40-ans/Pages/default.aspx>, consulté le 20/08/2019. À cet égard voir aussi : Sauvé J.-S., « L'interdiction de discriminer les personnes trans\* dans la Charte des droits et libertés de la personne », *Enfances Familles Générations*, no 23, 2015, pp. 108-126.

<sup>2</sup> <http://legisquebec.gouv.qc.ca/fr/pdf/cs/C-12.pdf>, consulté le 20/08/2019.

<sup>3</sup> Cf. Nicholson L., « Comment interpréter le genre », *Nouvelles Questions Féministes*, vol. 28, no. 3, 2009, pp. 62-88.

<sup>4</sup> ELCHACAR, Mireille ; SALITA, Ada Luna. 2018. "Les appellations des identités de genre non traditionnelles. Une approche lexicologique". *Langage et société*, vol. 165, no. 3, pp. 139-165.

comme le rappellent Pruvost et Sablayrolles<sup>5</sup>, « parfois aussi le changement de dénomination marque une volonté de modifier la manière de concevoir certaines réalités ». Et, dans le cadre qui nous intéresse ici, « forger des néologismes peut aussi devenir une manière d’affirmer son identité et celle du groupe au sein duquel on les fait circuler<sup>6</sup> ».

Nous remarquons, donc, une tentative d’« appropriation identitaire de dénominations par des groupes sociaux, à des fins de reconnaissance<sup>7</sup> » : les groupes LGBT, en effet, tentent de s’approprier l’espace discursif en mettant de l’avant leurs appellations, afin de leur donner visibilité et en mettant en œuvre une forme de médiation linguistique des thématiques sur le genre.

Greco estime que c’est par la dénomination que se manifestent les autres voix possibles de la diversité de genre<sup>8</sup>, car il dit que :

Si c’est par la parole que nous sommes identifié.e.s comme des sujets sexués et genrés « c’est une fille », « c’est un garçon », c’est encore par elle que nous déconstruisons ce premier acte fondateur [...] pour contester cette assignation de genre pour réparer l’injure – « hommase ! », « pédé ! » – et pour reconstruire un autre monde possible en dehors ou contre le patriarcat et l’hétéro (et l’homo) sexisme<sup>9</sup> ».

À cet égard, Elchacar et Salita ajoutent que :

La diversité des dénominations qui cohabitent actuellement s’explique par divers facteurs. D’abord, les néologismes en jeu ne désignent pas tous le même signifié : certains concernent uniquement l’identité de genre (« trans ») alors que d’autres ajoutent à l’identité de genre l’orientation sexuelle (« LGBT+ »)

<sup>5</sup> PRUVOST, Jean ; SABLAYROLLES Jean-François. 2003. *Les Néologismes*. Paris : PUF, p. 85.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 89.

<sup>7</sup> PETIT, Gérard. 2012. “Présentation : la dénomination”. *Langue française* 174, pp. 3-9, p. 5.

<sup>8</sup> Cf. GRECO, Luca. 2015. “Présentation : la fabrique des genres et des sexualités”. *Langage & Société*, 152, pp. 7-16.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 8.

[...]. Chacune apporte une nuance, un élément de sens que les groupes concernés ressentent le besoin d'ajouter<sup>10</sup>.

Pour ce qui est de la médiation linguistique de la terminologie sur le genre, l'approche de Hallet, qui décrit la médiation en tant que compétence complexe qui présuppose et réunit d'autres compétences, telles que les compétences et habiletés linguistico-communicatives, interactionnelles, stratégico-méthodiques et interculturelles<sup>11</sup>, nous semble donc le cadre théorique de référence le plus adéquat pour notre étude.

Ce processus est illustré par Hallet dans un schéma qui représente ses différentes étapes. Au centre de celui-ci se trouve l'acte communicatif de médiation qui consiste à adapter le texte ou l'énoncé selon la situation communicative et ses récepteurs :

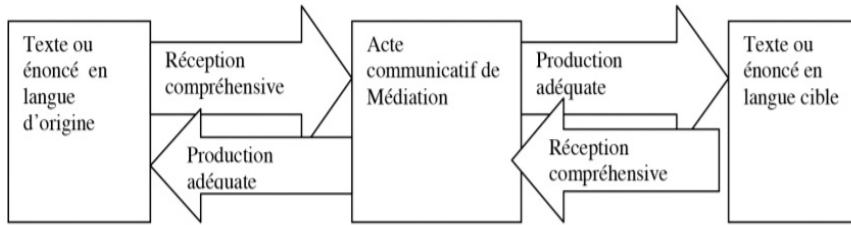


Figure 1 - Processus de médiation linguistique de Hallet (2008)

Dans notre cas, le terme, initialement conçu en anglais, est traduit et adapté au contexte socio-discursif québécois francophone, afin de devenir la représentation linguistique des questions identitaires des personnes LGBT, dans une sorte de compromis entre le lieu de travail et l'égalité des identités des travailleuses et des travailleurs. De ce point de vue, tout texte qui accueille les dénominations sur le genre devient un lieu textuel de médiation pour affirmer ces mêmes questions identitaires.

<sup>10</sup> ELCHACAR, Mireille ; SALITA, Ada Luna. 2018. "Les appellations des identités de genre non traditionnelles. Une approche lexicologique", cit., p. 142.

<sup>11</sup> HALLET, Wolfgang. 2008. "Zwischen Sprachen und Kulturen vermitteln". Der Fremdsprachliche Unterricht Englisch, n° 93, pp. 2-7, p. 8 (repris par : BIEDERMANN, Anne. 2014. "La médiation linguistique dans un contexte d'enseignement des langues étrangères". Synergies Chili, n° 10, pp. 83-91).

## 2. Le projet terminologique « Lexique LGBT sur la diversité sexuelle et de genre en milieu de travail »

Dans le cadre de la présente étude nous allons analyser la terminologie de la diversité sexuelle et de genre dans un document élaboré par l'ancienne Chambre de commerce gaie du Québec, et sa médiation linguistique en milieu de travail.

Fondée le 27 mai 1997, la Chambre de commerce gaie du Québec est la deuxième plus ancienne et la plus grande chambre de commerce des personnes LGBT au Canada<sup>12</sup>. En 2015, dans le but d'inclure les différentes identités sexuelles et de genre, elle devient la Chambre de commerce LGBT du Québec (CC-LGBT-Q).

Créée sous l'impulsion de plusieurs personnes d'affaires issues de la communauté LGBT québécoise, la Chambre visait à mettre en commun les forces vives des gens d'affaires LGBT de toutes les sphères économiques afin de générer idées et opportunités d'affaires et ainsi contribuer au développement de la société<sup>13</sup>.

La Chambre attire de nombreux adhérents de l'extérieur de la communauté LGBT, de par son dynamisme, ses relations d'affaires et son implication dans des dossiers économiques. En effet, sa réputation et sa force économique bien ancrées dans la communauté LGBT du Québec et au-delà en font un acteur de premier ordre sur le plan des opportunités d'affaires<sup>14</sup>.

Pour ce qui concerne le document en question, le but de la Chambre dans la création du glossaire était de répondre à un besoin grandissant au Québec en milieu de travail, soit l'adoption d'une terminologie juste et inclusive pour exprimer les réalités concernant la diversité sexuelle et de genre dans les normes d'emploi, les conditions de travail, les conventions collectives, les avantages sociaux et les rapports entre employés, cadres, syndicats et associations professionnelles<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> Cf. <https://cclgbtq.org/a-propos/historique/>, consulté le 20/08/2019.

<sup>13</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>15</sup> Cf. <https://cclgbtq.org/wp-content/uploads/2015/12/Lexique-LGBT.pdf>, consulté le 20/08/2019.

MICHELE BEVILACQUA

Dans la lettre-préface du glossaire, l'ancien président de la Chambre, Marc-Antoine Saumier, souligne que :

Il s'est développé, au cours des dernières années, un important vocabulaire, quant aux politiques de travail inclusives et aux enjeux de la communauté LGBT en milieu de travail. Par contre, ce vocabulaire a été principalement pensé et conçu en anglais. Ce qui était au départ un phénomène principalement américain se mondialise aujourd'hui. En effet, les questions de la diversité en milieu de travail prennent de plus en plus d'importance au sein des entreprises et de nombreux termes sont mal adaptés en français, mal traduits ou sont carrément sans équivalences. Dans de telles circonstances, il importait, pour la CCGQ, de proposer un vocabulaire juste et inclusif qui reflète les réalités des personnes LGBT en milieu de travail<sup>16</sup>.

Cette terminologie veut donc contribuer à abattre les préjugés et à sensibiliser les gestionnaires et les employés quant aux réalités que vivent leurs collègues LGBT au travail et dans leur quotidien<sup>17</sup>.

Le glossaire comprend 130 termes et il est réalisé grâce à l'appui de l'Office québécois de la langue française.

En ce qui concerne la structure des termes du glossaire, ils sont recensés dans l'ordre suivant :

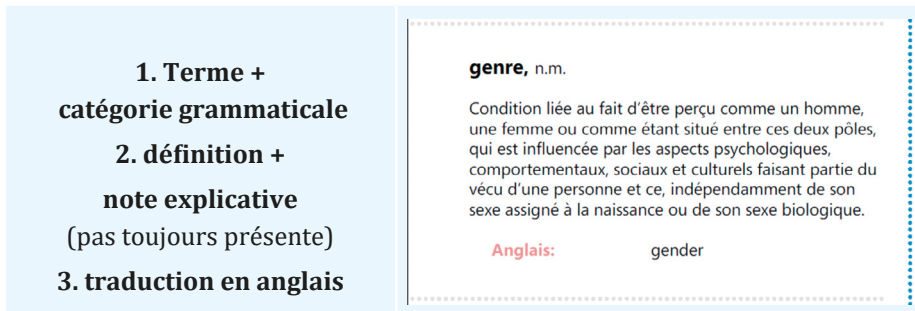


Figure 2 – Structure d'un lemme dans le glossaire terminologique

<sup>16</sup> *Ibidem.*

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem.*



Comme on peut le voir, il y a aussi le terme dans sa version anglaise, dont le glossaire propose un terme correspondant en français<sup>18</sup>.

En effectuant une analyse lexicométrique à l'aide de l'outil en ligne<sup>19</sup> Sketch Engine<sup>20</sup>, nous avons d'abord cherché les dix termes et lexèmes les plus courants dans le *corpus*:

Lemma	Frequency (TOT. Words 5,389)
<i>genre</i>	127
<i>personne</i>	104
<i>identité</i>	64
<i>sexe</i>	41
<i>transition</i>	26
<i>diversité</i>	23
<i>orientation</i>	22
<i>lgbt</i>	22
<i>adoption</i>	20
<i>travail</i>	19

Figure 3 - Termes et lexèmes les plus courants dans le *corpus* selon Sketch Engine

En outre, Sketch Engine peut extraire automatiquement les termes et les mots-clés à l'aide non seulement d'un simple filtrage et d'un comptage de fréquence, mais aussi en tenant compte de critères linguistiques. En effet,

<sup>18</sup> En fait, comme le soutient Humbley : « Il est possible de faire une étude d'un vocabulaire d'un même domaine, d'une part, dans la langue dans laquelle il a été conçu (néologie primaire) et, d'autre part, dans une ou plusieurs langues où il s'agit pour l'essentiel d'adapter des termes déjà existants dans la première langue (néologie secondaire). [...] Les stratégies développées dans la langue de la néologie primaire sont souvent transposables – et donc transposées – dans les langues de la néologie secondaire, tout simplement parce que les innovations ont leurs racines dans les évolutions récentes des domaines sources, là où on puise les termes ancêtres, ceux à partir desquels les nouveaux sont formés » (HUMBLEY, John. 2012. "Retour aux origines de la terminologie : l'acte de dénomination". *Langue française*, vol. 174, no. 2, pp. 111-125, pp. 115-116).

<sup>19</sup> Cf. BAKER, Paul. 2014. *Using Corpora to Analyze Gender*. London & New York : Bloomsbury.

<sup>20</sup> Cf. THOMAS, James. 2017. *Discovering English with Sketch Engine (2nd Edition)*, Brno: Versatile.

il est capable d'identifier automatiquement la terminologie dans les textes spécifiques à une matière, en générant des glossaires de mots-clés<sup>21</sup> :

Keywords
<i>Lgbt</i>
<i>genré</i>
<i>Queer</i>
<i>Transsexuelles</i>
<i>transidentitaires</i>
<i>transgenre</i>
<i>cissexualité</i>

Figure 4 – Mots clés dans le *corpus* selon Sketch Engine

Parmi les termes présents dans le *corpus*, nous avons identifié cinq champs lexicaux dans lesquels nous pouvons diviser les termes et syntagmes qui ressortent du glossaire :

### 1. Relations et pratiques familiales

*adoption conjointe*

*adoption coparentale*

*adoption homoparentale*

*adoption individuelle*

*conjoint de fait de même sexe / conjointe de fait de même sexe*

*famille choisie*

*famille homoparentale*

*famille lesboparentale*

*famille transparentale*

*gestation pour autrui*

*homoparentalité*

21 « Sketch Engine can extract terms and keywords automatically using not only simple pattern matching and frequency count but also taking into account linguistic criteria. Being able to identify terminology automatically in subject-specific texts is vital for translators and terminologists. Sketch Engine can generate glossaries of keywords within seconds. » (<https://www.sketchengine.eu/quick-start-guide/keywords-and-terms/>, consulté le 20/08/2019).

*mariage homosexuel*  
*reconnaissance des unions*  
*transparentalité*  
*union civile*  
*union de fait*

## **2. Identité de genre et orientation sexuelle/affective**

*androgynie*  
*androgynie*  
*asexualité*  
*asexuel*  
*auto-identifié / auto-identifiée*  
*bicurieux / bicurieuse*  
*bisexualité*  
*bisexual*  
*bispirituel*  
*brouillage des genres*  
*cisgenre*  
*cissexuel / cissexuelle*  
*coming out*  
*dans le placard*  
*diversité sexuelle*  
*expression de genre*  
*fier*  
*fierté*  
*fluide*  
*gai / gaie*  
*genre*  
*genré / genrée*  
*genre créatif (au)*  
*genre queer (de)*  
*genre neutre (de)*  
*genre variant (au)*  
*homme trans*  
*homoparentalité*  
*homosexuel / homosexuelle*  
*homosexualité*

*identité de genre*  
*intersexe*  
*intersexualité*  
*LGBT*  
*minorité sexuelle*  
*neutralité de genre*  
*non identifié / non identifiée*  
*ouvertement gai, lesbienne, bi-sexuel, transidentitaire ou queer (être)*  
*queer*  
*(en) questionnement*  
*reconnaissance des unions*  
*trans*  
*transgenre*  
*transidentitaire*  
*transidentité*  
*transsexuel / transsexuelle*  
*transexualité*  
*travesti / travestie*

### **3. Travail**

*clause anti-discrimination*  
*diversité des fournisseurs*  
*espace sûr*  
*gestion de la diversité en milieu de travail*  
*inclusivité*  
*lieu de travail inclusif*  
*plan de transition*  
*politique d'embauche inclusive*  
*politique favorable aux personnes LGBT*

### **4. Discrimination**

*antigai / antigaie*  
*avis de non-discrimination*  
*biphobie*  
*cissexisme*  
*cisnormativité*  
*dégenrer*  
*discrimination systémique*

*diversité de façade*  
*divulgateion forcée*  
*(dont le) genre n'est pas valorisé socialement*  
*hétérocentrique*  
*hétérocentrisme*  
*hétéronormatif / hétéronormative*  
*hétéronormativité*  
*hétérosexisme*  
*homophobe*  
*homophobie*  
*intersectionnalité*  
*invisibilité*  
*lesbophobie*  
*plafond rose*  
*transphobie*

## **5. Santé**

*auto-insémination*  
*chirurgie de réassignation sexuelle (CRS)*  
*dysphorie de genre*  
*protocole et normes de soins*  
*séronégatif / séronégative*  
*sérophobie*  
*séropositif / séropositive*  
*sexe assigné à la naissance*  
*sexe biologique*  
*traitement hormonal substitutif (THS)*  
*transition*  
*(en) transition*  
*Transition femme vers homme (FvH)*  
*Transition homme vers femme (HvF)*

MICHELE BEVILACQUA

Pour ce qui est les différentes formations lexicales contenant le terme « genre », on remarque :

<b>Formations lexicales avec le terme <i>genre</i></b>
<i>brouillage des genres</i>
<i>cisgenre</i>
<i>dégenré / dégenrée</i>
<i>dégenrer</i>
<i>dysphorie de genre</i>
<i>expression de genre</i>
<i>genre créatif</i>
<i>genre queer</i>
<i>genre neutre</i>
<i>(dont le) genre n'est pas valorisé socialement</i>
<i>genre variant</i>
<i>identité de genre</i>
<i>neutralité de genre</i>
<i>salle de bain au genre neutre / salle de bain non-genrée</i>
<i>transgenre</i>

Figure 5 – Formations lexicales avec le terme genre

La richesse des formations lexicales ci-dessus démontrent une pleine intégration des termes et des syntagmes contenant le terme « genre » dans la structure syntaxique et dans le vocabulaire du français.

Cependant, parmi les mots-clés du *corpus*, nous avons d'abord le sigle LGBT. L'appellation LGBT (et ses variantes) englobe à la fois des notions d'identité de genre et d'orientation sexuelle. À cet égard, Prearo estime que :

Si, avec l'acronyme LGBT, il s'agit de rendre visible la réalité plurielle du mouvement, il s'agit aussi avant tout de produire un discours de mobilisation qui, par l'utilisation d'un discours

inédit, parvienne à redistribuer les rapports de force inter-associatifs et à mieux représenter le vaste champ de la ‘communauté du mouvement social’ LGBT<sup>22</sup>.

Le Grand Dictionnaire Terminologique (GDT) de l’Office Québécois de la Langue Française (OQLF), en donne la définition suivante : « se rapporte soit aux personnes dont l’identité de genre et le genre assigné à la naissance ne concordent pas, soit aux personnes ayant une orientation sexuelle autre que l’hétérosexualité<sup>23</sup> », et encore « le sigle LGBT correspond à lesbiennes, gais, bisexuels et trans. D’autres caractères s’ajoutent souvent à ce sigle pour inclure différentes réalités de la diversité sexuelle et de la diversité de genre, comme Q pour *personne queer*, 2 pour *bispirituel*, I pour *intersexué* ou + pour *et autres*<sup>24</sup> ». Comme nous le rappelle la Banque de dépannage linguistique produite par l’OQLF, « les sigles ne prennent pas la marque du pluriel, même si l’article qui les précède est au pluriel<sup>25</sup> », et en effet LBGT ne prend ni la marque du féminin ni celle du pluriel. Ceci témoignerait du statut particulier du sigle par rapport aux autres unités lexicales, et par rapport à l’acronyme<sup>26</sup>, qui lui accepte la marque morphologique du pluriel. De plus, selon Calvet, « l’absence de marque d’accord en français semble donc ici témoigner d’une intégration incomplète du sigle dans le système lexical<sup>27</sup> ». Encore, le signe + est parfois employé pour signaler l’inclusion de toutes les autres identités de genre ou orientations sexuelles et affectives qui ne seraient pas couvertes par les lettres prévues dans le sigle. Pour cette raison, on pourrait considérer « LGBT+ » comme étant l’appellation la plus inclusive parmi celles sur le genre.

L’adjectif « genré », absent dans le Trésor de la Langue Française informatisé<sup>28</sup> (TLFi), est recensé par le GDT en tant qu’adjectif qui « se dit de ce

<sup>22</sup> PREARO, Massimo. 2015. “La naissance de la formule ‘LGBT’ en France et en Italie : une analyse comparative des discours de mobilisation

<sup>23</sup> [http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id\\_Fiche=26530063](http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id_Fiche=26530063), consulté le 22/08/2019.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

<sup>25</sup> [http://bdl.oqlf.gouv.qc.ca/bdl/gabarit\\_bdl.asp?id=3520](http://bdl.oqlf.gouv.qc.ca/bdl/gabarit_bdl.asp?id=3520), consulté le 22/08/2019.

<sup>26</sup> Cf. ELCHACAR, Mireille ; SALITA, Ada Luna. 2018. “Les appellations des identités de genre non traditionnelles. Une approche lexicologique”, cit.

<sup>27</sup> CALVET, Louis-Jean. 1980. *Les Sigles*. Paris : PUF, p. 100.

<sup>28</sup> <https://www.cnrtl.fr/definition/genre>, consulté le 22/08/2019.

qui est organisé ou différencié selon le genre<sup>29</sup> ; le dictionnaire ajoute que « l'adjectif *genré*, calqué sur l'anglais *gendered*, est acceptable parce qu'il s'intègre au système linguistique du français. En effet, beaucoup d'adjectifs sont issus d'un nom auquel s'ajoute le suffixe *é*, comme *retraité*, qui dérive du nom *retraite*, ou *vertébré*, de *vertèbre*, ce qui rend tout à fait valable la formation de *genré* à partir du nom *genre* et du suffixe *é* ».

L'anglicisme *queer* arrive en troisième position parmi les mots-clés de notre *corpus*. Le GDT le définit comme « personne qui ne s'identifie à aucune catégorie relative à son orientation sexuelle et à son identité de genre<sup>30</sup>. Or, la signification de *queer* est assez vaste, pas nécessairement très précise. En anglais, *queer* signifie « étrange » et a d'abord été utilisé en tant qu'insulte homophobe, comme le souligne le GDT :

Vers la fin des années 80, la communauté LGBT s'est réapproprié le terme *queer* (signifiant « étrange » en anglais), qui était à l'origine utilisé pour parler péjorativement des hommes homosexuels, pour en faire un symbole de contestation des modèles identitaires relatifs au genre et aux orientations sexuelles. Une personne *queer* privilégie une vision globale de l'individu plutôt qu'une vision axée sur son identité de genre ou son orientation sexuelle, qu'elle considère souvent comme fluides<sup>31</sup>.

De plus, le dictionnaire terminologique spécifie que :

Le terme *queer* est acceptable parce qu'il est légitimé en français au Québec et ailleurs en francophonie. De plus, il est employé dans plusieurs langues.

Les termes *personne queer* et *queer* sont aussi employés pour désigner les personnes dont l'identité de genre et le genre assigné à la naissance ne concordent pas, ou dont l'orientation sexuelle est autre qu'hétérosexuelle.

<sup>29</sup> [http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id\\_Fiche=26532463](http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id_Fiche=26532463), consulté le 22/08/2019.

<sup>30</sup> [http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id\\_Fiche=8353764](http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id_Fiche=8353764), consulté le 22/08/2019.

<sup>31</sup> *Ibidem*.



Le terme *queer* employé comme substantif peut être jugé offensant par certains locuteurs, qui considèrent que l'emploi de cette désignation réduit la personne concernée à cette seule caractéristique<sup>32</sup>.

Le terme donc est utilisé pour qualifier ce qui s'écarte de l'hétéronormativité, mais est également utilisé de manière plus large pour englober ce que les termes plus strictes que *gay* ou *homosexuel* ne désignaient pas.

Le terme *trans* est à l'origine une apocope, il vient de *transsexuel.les* et/ou de *transgenre*. Il est donc passé de préfixe à apocope<sup>33</sup>. Il est employé tantôt en tant que nom, tantôt en tant qu'adjectif. Pour ce qui est de l'accord de la forme adjectivale, la finale en *s* ne permet pas d'ajouter la marque du pluriel, toutefois il peut aisément être employé de manière épïcène. Selon le GDT le terme désigne une « personne qui a une identité de genre différente de son genre assigné à la naissance, qu'elle modifie ou non son expression de genre ou son corps pour les faire concorder avec cette identité<sup>34</sup> ». Il enrichie la définition en disant que « les termes *trans*, *trans-identitaire* et *transgenre* employés comme substantifs peuvent être jugés offensants par certains locuteurs, qui considèrent que l'emploi de ces désignations réduit la personne concernée à cette seule caractéristique<sup>35</sup> ». Soulignons toutefois que, comme l'estime Raus :

[...] « transgender » n'est pas un synonyme de « transexuel » et qu'il est donc considéré erronément comme étant un équivalent discursif de celui-ci. La catégorie des « transgender », en effet, inclut des catégories, comme les travestis, qui ne sont pas répertoriés du point de vue strictement médical. Le concept du « transgender » est, en effet, étroitement lié à l'identité de genre, et il renvoie par là aux domaines de la psychologie et de la sociologie<sup>36</sup>.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> Cf. ELCHACAR, Mireille ; SALITA, Ada Luna. 2018. "Les appellations des identités de genre non traditionnelles. Une approche lexicologique", cit.

<sup>34</sup> [http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id\\_Fiche=26532486](http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id_Fiche=26532486), consulté le 22/08/2019.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> RAUS, Rachele. 2013. La terminologie multilingue. La traduction des termes de l'égalité H/F dans le discours international. Bruxelles : De Boeck, p. 76.

Ensuite il y a *cisgenre*. Elchacar et Salita considèrent le terme en tant qu'« appellation proposée par le groupe dominé afin de dénommer le groupe dominant : le processus de dénomination s'est fait après que les groupes dominés eurent commencé à se désigner<sup>37</sup> », alors que le GDT dit qu'il est « relatif à une personne dont l'identité de genre correspond au genre assigné à la naissance<sup>38</sup> ». Le terme est composé de la base *genre* et du préfixe *cis-*. Son sens n'est pas transparent car le préfixe n'est pas des plus productifs en français<sup>39</sup> ; il semble avoir été choisi pour le mettre en opposition à *trans-*. À ce propos, Arnaud ajoute que « la question Trans parvient alors à entrer en résistance avec la question Cis (le préfixe « Cis » signifiant *du même côté de*), sans pour autant réifier ces deux catégories, mais en permettant plutôt d'entrevoir un privilège cisgenre et des épreuves Trans irréductibles à l'opposition Trans/Cis<sup>40</sup> ».

Finalement, curieuse est la présence des termes « bispirituel », typique de la réalité linguistique et culturelle de l'Amérique du Nord, et du terme « t-shirt compressif », dont l'utilisation n'est pas bien connue dans la communauté non transgenre.

« Bispirituel » se construit à partir de la base « spirituel » *et du suffixe* « bi- », s'agissant d'une traduction du terme *two-spirits*, une appellation employée par certaines nations autochtones d'Amérique du Nord pour désigner une identité de genre non binaire. En effet, il s'agit du terme générique utilisé par les colons européens pour décrire des individus non conformes aux normes de genre communément admises dans les sociétés occidentales<sup>41</sup>.

<sup>37</sup> ELCHACAR, Mireille ; SALITA, Ada Luna. 2018. «Les appellations des identités de genre non traditionnelles. Une approche lexicologique», cit., p. 157.

<sup>38</sup> [http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id\\_Fiche=26532443](http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?Id_Fiche=26532443), consulté le 22/08/2019.

<sup>39</sup> Cf. ELCHACAR, Mireille ; SALITA, Ada Luna. 2018. «Les appellations des identités de genre non traditionnelles. Une approche lexicologique», cit.

<sup>40</sup> ARNAUD, Alessandrin. 2012. «La question Cisgenre». *¿ Interrogations ?*, n°15. Identité fictive et fictionnalisation de l'identité (I), [en ligne], <https://www.revue-interrogations.org/La-question-Cisgenre>, consulté le 22/08/2019.

<sup>41</sup> Cf. DESY, Pierrette. 1978. «L'homme-femme. (Les berdaches en Amérique du Nord)». *Libre — politique, anthropologie, philosophie*, vol. 78, n° 3, pp. 57-102.

Le GDT le recense en tant que « autochtone dont l'identité de genre est à la fois féminine et masculine<sup>42</sup> », *en indiquant en outre que* :

*Les termes *personne bispirituelle, bispirituel, bispirituelle et personne-aux-deux-esprits* sont parfois employés pour désigner plus précisément les membres de la communauté LGBT autochtone. Les termes *bispirituel et bispirituelle* employés comme substantifs peuvent être jugés offensants par certains locuteurs, qui considèrent que l'emploi de ces désignations réduit la personne concernée à cette seule caractéristique<sup>43</sup>.*

Quant au terme « t-shirt compressif », défini par le glossaire terminologique comme « t-shirt, camisole ou bandage de tissu dissimulant le volume de la poitrine par compression », et absent avec cette acception dans le GDT, on suppose que c'est un t-shirt qui sert à cacher la poitrine des hommes transsexuels, biologiquement nés comme des femmes. En effet, il cache la poitrine, le plus souvent utilisé par des personnes trans FtM pendant leur période de transition ou par des personnes souhaitant se travestir, comme l'indique le lexique<sup>44</sup> présent dans le site culturel français QueerParis, qui s'occupe de promouvoir la scène et culture queer parisienne et d'informer le public à ce sujet.

### Remarques pour conclure

L'analyse du glossaire terminologique en question nous a fait réfléchir sur la richesse du vocabulaire relatif aux questions de genre et sur la nécessaire diffusion et médiation de sa terminologie dans le monde du travail. Comme nous l'avons vu à partir des termes issus de l'analyse lexicométrique pour identifier les différents champs lexicaux, ces termes couvrent différents domaines de la vie d'une personne LGBT, avec le but de faire connaître aux employeurs et aux collègues les réalités de genre non-binaire afin de rendre l'environnement de travail aussi inclusif et égalitaire que possible. La médiation de ces réalités discursives par le biais d'un glossaire ad hoc a été *nécessaire* pour diffuser une culture de l'égalité qui n'ex-

<sup>42</sup> [http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?ld\\_Fiche=26556977](http://www.granddictionnaire.com/ficheOqlf.aspx?ld_Fiche=26556977), consulté le 22/08/2019.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

<sup>44</sup> <https://www.queerparis.com/fr/lexique/t-shirt-compressif/>, consulté le 22/08/2019.

clut personne en milieu de travail, et qui peut créer une perspective future de pleine intégration des personnes LGBT dans les différents champs du monde professionnel. À partir de la connaissance de langage et de la terminologie sur le genre, les conditions de non-discrimination de « l'altérité » sont créées par la diffusion des connaissances, objectif de la terminologie<sup>45</sup>. Il serait important que le glossaire soit également diffusé dans les autres pays francophones, afin de faire tache d'huile des savoirs sur la diversité des genres et tout ce qui les concernent.

## Références bibliographiques

- ARNAUD, Alessandrin. 2012. "La question Cisgenre". *¿ Interrogations ?*, n°15. Identité fictive et fictionnalisation de l'identité (I), [en ligne], <https://www.revue-interrogations.org/La-question-Cisgenre>, consulté le 22/08/2019.
- BAKER, Paul. 2014. *Using Corpora to Analyze Gender*. London & New York : Bloomsbury.
- BIEDERMANN, Anne. 2014. "La médiation linguistique dans un contexte d'enseignement des langues étrangères". *Synergies Chili*, n° 10, pp. 83-91.
- CALVET, Louis-Jean. 1980. *Les Sigles*. Paris : PUF.
- DESY, Pierrette. 1978. "L'homme-femme. (Les berdaches en Amérique du Nord)". *Libre — politique, anthropologie, philosophie*, vol. 78, n° 3, pp. 57-102.
- ELCHACAR, Mireille ; SALITA, Ada Luna. 2018. "Les appellations des identités de genre non traditionnelles. Une approche lexicologique". *Langage et société*, vol. 165, no. 3, pp. 139-165.
- GRECO, Luca. 2015. "Présentation : la fabrique des genres et des sexualités". *Langage & Société*, 152, pp. 7-16.
- HALLET, Wolfgang. 2008. "Zwischen Sprachen und Kulturen vermitteln". *Der Fremdsprachliche Unterricht Englisch*, n° 93, pp. 2-7.
- HUMBLEY, John. 2012. "Retour aux origines de la terminologie : l'acte de dénomination". *Langue française*, vol. 174, no. 2, pp. 111-125.
- NICHOLSON, Linda. 2009. "Comment interpréter le genre". *Nouvelles Questions Féministes*, vol. 28, no. 3, pp. 62-88.
- PETIT, Gérard. 2012. "Présentation : la dénomination". *Langue française* 174, pp. 3-9.
- PREARO, Massimo. 2015. "La naissance de la formule 'LGBT' en France et en Italie : une analyse comparative des discours de mobilisation

45 ZANOLA, Maria Teresa. 2018. *Che cos'è la terminologia*. Roma: Carocci, p. 7.

- PRUVOST, Jean ; Sablayrolles Jean-François. 2003. Les Néologismes. Paris : PUF.
- RAUS, Rachele. 2013. La terminologie multilingue. La traduction des termes de l'égalité H/F dans le discours international. Bruxelles : De Boeck.
- SAUVE, Jean-Sébastien. 2015. "L'interdiction de discriminer les personnes trans\* dans la Charte des droits et libertés de la personne". *Enfances Familles Générations*, no 23, pp. 108-126.
- THOMAS, James. 2017. *Discovering English with Sketch Engine (2nd Edition)*, Brno: Versatile.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2018. *Che cos'è la terminologia*. Roma: Carocci.



# Il lessico dell'arrampicata sportiva: metodologia per la progettazione ed elaborazione di un lessico plurilingue

Silvia Calvi

*Università degli Studi di Verona*

---





## Introduzione

Il presente contributo, illustrando una possibile declinazione del rapporto terminologia-mediazione linguistica nel dominio del lessico sportivo, intende descrivere i passaggi necessari per realizzare un lessico plurilingue relativo all'arrampicata sportiva, una disciplina diventata solo recentemente sport olimpico che giunge a fissare definitivamente per questa ragione i suoi usi terminologici.

In una breve sezione introduttiva si rifletterà sul rapporto che inevitabilmente lega la terminologia alla traduzione e alla mediazione linguistica. Successivamente, viene presentato il lavoro svolto da REALITER, Rete Panlatina di Terminologia, costantemente impegnata nella realizzazione di lessici plurilingue. In seguito, in conformità ai principi metodologici e qualitativi stabiliti nello statuto della rete REALITER, sono presentati i passaggi per la progettazione del lessico plurilingue relativo all'arrampicata sportiva: la definizione degli obiettivi, lo studio del dominio di riferimento, la selezione delle fonti di documentazione, la costituzione dell'albero di dominio, l'individuazione delle unità terminologiche e degli equivalenti in altre lingue. L'ottica plurilingue permetterà di realizzare uno strumento di lavoro accessibile, attuale e affidabile sul quale traduttori, editori o revisori di testi di natura sportiva potranno fare affidamento.

### 1. Terminologia, traduzione e mediazione linguistica

Terminologia e traduzione sono due discipline intrinsecamente collegate tra loro e il cui rapporto è stato investigato nel corso del XX secolo, da un duplice punto di vista: teorico e pratico-applicato.<sup>1</sup> La scelta di una corretta

---

<sup>1</sup> ZANOLA, Maria Teresa. 2018. Che cos'è la terminologia?. Roma: Carocci, p.35.

terminologia è indice di professionalità del traduttore che, solo ricorrendo alla terminologia più pertinente, sarà effettivamente in grado di assicurare lo stesso grado di specializzazione del testo di partenza. Come ricorda Adamo:

Appare quindi evidente che il traduttore e l'interprete debbono possedere, o acquisire, una preparazione specifica nel settore del quale intendono occuparsi.

L'obiettivo che il traduttore e l'interprete debbono porsi è quello di esprimere con precisione e coerenza il messaggio prodotto dallo specialista nella lingua d'origine, immedesimandosi nelle sue conoscenze, fino a raggiungere un grado di spontaneità e naturalezza espressiva che si avvicini il più possibile a quello posseduto da uno specialista del settore che si esprime abitualmente nella lingua di destinazione del messaggio.<sup>2</sup>

In questi termini la traduzione di un termine diviene «un'operazione complessa»<sup>3</sup> in quanto, oltre alla sua dimensione linguistica, è necessario tener conto anche della sua dimensione culturale e quindi extralinguistica.<sup>4</sup> Per questo motivo si può affermare che i traduttori sono chiamati a svolgere un ruolo di mediatori linguistici e culturali che li vede prima occupati nella comprensione del testo di partenza e in seguito nella sua trasmissione in un'altra lingua e cultura di riferimento. Occorre quindi formare delle figure professionali che, consapevoli del legame esistente tra terminologia e traduzione, sappiano identificare strumenti, quali dizionari, lessici e glossari specialistici, che li possano aiutare nella loro funzione di mediatori linguistici e culturali.

<sup>2</sup> ADAMO, Giovanni. 2000. "La terminologia per gli interpreti e i traduttori". *Moderne Sprachen* 44, p. 142.

<sup>3</sup> ZANOLA, Maria Teresa. 2018. *Op. cit.* p. 36.

<sup>4</sup> *Ibidem.*

## 2. I lessici plurilingue REALITER

I principi metodologici e qualitativi a cui fa riferimento REALITER sono stati arricchiti sia durante la 4° Riunione di coordinamento tenutasi a Barcellona tra il 14 e il 16 dicembre 1995 sia in occasione della 4° Riunione plenaria del 13 novembre 2000 a Lisbona. Nell'ottica di «favorire lo sviluppo armonico delle lingue neolatine, tenendo conto della loro origine comune»<sup>5</sup>, REALITER ha adottato i seguenti principi metodologici per la realizzazione di prodotti quali lessici plurilingue:

1. Diversità e uguaglianza linguistica
2. Approccio variazionista
3. Approccio sistemico
4. Partenariato
5. Qualità, da intendersi in termini di accessibilità, attualità e affidabilità.<sup>6</sup>

I domini di interesse sono diversi tra cui l'informatica (*Lexique des termes de base de l'informatique, Lessico panlatino di internet, Terminologia dell'intelligenza artificiale, Vocabolario panlatino delle reti sociali*), il commercio (*Lessico panlatino del commercio elettronico, Neologismi economici nelle lingue latine raccolti nella stampa quotidiana, Terminologia della gestione della qualità, Lessico panlatino del marketing economico*), la bioetica (*Lessico panlatino di bioetica*), le biotecnologie (*Léxico panlatino de Biotecnologia e Cultura detecidos, Lessico panlatino delle nanotecnologie*), l'editoria (*Lessico panlatino della diffusione e della distribuzione del libro*), la medicina (*Lessico panlatino dell'influenza aviaria, Vocabolario multilingue dell'AIDS*), l'ambiente e i cambiamenti climatici (*Lessico panlatino dei cambiamenti climatici*), lo sport (*Vocabolario panlatino della bicicletta, Lexique du soccer*), le energie rinnovabili (*Lessico panlatino dell'energia eolica, Lessico panlatino dei sistemi fotovoltaici, Vocabulaire panlatin du développement durable*).<sup>7</sup>

<sup>5</sup> REALITER. Principi metodologici del lavoro terminologico. <http://www.realiter.net/wp-content/uploads/2013/06/Principi-metodologici-del-lavoro-terminologico.pdf>

<sup>6</sup> Per approfondimento si veda ZANOLA, Maria Teresa. 2018. *Op. Cit.* p. 70-71.

<sup>7</sup> Per approfondimento si consulti il sito di REALITER: <http://www.realiter.net/lessici-realiter>

Gli obiettivi e i destinatari dei lessici devono sempre essere specificati per poter utilizzare correttamente il prodotto realizzato. Oltre a rispondere alle «urgenze del traduttore che ricerca i contesti d'uso delle unità terminologiche»<sup>8</sup>, i lessici vengono utilizzati anche da esperti della disciplina, consulenti, professori, giornalisti, editori<sup>9</sup>, alla continua ricerca di strumenti attuali e affidabili a cui poter fare riferimento per raggiungere un maggior grado di professionalità.<sup>10</sup>

### 3. La progettazione del lessico plurilingue dell'arrampicata sportiva

In conformità ai principi e agli obiettivi di REALITER, il presente contributo intende descrivere le fasi di progettazione di un lessico plurilingue accessibile, attuale e affidabile. Si è scelto di investigare la terminologia dell'arrampicata sportiva, terminologia che merita di essere analizzata in quanto si tratta di un'attività ad alto rischio, per la quale è necessario avere precisa informazione sia sulle attrezzature sia sulle tecniche da utilizzare.

La prima fase di lavoro consiste nella definizione degli obiettivi che si intende raggiungere con particolare attenzione alla scelta dei destinatari finali, per progettare un prodotto terminologico che risponda al meglio ai loro bisogni. Il presente lessico plurilingue è realizzato pensando a principianti e/o non esperti del settore, quali traduttori, che si trovano nelle condizioni di dover padroneggiare la terminologia di riferimento. A titolo esemplificativo: per un principiante il *rinvio* potrebbe essere confuso con un normale *moschettone*, ma per gli esperti le differenze sono significative, in quanto si tratta di oggetti che ricoprono funzioni diverse (solo il rinvio è utilizzato per agganciare la corda a un punto di ancoraggio). Il lessico dell'arrampicata intende chiarire questi dubbi terminologici, investigando gli strumenti e le tecniche principali dell'arrampicata sportiva e offrendo,

<sup>8</sup> ZANOLA, Maria Teresa. 2018. *Op. Cit.* p.71.

<sup>9</sup> *Ibidem.*

<sup>10</sup> Per ulteriori approfondimenti: ZANOLA, Maria Teresa; BONADONNA, Maria Francesca (a cura di). 2011. *Terminologie specialistiche e prodotti terminologici*. Milano: EDUCatt; ZANOLA, Maria Teresa. 2014. "Les principes méthodologiques des lexiques *Realiter*". *Les Cahiers du Dictionnaire* 6, p. 191-203 e 2014. "Le réseau *Realiter*, un acteur du plurilinguisme". *Plaisance*, 11 (32), p. 149-165; DEPECKER, Loïc; ZANOLA, Maria Teresa (a cura di). 2017. *La terminologie panlatine dans les politiques linguistiques*. *Les vingt ans de REALITER*. Milano: EDUCatt.

oltre alle definizioni, i termini equivalenti nelle lingue ufficiali della Rete REALITER.

In una seconda fase, sono stati analizzati i principali prodotti terminologici esistenti in lingua italiana per il dominio di interesse. La terminologia dell'arrampicata è trattata in modo generico e con interesse prettamente traduttivo in dizionari che si occupano della descrizione del lessico dello sport, come per esempio il *Dizionario dello sport: inglese-italiano, italiano-inglese*<sup>11</sup>, dizionario bilingue composto da 50 000 vocaboli, in cui i termini dell'arrampicata vengono associati a quelli dell'alpinismo e sono riconoscibili dalla presenza della sigla ALP. Esistono invece glossari più specifici come il *Glossario dei principali termini di arrampicata su roccia*<sup>12</sup> pubblicato online dalla Regione Lombardia (56 termini), il *Glossario di arrampicata*<sup>13</sup> (49 termini) pubblicato dal sito di prodotti e articoli sportivi Sesto Grado, il *Glossario dei termini di "montagna"*<sup>14</sup> (77 termini) o il *Dizionario di arrampicata*<sup>15</sup> (116 termini) entrambi distribuiti da siti amatoriali di appassionati di arrampicata e/o alpinismo. Si sottolinea che questi glossari, per quanto ricchi di materiale di interesse terminologico, presentano delle lacune: nella maggior parte dei casi non specificano né i destinatari né gli obiettivi che intendono raggiungere. Inoltre, mancano le fonti di riferimento e spesso la data di pubblicazione, rendendo impossibile un giudizio circa la loro attendibilità e attualità. Per questi motivi tali fonti non possono essere ritenute che fonti secondarie per il lessico plurilingue che si intende realizzare.<sup>16</sup>

La costituzione del *corpus* è una fase fondamentale per la progettazione di prodotti terminologici<sup>17</sup> in quanto dai testi selezionati e identificati

<sup>11</sup> REGAZZINI, Giuseppe. 1998. *Dizionario dello sport: inglese-italiano, italiano-inglese*. Bologna: Zanichelli.

<sup>12</sup> *Glossario dei principali termini di arrampicata su roccia*, Regione Lombardia: <https://www.regione.lombardia.it/wps/wcm/connect/066f81c1-b46b-4b21-9273-df17b2781353/Glossario+termini+arrampicata.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=066f81c1-b46b-4b21-9273-df17b2781353>

<sup>13</sup> Sesto Grado: <https://www.sestogrado.it/it/glossario-di-arrampicata/>

<sup>14</sup> Arrampicata.info: <http://www.arrampicata.info/glossario/index.asp>

<sup>15</sup> Falesia Wiki Climb Community: [https://www.falesia.it/it/Falesia\\_Dizionario/rock=dictionary.html](https://www.falesia.it/it/Falesia_Dizionario/rock=dictionary.html)

<sup>16</sup> Si veda ZANOLA, Maria Teresa. 2014. "Attività terminologica e fonti di documentazione ieri e oggi: problemi e metodi". *Mediazioni* 16, p. 1-16.

<sup>17</sup> Per approfondimento, si veda L'HOMME, Marie Claude. 2004. *La terminologie: principes et techniques*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.

come fonte primaria verranno estratti, in modo manuale e/o automatico, i termini del dominio di riferimento. Nel presente lavoro le fonti primarie consultate sono di natura diversa. Sono stati scelti tre manuali di arrampicata sportiva pubblicati nell'ultimo decennio: *Dall'arrampicare all'arrampicata sportiva: tra spontaneità e tecnica*<sup>18</sup>, *Manuale di arrampicata: arrampicata e allenamento*<sup>19</sup> e *Walter Bonatti. Il sogno verticale: cronache, immagini e taccuini inediti di montagna*.<sup>20</sup> Con caratteristiche differenti, i tre manuali garantiscono la formazione di un *corpus* eterogeneo: *Dall'arrampicare all'arrampicata* e *Manuale di arrampicata sportiva* trattano delle principali tecniche di allenamento, mentre il manuale su *Walter Bonatti* descrive la vita, la carriera di uno scalatore professionista. Si tratta quindi di due generi testuali differenti, che permettono di osservare la variazione terminologica a seconda della rispettiva variazione della tipologia testuale. Sono stati inoltre selezionati documenti di arrampicata sportiva pubblicati sui siti degli enti ufficiali di riferimento, il C.A.I. (Club Alpino Italiano) e la F.A.S.I. (Federazione Arrampicata Sportiva Italiana), e articoli pubblicati nell'ultimo decennio da riviste specialistiche quali *Montagna 360°*, la rivista ufficiale del C.A.I. Per quanto riguarda invece i glossari sopra menzionati, i siti di palestre di arrampicata o di negozi di articoli sportivi sono stati consultati solo in un secondo momento come fonti secondarie: sono serviti per avere un'ulteriore conferma della terminologia estratta a partire dalle fonti primarie.

Dallo studio del dominio di riferimento, dei prodotti terminologici esistenti e dei testi parte del *corpus*, è stato possibile delineare l'albero del dominio oggetto di studio, in conformità alle necessità di conoscenza terminologica dei destinatari individuati. Considerando il dominio dell'arrampicata sportiva, ai fini del presente studio, sono stati delineati tre sotto-dominii: 1) prodotti per l'arrampicata sportiva; 2) pratica sportiva e principali tecniche di arrampicata; 3) scale e gradi di difficoltà.

<sup>18</sup> BRESSA, Nicoletta [et al.]. 2010. *Dall'arrampicare all'arrampicata: tra spontaneità e tecnica*. Torgiano: Calzetti Mariucci.

<sup>19</sup> Commissione Nazionale Scuole di Alpinismo, Sci Alpinismo e Arrampicata Libera della Commissione Centrale per le Pubblicazioni (a cura di). 2009. *Manuale di arrampicata: arrampicata e allenamento*. Milano: C.A.I.

<sup>20</sup> PONTA, Angelo (a cura di). 2016. *Walter Bonatti- Il sogno verticale: cronache, immagini e taccuini inediti di montagna*. Milano: Rizzoli.

Per la fase di individuazione di unità terminologiche, si è adottato un approccio onomasiologico, ovvero un approccio il cui punto di partenza è l'analisi del concetto che uno o più termini possono designare. L'estrazione terminologica è stata effettuata manualmente per poter selezionare esclusivamente i termini di interesse per i sotto-domini scelti, tenendo in considerazione i destinatari e gli obiettivi dichiarati nella prima fase di progettazione del prodotto terminologico.

Sono stati estratti termini di natura nominale sia semplici sia complessi, per un totale di 96 termini, divisi in 52 termini per il sotto-dominio "prodotti per l'arrampicata sportiva", 37 per "pratica sportiva e principali tecniche di arrampicata" e 7 per "scale e gradi di difficoltà".

<b>Prodotti per l'arrampicata sportiva</b>	<b>Pratica sportiva e principali tecniche di arrampicata</b>	<b>Scale e gradi di difficoltà</b>
1) Bidito	1) Accoppiamento dei piedi	1) Grado di difficoltà
2) Bloccante	2) Aggancio di punta	2) Grado 9C
3) Carrucola	3) Aggancio di tallone	3) Scala AUS
4) Casco d'arrampicata e di alpinismo	4) Ancoraggio	4) Scala francese
5) Catena di assicurazione	5) Appiglio	5) Scala GB
6) Chiodatura	6) Appoggio	6) SCALA UIAA
7) Chiodo da roccia	7) Attività indoor	7) Scala YDS
8) Corda d'arrampicata	8) Attività outdoor	
9) Corda dinamica	9) Baricentro	
10) Corda intera	10) Bilanciamento	
11) Corda statica	11) Boulder	
12) Corde gemelle	12) Capocordata	
13) Cordino	13) Cordata	
14) Daisy-chain	14) Falesia	
15) Discensore	15) Fessura	
16) Discensore a barrette	16) Flash	
17) Discensore a otto	17) Incastro	
18) Discensore a piastrina	18) Incastro di ginocchio	
19) Discensore a pulegge fisse	19) Lancio	
20) Discensore a secchiello	20) Lavorato	
21) Ferma-fettuccia	21) Lead	
22) Fettuccia	22) Monotiro	
23) Girello	23) Moulinette	
24) Imbragatura	24) Muro boulder	
25) Imbragatura classica	25) Nodo a bocca di lupo	



26) <i>Imbragatura completa</i>	26) <i>Nodo a ottobre</i>	
27) <i>Longe</i>	27) <i>Parete di arrampicata</i>	
28) <i>Maglia rapida</i>	28) <i>Pendenza</i>	
29) <i>Magnesite granulosa</i>	29) <i>Piede in bilanciamento</i>	
30) <i>Magnesite in polvere</i>	30) <i>Pinzata</i>	
31) <i>Magnesite liquida</i>	31) <i>Sosta</i>	
32) <i>Maniglia</i>	32) <i>Speed</i>	
33) <i>Mezzecorde</i>	33) <i>Via d'arrampica</i>	
34) <i>Monodito</i>	34) <i>Via direttissima</i>	
35) <i>Moschettone</i>	35) <i>Via ferrata</i>	
36) <i>Nastro per dita</i>	36) <i>Via normale</i>	
37) <i>Pallina di magnesite</i>	37) <i>Vista</i>	
38) <i>Panetto di magnesite</i>		
39) <i>Pan güllich</i>		
40) <i>Piccozza</i>		
41) <i>Pinza</i>		
42) <i>Presa d'arrampicata</i>		
43) <i>Rinvio</i>		
44) <i>Sacca per magnesite</i>		
45) <i>Sacco porta-corda</i>		
46) <i>Scarpette da arrampicata</i>		
47) <i>Sistema di assicurazione</i>		
48) <i>Spazzola per prese</i>		
49) <i>Svaso</i>		
50) <i>Tacca</i>		
51) <i>Trave per arrampicata</i>		
52) <i>Volume</i>		

Per ciascun termine selezionato è stato indicata la marcatura morfologica, la definizione con eventuali note di carattere enciclopedico e il termine equivalente in lingua inglese.

Riportiamo due esempi:

**Accoppiamento di piedi** (s.m.): Tecnica di progressione orizzontale o verticale in cui i piedi vengono posizionati uno accanto all'altro su uno stesso appoggio.  
Termine equivalente in lingua inglese: Foot swap

**Aggancio di punta** (s.m.): Tecnica in cui il piede corrispondente alla mano principale è in appoggio-spinta e la punta dell'altro piede esercita una forte pressione su un appoggio della parete.

Note: Questa tecnica garantisce equilibrio e stabilità.

Termine equivalente in lingua inglese: Toe hook.

La collaborazione con membri della Rete REALITER, nel rispetto dell'approccio variazionista e dell'idea di partenariato dichiarati nello statuto ufficiale, ha reso possibile la realizzazione di un prodotto plurilingue.<sup>21</sup> Le lingue coinvolte nel progetto sono state: catalano, spagnolo (SP- ARG- MEX), francese (FR- CA), gallego, portoghese (PR-BR) e romeno. Ogni membro del progetto ha quindi lavorato alla ricerca dei termini equivalenti:

**Accoppiamento dei piedi (IT):**

Peus junts/ canvi de peus (CA)

Cambio de pies (ES SP)

Changement de pied (FR FR)

Changement de pied (FR CA)

Movimento de pés/ Apoio de pé/ Canteado de pé (GL)

Troca de pés (PT PT)

Schimbare a piciorului (RO)

Foot swap (EN)

Particolare attenzione è prestata al comportamento di internazionalismi e anglismi, abbondanti in questo dominio. Alcune lingue mantengono gli internazionalismi, altre lo adattano al loro sistema grafico e fonetico e altre ancora scelgono di utilizzare termini appartenenti al loro sistema linguistico. Prendiamo il termine *boulder*: in italiano si predilige l'internazionalismo alla variante *arrampicata su blocchi*, lingue come l'inglese, il romeno, il portoghese (PR) mantengono anch'esse l'internazionalismo

<sup>21</sup> Ringrazio i membri REALITER impegnati nella realizzazione del lessico plurilingue descritto, senza il cui prezioso contributo il lavoro non sarebbe stato possibile: Ieda Maria Alves (PT BR), Elisa Callegari (FR FR) [Délégation générale à la langue française et aux langues de France], Manuel Célio Conceição (PT PT) [Fátima Noronha, Ana Micaela Matas, Laura Assunção], Xavier Darras (FR CA), Beatriz de la Fuente Marina (ES SP), Xavier Gómez Guinovart (GL), Silvia Llovera (CA), Maria-Antoaneta Lorentz (RO), Maria Pozzi (ES MEX) e Estela Servante (ES ARG).

*boulder*, a differenza del francese (FR-CA), del gallego e del catalano che utilizzano termini appartenenti al loro sistema linguistico *escalade de bloc*, *bloque*, *escalada de/en blocs*. Lo spagnolo offre invece due possibilità: l'utilizzo di un termine appartenente al proprio sistema linguistico *escalada de bloque* o l'adattamento dell'internazionalismo al sistema grafico-fonetico spagnolo *búlder*.

La scelta dei termini equivalenti nelle lingue che hanno aderito al progetto costituisce l'ultima fase di lavoro per la realizzazione di un lessico plurilingue che potrà quindi, dopo un'attenta revisione da parte di linguisti-terminologi ed esperti del dominio oggetto di studio, essere utilizzato dai destinatari originariamente prefissati.

### Riflessioni conclusive

Il presente contributo non intende soltanto descrivere un prodotto terminologico ad arricchimento dello studio del lessico sportivo, quanto piuttosto ha l'obiettivo principale di illustrare le fasi di progettazione di un lessico plurilingue, offrendo un esempio di lavoro pratico. Seguire passo per passo le fasi descritte -definizione dei destinatari e degli obiettivi, studio del dominio di riferimento e dei principali prodotti terminologici esistenti, selezione delle fonti del *corpus* di riferimento, costituzione dell'albero di dominio, individuazione delle unità terminologiche e degli equivalenti nelle altre lingue- permette infatti di realizzare un prodotto che rispetti i principi qualitativi sostenuti da REALITER<sup>22</sup>:

- **Accessibilità:** i termini individuati, le definizioni date rispettano infatti i bisogni dei destinatari che in fase di consultazione sapranno utilizzare a proprio vantaggio il lessico costituito;
- **Affidabilità:** la selezione delle fonti primarie, garantisce la qualità delle definizioni date trattandosi di conoscenze tratte da documenti ufficialmente riconosciuti nel dominio oggetto di studio;

<sup>22</sup> Si veda il sito di REALITER: Principi metodologici del lavoro terminologico. <http://www.realiter.net/wp-content/uploads/2013/06/Principi-metodologici-del-lavoro-terminologico.pdf>

- **Attualità:** la scelta di testi recenti permette di osservare il comportamento terminologico attuale, nel rispetto delle possibili variazioni diacroniche che i termini possono avere subito.

Solo in questo modo il prodotto terminologico realizzato potrà essere considerato uno strumento di lavoro in grado di rispondere alle esigenze di traduttori o di altre figure professionali nella comunicazione specialistica e professionale.

## Riferimenti bibliografici

- ADAMO, Giovanni. 2000. "La terminologia per gli interpreti e i traduttori". *Moderne Sprachen* 44, p. 135-149.
- BRESSA, Nicoletta [et al.]. 2010. *Dall'arrampicare all'arrampicata: tra spontaneità e tecnica*. Torgiano: Calzetti Mariucci.
- Commissione Nazionale Scuole di Alpinismo, Sci Alpinismo e Arrampicata Libera della Commissione Centrale per le Pubblicazioni (a cura di). 2009. *Manuale di arrampicata: arrampicata e allenamento*. Milano: C.A.I.
- DEPECKER, Loïc; ZANOLA, Maria Teresa (a cura di). 2017. *La terminologie panlatine dans les politiques linguistiques. Les vingt ans de REALITER*, Milano: EDUCatt.
- L'HOMME, Marie Claude. 2004. *La terminologie: principes et techniques*. Montréal: Presses Universitaires de Montréal.
- PONTA, Angelo (a cura di). 2016. *Walter Bonatti- Il sogno verticale: cronache, immagini e taccuini inediti di montagna*. Milano: Rizzoli.
- REGAZZINI, Giuseppe. 1998. *Dizionario dello sport: inglese-italiano, italiano-inglese*. Bologna: Zanichelli.
- ZANOLA, Maria Teresa; BONADONNA, Maria Francesca (a cura di). 2011. *Terminologie specialistiche e prodotti terminologici*. Milano: EDUCatt.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2014. "Attività terminologica e fonti di documentazioni ieri e oggi: problemi e metodi". *Mediazioni* 16, p. 1-16.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2014. "Les principes méthodologiques des lexiques *Realiter*". *Les Cahiers du Dictionnaire* 6, p. 191-203.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2014. "Le réseau *Realiter*, un acteur du plurilinguisme". *Plaisance*, 11 (32), p. 149-165.
- ZANOLA, Maria Teresa. 2018. *Che cos'è la terminologia?*. Roma: Carocci Editore.

## Riferimenti sitografici (ultima data di consultazione: Febbraio 2020)

Arrampicata.info: <http://www.arrampicata.info/glossario/index.asp>

C.A.I. (Club Alpino Italiano): <http://www.cai.it>

Falesia Wiki Climb Community:

[https://www.falesia.it/it/Falesia\\_Dizionario/rock=dictionary.html](https://www.falesia.it/it/Falesia_Dizionario/rock=dictionary.html)

F.A.S.I. (Federazione Arrampicata Sportiva): <http://www.federclimb.it/index.html>

Rivista *Montagna 360°*: <http://www.cai.it/index.php?id=1473>

Glossario dei principali termini di arrampicata su roccia, Regione Lombardia:

<https://www.regione.lombardia.it/wps/wcm/connect/066f81c1-b46b-4b21-9273-df17b2781353/Glossario+termini+arrampicata.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=066f81c1-b46b-4b21-9273-df17b2781353>

REALITER: <http://www.realiter.net>

Sesto Grado: <https://www.sestogrado.it/it/glossario-di-arrampicata/>



A importância  
da “mediação  
terminológica”  
num contexto sensorial:  
uma análise do discurso  
de especialistas  
e não-especialistas  
sobre o *Crémant*  
*de Bourgogne*

Mariele Mancebo

*Université de Bourgogne / Universidade de São Paulo*

---





## 1. Contextualização

Na Borgonha, famosa região vitivinícola francesa que produz vinhos espumantes há mais de dois séculos, a questão do modo de difusão, como a questão da valorização e da imagem dos espumantes junto aos consumidores, estiveram no centro de diversas reflexões entre pesquisadores e profissionais do mundo do vinho nesses últimos anos. O interesse dedicado atualmente a problemáticas como essa mostra uma importância estratégica que reveste todas as formas de comunicação relacionada aos vinhos da Borgonha, cujo ponto de partida é terminológico (Mancebo, 2019).

Atualmente, quando se fala de espumantes oriundos dessa região, o *Crémant de Bourgogne* é a referência, um produto de denominação de origem<sup>1</sup> cujo setor enfrenta uma escassez de fornecimento de uvas ao mesmo tempo em que as vendas estão em aumento constante. Esse cenário de desequilíbrio entre a oferta e demanda incitou os produtores em questão a direcionarem-se para uma valorização do produto, criando assim uma nova gama de qualidade superior, e intrinsecamente uma estratégia comercial acompanhada de uma vertente comunicação/marketing na qual a “mediação terminológica” ocupa um papel primordial.

Sendo assim, o presente trabalho apresenta um breve estudo<sup>2</sup>, a partir de uma “linguística situada”<sup>3</sup> (Condamines et Narcy Combes, 2015), sobre a importância da “mediação terminológica” de um discurso em torno de um produto comercial, de dimensão sensorial e inscrito num “setor

<sup>1</sup> Denominação de Origem Controlada é a expressão portuguesa correspondente à *Appellation d'Origine Controlée*.

<sup>2</sup> Esse estudo está inscrito num estudo muito mais amplo, cf. MANCEBO, Mariele (2019).

<sup>3</sup> As citações no corpo do texto ao longo deste artigo foram traduzidas por nós.

especializado” (Petit, 2010). Abordaremos, num primeiro momento, a problemática que orienta o estudo, que será seguida dos aspectos metodológicos e da apresentação dos corpora utilizados para as análises. Depois, faremos uma breve discussão em torno de alguns resultados e, para terminar, exporemos as considerações finais.

## 2. Problemática

O objeto de estudo deste trabalho é, então, um produto tangível, inscrito no setor especializado vitivinícola, e mais precisamente no setor de produção do vinho *Crémant de Bourgogne*, que, como afirmam Gautier e Lavric (2015: 7):

*s’organise autour des mots et des discours : textes réglementaires définissant le cahier des charges de telle appellation, commentaires de dégustation produits par des œnologues professionnels pour décerner un prix ou une médaille lors d’un concours, blogs d’amateurs – au sens étymologique du terme – désireux de faire partager leur dernier coup de cœur, étiquettes et contre-étiquettes sur les bouteilles... (Gautier e Lavric, 2015: 7)*

Estudar um discurso inscrito num setor especializado requer a compreensão da organização e do funcionamento do meio profissional em questão, um estudo de “línguas-culturas-setores de especialidade” (Gautier, 2019). Assim aumenta-se as perspectivas de interpretação de um discurso fundado sobre uma cultura subjacente a conhecimentos que orientam o comportamento desses especialistas no seu ramo. Não são apenas textos e discursos que devemos compreender, mas também quais as funções, os valores e as expectativas que lhes são atribuídos (Swales, 1985: 219).

Se a experiência sensorial da degustação de um vinho se compartilha com palavras, a escolha destas e os conceitos que lhes são atribuídos não é

necessariamente o mesmo de acordo com o perfil e os conhecimentos do enunciador.

### Mediação terminológica

<b>Especialista</b>	<b>Enunciador-consumidor</b>
Detentor de conhecimentos e léxicos específicos.	Tema a mesma apreensão/concepção e faz o mesmo uso desses léxicos?

Se consideramos que o especialista “sabe” e utiliza os termos “corretos”, partimos frequentemente do princípio de que os consumidos devem aprender a terminologia para utilizar os termos corretamente e então “se entender” com o especialista. Surge então a necessidade, teoricamente, de uma “mediação terminológica”, quase sempre mal compreendida pelo meio profissional, que acredita que dar definições é o suficiente (Gautier, 2020).

Porém, as representações materializadas no discurso são conhecimentos bem estabilizados na memória dos indivíduos e podem ser diferentes de acordo com a experiência de cada um: trata-se do que se pensa das coisas e não necessariamente do que as coisas são realmente (Gaillard e Urdapilleta, 2013 / Gautier e Bach, 2020). Dessa forma, as relações práticas de enunciador com o mundo, a “dialética da linguagem e do real” (Lafont, 1978), fazem com que as particularidades intralinguísticas dependam igualmente dos fatores extralinguísticos para permitir a intercompreensão dos locutores, bem como o compartilhamento de um mesmo conhecimento e de uma mesma experiência dos referentes (Gaudin, 2005). A “mediação terminológica” não pode se limitar a dar definições ao enunciador-consumidor para que este tenha de “se virar” com essas, principalmente num contexto sensorial, no qual o subjetivismo e o processo construtivista da produção discursiva fazem com que uma tal medida deixará ainda grandes lacunas nessa intercompreensão (Gautier, 2020).

### 3. Metodologia e corpus

O método adotado para a coleta de dados é o método proposto por Delepaut (2009), tendo em conta o uso de um objeto com uma dimensão

inerentemente sensorial, que é o caso do *Crémant de Bourgogne*. Os métodos tradicionais de extração terminológica (a partir de textos escritos, enciclopédicos, técnicos...) não são suficientes, podendo até levar a resultados que não correspondem à realidade. Sendo assim, duas situações de coleta de dados foram realizadas: i) uma coleta “*in situ* ou em estimulação” (Delepaut, 2009), o que aqui quer dizer em situação de degustação, na presença de estímulos para a produção discursiva; ii) uma coleta “*hors site* ou em memória” (Delepaut, 2009), fora de qualquer situação de degustação, sem a presença de estímulos para a produção discursiva.

Além disso, o *Crémant de Bourgogne* é um objeto inscrito num setor especializado, o que exige, para nós, questionar dois tipos de enunciadore: i) os especialistas, que produzem um discurso especializado; ii) os consumidores, que produzem um discurso não-especializado.

O status dos enunciadore constitui uma entrada importante para esse tipo de estudo, permitindo comparar essas duas variantes discursivas. O discurso do enunciador-consumidor é um elemento central, e os enunciados são considerados nas situações de produção. Isso implica que a consideração dos elementos extralinguísticos, como a noção de domínio ou de variação, seja incontornável. Essa abordagem nos afasta de modo deliberado da visão wüsteriana da terminologia pois, como afirmam Gautier et Bach (2017)<sup>4</sup>, a terminologia sensorial se constrói em situação de uso, apoia-se sobre uma semântica do protótipo e não se limita à denominação de um conceito técnico:

[s]i la terminologie s’est constituée, autour de la figure tutélaire de Wüster (1931), à partir des sciences de l’ingénieur et de ses besoins en matière de dénomination de concepts largement objectifs et objectivables (cf. infra), travailler sur des objets plus instables – que ce soit des concepts juridiques (Briu 2011, Chérot 2013), des domaines émergents (à l’instar des nombreux travaux sur l’environnement et la gestion du risque du groupe de recherche espagnol LexiCon : López Rodríguez *et al.* 2013, Faber / Buendía Castro 2014, San Martín *et al.* 2017) ou des objets linguistiques relevant du sensible

<sup>4</sup> Cf. Gautier, 2018.

comme l’agro-alimentaire ou la cosmétique – nécessite de revenir sur un certain nombre de principes et de méthodologies, non pour les rejeter purement et simplement, mais pour permettre à la discipline elle-même de continuer à se développer et à jouer son rôle dans des domaines aux contours plus flous que la machine-outil (Gautier e Bach, 2017 : 487).

Dois conjuntos de “dados reais” (Condamines, 2003) foram então compilados experimentalmente e de modo *ad hoc* (Gilquin/Gries 2009; De Mönnink 1999), além de um *corpus* composto de suportes de mediação do discurso oficial e publicitário do *Crémant de Bourgogne*, chamado de “discurso ambiente” (Gautier *et al.* 2015), também foi coletado *ad hoc* e validado pelos profissionais do setor, constituindo o *corpus* de referência para esse estudo:

1. *Corpus* discurso ambiente: compilado a partir de textos representativos do discurso profissional e promocional do *Crémant de Bourgogne*. Esses textos foram consultados e extraídos de diferentes fontes: guias de degustação, revistas especializadas, textos da imprensa arquivados pelo setor, sites dos produtores.
2. *Corpus* degustação (*in situ*): coletado em colaboração com a Agro-Sup Dijon e a União dos Produtores e Elaboradores de *Crémant de Bourgogne* (UPECB) durante o evento “*Les Éminents de Bourgogne*”, uma sessão de degustação original reunindo consumidores e profissionais. O questionário distribuído para a coleta dos dados (*cf. infra*) foi respondido por 124 profissionais e 199 consumidores locais nas 2 primeiras edições do evento, em 2016 e 2017.
3. *Corpus* questionário (*hors site*): coletado via internet por uma agência de sondagem. O mesmo questionário utilizado para a coleta *in situ* foi aqui respondido por 2.250 consumidores de toda a França. Os participantes foram selecionados com base nos critérios socio-demográficos preestabelecidos (sexo, idade e região) de modo a compor uma amostra estatisticamente representativa.

O volume em número de palavras de cada *corpus* resume-se nos dados estatísticos extraídos a partir do programa AntConc<sup>5</sup> e expostos na tabela abaixo:

<b>Corpus</b>	<b>Subcorpus</b>	<b>Palavras diferentes</b>	<b>Palavras totais</b>
Discurso ambiente (DA)	Total DA	13.243	242.171
Degustação (DE)	Consumidores	1.212	8.286
	Profissionais	975	5.247
	Total DE	1.684	13.533
Questionário (QUES)	Total QUES	2.033	42.141
		<b>TOTAL</b>	<b>297.845</b>

Tabela 1- Dados estatísticos de base dos diferentes *corpora*

Sabendo que perguntas abertas permitem “identificar as representações cognitivas, em particular em vista de determinar as propriedades semânticas de um conceito [...]” (Delepaut, 2009: 164), escolhemos elaborar um questionário semidireto para a coleta dos dados experimentais baseada numa abordagem dita “de campo”, totalmente empírica e indutivista (Blanchet, 2012: 41). Esse questionário único é composto de três perguntas complementares que resultam em três *subcorpus* que buscam agrupar dados a partir de diferentes graus de abstração. A ordem das perguntas visa evitar os “efeitos de contexto” (Delepaut, 2009: 170), indo do mais geral ao mais específico.

<sup>5</sup> Anthony, Lawrence (2014). AntConc (Versão 3.4.3) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University.

Q1. *Si je vous dis « Crémant de Bourgogne », à quoi pensez-vous ?*

- *subcorpus* “**evocação**”: permite verbalizar de modo espontâneo e intuitivo a imagem que os inquiridos fazem do *Crémant de Bourgogne*.

Q2. *Si vous deviez expliquer à un ami ce qu'est un Crémant de Bourgogne, que lui diriez-vous ?*

- *subcorpus* “**explicação**”: permite ter acesso a um nível de abstração mais elevado, incitando ir além da evocação intuitiva para abordar aspectos mais “técnicos”.

Q3. *Si vous deviez choisir trois mots ou expressions pour définir le Crémant de Bourgogne, lesquels choisiriez-vous ?*

- *subcorpus* “**definição**”: permite verbalizar os traços definitórios a partir dos quais os inquiridos conceitualizam o objeto *Crémant de Bourgogne*.

Tabela 2 - Questionário para a coleta dos dados experimentais *in situ* et *hors site*

A metodologia utilizada considera então o uso dos termos nos contextos reais de comunicação e busca entender: em enunciados como “*le Crémant est un vin pétillant*” ou “*c'est un vin pétillant*”, a palavra *pétillant* é um termo? A mediação do discurso especializado em suportes de vulgarização influencia a escolha “terminologia” dos consumidores? Numa abordagem *bottom-up* (Tognini-Bonelli, 2001), este trabalho buscará compreender o nível de terminologização das palavras a partir dessas diferentes construções discursivas, tendo em vista a terminologia especializada em uso no setor, bem como sua transmissão junto aos consumidores não-especialistas.

#### 4. Discussão

A análise dos dados neste trabalho foi efetuada a partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa intervém em primeiro lugar<sup>6</sup> para em seguida efetuarmos uma análise qualitativa dos léxicos selecionados em seu contexto discursivo. Esse léxico foi distribuído em oito categorias semânticas (Mancebo-Humbert *et al.* 2018 e 2019) de acordo com traços definitórios comuns das palavras:

<sup>6</sup> O programa de textometria utilizado para as análises foi o TXM, cf. : <http://textometrie.ens-lyon.fr/spip.php?rubrique96>.

	<b>Categorias semânticas</b>	<b>Questões genéricas</b>
1.	Classificação	Quais tipos de vinho?
2.	Designação	De quais espumantes se fala?
3.	Localização	Quais as zonas de referência?
4.	Produção – Segmentação	Quais as etapas de produção/elaboração?
5.	Organização	Quem são os atores do setor?
6.	Consumação	Quando, como e por que o consumimos?
7.	Representação	Quais são os valores agregados?
8.	Sensação – Percepção	Quais descritores sensoriais ou expressões hedonistas o caracterizam.

Tabela 3 - As oito classes semânticas delimitadas para as análises

Selecionamos para essa discussão a categoria “classificação”, que transpore claramente a concorrência entre terminologia oficial, que se encaixa nos termos wüsterianos, e a terminologia não-especializada, que se apoia nos traços prototípicos. Por isso, essa categoria nos parece a mais adequada para podermos ilustrar nosso ponto de vista em algumas poucas páginas.

Ficou determinado um certo número de ocorrências para que um léxico seja tido como relevante, esse limiar considera em torno de 10% de palavras diferentes de cada *corpus*, sendo ele: 50 ocorrências para o *corpus* discurso ambiente e 10 ocorrências para os dois *corpora* experimentais. Uma tal delimitação permite guiar as análises *bottom-up*, que aqui serão centralizadas essencialmente na dicotomia discurso especializado e discurso não especializado.

Dessa forma, os lexemas tendo um maior de ocorrências, tanto no discurso profissional quanto no discurso dos consumidores, e selecionados a análise, também pela importância que têm na categorização e na conceitualização do produto, são os seguintes:

- ***Effervescent***: termo usado para falar de qualquer vinho que contém bolhas/borbulhas (gás carbônico).
- ***Mousseux***: termo usado para designar um vinho que contém mais de 4,5 g de CO<sub>2</sub> por litro.



- ***Pétillant***: termo usado para designar um vinho que contém entre 2 e 4 g de CO<sub>2</sub> por litro.

É então possível categorizar um vinho *mousseux* ou *pétillant* como sendo um vinho *effervescent*, mas ambos se diferenciam por suas respectivas pressões em gás carbônico e, tecnicamente, não podem se substituir. É importante ressaltar que o *Crémant de Bourgogne*, justamente por sua pressão em CO<sub>2</sub>, caracteriza-se como *mousseux* e não entra na categoria dos *pétillants*.

Estamos então diante de termos que podem ser definidos em condições necessárias e suficientes (CNS), que comportam dados objetivos, como as medidas de pressão em gás carbônico determinando a qual categoria de vinhos se pertence. Cada uma dessas categorias, dessas “etiquetas”, reagrupa um conjunto de traços “referências”, devendo apresentar a faceta da realidade para poder ser denominado pela palavra em questão. (Kleiber, 1988).

Paralelamente a essa categorização “legal”, existe a categorização “natural” dessas três palavras, feita de um lado pelos profissionais e do outro pelos consumidores, e que resulta da correspondência de atributos dos objetos do mundo feita a partir de experiências sensíveis individuais arquivadas na memória (Lakoff, 1987; Dubois et Resche-Rigon, 1995). Nesse caso, intervém uma categorização em protótipo, uma abordagem que considera os traços não contrastivos e estabelece categorias flexíveis, permitindo assim a passagem de uma categoria a outra de modo contínuo e progressivo: não há mais linhas de demarcação entre o que é um X e o que não é um X como no modelo das CNS (Kleiber, 1990).

Nesse caso, a decisão de definir um objeto como pertencente a uma determinada categoria se faz pelo grau de similaridade com o “melhor representante” da categoria, o protótipo. É o uso contextualizado das palavras que permitirá entender as motivações das diferentes escolhas de categorização e então de identificar se trata-se de um termo ou de descritor sensorial.

Os “termos” sobressalentes são então os mesmos nos diferentes tipos de discurso analisados. Porém, a frequência de uso desses léxicos e a construção discursiva em torno deles se distingue. Se os profissionais preferem

o termo *effervescent*, os consumidores optam por *pétillant*, como podemos observar na tabela que segue:

	Profissionais	Consumidores hors site	Consumidores in situ
<b>Escolha 1</b>	<i>effervescent</i>	<i>pétillant</i>	<i>pétillant</i>
<b>Escolha 2</b>	<i>mousseux</i>	<i>mousseux</i>	<i>effervescent</i>
<b>Escolha 3</b>	<i>pétillant</i>	<i>effervescent</i>	<i>mousseux</i>

Tabela 4 - Preferência de uso dos lexemas selecionados para as análises da categoria “classificação” nos diferentes tipos de discurso

Essa tabela se ilustra no gráfico logo abaixo, que mostra, à esquerda, o uso dos lexemas no discurso dos consumidores, e à direita dos profissionais. As colunas que se encontram entre as duas barras vermelhas, que são as dos lexemas *vin* e *mousseux*, indicam que não a diferença de uso significativa estatisticamente. Ao contrário, quando a barra está para cima, houve um emprego excessivo, e para baixo, um subemprego, e podemos assim observar que a diferença primordial entre esses grupos de enunciadorees se dá no uso de *effervescent* e *pétillant*:

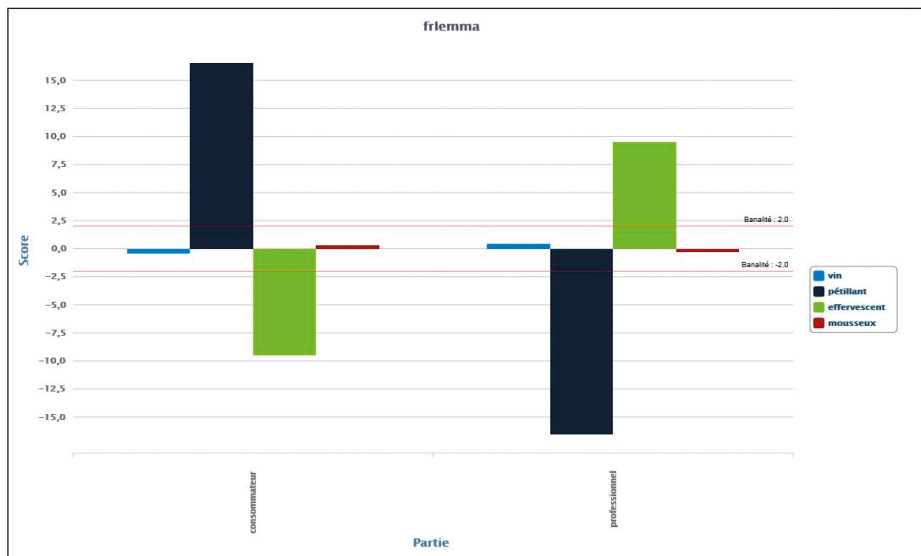


Gráfico 1 - Cálculo das especificidades no discurso dos consumidores e dos profissionais para a categoria semântica “classificação” (procedente do programa TXM)

Além dessa diferença quantitativa quando ao uso dos diferentes lexemas, ela se apresenta igualmente no plano qualitativo, principalmente no que diz respeito ao uso de *pétillant*. Ambos os discursos, especializado e não-especializado, utilizam *effervescent* para categorizar o produto *Crémant de Bourgogne*, como se observa nos seguintes exemplos:

1. **Profissional:** *Finesse et richesse à la fois. Voilà un crémant qui allie les deux qualités que l'on peut attendre d'un beau vin effervescent*<sup>7</sup>.
2. **Consumidor:** *C'est un vin effervescent (pétillant, léger) originaire du vignoble de Bourgogne*<sup>8</sup>

Se esse uso não releva um problema de terminologia, pois, como vimos logo antes, o *Crémant de Bourgogne* pode ser tecnicamente caracterizado como um *effervescent*, o mesmo não acontece com o uso do lexema *pétillant*. Contrariamente aos profissionais, que o utilizam quase sistematicamente como um descritor sensorial, os consumidores fazem um uso majoritário

<sup>7</sup> Revista *Crémants de France*, 2005.

<sup>8</sup> Consumidor, inquirido 619, Q2, *corpus* QUES.

para categorizar o produto. Porém, o *Crémant de Bourgogne* não pode ser um vinho *pétillant* no sentido técnico do termo. Vejamos alguns exemplos:

Profissionais:

3. *Assez vif, **pétillant en bouche**, il traduit un terroir bien marqué*<sup>9</sup>
4. *Dans son infinie richesse, le terroir de Bourgogne offre de grands vins blancs et rouges, mais aussi un troisième type de vin au caractère pétillant : le Crémant de Bourgogne*<sup>10</sup>.

Consumidores:

5. *Le crémant est un vin pétillant qui peut rivaliser avec de nombreux champagnes et qui a l'avantage d'être bien moins cher*<sup>11</sup>
6. *Un vin pétillant*<sup>12</sup>

Podemos observar, graças ao co-texto, que o uso de *pétillant*, mesmo que quase ínfimo no discurso dos profissionais, é feito como sendo um descritor sensorial, pois é frequentemente acompanhado de outros descritores sensoriais (ex. 3) ou de marcadores como *en bouche* de um lado e *caractère* do outro (ex. 4), buscando assim indicar a propriedade inerente a esse produto, que é a de *pétiller*, de ser *pétillant* como ele pode ser *fruité, frais, mineral*, etc. Trata-se claramente de um uso não-categorizante. Já os consumidores, a partir de uma combinação com o substantivo *vin* e o verbo *être* (ex. 5 e 6), elidido ou não, mostra uma intenção de categorização pelo uso de um “pseudo-categorizante”.

## Considerações finais

A construção discursiva desses dois grupos de enunciadores mostra que, apesar de os mesmos “termos” serem encontrados nos diferentes conjuntos de dados (mesmo que com uma diferença de frequência e/ou de valor semântico), no discurso dos consumidores, o emprego dos lexemas analisados não corresponde exatamente ao uso que fazem os profissionais, e os problemas de categorização e conceitualização do produto são ainda mais

<sup>9</sup> Guia de degustação *Hachette*, 2001.

<sup>10</sup> Revistas *Crémants de France*, 2006, 2008, 2009; e *Revue du Vin de France* 2006, 2010

<sup>11</sup> Consumidor, n° de mesa 31, Q2, *corpus* DE.

<sup>12</sup> Consumidor, n° de mesa 6, Q2, *corpus* DE.

complexos, como acabamos de ver com o exemplo do uso do pseudo-categorizante *pétillant*.

Pode-se observar, a partir do caso apresentado, que a visão dos profissionais sobre o produto é bastante mais rica e técnica do que a dos consumidores, como podemos observar nos retratos-robos definidos logo abaixo:

	Retrato-robo profissionais	Retrato-robo consumidores
<b>Classificação</b>	o <i>Crémant de Bourgogne</i> sucedeu aos vinhos <i>mousseux</i> da Borgonha, principalmente ao <i>Bourgogne Mousseux</i> . Ele se distingue deste por uma qualidade superior. É um <b>effervescent</b> e apresenta um caráter <b>pétillant</b> .	o <i>Crémant de Bourgogne</i> é um vinho de tipo <b>pétillant</b> .

Este fato pode ser tido como coerente e esperado, mas também ilustra a “mediação terminológica” entre profissionais e consumidores desse setor especializado não é suficientemente clara. O mesmo pôde ser comprovado com usos de outros termos nas outras categorias semânticas apresentadas, especialmente a última (sensação-percepção), que reúne o léxico mais subjetivo do discurso desse meio profissional.

## Referências bibliográficas

- BLANCHET, Philippe. 2012. *La linguistique de terrain, méthode et théorie : une approche ethnosociolinguistique de la complexité*. 2ª ed. Collection Didact linguistique. Rennes: Presses universitaires de Rennes.
- CONDAMINES, Anne; NARCY-COMBES, Jean-Paul. 2015. “La linguistique appliquée comme science située.” In: *Cultures de recherche en linguistique appliquée*, Francis Carton et al. (dir.). Paris: Riveneuve éditions, p. 209-229.
- CONDAMINES, Anne. 2003. “Sémantique et corpus spécialisés : Constitution de Bases de Connaissances Terminologiques.” In: *Linguistique*. Université Toulouse Le Mirail. URL: <tel-01321042> (18/07/2018).
- DELEPAUT, Gaëlle. 2009. “Questionner : comment et pourquoi ? Le choc des questions, le poids des mots !” In: *Le sentir et le dire : concepts et méthodologies*

- en linguistique et psychologie cognitive*, Danièle Dubois (dir.). Paris: L'Harmattan, p. 157-188.
- DE MÖNNINK, Inge. 1999. "Combining *Corpus* and Experimental Data." In: *International Journal of Corpus Linguistics*, n°4/1, p. 77-111.
- GAILLARD, Audrey; URDAPILLETA, Isabel. 2013. *Représentation mentales et catégorisation, théories et méthodes*. Paris: L'Harmattan.
- GAUDIN, François. 2005. "La socioterminologie." In: *Langages*, 39<sup>e</sup> année, n°157, La terminologie : nature et enjeux, p. 80-92.
- GAUTIER, Laurent. 2020. "Initier à la dégustation ou... enseigner une terminologie de dégustation ? Les termes de la dégustation dans les outils en ligne". In: Kilien Stengel (Ed.). *Terminologies gastronomiques et œnologiques : aspects patrimoniaux et culturels*, (= *Questions alimentaires et gastronomiques*), Paris: L'Harmattan, p. 141-160.
- GAUTIER, Laurent. 2019. "La recherche en « langues-cultures-milieus » de spécialité au prisme de l'épaisseur socio-discursive". In: Marietta Calderón e Carmen Konzett-Firth (eds). *Dynamische Approximationen. Festschriftliches pünktlichst zu Eva Lavrics 62,5. Geburtstag* (= *Kontraste/Contrastes ; 3*). Berlin: Peter Lang, p.369-387.
- GAUTIER, Laurent. 2018. "La sémantique des termes de dégustation peut-elle être autre chose qu'une sémantique expérientielle et expérimentale ?" *Du Sens à l'Expérience : Gastronomie et Œnologie au prisme de leurs terminologies*, Benoît Verdier e Anne Pariozt (ed.). Reims: EPURE, p. 321-336.
- GAUTIER, Laurent; BACH, Matthieu. 2020. "Les descripteurs sensoriels d'une langue à l'autre. Enjeux cognitifs pour la traduction". In: Guy Achard-Bayle e Christine Durieux (eds). *Cognitivism et Traductologie. Approches sémantiques et psychologiques* (= *Translatio*, série *Problématiques de traduction ; 5*). Paris: Classiques Garnier, p. 59-76.
- GAUTIER, Laurent; BACH, Matthieu. 2017. "La terminologie du vin au prisme des *corpus* oraux de dégustation/présentation (français-allemand) : entre émotions, culture et sensorialité." In: *Etudes de linguistique appliquée*, 501 Julien Longhi (coord.), n°188, p. 477-501.
- GAUTIER, Laurent; LE FUR, Yves; ROBILLARD, Bertrand. 2015. "La «minéralité» du vin : mots d'experts et de consommateurs". In: *Unité Et Diversité Dans Le Discours Sur Le Vin En Europe*. Laurent Gautier et Eva Lavric (éd.), Frankfurt/Main : Peter Lang, p. 149-168.
- GAUTIER, Laurent; LAVRIC, Eva (eds.). 2015. "Introduction : Unité et diversité dans le discours sur le vin en Europe." In: *Unité et diversité dans le discours*

- sur le vin en Europe*. Actes du colloque d’Innsbruck, 15-16 octobre 2012. (= InnTrans ; 8), Frankfurt/Main: Peter Lang, p. 7-11.
- GILQUIN, Gaëtanelle; GRIES, Stefan Th. 2009. “Corpora and experimental methods: a state of the art review.” In: *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*, vol. 5, n° 1. p. 1-26.
- KLEIBER Georges. 1990. *La sémantique du prototype : catégories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LAKOFF, George. 1987. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MANCEBO, Mariele. 2019. *Terminologie et discours au sein d’une filière viti-vinicole : le cas des Crémants de Bourgogne*. Tese de doutorado defendida em 4 de outubro na Université de Bourgogne.
- MANCEBO-HUMBERT, Mariele; LE FUR, Yves; GAUTIER, Laurent. 2019. “Les choix lexicaux dans le discours des consommateurs pour parler du Crémant de Bourgogne : quel degré de terminologisation ?”. In: *Les terminologies professionnelles de l’œnologie*, Laurent Gautier et Anne Parizot (éd.). Berlin: Frank & Timme.
- MANCEBO-HUMBERT, Mariele; LE FUR, Yves; GAUTIER, Laurent. 2018. “La construction du discours de dégustation de Crémant de Bourgogne de 1995 à aujourd’hui.” In: *Bourgogne(s) viticole(s) : Enjeux et perspectives historiques d’un terroir*, Serge Wolikow et Olivier Jacquet (éd.). Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, p. 237-252.
- PETIT, Michel. 2010. “Le discours spécialisé et le spécialisé du discours : repères pour l’analyse du discours en anglais de spécialité.” *E-rea*, [en ligne]. DOI: 10.4000/erea.1400. URL: <<http://erea.revues.org/1400>> (18/07/2018).
- TOGNINI-BONELLI, Elena. 2001. *Corpus Linguistic at Work*. Amsterdam: John Benjamins, collection Studies in *Corpus Linguistics*.
- SWALES, John M. 1985. “ESP – The heart of the matter or the end of the affair?” In: *English in the world: teaching and learning the language and literatures*, Randolph Quirk et H. G. Widdowson (éds.). Cambridge: Cambridge University Press, p. 212-223.





**Impressão:** Secção de Reprodução Documental  
da Universidade do Algarve

**ISBN:** 978-989-9023-29-1 (versão impressa)

**Depósito Legal:** 475103/20

**ISBN:** 978-989-9023-30-7 (versão eletrónica)

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.34623/bybf-fh80>

**Disponível em:** <http://hdl.handle.net/10400.1/15043>



© Universidade do Algarve

Campus de Gambelas

8005-139 Faro

Portugal

Reservados todos os direitos





A vida em sociedade estrutura-se, significativamente, por via de interações que transportam informação, alteram práticas, estabelecem conhecimentos e saberes. Trata-se de processos de mediação que unidades conceituais, linguísticas, discursivas e comunicativas permitem. Dos processos de verbalização em discursos e de avaliação do rigor conceitual e linguístico dessas unidades se ocupa a dimensão do trabalho terminológico, que se expõe neste livro.

Na sequência de perto de três dezenas de comunicações apresentadas na Jornada Científica de Rede Panlatina de Terminologia (REALITER), na Universidade do Algarve, em setembro de 2019, publicam-se aqui textos que mostram a riqueza das discussões e a grande diversidade de perspectivas. Estes textos revelam métodos, práticas e atividades de trabalho terminológico, enquanto mediação, desenvolvidos sobre diferentes domínios e esferas de atividade, em múltiplos contextos de usos das línguas românicas e das suas variantes e mostram relações com outras línguas, de que o árabe é um exemplo.

Os resultados da descrição terminológica multilingue são o garante da manutenção da diversidade linguística e cultural e a essência da confiança que todos precisamos construir na mediação linguística e na comunicação, para afirmar a tolerância, o respeito e a paz.

Com o apoio de:



**MINISTÈRE  
DE LA CULTURE**

*Liberté  
Égalité  
Fraternité*



UNIVERSITÀ CATTOLICA del Sacro Cuore

**OTPL**

Osservatorio di terminologie  
e politiche linguistiche

**CINQ.**

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM ARTES E COMUNICAÇÃO